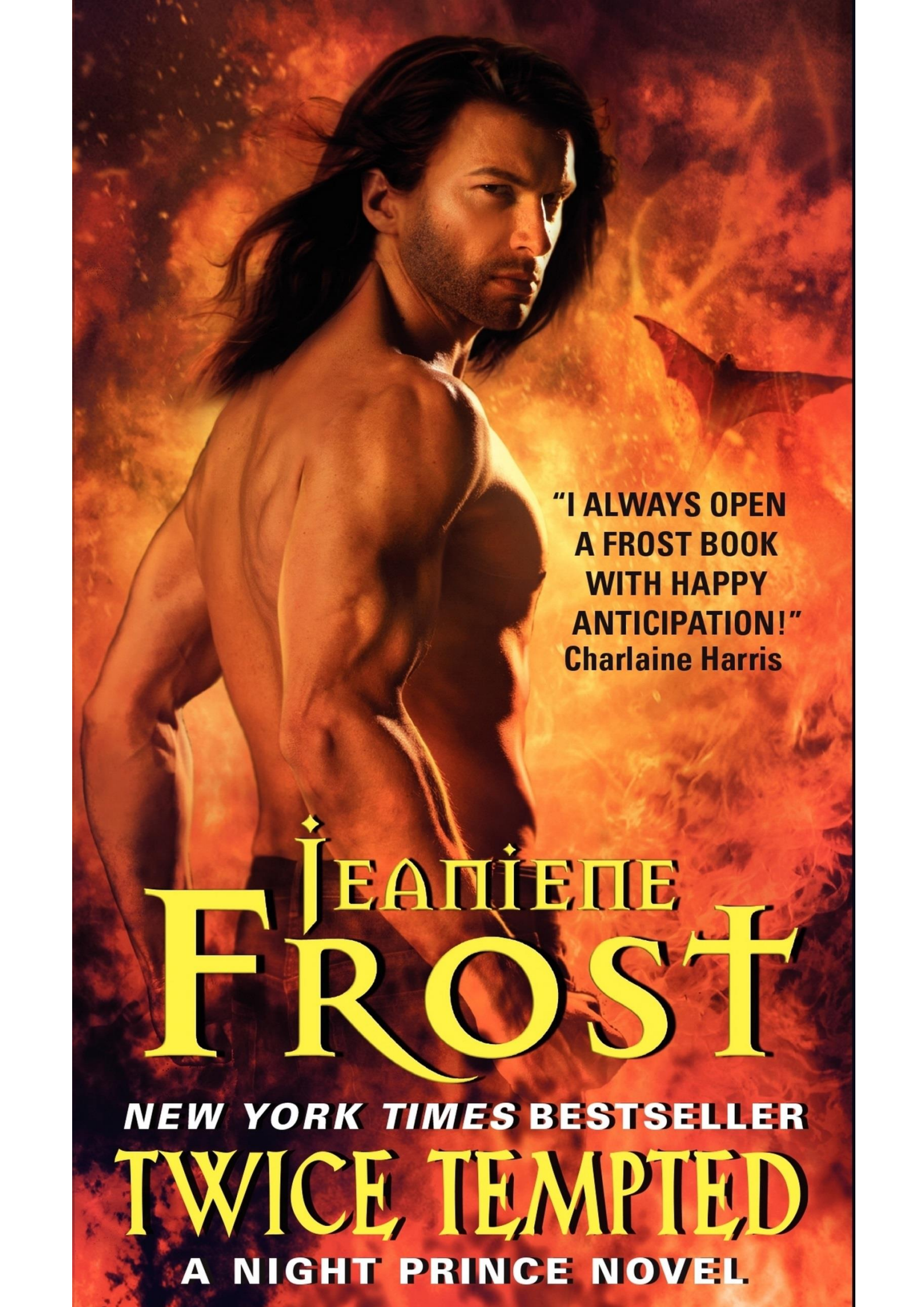




**"I ALWAYS OPEN
A FROST BOOK
WITH HAPPY
ANTICIPATION!"
Charlaine Harris**

**JEANNE
FROST**

NEW YORK TIMES BESTSELLER

TWICE TEMPTED

A NIGHT PRINCE NOVEL



NIGHT PRINCE. VOL 02.

TWICE TEMPTED

(Duas Vezes Tentada)

JEANIE FROST

NAMORAR O PRÍNCIPE DAS TREVAS TEM SEUS DESAFIOS...

As habilidades psíquicas de Leila estão falhando, e agora ela não tem certeza do que o futuro lhe reserva. Se isso não bastasse, seu amante Vlad vem agindo de forma distante. Apesar de Leila ser uma simples mortal, ela também é uma mulher moderna que se recusa a aceitar o tratamento indiferente para sempre... especialmente do vampiro sombriamente bonito, que ainda não vai admitir que a ama...

COMO ESCOLHER ENTRE UM AMOR ETERNO E UMA ETERNIDADE SEM AMOR.

Logo as circunstâncias enviam Leila de volta ao circuito circense, onde a tragédia assola. E quando ela se encontra na mira de um assassino que pode estar mais perto do que ela percebe, Leila deve decidir em quem confiar – o ardente vampiro que desperta sua paixão como nenhum outro, ou o cavaleiro torturado que deseja ser mais do que um amigo? Com o perigo a perseguindo a cada passo do caminho, basta um movimento errado para condená-la por toda a eternidade...

Créditos:

Equipe Night Huntress de Tradução

<http://www.facebook.com/groups/nighthuntressoficial/>



Essa não era a primeira vez que eu acordava como prisioneira. Nem ao menos a segunda. Eu realmente precisava reavaliar minhas escolhas de vida.

Por experiência prévia, eu sabia que não era para arregalar os olhos ou alterar a respiração. Ao invés disso, fiz um inventário enquanto fingia ainda estar inconsciente. Dor de cabeça, nenhuma surpresa, mas fora isso eu me sentia bem. Meus braços estavam amarrados atrás das costas. A coisa espessa ao redor das minhas mãos eram luvas, o aperto ao redor dos meus tornozelos, amarras. A mordança desconfortável na minha boca, óbvio.

Assim que terminei o balanço da minha condição física, continuei com o que estava ao meu redor. O vai e vem abaixo de mim tinham que ser ondas, o que significava que eu estava em um barco. Pelas vozes, alguns dos meus captores estavam na parte de cima, mas um deles estava no quarto comigo. Ele não disse uma palavra, mas depois de viver anos com um vampiro, eu me tornei adepta a captar os sons quase imperceptíveis que eles faziam.

Então quando abri os olhos, meu olhar pousou sem erro no vampiro de cabelos negros do outro lado do quarto. A única surpresa que ele demonstrou foi piscar.

“Não esperava você acordar já,” ele falou lentamente.

Dei uma olhada para minha mordança e de volta para ele, erguendo uma sobrancelha.

Ele traduziu a mensagem silenciosa. “Eu preciso lhe dizer que gritar é inútil?”

Revirei os olhos. O que era isso, dia do amador? Ele sorriu antes de se levantar da cama do lado oposto a que eu estava. “Eu achei que não.”

Durante o breve tempo que levou para ele cruzar o quarto e remover minha mordança, eu também juntei o máximo possível de informação sobre ele. O vampiro parecia ter mais ou menos a minha idade, mas com sua pele sem cicatrizes, cabelo curto, rosto barbeado e constituição física mediana, eu julguei que ele tinha menos de cem anos de idade como morto vivo. Vampiros mais velhos do que isso tendiam a ter mais desgaste na pele e geralmente desprezavam cortes de cabelo modernos. Mas o aspecto mais revelador era seu olhar. Vampiros realmente velhos tinham um certo... peso em seus olhares,



como se o passar dos séculos deixasse um peso tangível. Meu captor sem nome não tinha isso e, se eu tivesse sorte, ninguém mais nesse barco teria.

Vampiros jovens eram fáceis de matar.

“Água,” eu disse, assim que a mordaça foi removida. Entre isso e os efeitos colaterais de ser drogada, minha boca estava tão seca que minha língua parecia uma meia embolada.

O vampiro desapareceu e, em seguida, retornou com uma lata de Coca. Dei um baita gole quando o vampiro a segurou próximo aos meus lábios, o que resultou em um longo arroteio quando parei de engolir. Se aquele arroteio foi direto no rosto do meu captor, bom, não foi minha culpa. Eu estava amarrada.

“Encantador,” disse ele, secamente.

“Deixei de me preocupar com sutilezas sociais quando você atirou no meu amigo com prata líquida,” eu respondi, em tom calmo. “Por falar nisso, eu quero vê-lo.”

A boca do vampiro se curvou abruptamente. “Você não está em posição de fazer exigências, mas sim, ele ainda está vivo.”

“Você não quer me levar até ele, tudo bem,” eu disse, pensando rápido. “Presumo que você saiba que eu capto impressões psíquicas através do toque, então tire essas luvas e deixe-me tocar você. Então eu saberei se você está dizendo a verdade.”

O vampiro deu risada, um verde mais brilhante fervilhando no tom musgo de seus olhos. “Me tocar? Você não quer dizer usar aquele chicote elétrico mortal que você pode manifestar para me cortar ao meio?”

Fiquei rígida. Como ele sabia sobre isso? A maioria das pessoas que tinham me visto usar aquele poder estava morta.

“Por isso que essas luvas de borracha estão presas com fita adesiva em você,” ele prosseguiu, sem se perturbar. “Só por precaução.”

“Qual é o seu nome mesmo?” Perguntei, contente por ter soado casual.

Aqueles amplos lábios se esticaram ainda mais. “Me chame de Hannibal.”

Retribuí o sorriso. “Ok, Hannibal, o que você quer que eu faça? Use minhas habilidades para encontrar um dos seus inimigos? Diga se alguém está traindo? Ou leia o passado através de algum objeto?”

Hannibal riu e, embora fosse mais do calibre de Dr. Evil do que



aterrorizante, ainda era sinal de mau presságio suficiente para me assustar.

“Não quero que você faça nada, passarinho. Sou apenas o garoto de entrega. Eu nem ao menos sei para quem eu estou te entregando. Tudo que sei é que você vale três vezes mais viva, mas se você tentar alguma coisa, morta ainda é um bom pagamento para mim.”

Hannibal acenou para mim de forma alegre antes de sair do quarto. Eu não disse nada, tentando pensar em um jeito de sair dessa situação difícil. Eu *não* ia me deixar ser entregue a algum patife desconhecido. Eu encontraria um jeito de sair dessa nem que me matasse.



Capítulo Um

Quatro semanas antes...

Eu estava debaixo de uma cachoeira de chamas. Vermelho forte e dourado se derramava sobre mim, se entrelaçando em meus cabelos, se separando em riachos ao longo do meu corpo antes de escorregar entre meus dedos para cair aos meus pés. As chamas eram tão densas que eu não podia enxergar através delas, reduzindo meu mundo a uma arena brilhante de tons de cores do pôr-do-sol. Ser engolfada dessa forma deveria ter me matado, mas eu não estava ferida. Eu nem ao menos estava com medo. Ao invés disso, uma estranha sensação de saudade me preencheu. Eu continuava tentando pegar uma das chamas, mas nunca conseguia. O fogo podia me cobrir da cabeça ao dedão do pé, porém ele ainda conseguia evitar que eu o agarrasse.

“Leila,” uma voz chamou, fraca demais para eu discernir quem era. “Saia antes que seja tarde demais.”

A lógica me encorajava a fazer o que a pessoa sem nome dizia, mas eu não queria. As chamas também pareciam não querer que eu fosse. Elas continuavam deslizando sobre mim, acariciando ao invés de queimar minha pele. *Viu?* Eu pensei em desafio. Elas não me machucariam.

“Leila,” aquela voz disse novamente, de forma mais enfática. “*Saia.*”

“Não,” eu respondi e tentei apertar o fogo contra mim novamente. Como de costume, aquelas faixas iluminadas e brilhantes escorregavam das minhas mãos, mas dessa vez, sua cor brilhante escureceu. Quando elas pousaram aos meus pés, pareciam fitas feitas de alcatrão. Então a cachoeira acida de mim se dissipou abruptamente, me deixando nua e tremendo na escuridão repentina e esmagadora.

O medo me fez gelar por dentro. A voz estava certa. Algo ruim estava prestes a acontecer...

Não tive tempo de correr antes do fogo se acender da escuridão novamente. Ele não escorregou gentilmente sobre mim como antes, mas bateu em mim por todos os lados. A dor me destruía enquanto as chamas me atacavam com todo seu poder devastador, carbonizando e queimando cada milímetro que tocavam.

“Por quê?” Eu chorei, a traição perdia somente para a agonia que eu sentia.



“Eu te avisei,” aquela voz desconhecida respondeu, em segurança fora da parede de fogo. “Você não ouviu.”

Então não ouvi mais nada além dos meus próprios gritos enquanto o fogo continuava, sem misericórdia, a me aniquilar.

“Não!”

Na minha cabeça a palavra foi um uivo de agonia; na realidade, ela saiu dos meus lábios em um sussurro. De qualquer forma, foi o suficiente para me acordar e eu me afastei com horror até perceber que eu estava coberta por lençóis, não chamas. O único fogo estava seguramente contido na lareira do outro lado do quarto.

Foi preciso respirar fundo várias vezes para me livrar dos efeitos provenientes do pesadelo. Depois de um minuto, meu coração parou de bater em disparada e se acalmou em um ritmo mais normal. Com uma pontada de consternação, vi que a cama estava vazia. Agora eu não teria que admitir que tive o mesmo pesadelo de novo, mas eu não gostava daquilo acontecendo cada vez com mais frequência, eu ia dormir sozinha e acordava do mesmo jeito.

Se eu fosse supersticiosa, eu me preocuparia que o sonho recorrente fosse um presságio, mas quando eu tinha avisos sobre o futuro, eles não vinham como vagas metáforas em meu sono. Eles *costumavam* vir como uma encenação sem dó onde eu tinha experiência sensitiva completa do que quer que ia acontecer, mas eu não tinha uma dessas fazia semanas. Por muito tempo eu desejei não ter impressões—e imagens dos piores pecados—através de um único toque, mas agora que eu precisava da habilidade, ela estava de férias.

Aquele pensamento me perseguiu para fora das cobertas. Balancei as pernas para fora da lateral do colchão e pisei no estrado que fazia a grande cama acortinada parecer ainda mais impressionante. Então fui direto para a lareira e me ajoelhei em frente a ela. A maior parte das chamas tinha se apagado durante a noite, mas os restos de lenha ainda ardiam. Puxei a grade para o lado, mantive minha mão sobre uma lenha por um segundo e, então, a mergulhei direto para dentro da madeira esfarelada.

A sensação de dor me fez arfar em alívio até eu perceber que vinha de apenas um dedo. O resto da minha mão estava bem apesar de estar imersa até o pulso em brasas incandescentes. Esperei mais um pouco para ter certeza e então puxei a mão. Além de uma farpa em meu dedo indicador e uma cicatriz de uma década, minha mão estava sem lesões, nem um pelinho chamuscado.

Maldição. Seis semanas depois e isso *ainda* não tinha desaparecido.



Algumas mulheres contraiam doenças venéreas de seus namorados. Isso era fichinha em comparação com o que o meu tinha me transmitido—uma imunidade ao fogo que, inexplicavelmente, também bloqueava minha habilidade de discernir informação psiquicamente através do toque. Claro, eu não devia estar tão surpresa. Namorar o não oficial Príncipe das Trevas obrigatoriamente tinha consequências.

Eu puxei a farpa, chupando o dedo, apesar de ser uma das poucas pessoas nessa mansão que *não* gostava do gosto de sangue. Então tateei ao redor até encontrar uma grande camisa masculina, o tecido macio como cashmere. Provavelmente custava mais do que eu costumava ganhar em um mês trabalhando no circuito circense, mas tinha sido jogada no chão com expectante indiferença. Nunca vi alguém limpar esse quarto, mas eu também nunca o vi sujo. Os criados devem esperar como ninjas que eu saia para que possam tornar esse lugar impecável novamente.

Eles não teriam que esperar mais tempo. Eu tinha que fazer xixi e, apesar do esplendor do quarto do meu namorado, faltava um vaso sanitário em seu banheiro. Sendo um vampiro de séculos de idade, *ele* não precisava de um.

Vesti a camisa que tinha sido posta de lado. Ela era tão longa que cobria minha regata e calcinha, apesar de eu nunca encontrar alguém no caminho de seu quarto para aquele que era oficialmente meu. A ante-sala que ligava os dois quartos não era usada por mais ninguém. Pelo menos sua privacidade e elegância fazia mais digna uma caminhada de vergonha.

Já de volta ao meu quarto—uma versão menor e em tons mais leves da grandeza verde meia-noite e mogno que eu tinha acabado de deixar—fui direto para o banheiro.

“Acender luzes,” eu disse, acrescentando, “escurecer,” quando o brilho imediato me fez estreitar os olhos.

Âmbar suave iluminou o mármore cremoso, destacando seus veios verdes e dourados. Um chuveiro de vidro do tamanho de um carro compacto também se iluminou, assim como a bancada da pia. Fiquei impressionada da primeira vez que vi todos os acessórios extravagantes. Agora eu resmungava enquanto corria para o canto discretamente oculto.

“Uma corrida de quase cinquenta metros toda manhã porque ele não coloca um vaso sanitário em seu banheiro. Não é como se ele não gastasse mais – que o valor de um vaso – cada noite no jantar que nunca come.”

Parte de mim sabia que meu desabafo era para mascarar o desconforto sobre a cama cada vez mais vazia, mas minha bexiga se contorcia como se concordasse. Depois de lidar com ela, entrei no chuveiro, cuidando para tocar as coisas somente com a mão esquerda. Apesar das correntes que irradiavam



de mim estarem adormecidas no momento, não havia necessidade de fritar os canos ao enviar, acidentalmente, uma dose de voltagem através deles.

Depois que tomei banho e me vesti, desci quatro lances de escadas para o nível principal. No final da escadaria, um saguão com teto alto, pilares de pedra, escudos antigos e afrescos ornamentados se espalhavam pela minha frente. Só o jardim interno evitava que parecesse o Refúgio Gótico do Bill Gates.

No fim desse saguão estava meu frequentemente ausente namorado, Vlad. Sim, *aquele* Vlad, mas poucas pessoas cometiam o erro de chamá-lo de Drácula. Seus cabelos escuros eram da mesma cor dos pelos que sombreavam seu maxilar, algo um pouco mais espesso que uma barba das cinco da tarde*. Sobrancelhas altas molduravam olhos que eram uma mistura de cobre e esmeralda e um tecido suave guarnecia um corpo endurecido pelas décadas de batalhas de quando ele era humano. Como de costume, somente suas mãos e rosto estavam nus. O resto estava coberto por botas, calças pretas e uma camisa cinza esfumado abotoada até o pescoço. Diferente da maioria dos homens de boa constituição física, Vlad não mostrava muita pele, mas aquelas roupas feitas sob medida ostentava seu corpo firme de forma tão eficiente quanto shorts de corrida e regatas.

**Barba que pode ser notada por volta das 5 da tarde em um homem que se barbeou de manhã.*

Minha apreciação foi encurtada quando vi que ele tinha um casaco pendurado sobre o braço. Ele não tinha apenas deitado e saído furtivamente da cama enquanto eu dormia; ele também ia sair sem uma palavra.

De novo.

Já teve um momento onde você sabia exatamente o que não devia fazer... e mesmo assim você faz? Eu não precisava das minhas habilidades psíquicas ausentes para saber que soltar um “Onde você está indo?” enquanto caminhava pelo corredor a passos largos era a maneira errada de lidar com isso, mas foi o que eu fiz.

Vlad estava falando com seu segundo em comando, Maximus, um vampiro loiro que parecia um Viking vingador que retornou a vida. Perante minha pergunta, dois olhares se fixaram em mim, um cinzento e cuidadosamente neutro, o outro verde acobreado e sarcástico. Fiquei tensa, desejando retirar minha pergunta. Quando eu tinha me tornado uma daquelas namoradas irritantes e pegajosas?

Logo depois do principal motivo pelo qual Vlad se interessou em você desaparecer, zombou minha traiçoeira voz interior. Você acha que é coincidência que ele começou a agir de forma distante logo depois que você perdeu suas habilidades de espionar psiquicamente seus inimigos?



Imediatamente comecei a cantar “That’s the Way” de KC and the Sunshine Band em minha mente. Vlad não era apenas um vampiro extremamente poderoso cuja história inspirou a história mais famosa do mundo sobre os mortos vivos. Ele também podia ler as mentes dos humanos. A maior parte do tempo.

Seus lábios se curvaram. “Um dia desses, você vai, no mínimo, aceitar pedidos no seu método de me manter fora de sua mente.”

Se eu não o conhecesse, teria perdido a ironia que modificava seu tom, aumentando seu sotaque sutil e acrescentando algo a sua voz culta. Eu duvidava que ele alguma vez perdoasse o vampiro que me ensinou como bloqueá-lo dos meus pensamentos.

“Algumas pessoas consideram essa música um clássico,” respondi, me censurando pelo que ele teria ouvido antes de eu o impedir.

“Provando novamente que não faltam tolos no mundo.”

“E você não respondeu minha pergunta,” eu rebati.

Vlad vestiu o casaco, aquele leve sorriso nunca deixando seu rosto. “Isso não foi um acidente.”

Minha mão formigou quando as correntes dentro de mim foram para ela. Graças a um acidente com um cabo de força caído, meu corpo inteiro soltava eletricidade, mas minha mão direita era o canal principal. Se eu não bloqueasse meu temperamento, ela poderia começar a soltar fagulhas.

“Da próxima vez que você quiser me enxotar, faça o que homens modernos fazem.” Minha voz era mais áspera do que lixa. “Seja vago e diga que você está indo para uma viagem a negócios. Soa mais educado desse jeito.”

Aquele olhar acobreado mudou para verde esmeralda brilhante, prova visível de sua posição não humana. “Não sou um homem moderno.”

Claro que não, mas iria matá-lo ser um *pouco* menos complexo, irritante e enigmático? Pelo menos algumas vezes?

Maximus deu uma olhada em minha direção antes de voltar a atenção a Vlad. “Tudo estará pronto ao seu retorno,” ele declarou, então fez uma reverência e saiu.

O que isso quer dizer? Pairou na ponta da minha língua, mas eu não conseguiria uma resposta. Isso não significava que eu fosse deixar pra lá. Eu tinha dado um basta em me perguntar o que suas frequentes ausências significavam para nosso relacionamento. Se eu estar psiquicamente neutra



significava que seus sentimentos por mim tinham mudado, ele precisava me dizer. Parei minha cantoria mental tempo suficiente para pensar, *Quando você voltar, vamos ter uma conversa.*

Dessa vez, seu sorriso era largo o suficiente para mostrar seus dentes. Suas presas não estavam para fora, mas seu riso ainda conseguia carregar nuances tanto de amante quanto de predador.

“Estou ansioso por isso.”

Então o ponto onde ele estava de pé ficou vazio. Somente as imensas portas da frente se fechando indicavam por onde ele desapareceu. Vampiros não podiam se desmaterializar, mas alguns vampiros Mestre podiam se mover tão rápido que parecia que podiam.

Suspirei. Nos últimos dois meses, namorar Vlad tinha provado ser tão passional e tumultuado quanto os filmes retratavam. Eu só esperava que Hollywood não estivesse certo também quanto ao destino de cada mulher que se apaixonava pelo infame Príncipe das Trevas.

O pensamento era depressivo, mas eu não ia ficar chorando pelos cantos. Ao invés disso, eu iria me engajar nas mais respeitáveis e confiáveis técnicas de distração feminina.

Corri escada acima para o quarto da minha irmã. “Acorde, Gretchen!” Eu chamei através da porta. “Nós vamos fazer compras.”



Capítulo Dois

“**A**té agora, essa é a única coisa que não é um saco em relação a Romênia,” minha irmã declarou quando descarregou um monte de roupas em frente ao caixa.

Fechei os olhos sem saber com quem me desculpar primeiro: a caixa, pela observação de Gretchen sobre seu país ou Maximus, que agora tinha que acrescentar mais sacolas a meia dúzia que já carregava. É isso o que acontece quando você dá a minha irmã o cartão de crédito de outra pessoa. Vlad tinha uma regra de que qualquer compra de seus hóspedes ia para seu cartão.

Talvez ele reconsidere isso quando receber a conta. Minhas tentativas de encorajar economia também não tinham funcionado. Elas só irritaram Gretchen ao ponto de que ela parou de experimentar as coisas antes de comprá-las.

“Estou cansada. Deveríamos voltar,” eu disse, mudando de tática.

Os olhos azuis de Gretchen se estreitaram. “De jeito nenhum. Estive enfiada no castelo do seu namorado por *semanas* embora o vampiro inimigo dele deva estar morto, ou Marty e papai não teriam conseguido sair.”

Eu não salientei que nosso pai e meu melhor amigo, Marty, eram menos propensos a imprudências. As chances eram pequenas, mas se o inimigo de Vlad, Szilagyi, *tivesse* sobrevivido, então Gretchen estava a salvo aqui. Ela não poderia se manter discreta nem se sua vida dependesse disso, como ela tinha provado. Olhei de relance para o caixa, forcei um sorriso e usei a manga de Gretchen para puxá-la na minha direção.

“Sem falar sobre você-sabe-quem em público,” eu sibilei.

“Por quê?” ela respondeu no mesmo volume. “Metade das pessoas nessa cidade sabem sobre vampiros desde que Vlad é o *donos* dela e ele usa alguns deles como lanches de sangue. Quanto ao resto, Maximus pode hipnotizá-los para esquecer o que já não sabiam.”

Meus olhos se arregalaram quando olhei de relance para a caixa. Ela levantou uma mão para o vampiro loiro e disse algo em Romeno.

“Não se preocupe, ela é leal a Vlad,” ele resumiu para mim. Então seu olhar cinza tempestuoso pousou em Gretchen. “Você precisa mostrar mais discrição ou a próxima pessoa que vou hipnotizar será você.”



“Você não faria isso,” ela bufou de raiva.

Maximus se endireitou em seus completos 1,98 metros como se sua estrutura musculosa não fosse impressionante o suficiente. “Já fui muito mais longe para proteger meu príncipe.”

Eu ainda queria socar Gretchen, mas ninguém—nem mesmo um amigo como Maximus—escaparia depois de assustar minha irmãzinha.

“Ela entende,” eu disse friamente. “E se ela não entender, serei *eu* quem lidará com ela.”

Maximus olhou de relance para Gretchen, balançou a cabeça de forma que mal se podia perceber e então fez uma reverência baixa para mim.

“Como desejar.”

Minhas bochechas ficaram quentes. Já que eu era a namorada de Vlad, os vampiros em sua linhagem se curvavam perante mim como faziam com ele, muito, para minha consternação. “Por favor, pare, eu odeio isso.”

Ele se endireitou, um sorriso quase imperceptível se formando em sua boca. “Sim, eu me lembro.”

Quando seus olhos encontraram os meus, por um breve segundo, eu vi o homem que tinha aproveitado a chance de namorar comigo quando cheguei na casa de Vlad pela primeira vez como uma refugiada relutante. Então aquele véu familiar caiu sobre os olhos de Maximus e meu guarda-costas educadamente formal estava de volta.

“Vocês têm mais uma hora caso desejem continuar fazendo compras. Então precisamos retornar para a casa.”

“Por quê?” eu perguntei, me antecipando a Gretchen.

“Porque você precisa estar pronta para os convidados de Vlad para o jantar. Você não quer se atrasar para recepcionar.”

Gretchen foi mais rápida dessa vez. “Convidados para jantar? Quem? Por que não fui informada antes?”

“Você não foi informada porque sua presença é opcional.” Maximus respondeu. Então ele sorriu fracamente para mim. “Esperei para lhe dizer porque você parecia ter o suficiente em sua mente.”

Constrangimento e resignação se misturaram dentro de mim. Todo mundo sabia que Vlad e eu estávamos tendo problemas? *Claro que eles*



sabiam, eu respondi minha própria pergunta. Com as habilidades de audição dos mortos vivos, provavelmente eles também sabiam que Vlad e eu não fazíamos sexo há uma semana porque eu estava no meu período menstrual.

Suspirei. “Parece que preciso comprar alguma coisa, afinal de contas.” Eu não tinha comprado ainda, apesar de visitar várias lojas, não querendo acrescentar à conta esmagadora que Gretchen tinha feito rapidamente.

Algo que não pude interpretar brilhou no rosto de Maximus. “Não é necessário. Vlad tem seu vestido esperando em seu quarto.”

Primeiro partindo sem me dizer aonde ia. Então convidados inesperados para jantar e agora um vestido escolhido para mim. Meus olhos se estreitaram. O que ele estava tramando?

“Você não vai nem ao menos me dar uma pista sobre o que está acontecendo, vai?” perguntei a Maximus.

Seu sorriso era um pouco forçado demais. “Como eu disse, fui muito mais longe para proteger meu príncipe.”

8
Ó de olhar uma vez para o vestido já soube que o jantar não seria um bate-papo de Vlad com velhos amigos que resolveram dar uma passadinha por aqui. Era um vestido de veludo ajustado ao corpo, que tinha uma pequena cauda na parte de trás e um decote profundo na frente que parecia ser encrustado com pequeninas joias pretas. Saltos altos pretos e luvas na altura do cotovelo, encrustadas de forma similar—forrada com borracha repelente de voltagem, claro—completavam o conjunto sedutoramente extravagante. Eu o experimentei, sem me surpreender que servia como se tivesse sido costurado com minhas medidas exatas em mente. Ele até conseguia me dar um vão entre os seios—uma rara conquista com os meus que eram pequenos.

Era o melhor vestido que eu já tinha usado, mas eu o trocaria, assim como cada outro presente caro que Vlad tinha me dado, para fechar a crescente distância entre nós. Acaricieei o tecido macio, desejando que minhas habilidades estivessem de volta para que eu soubesse se era esse o jeito dele de fazer as pazes por sua recente frieza, ou simplesmente assegurar que eu parecesse bem o suficiente para estar em seu braço essa noite. Ambas eram possibilidades com Vlad.

Por isso que eu tinha que confrontá-lo mais tarde, sem importar a consequência. A última coisa que eu queria fazer era me vestir de forma luxuosa, mas essa era, claramente, uma ocasião formal. Quando eu estava pronta, meu cabelo liso e negro apresentava grossos cachos e minha maquiagem era delicada, com exceção do batom carmesim escuro que



contrastava com o vestido preto e minha pele pálida de inverno. Todos aqueles anos no meio circense me tornou hábil para me arrumar. Também fez de mim uma especialista em ocultar a cicatriz que ia da minha têmpora até meus dedos. Uma onda negra e brilhosa pendia sobre aquela parte do meu rosto, e mais sobre meu ombro direito. Puxei as luvas para cima para que apenas alguns poucos centímetros de pele da parte superior do meu braço mostrasse evidência do acidente que tinha me dado habilidades incomuns.

Habilidades que Vlad tinha reduzido quando me cobriu com sua aura repelente a chamas para me proteger da explosão que Szilagyi detonou. O inimigo de Vlad achou que estava me levando com ele, mas sobrevivi ao inferno. Parece que minha sobrevivência veio com um preço. O destino não deixava ninguém escapar facilmente.

Balancei a cabeça para desanuviar o passado. Então, me sentindo nada mais além de festiva, fui em direção a porta principal.

Vlad estava esperando no final da escadaria. Seu smoking preto deveria ser severo demais com a falta de algum tom de cor, mas ao invés disso, ele parecia uma versão sensual do Anjo da Morte. Não pude evitar um tremor quando seu olhar passou por mim. Verde esmeralda brilhou brevemente de seus olhos e quando ele pegou minha mão, senti seu calor mesmo através da luva. Vampiros normais tinham temperatura ambiente, mas não Vlad. A pirocinese que o fazia ser tão temido entre sua espécie também o fazia mais quente do que a maioria dos humanos quando suas habilidades, temperamento ou desejo ganhavam vida.

“Você está arrebatadora.”

Seu rosnado baixo me permitiu saber qual emoção o aquecia agora e, mais uma vez, tremi. Meus sentimentos por ele podem ser cheios de dúvida, mas meu corpo não estava em conflito. Eu me aproximei mais antes que pudesse perceber, meus mamilos se contraindo assim que seu peito roçou no meu. Então algo mais abaixo se apertou quando sua boca arranhou meu pescoço, aquela barba espessa deliciosamente arranhando minha pele.

Ele inalou, o ar pousando como o mais suave dos beijos sobre minha pulsação quando ele o soltou. Então suas mãos se fecharam sobre meus ombros, o calor delas maravilhosamente potente. Um toque de seus dedos empurrou meu cabelo para o lado, expondo meu pescoço. Arfei quando ele baixou a boca e duas presas duras e afiadas foram pressionadas contra minha pele. O arrebatamento sombrio de sua mordida só perdia para fazer amor com ele e eu sentia falta de participar de ambos recentemente. Sem pensar, agarrei sua cabeça e trouxe para mais perto, quase tremendo em antecipação.

Ele murmurou algo impossível de entender e se afastou, seu olhar ainda brilhava em verde esmeralda.



“Agora não. Nossos convidados estão esperando.”

Eu não me importo! Foi meu primeiro pensamento, seguido imediatamente por *O que há de errado comigo?* Sim, pessoas estavam esperando por nós, sem mencionar os vários guardas escondidos nesse saguão. Mesmo que nada disso fosse verdade, eu tinha sérios problemas para resolver com Vlad. Acalmar minha libido seria a última coisa na minha lista de coisas a fazer.

“Certo,” eu disse, soltando as mãos e dando um passo para trás. Não olhei para ele quando coloquei o cabelo de volta sobre meu ombro, cobrindo o máximo da cicatriz em forma de zigue-zague que eu pude. Eu não estava com vergonha, mas já estava cheia dos olhares inevitáveis de pena vindo das pessoas que a viam pela primeira.

“Leila.”

O jeito que ele disse meu nome fez com que eu levantasse a cabeça. Os olhos de Vlad tinham voltado a cor mogno queimado, o único verde que havia neles agora, era o anel que circulava suas íris.

“Não esconda de ninguém,” ele declarou, puxando meu cabelo para fora do ombro. “Somente tolos têm pena das cicatrizes de sobreviventes e você nunca deveria se curvar aos tolos.”

Então ele ergueu a mão, seus próprios ferimentos desbotados de batalha faziam o formato de cruz em sua pele como pequenas listras pálidas. “Venha.”

Peguei sua mão, engolindo a emoção que apertava meu coração como com amarras invisíveis. Então comecei a recitar músicas em minha mente, mascarando o pensamento mais perigoso antes que chegasse a ele.

Esse é um dos motivos pelo qual eu te amo. Você não se curva a ninguém.

Infelizmente, essa mesma característica poderia também nos separar.



Capítulo Três

Consegui reconhecer alguns dos nossos convidados, apesar de um monte de novos rostos também estarem presentes. Maximus estava sentado à mesa de jantar ao lado de Shrapnel, o careca musculoso terceiro em comando de Vlad. Ao lado dele estava Mencheres, o vampiro Egípcio de cabelos longos que Vlad descrevia como seu criador honorário, um título que eu ainda não tinha entendido completamente. A loira delgada ao lado de Mencheres era sua esposa, Kira. Gretchen também estava lá, sentada mais longe da cabeceira e parecendo irritada com isso. Todos se ergueram quando Vlad e eu entramos, o que fez todo o cenário ainda mais bizarro. Eu não estava atrasada, então por que todos já estavam na mesa? O anfitrião e anfitriã não deviam cumprimentar os convidados *antes* de eles tomarem seus assentos, e não chegar por último e fazer todos se levantarem em atenção perante a eles?

Vampiros, eu decidi pela milésima vez, tinham o jeito mais esquisito de fazer as coisas.

Vlad me conduziu ao meu lugar de costume, na cabeceira da mesa, o que causou alguns olhares oblíquos entre os convidados que eu não reconhecia. Estando lá, fiquei de pé ao lado da cadeira vazia à direita dele, incerta. Eu me sentava agora ou esperava por um sinal?

“Estou contente que vocês tenham vindo,” Vlad declarou, o tamanho da sala não diminuindo o timbre forte de sua voz. “Sei que alguns de vocês viajaram uma grande distância para estarem aqui.”

Eu esperava mais, talvez um obrigado àqueles convidados de longe, mas então ele se baixou para sua cadeira. Antes de Vlad, nunca imaginei que o simples ato de se sentar poderia parecer nobre e intimidante, porém ele atingia esse objetivo toda vez que o fazia.

Todos os outros tomaram seus assentos, então eu também o fiz, desejando que me fosse dado um manual de *Etiqueta dos Mortos-Vivos para Idiotas*. Pelo jeito fluído demais que eles se moviam, nenhum dos seus convidados era humano. Eu estava acostumada a estar cercada de vampiros em um ambiente casual—ou violento—mas esse era meu primeiro evento formal. *Se eu estragar alguma coisa, é sua culpa*, pensei para Vlad enquanto fixava um agradável sorriso em meu rosto.

Sua boca se moveu, a única indicação de que ele me ouviu. Então fez um gesto à sua esquerda.



“Leila, você já conhece Maximus, Shrapnel, Mencheres e Kira, mas deixe-me apresentar o resto de nossos convidados.”

Mantive aquele sorriso agradável durante uma lista de nomes que eu esperava não ter que lembrar, porque todos os vinte e oito assentos da enorme mesa estavam ocupados. Quando vi a sala de jantar pela primeira vez, com sua parede de lareiras, teto de três andares e um lustre gigantesco, eu achei que fosse um deslumbrante desperdício de espaço já que apenas eu e Vlad comíamos lá. Agora seu tamanho e esplendor vieram a calhar. Precisaríamos de outra mesa se ele tivesse convidado mais amigos e a julgar pelas joias das mulheres e os resplandecentes smokings dos homens, aqueles que estavam presente eram acostumados ao luxo.

Eu não era. Nem Gretchen, que parecia tão deslocada quanto eu. Nosso pai foi um homem de carreira militar, então crescemos em ambientes modestos que frequentemente variavam em função de sua mudança de postos de serviço. Quando fiquei por conta própria aos dezoito anos, procurei por empregos que não envolvessem tecnologia ou tocar pessoas—e todos os empregos remunerados decentes requeriam um ou outro. Se eu não tivesse conhecido Marty e me juntado ao seu ato no circo itinerante, eu poderia ter acabado nas ruas.

Certamente eu não teria acabado na casa de Vlad, sorrindo para estranhos através de um mar de copos de cristal que criados enchiam com um líquido vermelho escuro espesso demais para ser vinho. Aqueles mesmos criados então traziam comida suficiente para alimentar todo mundo duas vezes apesar de Gretchen e eu sermos as únicas humanas. O nervoso tinha roubado meu apetite, mas eu comi com falsa animação, me perguntando quando Vlad revelaria o verdadeiro propósito por trás dessa ocasião. Ele não convidou mais de duas dúzias de pessoas para sua casa apenas para se exibir. Vlad era muitas coisas, mas pretencioso não era uma delas.

A bomba por trás desse evento caiu durante a sobremesa. Eu acabava de me servir de uma colherada de crème brûlée quando Vlad se levantou e toda a conversa cessou.

“Obrigado a todos por virem,” ele disse durante o silêncio repentino. “Como vocês são amigos ou honrados membros da minha linhagem, eu queria que cada um de vocês testemunhasse minhas ações agora.”

Então ele se moveu para trás da minha cadeira, pousando a mão em meu ombro. Resisti à vontade de me virar para poder vê-lo. *O que está acontecendo?* Pensei nervosamente.

Ele ignorou a pergunta. “A maioria de vocês sabe que Leila tem sido minha amante pelos últimos meses. Além disso, ela também arriscou a vida para salvar meu pessoal e demonstrou inabalável lealdade mesmo durante tortura. Por causa de seu grande valor à mim, eu agora ofereço à ela um laço



eterno, se ela aceitar.”

Então ele se inclinou, a respiração quente em meu pescoço enquanto ele sussurrava suas próximas palavras. “Você tem se perguntado se eu me sentia diferente a seu respeito desde que suas habilidades se reduziram. Deixe que isso sirva como resposta.”

Olhei de relance sua mão com cicatriz antes que ele colocasse uma pequena caixa de veludo na minha frente. Meu coração começou a disparar enquanto minha mente era sobrecarregada com choque e alegria. Dentre todos os possíveis motivos para esse jantar surpresa elegante, eu não esperava isso. As coisas realmente tinham mudado entre nós, da melhor forma possível.

“Vlad, eu...”

Pensamento e palavras coerentes devem ter me faltado, mas minha coordenação motora não. Com as mãos tremendo de alegria, abri lentamente a caixa negra.

Gretchen saiu como um foguete de sua cadeira para vir em minha direção. Em algum ponto, lágrimas de felicidade devem ter se espalhado pelos meus olhos porque o conteúdo da caixa estava borrado. Porém, eu podia ver um anel. Fui tomada por uma avalanche de alegria. Somente agora eu percebi o quanto eu amava Vlad e o quanto eu esperava, fervorosamente, que ele me amasse também. Pisquei para ver o anel mais claramente... e então minha sublimidade ficou temperada com confusão.

Maximus pegou o braço de Gretchen antes de ela me alcançar, mas ela ainda estava perto o suficiente para olhar dentro da caixa.

“Seu pão duro, isso não é um diamante!” ela anunciou com sua falta de tato usual. “Que tipo de anel de noivado é esse?”

Eu me surpreendi com sua escolha também, já que eu reconhecia o anel como uma réplica da relíquia de família que tinha sido passada do pai de Vlad para ele. Não importa, eu iria amar qualquer anel de noivado que ele me desse. Além do mais, talvez fazer o pedido com uma réplica fosse uma tradição da família Dracul—

“Não é um anel de noivado,” Vlad respondeu de forma afiada para Gretchen. “É o símbolo de membro da minha linhagem. Todos os vampiros que eu transformei carregam um.”

Perante aquelas palavras, minha mistura empolgada de pensamentos se cristalizou em uma concretização desoladora: *Ele não está me pedindo em casamento. Ele está apenas oferecendo para te transformar em uma vampira!*

Vlad endireitou o corpo e sua mão deixou meu ombro. Ele tinha ouvido



isso. Pelo jeito que isso tinha urrado em minha mente, ele teria que ser telepaticamente surdo para não ouvir.

Eu sabia que devia cantar alguma coisa para evitar que ele escutasse mais, mas não pude pensar em um único verso. Meu orgulho gritava para que eu agisse como se eu não tivesse interpretado errado, porém tudo que eu podia fazer era agarrar com força aquela caixa enquanto minha alegria anterior se transformava em cinzas. Nada havia mudado, exceto que Vlad achou que minha humanidade precisava de uma atualização e ele tinha decidido me informar sobre isso com uma sala cheia de vampiros como testemunha.

Levantei o olhar de relance. Nossos convidados desviando o olhar rapidamente, com pena, enquanto se contorciam de forma desconfortável, me dizia que Vlad não era o único a perceber minha má interpretação. Se eu não tivesse sentido como se meu coração tivesse sido arrancado e flambado na minha frente, eu estaria mortificada.

A voz de Gretchen quebrou o silêncio carregado. “Você quer que Leila se torne uma vampira? Isso é tão horripilante!”

“Maximus,” Vlad falou com raiva.

O vampiro musculoso ergueu Gretchen com a mão sobre sua boca antes que eu pudesse piscar. Normalmente, tal forma de agir com minha irmã teria me deixado irada. No momento, eu estava tentando, com muita dificuldade, me recompor para responder.

“Leila,” Vlad começou.

“Não.”

A palavra saiu com toda a força das minhas esperanças despedaçadas. Eu me levantei, quase virando minha cadeira, mas minhas opções eram sair daqui *agora* ou irromper em lágrimas e eu ainda tinha orgulho suficiente para não fazer aquilo na frente de todo mundo.

“Preciso de ar,” murmurei.

E algumas giletes para terminar o trabalho que você começou quando tinha dezesseis anos, minha odiada voz interior sugeriu.

Ignorei aquilo, fazendo explodir a primeira música que veio em minha mente para esconder meus pensamentos. Veio a ser “Taps*.”

**Em seguida ela fala típico porque taps também significa perfurar, sangrar.*

Típico.

Então sai tão rápido quando meus novos saltos puderam me carregar.



Capítulo Quatro

Fui direto para o pequeno quarto, forrado com borracha, que ficava no subsolo e que Vlad tinha montado para mim. Lá dentro, arranquei minha luva direita. Assim que fiz isso, eletricidade foi expelida da minha mão em linhas que emitiam um chiado enquanto as emoções que eu tentava controlar se manifestavam em raios de energia em miniatura. Uni aquelas correntes em uma única corda pulsante e então a chicoteei contra a estátua de pedra que havia no quarto.

A cabeça caiu sobre a base da estátua a qual estava soldada. Outra chicotada e a estátua perdeu um braço. Então o outro. Em seguida, tudo acima da cintura, porém, minha agitação emocional, desapontamento e humilhação não cessaram. Ao invés disso, senti como se pudesse ir para o nível nuclear a qualquer momento.

Não parei de chicotear a estátua até ela estar em dúzias de pedaços irregulares. Antes de Vlad, eu apenas tinha trabalhado para suprimir meu poder, tanto quanto eu tinha feito com a solidão que veio da minha incapacidade de tocar alguém sem ferir essa pessoa.

Vlad tinha mudado tudo aquilo. Ele me ensinou a transformar minhas habilidades em uma qualidade e despertou sentimentos em mim que nunca pensei que fosse sentir. Ele era mais do que meu primeiro amante. Ele também era meu primeiro amor, porém eu me deixei apaixonar profundamente demais. Apesar de todos os avisos, eu tinha ousado ter esperança de que um dia ele pudesse se sentir do mesmo jeito em relação a mim. Foi aqui que essa esperança me levou: para um porão, descarregando meus sonhos esmagados em um objeto inanimado.

Olhei para os restos da estátua e senti um tipo de amarga semelhança. Como eu, ela costumava ser sólida e inteira. Agora, assim como eu, ela estava tão fragmentada pelas emoções destrutivas que nenhuma de nós seria a mesma.

“Dane-se,” sussurrei, e eu não sabia se foi dirigido a mim ou ao vampiro pelo qual tolamente me apaixonei.

Meu belo vestido agora estava úmido devido ao meu esforço, mas não me importei. Eu não ia voltar para o jantar. Todos tinham sacado o motivo pelo qual saí de lá então eles entenderiam minha contínua ausência. Se não entendesse, danem-se eles. Chega de eu ser o entretenimento da noite.



Exausta, subi os múltiplos lances de escadas para meu quarto, satisfeita por não passar por ninguém ao longo do caminho. Com sorte, Vlad ficaria até tarde com seus convidados e eu não o veria até amanhã. Isso me daria alguma solidão tão necessária.

Por isso que suspirei quando vi que meu quarto não estava vazio. Vlad estava de pé perto do sofá com as mãos para trás, aquela maldita caixa de joia estava, felizmente, fora de vista. Seu olhar passou rapidamente por minha aparência suada e desgrehada.

“Está se sentindo melhor agora?” ele perguntou com sua costumeira forma direta.

Nem mesmo perto. Apenas vê-lo quebrou o frágil controle que minha atividade elétrica tinha me dado.

“Estou gloriosa,” eu disse de forma curta. “De fato, além de pretender beber até apagar, nunca me senti melhor.”

Uma emoção que eu não soube distinguir passou por seu rosto. Então sua expressão se tornou novamente impassível.

“Lamento como as coisas acabaram essa noite. Eu devia ter discutido minha oferta com você em particular, mas eu nunca imaginei que você fosse entender mal dessa forma.”

Não sei o que eu iria querer ouvir depois desse fiasco, mas o que quer que fosse, ele passou longe de acertar. Seu rígido autocontrole também era sal na ferida. Eu mal estava conseguindo me segurar e ele nunca pareceu tão frio e controlado. Raiva se juntou a todas as minhas outras emoções turbulentas.

“O vestido, o jantar elegante, todas as suas palavras lisonjeiras e então a caixa de joia.” Enumerei os itens em meus dedos. “Sério, o que eu devia pensar?”

Seu bufar me cortou até os ossos. “Qualquer coisa exceto aquilo. Você e eu estamos juntos há meros meses. Você sabe o quanto insignificante é isso para alguém da minha idade?”

Uma nova onda de dor fez meu tom de voz ser escaldante. “Sim, você tem quase seiscentos anos de idade, mas no mundo de *hoje*, quando você diz coisas como ‘laço eterno’ antes de dar à sua namorada uma caixa do tamanho de uma caixa de anel, geralmente há apenas um tipo de anel dentro dela!”

“Por séculos, foi dado a cada vampiro que criei uma réplica do meu anel porque é prova de que faz parte de minha linhagem. Isso é útil se meu pessoal é capturado por aliados. Ou inimigos.”



Eu acreditava nele, mas não serviu de nada para o ácido que estava sendo continuamente derramado sobre minhas emoções.

“Você não entende,” eu disse de forma afiada. “Nós não estamos juntos há tempo suficiente para os meus padrões também, mas o seu desprezo perante o *pensamento* sobre casamento mostra o quanto valorizamos de forma diferente esse relacionamento. Esse é o verdadeiro problema e eu não posso mais ignorar isso.”

Sua boca se comprimiu e chamas surgiram na lareira enquanto aquela concha se partia e seu temperamento inflamava. Eu não me importava. Era eu quem tinha sido emocionalmente fatiada em públicos e agora, de novo, em particular.

“Eu valorizo nosso relacionamento sim. Nunca compartilhei meus aposentos com alguém exceto você—”

“No entanto você não pode se incomodar em instalar um vaso sanitário,” eu interrompi. “É como se você continuasse me mostrando ‘Até aqui, não mais além’ a cada chance que tem.”

Agora seu olhar brilhava como pura esmeralda, todos os traços de cobre se foram. “Eu ofereci uma solução diferente para esse problema essa noite.”

Me transformar em uma vampira realmente neutralizaria minha necessidade de um vaso sanitário. Isso também garantiria que eu passasse o resto de uma longa vida não natural amando um homem que nunca me quis mais perto do que o comprimento do braço. Vlad era conhecido por sua falta de misericórdia, mas eu não achava que ele havia percebido o quanto era cruel o destino ao qual que ele estaria me sentenciando se eu aceitasse sua oferta.

Parte disso era minha culpa. Deixei o impasse emocional entre nós ir longe demais porque eu não queria perdê-lo. O problema era, eu nunca o tive realmente, assim como essa noite me forçou a reconhecer. Apesar do meu coração parecer rachado dentro de mim, sustentei seu olhar sem hesitar.

“Não ocorreu a você que eu veria o anel como uma proposta de casamento porque você não tem intenção nenhuma de algum dia me oferecer um compromisso real. Eu estive bem com isso uma vez. Não estou mais.”

“Você não entende.”

Seu tom de voz era estável mesmo com as chamas próximas ficando mais altas.

“Divórcio não existe para vampiros. Com a forma que as pessoas podem mudar ao longo do tempo, poucos da minha espécie escolhem se casar. Sentimentos podem desaparecer, mas uma união vampírica nunca.”



Então suas mãos quentes e fortes seguraram meu rosto.

“Eu *estou* lhe oferecendo um compromisso real—um lugar em minha vida para sempre. Mesmo que nosso relacionamento terminasse, nosso laço um com o outro nunca terminaria. Deixe-me transformar você em uma vampira, Leila, e observe as décadas passarem como dias enquanto você estiver do meu lado.”

Eu queria dizer sim. A palavra tremeu em meus lábios, mas eu a engoli. Ele não estava me oferecendo nada diferente, apenas uma versão mais longa do que eu já tinha. O fato de que eu estaria disposta a me despir de minha humanidade como um traje velho era prova suficiente de que eu faria qualquer coisa por Vlad, porém ele ainda mantinha seu coração deliberadamente fora de alcance.

Eu não podia viver daquele jeito, como humana *ou* vampira. Se doía tanto agora, como seria depois de décadas amando um homem que me via como algo um pouco mais do que uma agradável companheira de cama?

“Direi sim com uma condição.”

Ele acariciou meu rosto. “E qual é?”

Não pisquei. “Você pode ler minha mente então já deveria saber. *Eu te amo, Vlad*, então mais do que laços de sangue ou a chance de viver para sempre, quero que você diga que me ama também.”

Ele deixou as mãos caírem para a lateral do seu corpo e apertou os punhos. “Nós conversamos sobre isso—”

“Eu lembro,” eu o interrompi. “Na primeira vez em que dormimos juntos, você disse que me daria paixão, honestidade e monogamia, mas não amor porque você é incapaz disso. Na época eu acreditei, mas agora eu digo que é papo furado. Você se lembra da última coisa que Szilagyí disse antes de detonar aquela explosão?”

Pela forma como ele endureceu o maxilar, ele se lembrava, mas não iria se voluntariar a dizer. Eu prossegui.

“Szilagyí disse que ia me matar junto com ele porque *aquilo iria ferir você*. Até mesmo seu pior inimigo podia ver que eu era mais do que uma amante para você, mas você se recusa a me oferecer qualquer coisa a mais. Até você poder fazer isso, eu não posso—”

Minha voz falhou e, apesar da minha decisão, duas lágrimas escorregaram por entre meus cílios. Eu as sequei, me forçando a falar através de uma garganta dolorosamente apertada devido à emoção.



“Não posso ficar com você,” eu resumi. “Dói demais estar próximo a você, mas continuamente sendo afastada.”

Sua expressão mudou para descrença. “Você está me deixando?”

Pelo seu tom de voz, a ideia era mais chocante do que dolorosa. Outra marreta me atingiu no peito, fazendo com que mais lágrimas caíssem, mais do que eu podia segurar.

“Que escolha eu tenho? Sei como isso vai acabar. Com minhas habilidades, revivi isso através de inúmeros casais. Eu até mesmo vi minha mãe dar tudo para um homem que continuava a deixando em segundo lugar e eu me recuso a cometer o mesmo erro.”

Apesar de saber que cada palavra era verdade, não pude impedir o dilúvio de pensamentos que passaram por minha mente.

Diga que me ama e eu ficarei. Inferno, diga que você estará aberto a IDEIA de me amar e eu ficarei. Diga qualquer coisa exceto me renunciar a um distante segundo lugar na frieza que você mantém envolvendo seu coração.

Ele não disse nada daquilo. Ao invés disso ele disse, “Não é seguro. Nós escavamos muito do que restou de seu covil na montanha, porém ainda não encontramos os restos de Szilagyi. Se ele conseguiu sobreviver, ele virá atrás de você.”

Aquela era sua maior preocupação? Não o término do nosso relacionamento, mas seu inimigo me usar contra ele novamente? Por um momento não pude respirar devido à forma brutal como aquilo rasgou meu coração. Pensei que eu estava preparada para lidar com a rejeição. Eu estava tão, tão errada.

“Szilagyi está morto,” eu consegui falar roucamente. “Mesmo que ele sobrevivesse, minhas habilidades se foram. O fato de não encontrar pessoas no presente ou ver o futuro significa que ele não teria como me usar.”

Diga-me que esse não é o único motivo pelo qual você quer que eu fique! Isso irrompeu em meus pensamentos com toda a veemência da minha última esperança. Apenas força de vontade evitou que eu dissesse isso em voz alta.

Vlad apenas olhou para mim, seu olhar mudando de cor de cobre para verde esmeralda e novamente para cobre enquanto o fogo se alastrava na lareira. A cada segundo de silêncio, as lágrimas que eu não podia conter continuavam escorrendo pelo meu rosto.

Então, com cada movimento cortando como lâminas através de minhas



emoções, ele andou até a porta. Quando ele chegou até ela, parou por um instante, sua mão pairando sobre a maçaneta.

Não faça isso! Eu queria gritar. Eu te amo; você não pode ao menos tentar se permitir me amar também?

O fogo reluziu tão alto que ultrapassou a grelha e subiu pela parede, mas ainda assim ele não falou. Quando o fogo atingiu o teto, eu me dirigi até ele com um impulso instintivo de conter as chamas, mas então elas desapareceram com um sopro que deixou nada além de um rastro de fumaça.

Quando me virei, Vlad tinha ido embora.



Capítulo Cinco

O carro parou dentro do hangar da aeronave. Abri a porta imediatamente, sem esperar que Maximus ou Shrapnel a abrisse para mim. Há cerca de dez metros havia um jato reluzente cor de marfim aguardando. Por baixo da minha miséria, pensei que era bom que eu estivesse viajando de volta para os Estados Unidos no avião particular de Vlad. Mesmo que meus problemas com eletricidade tivessem desaparecido magicamente, se eu tentasse um voo comercial, minha expressão de raiva garantiria que eu fosse “escolhida aleatoriamente” para ser revistada.

Um jovem de cabelos castanhos avermelhados esperava por mim na escada rolante próxima ao jato, mas assim que me viu, correu para baixo.

“Onde estão suas malas, senhorita?” ele perguntou com um Inglês carregado de sotaque.

“Não tenho nenhuma.”

“Sim, ela tem,” Maximus respondeu, saindo do assento do motorista. “Elas estão no porta-malas.”

Somente a presença de Gretchen evitou que eu perdesse a paciência. “Eu disse que não queria nada dessas coisas. Eu vim com as roupas do corpo e é assim que pretendo partir.”

“Você vai levá-las, ordens de Vlad,” Maximus disse com um tom de voz que fez o Homem Ruivo correr para trás da limusine. “O que você vai fazer com elas quando estiver em casa é problema seu.”

Vlad não deve querer nenhuma lembrança minha entulhando sua casa. Uma vez ele me disse que se eu quisesse sair desse relacionamento, ele me deixaria ir sem argumentar. Tinha que dar crédito ao homem por manter sua palavra. Ele não tinha apenas não argumentado, eu não o tinha visto desde a noite em que ele deixou meu quarto. Ele nem ao menos disse adeus antes de Gretchen e eu partirmos para o aeroporto.

Não importa o quanto eu tentasse dizer a mim mesma que isso foi o melhor, me machucava mais do que qualquer coisa que eu já sofri.

“Tudo bem,” eu disse, forçando um sorriso para o bem de Gretchen.

Minha cáustica irmã esteve irreconhecivelmente protetora nos últimos



dois dias. Isso me lembrou do quanto éramos próximas antes do acidente que levou a vida de nossa mãe e me deu as minhas habilidades. Eu continuava dizendo à ela que eu estava bem, então eu não podia arruinar isso informando a Maximus que eu preferia andar nua do que me torturar com lembranças mantendo as coisas que Vlad comprou para mim.

Além do que, ele estava certo. Eu podia jogá-las fora mais tarde.

“Bem... adeus,” eu disse quando Maximus e o outro homem terminaram de transportar nossas malas do porta-malas para a aeronave.

Ele sorriu levemente. “Ainda não. Vou viajar com vocês para garantir que você seja entregue em segurança ao Marty.”

Entregue como um pacote. Mais uma vez morde a língua para não vacilar na frente da minha irmã.

Gretchen bufou. “E eu? Ninguém se importa se eu chegarei em meu apartamento inteira?”

Maximus fez um aceno com a cabeça para o vampiro careca, com pele cor de café que saiu da parte da frente da limusine.

“Shrapnel vai cuidar de você.”

Ele sorriu, mostrando seus dentes impecavelmente brancos. “Achamos que Marty não iria querer me ver novamente.”

Uma vez que Shrapnel torturou Marty, provavelmente não. Então mais uma vez, Marty pode não estar super feliz em me ver também. Meu melhor amigo e parceiro de espetáculo me avisou para não me envolver com Vlad. Parecia que eu devia uma desculpa à Marty. Eu a daria, também, provavelmente enquanto estivesse caindo em seus braços chorando. Eu não me permiti chorar desde a noite em que Vlad foi embora. Com Marty, porém, eu poderia finalmente parar de fingir que eu não estava devastada pelo rompimento. Ele sempre esteve lá por mim e eu precisava dele agora mais do que nunca.

Dei uma última olhada ao redor, odiando aquela parte em mim que esperava que Vlad aparecesse, dizendo tudo que ele tinha recusado dizer antes. Então sorri para Gretchen, me perguntando quando eu seria capaz de fazer aquilo sem sentir que era uma mentira.

“Certo, irmãzinha. Vamos para casa.”



Dezoito horas depois, Maximus e eu chegamos em Gibsonton, Flórida, também conhecida como Showtown*, EUA. O calor e humidade me atingiram assim que sai do carro. Ainda era Maio, mas a temperatura devia estar próximo aos 40°. Maximus saiu do carro também, olhando para as casas alinhadas como pontos de massa em uma linha de produção de uma padaria.

*Cidade dos Shows.

“Por que sinto cheiro de estrume de elefante?”

“É a Betsy,” eu disse, apontando para a casa cinza modular. “Seus treinadores mantêm um cercado para ela no quintal...”

Minha voz falhou enquanto eu olhava para a fileira de casas. Eu devia ter sido capaz de ver o trailer de Marty já que essa era a rota mais curta para o local de acampamento de caravanas, mas o local onde seu Winnebago ano 1982 deveria estar estava vazio.

“Oh não,” gemi.

Instantaneamente Maximus estava em alerta, com uma faca de prata aparecendo em sua mão. “O que há de errado?”

“Nada que a faca vá ajudar,” eu disse, me xingando. “Pela primeira vez, Marty deve ter decidido cair na estrada cedo.”

Ambas as sobrancelhas douradas se ergueram. “Ele não está aqui?”

“Não.”

Eu devia ter telefonado, mas Marty *nunca* começou a temporada cedo. E mais, eu queria contar a ele pessoalmente o que aconteceu.

Maximus afastou a faca e pegou um celular. “Ligue para ele. Descubra onde ele está.”

Dei a ele um olhar cansado. “Você não conhece Marty quando ele está na estrada. É um milagre se ele se lembrar de *trazer* o telefone, sem contar carregá-lo ou atendê-lo. Mas não se preocupe. Sei outra forma de descobrir em qual festival ele vai estar.”

Depois de uma rápida parada para conversar com alguns dos outros artistas, Maximus e eu pegamos a estrada novamente. Pelo menos Gretchen e Shrapnel tinham continuado por aí depois de nos deixarem na Flórida. Se eu achasse que tinha uma chance de convencer Maximus de me deixar pegar um ônibus, eu teria tentado, mas ele não iria embora até cumprir as instruções de seu mestre ao pé da letra.



uitas horas depois, no estacionamento de um festival no norte da Georgia, vi um Winnebago com nossos nomes de palco de Poderoso Marty e a Fantástica Frankie pintados na lateral.

“Lá,” eu disse, apontando para o trailer.

Maximus estacionou o mais próximo que pôde chegar. A essa hora da madrugada, tudo estava quieto na sessão dos funcionários do festival. Saí do carro, tão cansada que quase tropecei passando pelos veículos, tendas e gaiolas ao longo do caminho, mas eu também estava aliviada. Eu estava de volta a minha antiga vida onde Marty e eu viajávamos de estado para estado apresentando nosso espetáculo. Em poucos meses, se eu tivesse sorte, meu período com Vlad poderia até parecer um sonho estranho e distante e não machucaria tanto. Empurrada por esse pensamento, bati na porta do trailer.

“Marty, abra! Sou eu.”

A porta se abriu tão rápido que bateu em mim. Tive um vislumbre de cabelos negros antes de Marty rapidamente me segurar, me salvando da queda. Então fui envolvida em um abraço apertado em torno da cintura. Eu me inclinei até estar parelha com os 1,22 metros de altura de Marty e retribuir o abraço com tanta força que uma corrente de energia o fez uivar.

“Desculpe,” eu arfei.

Ele deu risada. “Minha culpa. Esqueci de me preparar para um desses.”

ntão Marty se afastou para me olhar realmente. Ele inalou e sua boca se resumiu a uma única fenda enquanto o verde envolvia seus olhos cor de amêndoas.

“Seu cheiro é horrível, garota. O que aconteceu?”

Eu sabia que ele não estava falando sobre fazer um dia desde que tomei banho. Vampiros podiam sentir o cheiro de emoções e provavelmente eu estava servindo um prato cheio e fedido de coração partido.

“O que você me alertou,” eu respondi com uma tentativa não convincente de parecer relaxada. “Acho que sou uma daquelas pessoas que aprendem do jeito difícil.”

Marty suspirou antes de me dar outro abraço e então deu tapinhas nas minhas costas quando me soltou.

“Ninguém morreu por causa de coração partido ainda, então você irá sobreviver. Agora venha para dentro, você parece que vai desmoronar.” Eu também sentia isso. Então Marty fez uma carranca, olhando além de mim.



“O que *e/le* está fazendo aqui?”

“Como você acha que ela chegou aqui?” Maximus respondeu friamente.
“Agora me ajude com essa bagagem.”

Eu estava prestes a repetir que eu não a queria quando outra pessoa apareceu no trailer atrás de Marty.

“Quem está aqui?” uma voz feminina fraca perguntou.

Se a luz do luar não tivesse atravessado as nuvens naquele momento, a escuridão teria feito eu perder o olhar envergonhado que tomou conta do rosto de Marty. Em seguida descobri por que. Uma garota delgada com cabelos negros longos piscou sonolenta para nós e ela não podia ter mais do que vinte anos.

“Marty, você tem cento e trinta e oito anos!” Exclamei antes de perceber a hipocrisia por trás daquela declaração.

“Não é nada disso, nós trabalhamos juntos,” a garota ofereceu como resposta, sorrindo de forma hesitante para mim. “Sou a nova Fantástica Frankie.”



Capítulo Seis

Maximus se ofereceu para me levar de carro cinco estados de distância até Gretchen. Marty recusou e disse que daríamos um jeito. Eu não sabia como, mas eu não ia envolver mais Maximus. Eu lhe dei um abraço e disse que ficaria bem. Isso estava ficando mais fácil de dizer. Talvez em breve, eu até acreditasse nisso.

Marty esperou até que Dawn—o nome verdadeiro da Fantástica Frankie—voltasse para a cama no meu antigo quarto antes de oferecer sua ideia.

“Eu direi a ela que pode terminar esse evento, então ela tem que encontrar outro show. Bill o Homem Besouro poderia usar uma assistente—”

“Você não pode fazer isso,” eu disse, a exaustão fazendo minha voz soar afiada. “Trabalhar no circo não é a primeira ou segunda escolha de carreira da maioria das pessoas. Dawn está falida e desesperada, não está?”

Ele assentiu tristemente. “Yeah, e mais, ela tem um mandado de prisão sobre ela. Pequenos furtos, múltiplas acusações. As pessoas parecem esquecer que comer não é de graça. Ela poderia pegar um tempinho de prisão se eles a pegarem.”

Típico de Marty vir ao resgate dessa garota lhe dando um emprego, lugar para morar e segurança ao hipnotizar qualquer policial suspeito que venha bisbilhotando. Ele tinha feito o mesmo por mim quando eu tinha a idade de Dawn e estava apenas um pouco mais desesperada. Eu não podia tirar a melhor chance da garota, não importa minhas próprias circunstâncias de merda.

Sorri e esperei que não parecesse uma careta.

“Viu, você não pode demiti-la. Não se preocupe comigo. Eu, ah, tenho algumas joias que posso vender que vão me manter por um ano ou mais.” Que bom que Vlad tinha insistido que eu partisse com tudo que ele tinha me dado. “Nesse meio tempo, eu irei criar meu próprio ato solo.”

Ele se esticou sobre a mesa dobrável e agarrou minha mão. “Você vai ficar aqui até ter agendado algumas apresentações para esse ato.”

“Não, sério—”



“Não discuta,” ele me interrompeu, apertando minha mão. “Você não é minha filha de sangue, mas eu te amo tanto quanto Vera, Deus tenha sua alma em paz, então cale a boca e vamos arrumar um lugar para você dormir.”

Eu ri com isso, piscando para afastar as lágrimas que foram causadas pela felicidade, para variar um pouco. “Eu também te amo, Marty, e eu sempre achei que o sofá era *realmente* confortável.”

*E*la é muito boa, pensei uma semana depois quando assisti Dawn se apresentar com Marty. Claro, ele tinha acrescentado algumas viradas e caídas complicadas em sua parte da rotina, mas Dawn tinha um bom senso de representação que compensava pela sua falta de destreza acrobática. Quando ela pousou sobre seus ombros no final, eu quase pude fingir que estava me assistindo. Nós éramos parecidas com nossas compleições delgadas e cabelos negros longos. Além de querer protegê-la da lei, não era de se espantar que Marty não tivesse se importado em mudar o nome de palco de Dawn para o que eu usava. Eu duvidava que algum dos espectadores que tinham visto nosso ato antes percebesse que eu havia sido substituída por uma modelo mais jovem e menos eletrificada.

Fui ao show deles para provar que eu estava bem com o jeito em que as coisas tinham se resolvido. Dawn era uma garota meiga que precisava dessa oportunidade e eu realmente tinha outras opções. Limitadas, claro, mas apesar de tudo eram opções. Começando essa noite, eu estava recuperando minha vida. Aplaudir Marty e Dawn era o primeiro passo.

O Segundo passo era falar com Edgar. Ele podia ter o apelido de O Martelo por suas ferozes táticas de negociações, mas ele era mais honesto do que a maioria dos agiotas. Apesar da garantia de Marty de que eu podia ficar quanto eu quisesse, o Winnebago era realmente pequeno demais para três pessoas, mesmo que um de nós fosse um anão.

A maioria da multidão saiu enquanto Marty e Dawn repetiam seus agradecimentos. Eu esperei na parte superior das arquibancadas, querendo evitar ao máximo o contato com os espectadores. Eu usava luvas especializadas, mas mesmo um contato casual pareceria eletricidade estática para qualquer um que me tocasse. Por isso que eu estava vestindo mangas longas e calças compridas mesmo estando vinte e sete graus dentro da tenda. Chapéu também. Ele e meu cabelo eram para esconder minha cicatriz de espectadores curiosos.

Quando não havia mais ninguém nas arquibancadas superiores além de mim e de uma morena extremamente atraente, eu me levantei. Ela também, ainda olhando para o palco como se esperasse que Marty e Dawn reaparecessem. Eles não iriam reaparecer. Essa tinha sido sua apresentação



final.

Eu estava prestes a dizer isso quando a mulher pulou sobre as arquibancadas, pousando com mais graça do que uma medalhista Olímpica. Isso e mais o salto de quase dez metros me disse que ela não era humana. Ela deve ter percebido que se expôs porque ela olhou para mim e seus olhos se tornaram verdes brilhantes.

“Você não viu nada,” ela sibilou.

Eu assenti, sem me importar em dizer para ela que eu já sabia sobre sua espécie. Ou que o sangue de vampiro que eu tinha que beber toda semana para evitar que minha eletricidade interior me matasse fazia com que eu fosse imune a controle de mente. Ela saiu e eu continuei a descer as arquibancadas com meu ritmo humanamente lento, fazendo uma nota mental para dizer a Marty que ele teve uma vampira na plateia essa noite.

De lá, fui em direção ao estacionamento dos funcionários. O trailer de Edgar não era longe do de Marty, mas ele queria fazer negócios em casa. Talvez ele estivesse preocupado que Marty o hipnotizasse para pagar a mais pelas joias se Marty testemunhasse a transação. Edgar *não era* imune a controle de mente e ele, assim como muitos itinerantes regulares, sabiam o que Marty era.

Eu bati antes de uma voz grosseira me dizer para entrar. Assim que entrei, pisquei devido à claridade. Edgar tinha todas as lâmpadas internas acesas, tudo do melhor para avaliar o que eu tinha dentro da minha bolsa.

“Frankie,” ele disse, usando o nome pelo qual a maioria dos artistas me conheciam.

Sorri ironicamente para o homem ossudo de cabelos brancos. “Uma delas.”

Edgar fez um aceno em direção a mesa da cozinha. Eu me sentei na frente dele e comecei a esvaziar o conteúdo da bolsa de veludo dentro da minha bolsa. Essa era a primeira vez que eu ousava olhar para as joias e, silenciosamente, determinei a mim mesma ser insensível.

Não funcionou. Cada peça tinha uma lembrança que rasgava meu coração. *Como os dedos de Vlad eram quentes quando ele deslizou a pulseira de rubi e diamante em meu pulso. Os estonteantes brincos de água marinha que ele disse que combinavam com a cor dos meus olhos. Seus lábios em meu pescoço enquanto colocava o colar de diamantes negros ao redor dele. Então o anel de ouro antigo com o emblema de dragão...*

Eu congelei, o agarrando ao invés de colocá-lo sobre a mesa. Por que Vlad tinha incluído isso com as coisas que tinha empacotado para mim? Edgar



pareceu não notar meu choque. Ele estava ocupado demais olhando para as outras peças através de uma lente de aumento.

“Nenhuma falha nas pedras... excelente trabalho e desenho... mais elevado grau de ouro e platina.” Ele olhou para mim enquanto ainda segurava a lente em um olho. “Quem quer que ele fosse, você devia ter ficado com ele por mais tempo.”

“Algumas coisas são mais importantes do que dinheiro,” eu respondi, ainda vacilando devido a presença do anel. Vlad disse que apenas vampiros em sua linhagem tinham um desses. Será que um de seus criados cometeu um erro incluindo isso às outras peças? Ou era um sinal de que seu convite para me transformar ainda permanecia?

Edgar finalmente percebeu que eu segurava algo. “O que tem aí?”

“Nada.” Eu morreria de fome na rua antes de penhorar isso.

Ele deu uma risada forçada. “Tentando aumentar meu apetite fingindo que não posso tê-lo? Boa tentativa, mas já vi todos os truques antes—”

Um rugido ensurdecedor o interrompeu. Então o trailer todo tremeu e as janelas se estilhaçaram. Eu não tive tempo de gritar antes de uma parede de fogo nos engolir.



Capítulo Sete

“Temos um vivo!”

Eu gostaria de não ter escutado a voz. Então eu não teria sentido a dor que se seguiu quando a consciência foi recobrada de forma impiedosa. Além disso, tinha algo tão pesado sobre mim que doía para respirar. Então me arrependi de respirar quando o cheiro de carne queimada encheu meus pulmões.

Eu *realmente* me arrependi de abrir os olhos. Um crânio escurecido envolto em um hediondo manto pálido foi a primeira coisa que vi. Ele me pressionava para baixo, esmagando meus membros e enviando fissuras de agonia através de mim. Gritei, mas o grito saiu como uma respiração sufocada.

“Não se mova,” uma voz urgente instruiu.

Estiquei o pescoço o máximo que pude. A direita do crânio, atrás do manto retorcido, estava um bombeiro usando capacete.

“Nós vamos tirar você,” ele prosseguiu com a voz abafada devido ao dispositivo que ele usava para respirar. “Não se mexa.”

Eu não poderia mesmo se quisesse. Meus olhos queimavam, mas depois de piscar forte algumas vezes, vi que o crânio sobre mim não estava usando um manto. O que o rodeava era tão espesso e duro, como plástico...

O ultimo vestígio de confusão se foi. Não era plástico. Era a mesa da cozinha de acrílico que estava entre eu e Edgar quando a explosão aconteceu, o que significava que o crânio queimado pertencia a Edgar. O fogo deve ter sido tão forte que derreteu a mesa ao redor dele como uma terrível mortalha. Aquilo— e algo mais, pelo peso— me prendiam.

“O que aconteceu?” consegui falar. “Há mais alguém ferido?”

O bombeiro não respondeu. Perguntei novamente, mas minha única resposta foi uma máscara de oxigênio colocada sobre meu rosto. Então uma enxurrada de atividade começou quando mais bombeiros chegaram e tentavam retirar os escombros de cima de mim.

“Parece que a mobília derreteu *ao redor* dela,” um deles murmurou, a descrença era clara em seu tom de voz. “Como ela ainda está viva?”



Eu sabia a resposta, mas era a menor das minhas preocupações. Marty e Dawn teriam voltado para o trailer para se trocarem depois da apresentação final. Era só a alguns trailers de distância. E se a explosão os tivesse atingido também?

“Meu amigo é um anão,” eu disse, apesar do quanto doía falar. “Seu trailer não é longe. Alguém o viu?”

Nenhuma resposta, mas eles trocaram olhares de pena. Então me lembrei das palavras com as quais acordei. *Temos um vivo!* Medo misturado com dor me atingiu. Marty era um vampiro, porém ele não era a prova de fogo. Somente eu era. E se Edgar não fosse a única pessoa morta essa noite?

Ajeitei minha cabeça até que movi a máscara de oxigênio parcialmente para o lado. Então, esquecendo da dor, comecei a gritar o mais alto que pude, esperando desesperadamente que ele estivesse vivo para me ouvir.

“Marty! Marty, onde você está?”

Mãos pesadas forçaram a máscara de volta ao lugar. Alguém disse para me dar um sedativo. Continuei gritando, a angústia crescendo quando apenas mais paramédicos apareciam. Marty devia ter vindo à essa altura. Mesmo com todos os outros barulhos, ele devia ter me ouvido. Gritei mais alto em desespero. *Por favor, Marty, por favor esteja bem!*

De repente um caminho se abriu quando as pessoas amontoadas ao redor de mim foram empurradas para o lado com uma força não humana. O alívio se tornou confusão quando dei uma olhada no vampiro que se ajoelhou ao meu lado.

“Leila, você está viva,” Maximus sussurrou.

Ele começou a dizer mais alguma coisa, mas minha audição diminuiu e um gosto de algodão encheu minha boca. A última coisa que vi foram seus olhos ficando verdes brilhantes enquanto ele se levantava e virava.

Dessa vez, quando acordei, eu não sentia dor. Porém aquele cheiro horrível ainda estava lá, como se alguém tivesse queimado um assado e esfregado todo em mim. Eu tossi, aliviada que meus pulmões não pareciam mais punhos fechados. Então abri os olhos.

Meus olhos encontraram paredes de cor mostarda envelhecida. Nada bonito, mas melhor do que um crânio queimado. Eu me virei, vendo o resto do pequeno quarto com uma única olhada. Ele fazia o vampiro loiro na cama do outro lado parecer ainda maior e mais imponente.



Eu tinha tantas perguntas, tipo por que eu estava nua debaixo das cobertas, mas minha principal preocupação não tinha mudado.

“Marty. Ele está...?” Não pude terminar a frase.

“Ele se foi, Leila.”

O tom de voz de Maximus era gentil, mas as palavras me atingiram com mais força do que a linha de força que eu tinha tocado quando tinha treze anos. Dei uma respirada profunda que terminou em um soluço. Ao mesmo tempo, algo sombrio se ergueu dentro de mim, fazendo minha mão direita soltar fagulhas. Eu queria fazer muito mais do que chorar. Eu queria chicotear Maximus com toda a voltagem que eu tinha dentro de mim por dizer tal coisa horrível que não podia—não podia!—ser verdade, porém tudo que eu podia fazer era lutar para ter controle enquanto absorvia a notícia de que meu melhor amigo estava morto.

Maximus não tentou me confortar. Ou ele pôde sentir o perigo na minha mão soltando fagulhas ou ele não se importava com como eu me sentia. Então meus soluços diminuíram quando a suspeita quebrou minha tristeza.

“O que aconteceu? E o que você está fazendo aqui? Você devia estar de volta à Romênia à essa altura!”

Sua boca se contorceu. “Eu não armei a explosão, se é o que você está pensando. Se eu tivesse, eu a teria matado quando vi que tinha sobrevivido. Você estar viva prova que não estou por trás disso.”

Correntes de energia ainda pulsavam em minha mão. “Quem está por trás disso?”

“Eu não sei.”

Maximus se levantou e começou a andar, difícil já que três de seus passos cobriam a extensão do quarto. Suas roupas estavam rasgadas e manchadas de fuligem, me fazendo imaginar novamente por que ele estava lá exatamente na hora da explosão.

“O bombeiro disse que uma tubulação de gás rompeu,” ele prosseguiu. “Eles estão chamando de acidente. Como se rompeu bem ao lado do trailer de Marty, eu duvido.”

“Mas por que alguém iria querer matar *Marty*?” Explodi.

Ele dirigiu um olhar firme na minha direção. “Não acho que alguém quisesse.”



A explosão era para mim? Se fosse, quase funcionou. Apesar da minha imunidade ao fogo, quase fui esmagada até a morte. Maximus deve ter me dado um pouco de seu sangue para me curar.

“Se alguém quisesse me matar, por que apenas não atiraram na minha cabeça?” Perguntei, com a tristeza fazendo minha voz soar entorpecida.

“Eles devem ter desejado que parecesse um acidente.”

Sequei os olhos. Lágrimas não me ajudariam a encontrar quem matou meu melhor amigo. “O que Vlad acha?”

Maximus parou de andar e se virou com um olhar impenetrável em seu rosto. “Não contei a ele sobre a explosão, muito menos que você sobreviveu.”

“Por que não? Nós terminamos, mas duvido que ele ficasse feliz em ouvir que alguém tentou me *matar*.”

Maximus não disse nada. Por baixo daqueles traços rudes e fechados, captei um sinal de pena. Então entendi.

“Não,” sussurrei. “Ele não faria isso.”

Maximus emitiu um suspiro sombrio. “Oh? Você chegou tão perto de humilhá-lo quanto qualquer um desde que Szilagyi forjou sua morte séculos atrás. E você viu como Vlad reagiu àquilo.”

“*Eu humilhei ele?*” Se eu não estivesse tão despedaçada pela morte de Marty, eu teria dado risada. “Eu disse a Vlad que eu o amava só para que ele deixasse bem claro qual foi sempre a minha posição na vida dele, o que era apenas alguns níveis acima de ‘colega de cama morta-viva.’”

“Verdade,” Maximus respondeu sem hesitação, “mas isso foi mais do que ele ofereceu a qualquer outra de suas amantes, mesmo assim você o recusou. E então você teve a ousadia de deixá-lo.”

“Ousadia?” repeti sem acreditar.

“Nenhuma mulher já deixou Vlad. Cynthiana, sua amante antes de você, até mesmo seduziu Shrapnel tentando enciumar Vlad depois que ele terminou as coisas entre eles.”

“Funcionou?” Não pude deixar de perguntar.

“Além de cortar sua proteção para Cynthiana porque ela, insensivelmente, usou Shrapnel para ganho próprio, ele não se importou.”

“Quanto tempo Vlad esteve com ela?”



Maximus pensou por um momento. “Cerca de trinta anos.”

Eu estava incrédula. “Isso é mais tempo do que eu estou viva! Se Vlad se afastou *daquele* relacionamento sem olhar para trás, provavelmente ele já me esqueceu.”

Maximus olhou para mim antes de continuar a andar. “Não é provável. Independente do que ele sinta ou não por você, sua dupla rejeição irá queimá-lo por anos.”

O suficiente para estimulá-lo a me assassinar? O pensamento me fez sentir como uma vítima de afogamento que tinha sido mergulhada mais uma vez.

“Vamos dizer que Vlad me queira morta. Duvido que ele tenha sido tão covarde a ponto de forjar uma explosão de tubulação de gás quando podia ter me matado enquanto eu ainda estava em seu castelo.”

“Sim, mas então ele teria que matar Gretchen e seu pai também, fazendo o negócio todo parecer muito emocional da parte dele.” Uma espécie de cinismo substituiu a pena em seu rosto. “Ser emocional é visto como fraqueza entre vampiros. Vlad sabe que seus inimigos iriam cair sobre ele como lobos se suspeitassem dessa fraqueza nele.”

Primeiro a morte de Marty, então perceber que a explosão foi destinada a mim, agora a sugestão de que meu ex-namorado poderia estar por trás disso. Fechei os olhos. Quanto mais eu poderia aguentar?

“Você é o braço direito de Vlad” foi o que eu disse depois de uma pausa prolongada. “Ele não lhe diria se planejasse me matar?”

Maximus estava em silêncio por muito tempo, abri meus olhos. “O que agora?”

“Não acho que elealaria,” Maximus disse finalmente. “Ele saberia que eu teria um problema com isso e por que causar tensão na minha lealdade se ele não precisasse? Ao invés disso, ele teria ordenado que outra pessoa fizesse sua morte parecer um acidente. Se eu não estivesse aqui, eu até poderia ter acreditado.”

De volta àquela pergunta. “Por que você estava aqui?”

Ele suspirou, voltando a cama na frente da minha. “Em parte porque eu queria ter certeza de que Marty realmente deixaria você ficar com ele mesmo a tendo substituído por aquela outra garota. Você precisa de sangue de vampiro para impedir que seus níveis de eletricidade a matem. Se Marty não continuasse o fornecendo, eu teria feito outros arranjos. Mas principalmente,



Leila, eu não voltei para a Romênia por causa de como eu me sinto em relação a você.”

Se eu não estivesse sobrecarregada de tristeza, eu teria ficado chocada. Assim sendo, eu só pude demonstrar fraca surpresa.

Maximus se inclinou para frente, escovando meu cabelo para trás.

“Eu lhe disse quando nos conhecemos, você é linda, segura de si e suas habilidades me fascinam. Eu também vi sua coragem, sua lealdade e sua força ao deixar um homem que você amava porque você sabia que ele nunca a amaria.”

Mais surpresa, mas aquilo era trivial comparado a minha angústia e a crescente necessidade de vingar meu melhor amigo e a garota que nunca teria uma chance verdadeira na vida.

“Maximus, você é muito atraente e eu estou lisonjeada, mas eu não posso nem pensar sobre isso agora.”

Ele se inclinou para trás, um pequeno sorriso curvando sua boca. “Eu sei, mas nós *vamos* ter essa conversa novamente.”

Não discuti. Eu estava ocupada demais tentando imaginar quem estava por trás daquela explosão. Eu ainda duvidava que fosse Vlad, mas se Maximus achava que era possível, eu não deveria jogar a cautela ao vento descartando a ideia automaticamente.

Além do mais, mesmo que eu estivesse certa e Vlad não estivesse por trás disso, eu duvidava que notícias sobre minha suposta morte o abalasse. Ele saiu do caminho para provar que eu não significava muito para ele.

Afastei aquele pensamento antes que me deixasse mais para baixo do que o estado ‘fundo do poço’ em que eu me encontrava. “Preciso de algumas roupas.”

Maximus se levantou e procurou na mala sobre a cama. Então ele retirou uma camisa e um par de cuecas samba canção.

“Não vão servir, mas o fogo queimou suas roupas e eu não tive tempo de conseguir outras novas para você.”

“Essa está bem,” eu disse, aceitando a trouxa de roupas. Assim que as toquei, imagens sem cor explodiram em minha mente.

Enfiei minhas roupas na mala e então a fechei. Hora de levar Leila para casa. Ninguém esperava que ela deixasse Vlad, porém ela o deixou e logo ela estaria com um oceano de distância dele. Sorri ao pensar nisso. Ela pode ter



me recusado uma vez, mas aquilo foi antes de ela perceber que Vlad não podia dar o que ela precisava. Eu podia e, agora, eu finalmente tinha uma chance real de mostrar isso a ela.

“Maximus,” sussurrei assim que o quarto de hotel com suas paredes amarelas pútridas me rodeassem novamente. “*Voltou!*”



Capítulo Oito

Maximus pegou um isqueiro e o acendeu. Coloquei a mão sobre a chama—e imediatamente a puxei de volta com um grito.

“Isso machuca!”

Ele fechou o isqueiro. “Você está dizendo que por várias semanas não doía porque a aura de Vlad lhe deixou à prova de fogo?”

“Isso. O fogo passava sobre mim como faz com ele. De que outra forma você explica eu ter sobrevivido à explosão que foi tão intensa que destruiu o trailer onde eu estava?”

E matou outro vampiro, eu não disse em voz alta. Se eu insistisse com a morte de Marty, eu começaria a soluçar e não iria parar.

“Estar em chamas tão intensas deve ter esgotado os restos da aura dele em você,” Maximus disse com um tom pensativo. Então ele franziu a sobrancelha. “Vlad me contou sobre suas habilidades não funcionando bem. Por que ele não me contou isso?”

Suspirei. Eu não queria falar sobre Vlad agora. “Talvez porque ele nunca tivesse feito isso antes e ele quisesse manter sua habilidade de tornar alguém à prova de fogo temporariamente um segredo?”

“Talvez,” ele meditou.

Eu não me importava por que Vlad não tinha contado a ninguém. Minha imunidade ao fogo se foi, minhas habilidades estavam de volta e alguém que tinha tentado me matar tinha assassinado meu amigo mais próximo, uma garota inocente e muitos outros também. Encontrar essa pessoa e fazê-lo pagar era meu novo objetivo de vida.

“Ok, captar impressões de um objeto funciona. Vamos ver se eu ainda posso encontrar alguém no presente.”

Assim dizendo, esfreguei o criado-mudo com a mão direita. Mesas, maçanetas e outros ornamentos eram áreas de alto tráfego de impressões emocionais. Imediatamente múltiplas imagens passaram pela minha mente. Vasculhei entre elas até encontrar o rastro mais forte. Então eu me concentrei nele, procurando a pessoa na outra extremidade desse rastro invisível de energia vital.



O quarto de hotel se transformou em um escritório decorado em tons de bege. Um homem de quarenta e poucos anos sentado atrás de uma mesa, equilibrando o telefone com o ombro enquanto pegava um bloco de anotações.

“Não, não é isso o que concordamos,” ele disse enquanto rabiscava. “Eu não me importo com o que o advogado dela quer... pelo amor de Deus, ela já está conseguindo metade do meu salário em pensão alimentícia e pensão para as crianças!”

Apesar de tudo estar levemente nebuloso como eram as imagens no presente, a palavra VADIA no bloco de notas era clara. *Você não devia ter continuado a trair sua esposa em hotéis baratos*, pensei, largando o link e voltando a realidade.

Maximus olhou para mim sem piscar. “Funcionou?”

“Sim.”

Uma antecipação cruel começou a inchar dentro de mim. Agora eu poderia começar a caçar a pessoa que matou Marty. Eu ainda não acreditava que era Vlad, mas se eu estivesse errada...

“Maximus, obrigada por me tirar dos escombros, me curar e trazer aqui. Eu lhe devo a minha vida.” Fiz uma pausa e respirei fundo. “Mas agora você precisa ir.”

Ambas as sobrancelhas douradas se ergueram. “O quê?”

“Se Vlad está por trás disso, não posso confiar em você,” eu disse simplesmente. “Você pode gostar de mim, mas nós dois sabemos que você não vai trair séculos de lealdade por um capricho passageiro.”

Esperei várias reações. Uma risada que parecia o som de pedras sendo moídas não era uma delas.

“Você não me conhece tanto quanto pensa,” ele disse, e então agarrou minha mão direita. Meu poder respondeu, me arrancando do presente para o passado dele.

Múltiplos ferimentos me cobriam, mas eu estava triunfante. A Cidade Sagrada era nossa mais uma vez.

“Allah Akbar!” uma voz lamentou acima dos nossos gritos de vitória.

Tolos. Se o deus deles fosse realmente grande, nós não teríamos retomado Jerusalém. Os sobreviventes da batalha, a maioria mulheres e crianças, nos olhavam com ódio, assustados.



Então a voz de meu primo Godfrey se fez ouvir. “Homens de Deus! Destruam a imundície que sujou Jerusalém. Não deixem ninguém sobreviver!”

Congelei. A luz do sol brilhava em centenas de espadas enquanto os soldados levantavam suas armas. Então as espadas se baixaram acompanhadas de gritos altos.

“Obedeçam! O cavaleiro mais próximo a mim encorajou. Ele não mostrou hesitação quando golpeou aqueles em sua frente.

“Deus quer isso!” Godfrey continuou a urrar enquanto se juntava à destruição. “Devemos limpar essa cidade!”

Uma forma se jogou em minha direção. Por reflexo, eu a peguei, olhando para baixo, para o rosto manchado de lágrimas de um garoto, seus olhos castanhos arregalados enquanto ele soluçava um apelo de misericórdia em sua língua nativa.

Abruptamente, ele tombou, sangue jorrando de sua boca. O cavaleiro perto de mim arrancou sua espada pingando sangue das costas do menino.

“Nós temos ordens,” ele grunhiu. “Não recuse. É a vontade de Deus!”

Soltei o garoto sem vida. Então, com a mandíbula cerrada, levantei minha espada e comecei a ir em direção dos sobreviventes.

Recuei daquela horrível lembrança com lascas de eletricidade saindo da minha mão. Em algum momento, Maximus a tinha soltado, sábio, já que agora eu queria direcionar aquelas correntes a ele.

“Eu sei o que você viu,” ele disse sem rodeios. “Isso está gravado para sempre em meus pesadelos. Pelo bem da lealdade, uma vez segui uma ordem terrível. Depois, a culpa quase me destruiu. Eu não serei aquele homem novamente. Vlad é implacável quando protege sua linhagem e acontecem de ter vítimas de guerra, mas ele nunca assassinou mulheres inocentes ou crianças. Se isso mudou, então minha lealdade para com ele também mudou, mas não pelo seu bem. Pelo meu.”

Olhei para Maximus. Eu esperava que ele tivesse um pecado sombrio— a maioria das pessoas tinham, especialmente vampiros com séculos de idade—mas eu não tinha antecipado o que ele me mostrou.

“Como você pôde ter lutado naquela batalha e ser transformado em vampiro por Vlad?” finalmente perguntei. “As Cruzadas não aconteceram centenas de anos antes de Vlad nascer?”

Ele sorriu firmemente. “Elas aconteceram, mas os Nobres do Templo de



Salomão tinham rituais secretos. Um deles envolveu beber sangue ao invés de vinho em uma imitação da Última Ceia. Para os membros dos oito Templários, como eu era, o sangue não era humano, apesar de não sabermos. Achávamos que o aumento de nossa força e cura acelerada vinha de Deus.”

“Você foi enganado a beber sangue de vampiro?” Uma bufada irônica. “Já aconteceu comigo. Quando você descobriu o que era?”

“Séculos depois quando conheci Vlad. Na verdade, foi um alívio. Eu achava que não podia envelhecer porque Deus queria continuar me punindo por derramar sangue inocente em Seu nome.”

Um pouco da raiva que eu sentia se dissipou. O que Maximus tinha feito foi terrível, mas ele viveu com a culpa por mais tempo do que eu podia imaginar. Ele não precisava de mais recriminações vindas de mim.

“Hum... tudo bem.”

Uma resposta tão trivial, mas muito tinha acontecido nas últimas horas. Esfreguei minha cabeça, sentindo a essência de Vlad expandir debaixo dos meus dedos. Ele tinha deixado impressões em tudo quanto era canto em mim. Baixei a mão, não querendo me conectar a ele acidentalmente. Com sua habilidade de ler mentes, ele era uma das poucas pessoas que podiam dizer quando estava sendo psiquicamente espionado. Foi como nos conhecemos e, para o caso improvável de que ele *tivesse* tentado me matar, eu não ia deixá-lo saber que tinha falhado.

Meus olhos queimavam perante tal pensamento, mas eu forcei a dor a retroceder. *Sobrevivência primeiro, depois coração partido*, eu me lembrei tristemente.

“Preciso voltar ao circo,” eu disse a Maximus, “e você não pode vir comigo.”



Capítulo Nove

Estou *ridículo*.”

Não me virei, mas continuei a andar com passos largos através dos escombros do estacionamento dos funcionários como se eu pertencesse ao lugar. Passamos por alguns repórteres misturados com a multidão de curiosos. A explosão trouxe os idiotas assim como aqueles que estavam de luto.

“Foi você quem insistiu em vir.” Falei tão baixo que só ele podia me ouvir. “Pelo menos você não parece mais a reencarnação de Eric o Vermelho*, o que, por sinal, chama a atenção.”

**Personagem de gibi, um explorador Viking.*

Ele zombou. “E isso não chama?”

Agora eu realmente olhei para ele, observando o cabelo espesso negro que cobria cada centímetro de sua pele exposta e as sobrancelhas pronunciadas que apliquei com cola e argila modelada. Considerando a falta de tempo, eu fiz um bom trabalho fazendo ele parecer que tinha Hipertricrose, mais conhecida como doença do lobisomem.

“Em um circo não é.”

Meu disfarce era menos dramático. Eu vestia uma peruca loira de cabelos curtos que combinava com a cor da minha nova barba desgrenhada, além de um quilo de próteses de gel para me darem os seios tamanho GG que a natureza nunca deu. Minha cintura e bunda estavam acolchoadas do mesmo jeito, completando minha imagem em proporções irreconhecíveis. Maquiagem de palco cobria minha cicatriz onde a barba deixava a mostra e óculos escuros completavam minha aparência incógnita. Bem, incógnita para um circo. A maioria deles tinha pelo menos uma mulher barbada.

Pelo olhar que o policial barrigudo nos deu, tivemos sucesso em nos misturar.

“Eu disse para vocês manterem distância,” ele gritou.

Levantei meus peitos falsos mais alto do que a fronteira do decote. “Meu trailer mal foi danificado,” eu disse, apontando para o trailer que tinha a menor quantidade de fuligem. “Por que não posso entrar para pegar minha bolsa? Preciso de dinheiro para pagar por um quarto de hotel!”



“Você percebeu a grande explosão, certo? Assim que terminarmos nosso trabalho, todo mundo pode vir para pegar suas coisas. Até lá, fique com um amigo. O lobo não tem uma matilha para quem possa ligar?”

O policial se virou para ir atrás de sua cáustica evidência, mas o rosnado de Maximus o fez parar. Acho que ele estava levando seu novo disfarce a sério.

“Você quer que eu—” o policial começou, apenas para cair em silêncio quando o olhar de Maximus se iluminou, o hipnotizando imediatamente.

“Deixe-nos passar,” ele disse com uma voz baixa e ressonante.

O policial balançou a cabeça. “Absolutamente.”

Havia dias em que eu invejava os vampiros. Esse era um deles. “Que bom que você veio. Eu odiaria ter que esperar e arriscar que eles apaguem todos os traços da essência do assassino,” murmurei quando Maximus e eu passamos por baixo da brilhante fita que isolava a cena do crime.

Mesmo com o cabelo falso, captei sua expressão desgostosa. “Eu também.” Então para o mais novo policial submisso, ele disse, “Ande conosco. Se alguém perguntar, somos testemunhas que você está interrogando.”

Considerando todos os policiais, bombeiros, funcionários da companhia de gás e outras pessoas correndo por lá, tínhamos poucos minutos antes de sermos parados. Com nosso novo acompanhante, fomos em direção ao trailer de Marty.

Mesmo várias horas depois da explosão, o ar ainda estava espesso com a mistura de gás, borracha queimada e outras coisas que seria melhor nem falar. Eu me forcei a não vomitar, mas a vontade era forte. Assim como era a vontade de cair em lágrimas quando vi a concha oca e escurecida que serviu como lar para mim e Marty por anos. Metade dele se foi, ou se desintegrou devido ao calor feroz ou explodiu em inúmeras partes.

Olhar para o trailer arruinado fez com que a realidade da morte de Marty me atingisse. Uma parte pequena e tola esperava, secretamente, que ele tivesse sobrevivido e não tivesse me ouvido quando eu estava chamando por ele na noite passada. Aquela esperança se extinguiu assim como a vida dele quando a explosão aconteceu. A destruição era tão completa que eu duvidava que eles encontrassem restos mortais suficientes para eu enterrar. Apesar da minha determinação, um rastro molhado deslizou pela minha bochecha.

“Não,” Maximus disse suavemente. “Esse não é o momento.”

Sequei a lágrima errante e endireitei os ombros. Ele estava certo. O luto viria mais tarde. Agora, eu tinha que encontrar quem apagou a vida de Marty.



Porém olhando ao redor, eu não tinha certeza por onde começar. A cratera maior em frente ao que costumava ser o trailer de Marty? Um pouco mais distante, na tubulação de gás?

“O que você encontrou até agora?” Maximus perguntou. Eu me virei, mas a pergunta não foi dirigida a mim.

“Os últimos focos de incêndio foram apagados há apenas duas horas atrás, então não muito,” o policial respondeu em tom monótono. Seus olhos castanho-claros estavam fixados em Maximus como se estivessem colados. “Cinco mortos, mais três desaparecidos. A companhia de gás desligou a energia então estamos checando os canos. Encontramos algo em um poço perto de um pedaço de cano retorcido—”

“Mostre-me,” Maximus interrompeu.

O policial começou a andar em direção a área coberta por uma tenda cheia de pessoas usando jaquetas ATF*. Puxei Maximus pela manga.

**Um departamento do FBI.*

“Há muitos deles,” sussurrei.

“Volte,” Maximus disse ao policial, que o obedeceu imediatamente. “Pegue o objeto e nos encontre no lado leste fora da barricada. Não deixe ninguém saber o que você está fazendo.”

O policial partiu. Segui Maximus para a parte da barricada onde havia a menor quantidade de espectadores. Depois de dez minutos, o solene policial estava de volta.

“Aqui,” ele disse, retirando um saco debaixo de sua camisa.

Eu o peguei, minhas luvas espessas de borrada dissipavam qualquer preocupação com impressões digitais. Elas foram a prioridade seguinte depois que Maximus comprou tudo que precisávamos para nossos disfarces. Então levantei o saco, fazendo uma careta. O celofane claro revelava alguns pedaços de arame retorcidos e o que parecia ser um pedaço de plástico.

“É isso?”

O oficial assentiu. Maximus me chamou para uma cabana solitária cerca de trinta metros dali. Antes da noite passada, ela era uma lanchonete para atender ao público que vinha assistir os espetáculos. Agora ela estava vazia, o cheiro forte de fumaça química substituindo os aromas de pipoca, algodão doce e bolinhos. Dessa vez eu deixaria impressões digitais, mas eu não tinha escolha. Então esfreguei o pedaço de plástico.



A primeira coisa que revive foi um investigador encontrando esse pedaço de plástico. Devido aos seus pensamentos, eu soube que não era plástico, mas titânio, um material usado, algumas vezes, em fabricação de bombas. Por baixo disso, eu tive a leve impressão de outra pessoa cavando no escuro, mas o rastro de essência era fraco demais. O fogo deve ter queimado a maioria dos traços.

“Você estava certo. Não parece um acidente,” eu disse.

“Eu sabia,” Maximus murmurou. “Você viu quem fez isso?”

“Não.”

Em seguida, esfreguei um dos arames, desapontada quando as únicas impressões eram de outro investigador da cena do crime. Então eu toquei o último arame e a lanchonete desapareceu.

Eu assobiava enquanto pressionava os fios ao plástico, então usei pinça cirúrgica para torcer as pontas ao redor do gatilho. Depois de examiná-los, fechei a tampa sobre o dispositivo e me inclinei para trás, tirando minha máscara. Pronto. Sem dúvida meu melhor trabalho. Pena que ninguém apreciaria seu desenho intrincado, mas a maior parte dele iria desintegrar na detonação. Assim como o cliente queria.

A imagem se dissolveu e eu estava de volta à lanchonete com um vampiro enorme disfarçado de lobisomem. Sorri para Maximus com uma frieza que não achei que eu seria capaz de ter.

“Já sei quem fez a bomba.”



Capítulo Dez

8eu nome era Adrian e levou dois dias me conectando a ele para saber onde ele vivia. Uma das desvantagens de encontrar pessoas no presente era não estar dentro de suas mentes. Pessoas não tinham seus endereços tatuados em seus antebraços, então determinar suas localidades nem sempre era fácil. Adrian também não me ajudou naquele primeiro dia. Ele mais dormiu.

Na manhã seguinte, ele caminhou até o Starbucks local, pediu uma dose dupla de café expresso e então leu as notícias em seu iPhone. Vinte minutos mais tarde, Maximus e eu estávamos a caminho de Chicago.

Ele dirigia. Cavalheirismo ou obsessão por controle, eu não sabia, e depois de várias horas, eu não me importava. Eu tinha ficado a maior parte da noite anterior tentando determinar a localização de Adrian. Além da falta de sono, me conectar a alguém por longos períodos de tempo me drenava. Eu estava determinada a ficar acordada para o caso de Maximus mudar de ideia sobre dividir a direção, mas em algum ponto entre Atlanta e Chicago, eu adormeci.

Eu flutuava sobre um corredor branco. Portas em cada uma das exterminadas, uma delas era ampla, com um teclado e computador e uma mulher de cabelos cacheados estava sentada ao lado, as outras tão indefinidas que eram monótonas.

O segundo conjunto de portas se abriu e Vlad entrou. Seu casaco estava aberto, as laterais flutuando como asas negras. Eu arfei, tentando desaparecer no teto, mas ele não parecia me notar. Ele continuou a andar pelo corredor com um ritmo que fazia com que a médica atrás dele tivesse que correr para acompanhar.

A guarda de cabelos encaracolados se levantou. “Quem é você?”

“Cale a boca e abra aquela porta,” Vlad rosnou.

Ele passou por mim, então eu não pude ver se seus olhos estavam iluminados. Mesmo que não estivessem, a violência mal contida em sua voz deve ter sido o suficiente para a guarda. Ela digitou alguns números no teclado e a porta ampla se abriu.

Assim que o médico o alcançou, Vlad o agarrou pelo colarinho, o tirando do chão. “Agora, mostre-me o corpo dela.”



Outro rosnado que soava como a promessa de sepultura. O médico assentiu tanto quanto o punho de Vlad ao redor de seu pescoço permitiu. Vlad o largou e assim que ele se endireitou, o médico correu para dentro da sala, Vlad bem atrás dele.

Eu sabia que devia sair, mas não pude evitar flutuar através da porta aberta. Antes de eu chegar até ela, ouvi um som metálico e então o tom áspero de Vlad falando “Agora saia.”

O médico correu para fora da sala, sua cabeça passando através das minhas pernas quando seu corpo brevemente convergiu com o meu. Meu estado sem forma devia ter me preocupado, mas eu estava estranhamente indiferente. Se eu estivesse morta, não havia nada que eu pudesse fazer para mudar aquilo. E mais, enquanto eu não tivesse um corpo real, Vlad não saberia que eu estava aqui. Flutuei passando pela guarda, que estava encolhida atrás da cadeira, murmurando alguma coisa que parecia uma prece.

Mesmo que ninguém pudesse me ver até agora, eu só espiei para dentro da sala. Ela tinha várias mesas de metal, uma pia longa com várias bacias e uma parede inteira do que pareciam ser armários de aço quadrados.

Vlad estava de pé ao lado de um armário aberto na parede. Uma prancha sustentava um saco plástico preto que se projetava em sua frente. Sua cabeça estava abaixada, os cabelos negros escondendo sua expressão enquanto ele abria o zíper do saco. O fogo o envolveu das mãos até os ombros quando ele olhou para o que tinha lá dentro. Então, muito lentamente, aquelas chamas se extinguíram quando ele colocou a mão dentro do saco.

Agora eu sabia onde eu estava. Um necrotério, e apesar de eu ter uma boa ideia do que estava dentro do saco, eu tinha que ter certeza. Flutuei sobre ele, me mantendo perto do teto, e olhei para baixo.

Minha primeira surpresa foi o pouco que o saco continha. Um crânio, dois fêmures e uma coluna vertebral composta de pedaços grandes o suficiente para eu identificar. Depois disso, ninguém sabe o que eram os outros pedaços menores carbonizados. Minha próxima surpresa foi ver Vlad acariciar os ossos. Ele traçou a curva da coluna, o comprimento dos fêmures e então o crânio, tudo com um toque tão gentil que mal os perturbou. Eu ainda não podia ver seu rosto, mas a luz que atravessava seus cabelos era tão intensa que eu meio que esperava que queimasse os ossos como dois lasers de esmeralda.

Meu maior choque foi ouvi-lo suspirar, “Leila,” enquanto acariciava os ossos. Ele achava que eram meus? Mas Vlad estava na Romênia e eu supostamente tinha sido explodida em pedacinhos na Geórgia—

Espere. Vlad tinha falado com a guarda e médico em Inglês. Olhei ao redor. As placas estavam em Inglês também. Será que Vlad foi até Geórgia ao



ouvir sobre minha suposta morte?

Se fosse isso, eu gostaria de saber o que ele estava sentindo nesse momento! Satisfação, caso ele realmente estivesse por trás daquela bomba na tubulação de gás? Ou tristeza, caso outra pessoa a tivesse colocado lá e ele achasse que o conteúdo desse saco fosse tudo o que restou de mim?

Sua cabeça permaneceu abaixada, escondendo sua expressão. Olhe para cima, Vlad! Urrei silenciosamente. Se ele sorrisse enquanto acariciava os restos, confirmaria minhas piores suspeitas, mas e se ao invés disso, a tristeza estivesse gravada em seu rosto?

De repente, ele olhou para cima—e parecia estar olhando diretamente para mim. Isso ainda não respondia minha pergunta. Seu olhar estava tão brilhante que sua expressão ficava borrada.

“Leila.”

Eu me sacudi, mas não era Vlad que dizia meu nome. Era a voz de outro homem, acompanhada por um forte empurrão. Abri os olhos em estado de alerta, o necrotério se transformando no assento da frente de um carro. Maximus soltou meu ombro, franzindo a testa antes de voltar a atenção para a estrada.

“Deve ter sido algum sonho. Você começou a tremer.”

Eu não duvidava disso. Minhas mãos ainda tremiam e eu continuava olhando ao redor do carro como se esperasse que Vlad aparecesse magicamente. Eu tive sonhos vívidos antes, mas nenhum jamais pareceu *tão* real.

Olhei para minhas mãos, aliviada que eu ainda estava usando minhas luvas. Elas não apenas bloqueavam minhas correntes elétricas, mas também bloqueavam minha habilidade de me conectar acidentalmente com alguém. Não que eu já tivesse me conectado a alguém enquanto eu dormia. Para me conectar precisava de concentração e dormir era o oposto de concentração.

“Você ainda está tremendo. Você está bem?”

“Sim,” respondi. “Não é nada. Nem ao menos me lembro sobre o que era o sonho.”

Sua levantada de sobrelance dizia, *Papo furado*, de forma mais eloquente do que palavras, mas ele não forçou e eu fingi que não tinha mentido.

“Agora que você está acordada, conecte-se ao cara da bomba. Estamos



a apenas uma hora de Chicago. Se ele não estiver em casa, quero saber para onde ele foi.”

Boa ideia. Peguei a bolsa que eu tinha prendido no suporte de bebida e tirei minha luva direita. Devolvemos o saco plástico de evidências para o policial com um pedaço de arame a menos.

Esfreguei aquele arame, contornando as primeiras imagens para me focar na reprise de Adrian assobiando enquanto fazia a bomba. Sua impressão estava tão forte quanto antes, mas quando tentei seguir até sua fonte, me deparei com uma parede de tijolos de... nada.

Tentei novamente, me concentrando até que os sons do trânsito diminuíssem para ruídos suaves. Apesar de eu me focar com toda a vontade, eu não podia encontrar nada no fim daquele traço de essência.

“Ele ainda está em casa?” Maximus pressionou.

Frustração misturada com um sentimento de mau presságio. “Não sei. Não posso vê-lo. Ou estou temporariamente sem poderes ou...”

Não precisei terminar a frase. Os lábios de Maximus se apertaram em uma linha dura. Então ele pisou no acelerador.

As luzes piscando, a fita de cena de crime e o cheiro de fumaça estavam ficando familiares demais. Tivemos que estacionar a um quarteirão de distância já que a rua em que Adrian vivia estava interditada. Apesar de eu não poder ver nenhum número de casa a distância, eu apostava que a casa de Adrian era aquela onde os bombeiros ainda estavam usando mangueiras.

“Filho da puta,” Maximus proferiu.

“Quem quer que esteja por trás disso não deve gostar de pontas soltas,” respondi, enquanto por dentro, eu xingava. Eu duvidava que esse fosse um caso de detonação de bomba acidental enquanto Adrian mexia com ela, porém eu estava certa de que tinha sido encenado para que parecesse assim.

Nós ainda tínhamos a chance de ver o que realmente aconteceu, mas precisávamos nos apressar. Mesmo que o assassino ainda estivesse na área, ele não ficaria por muito tempo.

“Maximus, vá lá e pegue um osso do corpo para mim.”

Confusão brilhou em seu rosto. Então ele sorriu. Essa foi a última coisa que vi antes de ele correr em alta velocidade, me lembrando um grande leão.



Menos de um minuto depois, ouvi um tiro e a sirene da polícia. Então ele estava de volta com um grande pedaço de alguma coisa carbonizada em sua mão.

“Vamos,” ele disse imediatamente.

Fiz uma careta com o cheiro de carne queimada. Se eu sobrevivesse a tudo isso, talvez eu me tornasse vegetariana. O fedor não parecia incomodar Maximus. Ele enfiou o pedaço em seu casaco e me levou de volta ao carro quando mais sirenes começaram a disparar. Provavelmente os policiais não tinham visto todos os detalhes do que acabou de acontecer, mas pelos sons, eles sabiam o suficiente para estarem alarmados.

Entreí no carro, segurando o vômito quando o interior fechado fez o fedor ficar ainda pior. Maximus rapidamente nos tirou de lá. Depois de alguns minutos, ele tirou o pedaço escuro de seu casaco e jogou no meu colo enquanto murmurava “Aqui.”

Não pude evitar—eu gritei. Ele pisou no freio, fazendo o negócio bater no para-brisa com um estrondo. Eu gritei novamente quando ele caiu de volta no meu colo, manchando minhas calças com fuligem e coisas mais espessas e nojentas.

Ele olhou ao redor, uma mão na direção, outra segurando uma grande faca de prata.

“O que há de errado?”

“O que há de errado?” eu repeti, dias de tristeza contida e stress fazendo minha voz soar esganiçada. “Você jogou uma parte de corpo queimada em cima de mim sem nem ao menos avisar, *isso* é o que há de errado!”

Ele uniu as sobrancelhas. “Mas você me pediu para pegar isso.”

“Eu sei que pedi!”

Frustrada, tirei o cabelo da frente do meu rosto só pra sentir algo pegajoso. Uma olhada para minha mão enluvada foi a gota d’água. Eu tinha acabado de sujar minha bochecha com aquela coisa pegajosa e escura do cara da bomba.

Joguei a parte do corpo na direção de Maximus e sai do carro. Minhas luvas viscosas foram em seguida enquanto eu corria para a calçada mais próxima. Então tirei a jaqueta, mas antes de eu jogá-la, eu a amassei e esfreguei furiosamente minha bochecha. Minha camisa também tinha manchas revoltantes, então ela também voou, me deixando apenas de sutiã, jeans e tênis. Corri pela calçada sem ter ideia alguma do que eu estava fazendo ou onde eu estava indo. Tudo que eu sabia era que eu não podia aguentar estar



coberta com a gosma fedida do cara que tentou me matar por nem mais um segundo.

“Leila!”

Eu ignorei o grito, não que isso importasse. Maximus me pegou em um segundo, me girando para olhar para ele.

“Não toque em mim,” eu gritei, o pensamento racional substituído por uma mentalidade de animal ferido. “Ele está em você todo!”

Seu casaco e camisa estavam no chão antes que eu pudesse piscar. A essa horas, as lojas ao nosso redor estavam fechadas, mas as luzes dos postes da rua mostravam cada centímetro da parte superior de seu corpo em relevo. Como Vlad, Maximus tinha muitas marcas desbotadas de antigas cicatrizes, mas diferente de Vlad, seu peito era liso. Sem pelos encaracolados, apenas pele limpa e pálida esticada sobre músculos que ondulavam quando ele me envolveu com seus braços. Ele não hesitou quando correntes elétricas passaram para ele quando tocou minha pele nua. Ao invés disso ele me puxou para mais perto.

“Está tudo bem,” ele disse suavemente. “Você está a salvo agora.”

Não percebi o quanto eu precisava ouvir isso até que ele disse. Toda a dor, solidão e tristeza das últimas duas semanas se elevou, procurando consolo onde pudesse ser encontrado. Eu não sei se ele inclinou a cabeça ou se eu levantei a minha. Tudo que eu sabia era que ele estava me beijando e, pela primeira vez, desde que toda essa terrível provação começou, eu não me sentia sozinha e rejeitada.

Quando sua língua escorregou para dentro da minha boca, eu a acolhi. Ele já me beijou antes, meses atrás e, naquela época, senti um prazer suave, mas nenhuma emoção real. Dessa vez, eu estava tão cheia de solidão dolorida que eu explorei sua boca tão sofregamente quanto ele explorou a minha. Não importava que ele não fosse o homem que eu amava. Tudo que importava era que ele estava aqui.

Depois de um bom tempo, Maximus se afastou.

“Eu gostaria de não me importar tanto com você.”

“O quê?” Perguntei sem fôlego. Vampiros podem não precisar de oxigênio, mas eu não podia beijar daquele jeito sem pagar um preço.

Seus olhos pareciam a luz do semáforo que estava ali perto de tão verdes que estavam. “Você está super estressada, super cansada e emocionalmente vulnerável. Não vou tirar vantagem disso, mas se eu me importasse menos com você, Leila”—sua voz ficou mais profunda—“nós



estariamos no beco mais próximo com suas pernas enlaçadas em torno da minha cintura agora mesmo.”

O calor devia ter inflamado perante aquela imagem explícita. Ao invés disso, um balde de gelo de vergonha caiu sobre mim. O que eu estava fazendo? Apesar das minhas ações, eu não queria começar nada com Maximus. Eu queria encontrar o assassino de Marty—que esperançosamente não seria Vlad—matar essa pessoa e então ficar de luto pelo meu melhor amigo enquanto eu colocava minha vida em ordem. Envolver-me com o braço direito do meu ex não estava em lugar nenhum da minha lista.

Maximus deve ter sentido a mudança porque ele me soltou, seu olhar passando de verde esmeralda brilhante para cinza esfumaçado.

“Exatamente o que eu disse,” ele falou com secura entalhada em cada palavra.

Cruzei os braços sobre o peito, desejando que eu não tivesse jogado fora meu casaco e camisa. “Desculpe. Eu não quis, ah—”

“Deixe,” ele disse de forma ríspida. Então sua voz suavizou. “Eu entendo. Você precisava sentir alguma coisa boa no meio de tudo desmoronando em torno de você, mesmo que fosse só por um momento. Humanos não tem um monopólio nisso, Leila. Vampiros também precisam disso às vezes.”

Então ele pegou sua camisa e casaco descartados, me dando uma única olhada firme antes de se virar.

“Mas agora, precisamos voltar para o carro e então você precisa descobrir quem matou aquele cara que fez a bomba.”



Capítulo Onze

Não levei muito tempo para encontrar as imagens que eu procurava. Apesar de nada ser mais cheio de memórias do que os ossos de uma pessoa, a morte era um evento que se destacava para todo mundo. Pena que as imagens só passaram como vídeo clipe de um rolo de filme ao invés de eu estar dentro da cabeça de Adrian quando seu assassino chamou.

“Quem é?” Adrian respondeu à batida, como se ele não estivesse olhando do outro lado através de uma câmera de segurança.

“Não seja chato, querido” foi a resposta que ele recebeu.

Arqueei as sobrancelhas. O assassino de Adrian era uma mulher. Ela não tinha mais sotaque que uma cadência bonita em sua fala, mas eu duvidava que sua nacionalidade fosse americana.

Adrian minimizou a tela antes de abrir a porta. A mulher entrou, usando óculos escuros e uma echarpe em volta da cabeça. Para piorar a situação, o que eu podia ver de seu rosto parecia embaçado. Que hora para minha visão psíquica precisar de um ajuste.

“Sinta-se em casa,” Adrian falou lentamente, fechando a porta atrás dela. “Está com sede?”

“Claro,” ela ronronou.

Aquele tom teria gritado Perigo! Para mim, mas Adrian não pareceu notar. “O que vai ser?” ele perguntou.

“Quando terminarmos, seu sangue,” ela respondeu de forma agradável.

Ele se virou, assustado, e então congelou quando ela tirou os óculos. Apesar de seu rosto ainda estar embaçado, o brilho não humano de seus olhos era claro. Eu quase pude ver a força de vontade de Adrian sendo raptada sob aquele olhar hipnótico. Se ele não tivesse feito uma bomba que matou meu melhor amigo, eu teria pena dele.

“Você irá apagar todos os registros de nossas negociações, desde transações bancárias até a câmera de segurança em sua porta,” a mulher declarou.

Não! Pensei, mas claro que isso não mudou as ações de Adrian. Ele foi



até seu computador, carregou um monte de arquivos e então, metodicamente, os apagou. Ele até mesmo apagou backups secundários e arquivos fantasmas também, para minha consternação.

“Feito,” ele disse estupidamente assim que terminou.

A mulher tirou sua echarpe. Tive um vislumbre de cabelo escuro e rico antes de tudo embaçar novamente.

“Hora daquela bebida agora, querido.”

Então ela puxou a cabeça de Adrian para o lado e mordeu seu pescoço. Quando sua morte encerrou a visão, minha frustração cresceu.

Nem uma vez eu dei uma boa olhada em seu rosto.

Um metro e sessenta, cerca de cinquenta e quatro quilos, cabelos escuros e um leve sotaque que poderia ser galês, inglês, escocês ou irlandês.”

Maximus olhou com cara feia. “Isso é tudo que você conseguiu? Uma vampira que *pode* ser do Reino Unido?”

Eu sabia o quanto era inútil essa informação. “Vou tentar me conectar a ela novamente, ver se funciona melhor dessa vez.”

Apesar do meu nojo, pela segunda vez esfreguei o pedaço queimado que Maximus tinha arrancado do corpo de Adrian. Flashes de luz seguiram uma sensação de balanço, mas quando eu me concentrei mais, aquelas imagens perderam a força e comecei a me sentir tonta.

“Leila? Você está bem?”

“Bem. Só um pouco de enjoo por causa do carro,” murmurei, tentando novamente. Depois de pouco tempo, tive um vislumbre de uma mulher usando as mesmas roupas que a assassina de Adrian, mas isso e o cabelo cor de noz foram as únicas coisas que me deixaram ter certeza de que era ela. Suas feições estavam totalmente indistinguíveis. O pequeno quarto azul onde ela estava balançou, o que era estranho. Então toda minha atenção se focou no que ela estava dizendo.

“...não, não foi tão arriscado...eu cuidei disso, querido. Ele está morto, encerrando qualquer chance de que isso seja levado até nós.”

Pelo jeito que falava, ela devia estar no telefone. Olhei para o ponto borrado onde seu rosto estaria, me concentrando, mas ao invés de melhorar,



aquilo fez a nebulosidade piorar.

“Você está exagerando,” ela continuou. “Mesmo que haja suspeita, elas não levarão a lugar algum. O que quer que ela tenha valido para ele viva, é menos perigosa para nós morta...”

Tentei focar mais nela, mas então minha tontura voltou com uma vingança. Meus ouvidos zumbiam também e eu senti algo molhado escorrer deles.

Maximus xingou. Então o carro oscilou tão bruscamente que derrapou, acrescentando uma batida de carro na minha lista de preocupações. Eu não conseguia expressar uma reclamação e agora a única coisa que eu via eram grandes pontos negros. *Isso não pode ser bom*, pensei, pouco antes de algo duro bater na minha testa.

Tive poucos minutos de abençoados nada até que fiquei ciente de que eu estava engasgando com um líquido com gosto de cobre. Tentei cuspir, mas uma mão se prendeu sobre minha boca.

“Engula, maldição!”

Deixada sem alternativa, eu engoli, fazendo careta quando reconheci o gosto. Sangue de vampiro. Um purê de moedas de um centavo teria sido menos repugnante. Abri os olhos para encontrar Maximus agachado sobre mim. Meu sintoma de segurança estava solto e meu assento todo reclinado. Pelo menos ele parou o carro antes de ignorar totalmente a estrada.

“Eca,” eu disse assim que ele finalmente baixou a mão.

Ele não pareceu ofendido tanto quanto aliviado. Foi quando notei que suas duas mãos estavam manchadas de vermelho, assim como a parte da frente da minha camisa. Isso não podia ser tudo de Maximus me forçando a beber seu sangue. Aquela falta de pulso todo significava que vampiros não sangravam muito mesmo quando eram cortados. Acrescente isso ao volante sendo arrancado e eu tinha perdido algo grande.

“O que aconteceu?”

Ele jogou o volante para a parte de trás antes de voltar para o assento do motorista. “Você começou a ter hemorragia pelos olhos, ouvidos e nariz. Então seu coração parou. Tive que fazer ressuscitação cardiopulmonar e te dar sangue para trazer você de volta.”

Ouvir que cheguei tão perto de morrer devia ter me deixado horrorizada, mas tudo que pude falar foi um cansado “Esse dia está uma droga.”

A expressão incrédula de Maximus me fez querer rir, uma resposta



ainda mais irracional, mas o que eu devia fazer? Eu não podia chorar porque isso não consertaria nada e nós não tínhamos tempo para eu ficar me balançando lentamente enquanto tremia, o que era outra coisa que soava atraente.

“Devo estar usando poder demais em pouco tempo,” eu disse. “E mais, não sou mais a prova de fogo, mas os restos da aura de Vlad ainda devem estar bagunçando meu sistema. Entre os dois, eu devia ter adivinhado que meu corpo não poderia aguentar.”

Maximus ainda me olhava como se não pudesse acreditar no meu desleixo em relação a quase morrer. Ignorei isso, dirigindo minha atenção a assuntos mais importantes.

“O que aconteceu com o volante?”

“Estava no meu caminho quando você precisou de ajuda” foi sua resposta.

“Bem.” Forcei um sorriso que deve ter sido a melhor das hipóteses, torto. “Obrigada. Pena que temos que conseguir outro carro agora.”

Seus dentes brilharam em um sorriso sem humor. “Esse é o menor dos nossos problemas.”

Ótimo. “Qual é o pior deles?”

Maximus pegou seu celular e o mostrou pra mim. Ele não tocou, mas a tela estava acesa, mostrando uma chamada sendo recebida.

“Essa é a terceira vez que Vlad tenta entrar em contato. Tenho que atender ou ele vai suspeitar.”

“Você não—!”

Maximus levantou um dedo. “Nem ao menos respire alto,” ele murmurou antes de atender ao telefone com um breve “Sim?”

Congelei quando ouvi a voz de Vlad. Aquela familiar cadência elaborada me afetava tanto que por alguns instantes, eu nem respirei.

“Maximus,” meu ex disse friamente. “Estou interrompendo algo?”

Olhos cinza esfumaçados perfuraram os meus quando Maximus respondeu, “Não, por quê?” em um tom tão casual que eu pisquei. Bom mentiroso, tomei nota para futura referência.

“Porque essa é minha terceira ligação” foi a resposta implacável de Vlad.



Acho que era tarde demais para evitar que ele suspeitasse de algo.

“Deixei meu telefone no carro enquanto encontrava algo para comer,” Maximus disse plausivelmente. “Está tudo bem?”

Mesmo que eu não estivesse a meio metro de distância em um lugar fechado, eu ainda teria escutado a chicotada que Vlad deu como resposta. “Não, está tudo bem. Quando foi a última vez que você viu Leila?”

Não pude evitar—respirei de forma audível. Maximus franziu a testa para mim antes de responder com “Semana passada, quando a deixei no trailer de Marty em Atlanta.”

Vlad não disse nada por tanto algum tempo que eu me perguntei se ele estava falando baixo demais para alguém que não é vampiro poder ouvir. Então Maximus perguntou, “Você ainda está aí?” descartando a ideia.

“Sim.”

Uma palavra, pronunciada tão duramente que eu me acovardei. Algo deixou Vlad furioso. Eu queria agarrar o telefone e exigir saber se ele tinha tentado me matar, mas claro, eu não o fiz. Eu esperei, respirando o mais superficial que eu pude apesar do meu coração disparado.

“Por que você perguntou sobre Leila?” Maximus alfinetou, ainda fazendo um grande trabalho em parecer ingênuo.

Outro silêncio carregado. Então Vlad respondeu, “Ela está morta,” em um tom tão casual que lágrimas brotaram em meus olhos. Mesmo que ele não tivesse ordenado isso, ele não se importava. Ouvir a apatia em sua voz me cortou em lugares que eu nem sabia que tinha.

Devo ter emitido algum som porque Maximus me olhava com cara feia enquanto segurava o dedo em seus lábios no sinal universal para pedir silêncio. Então ele disse, “O quê? Como?” com tal choque acreditável que mentalmente eu o subi do nível Bom Mentiroso para Fantástico Mentiroso.

“Uma tubulação de gás se rompeu perto do trailer de Marty. Me disseram que os dois morreram instantaneamente na explosão. Eu parto para a América hoje a noite para entregar os restos mortais de Leila para sua família.”

Oh merda! No meio disso tudo, tinha esquecido que Gretchen e meu pai também pensariam que eu tinha morrido. Comecei a fazer mímica para Maximus de que precisávamos impedir Vlad, mas ele colocou a mão sobre minha boca, apertando quando eu resmunguei.

“Isso é terrível,” ele disse, baixando o vidro da janela com a outra mão. O barulho do trânsito absorveu meus resmungos, os abafando. Se ele não



tivesse salvo minha vida duas vezes na última semana, eu teria tirado minhas luvas e lhe dado uma dose de eletricidade suficiente para fazê-lo brilhar, mas ele tinha salvo, então tudo que fiz foi olhar furiosa para ele.

Bem, isso e eu o mordi. Ele mereceu.

“Sim, trágico,” Vlad disse, parecendo entediado dessa vez. “Encontre-me em Atlanta amanhã. Vamos voar de lá para a casa de Gretchen.”

“Isso pode ser difícil,” Maximus respondeu, mostrando as presas para mim quando eu continuei a mastigar a parte carnuda de sua mão. Eu entendi isso como um *Continue e eu vou te morder de volta*, então parei depois de uma última mordida nervosa.

O gelo retornou a voz de Vlad. “Por quê?”

“Eu lhe disse que estava verificando alguns do meu pessoal enquanto eu estava nos Estados Unidos. Parece que alguns dos jovens têm se alimentado em público. Tenho que lidar com isso, claro.”

“Claro,” Vlad falou manso. “Se você não punir a desobediência deles agora, quem sabe quais traições eles irão causar a você no futuro?”

Pelo jeito que as feições de Maximus endureceram, ele, também, achou que aqueles comentários eram mais um aviso do que instrução.

“Transmita minhas condolências à família de Leila,” ele disse, movendo a boca sem emitir som, *Não faça um barulho* para mim.

Já que sua mão ainda estava sobre minha boca, eu não podia, mas meu olhar prometia que não tínhamos acabado com isso.

“Transmitirei,” Vlad respondeu.

Então eles desligaram. Vampiros não eram mestres em dizer tchau, como aprendi depois de anos vivendo com Marty. Assim que ele verificou duas vezes que a ligação realmente foi encerrada, Maximus tirou a mão da minha boca.

“Não podemos deixar minha família acreditar que estou morta” foram minhas primeiras palavras. “Isso é cruel demais.”

“O que é mais importante? A segurança deles ou tristeza temporária?” ele revidou, me olhando de forma dura.

“Segurança? Eles não têm nada a ver com isso!”

“Não ainda,” ele rebateu impiedosamente, “mas eles terão se você



revelar que está viva. Acha que eles podem enganar Vlad? Uma *farejada* e ele saberá que estão apenas fingindo tristeza.”

Apesar de sua lógica, eu estava despedaçada. Meu pai era forte, mas eu não sabia o quanto Gretchen podia aguentar. Ela ainda tinha cicatrizes emocionais por me encontrar depois de uma tentativa de suicídio uma década atrás quando minhas novas habilidades quase me quebraram.

“Eu ainda não acho que Vlad esteja por trás dessa bomba. Ele pode não se importar que eu esteja morta, mas se tirarmos proveito do seu orgulho, ele seria um tremendo aliado enquanto procuramos pela verdadeira pessoa responsável.”

O olhar que Maximus me deu era tanto irritante quanto de pena. “Ele também seria um pior inimigo se você estiver errada, e então o que você acha que vai acontecer com sua família?”

Bati meus punhos contra o assento do carro. Sim, eu sabia. Vlad os usaria contra mim. Mesmo que ele não estivesse por trás disso, o verdadeiro assassino usaria se vazasse a informação de que eu estava viva. O melhor jeito de proteger minha família era deixá-los pensar que eu tinha morrido—e esperar que um dia eles me perdoassem pela decepção.

Suspirei. “Eles vão me odiar por isso.”

“Mas eles estarão vivos para te odiar,” Maximus destacou e essa era a coisa mais importante.

Eu lhe dei um olhar triste quando outra coisa me ocorreu.

“E se Vlad não for responsável, o que você vai fazer quando ele descobrir que você vem mentindo para ele esse tempo todo?”

Pelo jeito que a expressão de Maximus se fechou, ele já tinha pensado nisso.

“Terei que convencê-lo a não me matar,” ele disse com a voz leve como se estivesse discutindo um jogo.

Fechei os olhos, atingida por uma repentina vontade irracional de rezar. Isso seria mais fácil falar do que fazer, como ambos sabíamos.



Capítulo Doze

Maximus hipnotizou um motorista que estava passando para nos levar até um Motel 6*, no interior da fronteira de Indiana. Chegando lá, me forcei a comer a comida do drive-through que Maximus tinha me arrumado, embora viajar com uma parte de um cadáver tivesse matado meu apetite. Então tomei banho antes de desabar na segunda cama desocupada.

**Famosa rede de motéis.*

Apesar de ter dormido apenas poucas horas nos últimos dois dias, eu estava totalmente desperta. Maximus, por outro lado, pareceu cair no sono assim que sua cabeça tocou no travesseiro.

Dei uma olhada para o saco plástico que estava na mesa entre nós. Pelo menos o cheiro do... seja lá qual parte torrada do Adrian era, estava contido. Eu não podia arriscar usá-lo para me conectar a vampira novamente por alguns dias. Eu precisava de doses regulares de sangue de vampiro para ficar viva mesmo quando eu não estava usando demais minhas habilidades ou lidando com as prolongadas consequências de uma aura pirocinética encrustada em mim.

Mais uma vez eu me vi invejando os vampiros, dessa vez por sua cura instantânea. Se eu não fosse humana, eu poderia começar a rastrear o assassino de Adrian agora ao invés de em alguns dias. Estar limitada pela minha frágil mortalidade era frustrante, mas eu recusei minha chance de mudar de lado. Com Marty morto e Vlad e eu separados, não havia outro vampiro em quem eu confiasse o suficiente para me “criar”. Vlad estava certo sobre ser um laço inquebrável. Eu duvidava que algum dia me sentisse próxima suficiente de outro vampiro para querer essa conexão permanente com eles.

Ainda assim, um pouco de descanso, alimentação regular e sangue de vampiro deveriam me recuperar o suficiente para rastrear meu suposto assassino sem arriscar outra hemorragia e ataque cardíaco. Mesmo que isso não acontecesse, eu tentaria novamente em alguns dias. O rosto bonito da vampira morena passou pela minha mente, trazendo uma nova onda de determinação. Marty e Dawn mereciam ser vingados e minha família merecia ser salva. Parar aquela mulher—e quem quer que a tivesse enviado—valia o risco.

Flutuei dentro de uma luxuosa aeronave particular, sabendo imediatamente onde eu estava. O avião de Vlad. Ele estava a apenas alguns metros de distância, vestindo um casaco cor de carvão sobre calças pretas e camisa preta. Era o mesmo traje que tinha imaginado nele no necrotério, mas



ele não estava ameaçando ninguém agora. Seus olhos estavam fechados, o cabelo esparramado sobre os ombros, se misturando com suas roupas escuras.

Isso tinha que ser outro sonho. Já que nada disso era real, eu podia fazer o que secretamente desejava nas últimas duas semanas. Flutuei sobre Vlad e baixei até pairar perto dele, esticando a mão para acariciar seu rosto.

Eu não sentia o pelo eriçado que se aderiria ao seu maxilar. Ao invés disso, minha mão desapareceu através de seu rosto. Ainda assim, tocá-lo preenchia uma necessidade que me arranhava dia e noite desde que eu o deixei. Mesmo que tudo tivesse indo para o inferno e Vlad pudesse ser a mesma pessoa que eu estava perseguindo, eu não pude deixar de acariciar sua face, sobrancelhas e finalmente seus lábios. Parte de mim o odiava por seu tratamento insensível, mas o resto de mim ainda sentia tanta falta dele que doía.

“Vejo que seus poderes estão de volta, Leila.”

Eu me afastei, fugindo para o lado oposto da aeronave. Os olhos de Vlad ainda estavam fechados, mas a curva irônica em sua boca me dizia que eu não tinha imaginado as palavras.

“Isso é só um sonho,” eu declarei, mais para mim mesma do que para ele. “E estamos em seu avião porque você disse à Maximus que estava voando para a América, então meu subconsciente usou esse detalhe.”

Viu? Nada para se preocupar, eu garanti a mim mesma. Pena que ele não iria se calar para que eu pudesse obter mais alguns momentos de consolo. Típico que mesmo em um sonho, Vlad não seria cooperativo.

“Você está com Maximus.” Uma afirmação, não uma pergunta.

Dei de ombros mesmo ele não podendo ver. “Não é da sua conta.”

Chamas apareceram, subindo de suas mãos para seus antebraços. “Oh, mas é.”

Então seus olhos se abriram e ele se sentou, olhando ao redor como se estivesse procurando minha localização. Acenei com a mão para frente e para trás, satisfeita quando ele nem olhou na minha direção. Vlad sempre pareceu saber onde eu estava quando eu o espiava antes, mais uma prova de que nada disso era real.

“Deixou de ser da sua conta quando você nos afastou sem olhar para trás,” eu disse, saboreando a oportunidade de descarregar um pouco de mágoa. Obrigada, subconsciente!



“Eu me afastei?” Sua bufada conseguiu ser tanto desdenhosa quanto elegante. “Eu lhe ofereci tudo, mas você desprezou. Tive inimigos que foram menos impiedosos em suas negociações.”

Agarrei seus ombros, mas minhas mãos passaram direto por eles. Tudo para colocar algum sentido nele!

“Eu impiedosa? Tudo que eu queria era que você me amasse, mas de acordo com você, ISSO era pedir demais.”

Aquelas chamas se apagaram. Bom. Eu não queria sonhar com ele explodindo, acidentalmente, seu avião.

“Palavras.” Seu tom de voz era afiado. “Eu compartilhei minha casa, minha cama e meu sangue com você, assim como ofereci a você um lugar na minha vida para sempre. O que são palavras comparadas a isso?”

Eu suspirei, minha raiva se dissipando tão rápido quando suas chamas tinham apagado. “Oh, Vlad, se você acreditasse nisso, você teria me dito o que eu queria ouvir apenas para me acalmar. Você não o fez, o que prova que dizer ‘eu te amo’ significa mais para você do que todo o resto.”

Suas sobrancelhas se juntaram como nuvens de trovoadas. “Chega disso. Diga-me onde você está.”

Eu quase disse, “South Bend, Indiana” porque qual era o perigo em dizer ao Vlad do sonho? Então parei. Por que eu gratificaria o Vlad do sonho também?

“Estou na esquina do Não é da Sua Conta com Vá se Ferrar.”

Seu punho bateu, derrubando o descanso de braço. “Não me teste. Você sabe que a explosão da tubulação de gás não foi um acidente.”

“E eu também sei quem pode estar por trás disso,” argumentei maldosamente mesmo que eu não acreditasse nisso.

Seus punhos abriam e fechavam. Se isso não fosse um sonho, eu poderia jurar que sentia cheiro de fumaça. “Você não pode pensar que foi eu.”

Outro dar de ombros que ele não podia ver. “Maximus diz que seu orgulho pode ter estimulado uma pequena retaliação por eu ter te deixado.”

O ruído que escapou de Vlad era visceral demais para ser chamado de rosnado. “Então ele assinou sua própria sentença de morte duas vezes.”

Mesmo imaginário, não havia argumento com ele. “Eu preciso acordar. Esse sonho é uma droga.”



“Você está dormindo? Por isso que sua voz está mais fraca e eu não posso captar a maior parte dos seus pensamentos?”

Sinais de alarme começaram a tocar. É melhor que seja meu subconsciente sendo MUITO criativo.

Ele deve ter tomado meu silêncio como um sim. Vlad sorriu, a expressão de mau presságio mudando para irritante satisfação.

“Você não me contata quando está acordada, mas me alcança quando está dormindo. Isso deveria lhe dizer em quem você realmente confia.”

Comecei a beliscar meu braço. Com força. Sonho ou não, era muito perturbador continuar falando com ele.

“Pense nisso quando estiver acordada,” ele continuou, pingando açúcarado de cada palavra. “Maximus sempre quis você. Desde a explosão, ele te tem acreditando que ele é seu salvador e que você não pode confiar em mais ninguém. Uma feliz coincidência?”

Acorde, acorde! Entoei mentalmente. Em voz alta eu disse, “Maximus nunca me machucaria, enquanto você continuou fazendo isso mesmo quando não estava tentando.”

O sorriso de Vlad diminuiu, apesar de seus lábios continuarem afastados, revelando presas mais longas do que eu já tinha visto antes.

“Estou indo para você, Leila. Se você se importa com Maximus, então você o deixará e entrará em contato comigo com sua localização. Isso dará a ele a chance de fugir. Caso contrário, você me verá matá-lo quando eu te alcançar.”

Você não ousaria! Tremeu em meus lábios, mas eu não disse em voz alta porque eu sabia muito bem que ele faria isso.

“Eu não sei por que alguma vez pensei que te amava” foi o que eu gritei ao invés, medo e raiva fazendo meu tom de voz soar brutal.

Algo brilhou no rosto de Vlad, em qualquer outro homem, eu teria dito que era dor. Mas isso era impossível. Mesmo em um sonho, Vlad não se importava o suficiente comigo para machucá-lo.

Isso se provou verdade quando sua expressão se tornou desapegada novamente. “Eu te verei em breve,” ele disse, acenando como se estivesse me dispensando.

Uma explosão de fúria me fez pular da cama. Meu movimento abrupto



assustou Maximus, que acordou mais do que alerta. Eu ainda estava processando o fato de que meu sonho tinha acabado quando ele ficou bem na minha frente, mãos grandes emoldurando meu rosto.

“Não de novo,” ele murmurou, cortando seu pulso com uma presa.

“Pare,” eu protestei quando ele segurou seu pulso ensanguentado contra minha boca, mas isso e golpear seu braço não fazia diferença nenhuma.

“Engula,” ele disse firmemente.

Eu engoli, amaldiçoando vampiros e sua constante brutalidade. Quando ele finalmente moveu o pulso, eu o empurrei, mas teve tanto efeito quanto uma mosca tentando derrubar uma parede de tijolos.

“Que inferno?” eu esbravejei.

Ele esfregou meu nariz antes de me mostrar seu dedo vermelho. “Você começou a sangrar. Eu não ia esperar para ver se seu coração iria parar de novo também.”

Outro sangramento pelo nariz? Mas eu não estava usando meus poderes—

Olhei rapidamente para baixo. Sim, eu ainda estava usando as luvas, e havia também todo o fator de impossibilidade de me conectar com alguém em meu sono. Ainda assim, as coincidências estavam se acumulando.

“Ligue para Vlad,” eu disse, tomada por uma urgência quase desesperada de provar que eu estava errada.

Ambas sobrancelhas se ergueram. “Por quê?”

“Para ver se ele”—ameaça sua vida, diga para você me colocar no telefone, qualquer coisa do tipo—“soa estranho,” eu encerrei de forma diferente.

Maximus me encarou, cepticismo escrito em todo o seu rosto.

“É importante,” eu disse, agarrando a parte de cima de seu braço.

Depois de outro olhar penetrante, ele foi até onde tinha colocado seu casaco e pegou o celular.

“Vlad,” ele disse depois de uma breve pausa. “Desculpe. Devo ter discado novamente, sem querer, o último número que me ligou...”

Esperei segurando a respiração, esperando ouvir meu nome entre uma



explosão de ameaças. Mas apesar de eu poder ouvir a voz de Vlad do outro lado da linha, ele falava baixo demais para as palavras serem claras. Depois de um minuto, Maximus desligou e deu de ombros.

“Ele parece bem.”

Soltei a respiração com um suspiro que parecia vir da alma. *Só um sonho!* Ecoou pela minha mente. Não importa como parecia ou meu sangramento nasal espontâneo, se tivesse sido real, Vlad teria rasgado Maximus assim que ouviu sua voz—

Congelei, garras de dúvida deslizando pela minha coluna. *Ou não?* Vlad me disse para me afastar de Maximus e então contatá-lo. Se Maximus soubesse que a mentira da minha falsa morte foi descoberta, ele não me deixaria sair de sua vista por tempo suficiente para eu fazer aquilo. Vlad também insinuou que *Maximus* poderia ser aquele por trás da bomba na tubulação de gás. Se ele acreditava nisso, ele iria entregar o jogo sobre minha habilidade de contatá-lo em meu sono?

Não. Vlad era astuto ao ponto de ser um sociopata. Ele nunca revelaria tal vantagem até ser tarde demais.

Claro, havia outra possibilidade. Vlad pode não revelar que eu o contatei em meus sonhos apenas para bagunçar comigo.

“Vai me dizer por que eu acabei de passei um trote no meu criador?”

A voz seca de Maximus me tirou de meus pensamentos. Mesmo que eu não acreditasse nas insinuações que o Vlad do Sonho tinha feito, pequenas dúvidas me impediram de responder com a verdade.

“Eu, hum, tive um sonho que seu avião caiu,” eu disse, conseguindo sustentar seu olhar apesar de sentir como se eu tivesse “Mentirosa!” escrita em luzes de neon na minha testa.

Um resmungo. “Você precisa superar ele. Você só vai se deixar louca se não o fizer.”

Me deixar louca? Pensei desoladamente. Todos os sinais indicavam que eu já estava lá.



Capítulo Treze

O suor empapava minhas roupas e meus músculos gritavam, mas eu continuei levantando e baixando minhas pernas em um ritmo estável e controlado. Cento e trinta e nove... cento e quarenta.

“Você tem que parar. Isso não é saudável.”

Os braços de Maximus estavam cruzados, seus traços bonitos transformados em uma carranca. Eu o ignorei, continuando minhas elevações de pernas.

Mãos frias se fecharam em torno dos meus tornozelos, impedindo que eu comesse uma nova sequência de elevações. “Estou falando sério, Leila. Pare.”

Olhei para ele. “Me solta.”

Ele apenas me segurou com mais força. “Não até você me dizer o que vem lhe consumindo nos últimos dias.

A risada saiu ofegante devido ao meu esforço. “Devo começar com meu melhor amigo sendo explodido em pedaços, ou pular para a parte onde você acha que seu assassino pode ser meu ex-namorado?”

Ou talvez até mesmo você? minha desagradável voz interior acrescentou.

Tentei ignorar aquela voz, mas ela ficava cada vez mais alta. Maximus afirmou que não sabia sobre eu estar à prova de fogo, mas ele poderia ter escutado isso enquanto eu estava vivendo na casa do Vlad. Ele tinha me ajudado a encontrar a pessoa que fez a bomba, mas e se isso fosse porque ele sabia que Adrian já estaria morto? Desde então, ele tinha sido inflexível sobre eu adiar minha busca pela vampira, citando preocupações com minha saúde. Mas e se o ataque cardíaco nunca aconteceu? E se as únicas repercussões por eu usar demais meus poderes fossem um nariz sangrando?

“Algo mais está te incomodando,” Maximus disse, soltando meus tornozelos. Eu me sentei e escolhi minhas palavras cuidadosamente.

“Exercício ajuda a me manter forte e irei precisar disso para me conectar com a vampira amanhã. Já esperei demais.”



Maximus resmungou. “Às vezes você me lembra o Vlad.”

“Explicação?” Perguntei de forma afiada.

“Sua obsessão com vingança. Em seguida você vai querer impalar aquela vampira quando a encontrar.”

O pensamento *era* atraente, mas...

“Não é apenas vingança. Minha família terá alvos em suas costas assim que os assassinos descobrirem que estou viva.” Então mudei de tática. “Além do mais, continuo tendo pesadelos com Vlad nos encontrando. Exercício me ajuda a dormir sem ter esses pesadelos.”

Tudo verdade. Eu fui dormir relaxada na noite passada e me arrependi quando o Vlad do Sonho me disse que estava se aproximando de mim. Não era real, mas de qualquer forma eu acordei com um sangramento nasal e um senso de mau presságio, ambos os quais escondi de Maximus.

Seu olhar cinzento ficou tingido de verde. “Há outros meios de se cansar antes de dormir.”

Essa era a primeira vez desde nosso beijo na calçada que ele dava um passo; bem cavalheiresco considerando que estávamos trancados no mesmo quarto nos últimos três dias. Eu estava prestes a desapontá-lo gentilmente quando aquela voz interior rugiu para a superfície.

Agora é sua chance! Tire suas luvas e toque-o. Se a essência da morena estiver em algum lugar nele, ele é culpado como o inferno.

Pausei. Eu poderia ser tão cruel?

Você está nadando com tubarões, aquela voz impiedosa rebateu. Ou faça nascer dentes, ou seja comida.

O olhar de Maximus ficou mais brilhante. Pouco ele sabia do *motivo* de eu estar considerando sua oferta. A culpa competia com a fria praticidade. Maximus só tinha sido bom para mim, mas o quão bem eu o conhecia? Quanto a isso, Vlad o conhecia há séculos, porém Maximus ainda estava agindo pelas suas costas agora.

O rosto de Marty passou por minha mente, seguido pelo do meu pai e de Gretchen. Alguém tinha matado meu melhor amigo e iria machucar minha família para me atrair. Eu não podia me dar ao luxo de confiar ingenuamente quando eu podia ter certeza.

Muito lentamente, tirei minhas luvas. Os olhos de Maximus brilharam mais, banhando o quarto com um brilho suave cor de esmeralda. Então ele se



aproximou e se ajoelhou, cada movimento era deliberado, como se qualquer coisa repentina fosse me assustar e me fazer escapar.

Era possível. Meu coração batia tão rápido que me deixou levemente tonta. Eu estava prestes a jogar uma versão sensual de roleta Russa com o vampiro de aproximadamente mil anos e 1,85 metros que estava ajoelhado na minha frente. Havia uma linha fina entre sobrevivência e imprudência e, nesse momento, eu não estava certa de para qual lado minhas ações pendiam.

Maximus chegou mais perto com aquele engatinhar lento como o de um felino. Quando ele estava a apenas alguns centímetros de distância, ele inalou o ar e uma carranca franziu sua testa.

“O que há de errado?”

Malditos vampiros e sua habilidade de decifrar emoções pelo olfato. Olhei de relance para minhas mãos e então para ele novamente. Mentiras eram mais convincentes quando temperadas com a verdade.

“Não quero te machucar, mas não quero colocar minhas luvas de volta.” Engoli um carço que não era inteiramente feito de nervosismo. “Eu—eu quero tocar você.”

Um gemido baixo fez subir calafrios quentes e freios pela minha espinha. Antes da minha próxima respiração, eu estava em seus braços. Ele me beijava com uma intensidade que logo me fez esquecer meu objetivo. Então ele me puxou para o colo, trocando de posição até que eu estivesse montada nele.

Uma grande protuberância se projetou por entre minhas coxas. Ele agarrou meus quadris e me balançou sobre ela, aquele comprimento duro esfregava meu ponto mais sensível. Arfei, mas com um toque de desespero. Era bom, mas também... sem sentido. Com uma clareza repentina, entendi a diferença entre luxúria e fazer amor. Se eu fizesse sexo com Maximus, eu iria gostar do mesmo jeito que gosto de comida Chinesa—sabendo que em breve, eu me sentiria vazia por dentro novamente.

Maldito Vlad! Mesmo nos braços de outro homem, a lembrança daquele vampiro cruel me atormenta. Afastei minha boca.

“Maximus, pare.”

Suas mãos se acalmaram, mas ele me leu uma longa e faminta lambida no pescoço.

“O que há de errado?”

Pra começar, você não é o homem pelo qual ainda estou apaixonada. Além disso, não tenho certeza se posso confiar em você. “Eu... é muito cedo.”



Abaixei a cabeça enquanto dizia as palavras, deixando meus dedos brincarem sobre seus ombros como desculpa. *Nenhum traço de essências estranhas aqui.* Então me sentei para trás com um suspiro, percorrendo as mãos por seus braços. Uma essência familiar demais apareceu, me fazendo xingar silenciosamente Vlad, de novo. Ele não estava só impregnado em minha pele; ele estava em Maximus também.

Suas mãos escorregaram sobre minha coxa. “Cedo demais para sexo, talvez, mas há outras coisas que podemos fazer.”

Parei suas mãos puxando seus braços para baixo para agarrá-los.

“Desculpe. É, ah, cedo demais para isso também.”

Seu suspiro desapontado me fez sentir culpada. *Provocadora!* Minha consciência zombou. Aquela perturbada voz interior não se importava. Ela me encorajava a agarrar as mãos de Maximus em uma pretensão de preocupação enquanto eu procurava por traços de essência incriminadora nelas.

“Está tudo bem.” Sorriso seco. “Não estou envelhecendo nem um pouco.”

Outro traço de essência estava impresso em sua mão direita, mas não pertencia a vampira morena ou a Vlad. Quem quer que fosse, se sentiu muito culpado quando ele—ou ela—tocou Maximus, mas se não fosse a assassina, não era da minha conta.

“Obrigada por entender,” eu disse antes de baixar as mãos e levantar. “Eu, ah, acho que vou para o banho agora.”

Eu nem precisaria que fosse gelado. Pela terceira vez, xinguei Vlad. Não era justo que ele fosse o único homem a incendiar meu coração e meu corpo. Onde quer que ele estivesse, eu esperava que minha lembrança ainda o queimasse por dentro e por fora também.

Maximus também se levantou. Então sua cabeça se inclinou como se estivesse ouvindo—e eu estava no chão, seu grande corpo protegendo o meu de uma explosão de vidro. Acima do barulho de nossa janela se estilhaçando, eu o ouvi gemer. O senti tremer tão violentamente que a força que ele usava para me segurar se tornou insuportável, mas antes que eu pudesse gritar, ele me soltou. Então ele agarrou várias facas e pulou, ficando de pé.

Eu fiz o mesmo, a voltagem surgindo da minha mão direita de uma dupla dose de medo e adrenalina. Vlad deve ter nos encontrado! Foi desse mesmo jeito que ele atacou um quarto de hotel quando nos conhecemos. Eu esperava fogo nos cercar em breve, mas não aconteceu. Ao invés disso, soou outra rajada de tiros. Maximus me derrubou e, mais uma vez, se fez de escudo para



me proteger, mas dessa vez, ele não se levantou depois que os tiros cessaram. Ele caiu para frente, agonia estampada em seu rosto tão vívida quanto os buracos ensanguentados por todo seu corpo.

“As balas são prata líquida,” ele arfou. “Corra!”

Fiquei horrorizada. Até mesmo a habilidade regenerativa de um vampiro não seria capaz de expelir aquilo e não iria só praticamente paralisar Maximus, seria como ácido o queimando por inteiro. Eu o tirei de cima de mim, mas não para correr. Para lançar um raio elétrico em quem quer que tentasse atirar nele com aquele veneno novamente. Arranquei as luvas, sombriamente satisfeita com o brilho sobrenatural que cobria minha mão direita. Então a ergui enquanto eu mesma grunhia.

“Você quer matá-lo, Vlad? Terá que passar por mim!”

Uma risada zombeteira se seguiu após essa declaração. A porta não se abriu—voou através do quarto para se espatifar contra a cama. Uma figura encapuzada apareceu na moldura da porta, o rosto nas sombras, mas vi de relance cabelos negros. Fiquei tensa, meu coração se torcendo mesmo enquanto a eletricidade se canalizando em minha mão se tornava mais intensa. Eu poderia matar o homem que eu amava para proteger o homem que eu não amava?

“Se você quer que ele viva, não se mova.”

A luz do luar caiu sobre o rosto do homem encapuzado, revelando cabelos negros curtos, maxilar macio e uma boca cheia e larga. Não era Vlad, percebi, ou qualquer outro que eu reconhecesse. Quem diabos era ele?

O estranho sorriu, mostrando presas. “Você tem perguntas, mas nós só temos tempo para responder uma. Ele vai viver ou morrer?” Um aceno de menosprezo para Maximus, que se contorcia em agonia. “Se você quer que ele morra, lute comigo. Você irá perder porque não vim sozinho e então, vamos levar você e matá-lo. Saia comigo de boa vontade, porém, e o deixarei viver.”

“Não escute o que ele diz,” Maximus conseguiu falar entre dentes cerrados.

Não olhei para ele porque isso iria requerer que eu tirasse os olhos desse estranho; um erro que eu não iria cometer.

“Porque eu deveria confiar em você?” Perguntei com pesado sarcasmo.

Seus olhos brilharam em tom de verde. “Porque eu preferiria não perder minha melhor vantagem sobre você.”

Aquela única frase falou muito. Quem quer que ele fosse, não era



estúpido. Ele também não era um dos homens de Vlad. Vlad não tentaria usar Maximus como vantagem contra mim. Ele sabia que seria sem sentido já que ele já tinha me dito que ia matá-lo.

Sirenes soaram a distância. O estranho suspirou. “Acabou o tempo, passarinho. O que vai ser?”

Minha mão doía devia a sobrecarga de correntes fluindo por ela, mas lentamente, eu a baixei. Agora não era o momento. Maximus xingava entre gemidos irregulares de dor. O estranho sorriu.

“Ouvi que você era esperta. Vamos esperar que seu amigo também seja.”

Algo me picou no peito. Olhei para baixo, vendo o que parecia um dardo espetado em mim. Quando olhei de volta para o estranho, minha visão já estava começando a ficar embaçada e minhas pernas pareciam que tinham sido substituídas por geleia.

“Certifique-se de pegar as luvas dela” foi a última coisa que ouvi antes de tudo ficar escuro.



Capítulo Quatorze

Quando recobrei a consciência, não abri os olhos ou alterei minha respiração. Ao invés disso, fiz um inventário enquanto fingia ainda estar inconsciente. Dor de cabeça, nenhuma surpresa, mas fora isso eu me sentia bem. Meus braços estavam amarrados atrás das costas. A coisa espessa ao redor dos meus dedos eram luvas, o aperto ao redor dos meus pulsos e tornozelos eram amarras. A mordaça desconfortável na minha boca, óbvio.

Então continuei com o que estava ao meu redor. O vai e vem abaixo de mim tinha que ser ondas, o que significava que eu estava em um barco. Pelas vozes, alguns dos meus captores estavam na parte de cima, mas eu podia dizer que um deles estava no quarto comigo.

Então quando abri os olhos, meu olhar pousou sem erro no vampiro de cabelos negros que tinha disparado contra o hotel na noite passada. A única surpresa que ele demonstrou foi piscar.

“Não esperava você acordar já,” ele falou lentamente.

Dei uma olhada para minha mordaça e de volta para ele, erguendo uma sobrancelha.

Ele traduziu a mensagem silenciosa. “Eu preciso lhe dizer que gritar é inútil?”

Revirei os olhos. O que era isso, dia do Amador? Ele sorriu antes de se levantar da cama do lado oposto a que eu estava. “Eu achei que não.”

O vampiro parecia ter mais ou menos a minha idade, mas eu julgava que ele tivesse menos de cem anos como morto-vivo. Vampiros realmente velhos tinham um certo... peso em seus olhares, como se o passar dos séculos tivessem deixado um peso tangível. Meu captor sem nome não tinha aquilo e se eu tivesse sorte, nenhum outro nesse navio tinha.

Vampiros jovens eram mais fáceis de matar.

“Água,” eu disse assim que a mordaça foi removida. Entre isso e os efeitos colaterais de ser drogada, minha boca estava tão seca que minha língua parecia uma meia embolada.

O vampiro desapareceu e, em seguida, retornou com uma lata de Coca. Melhor ainda. A cafeína ajudaria com minha dor de cabeça e o ver abrir a lata



de refrigerante significava que ele não tinha adulterado o conteúdo, então eu não estava prestes a ser drogada de novo.

Dei um gole quando o vampiro a segurou próximo aos meus lábios, o que resultou em um longo arroteio quando parei de engolir. Se aquele arroteio foi direto no rosto do meu captor, bem, não foi minha culpa. Eu estava amarrada.

“Encantador,” disse ele, secamente.

“Deixei de me preocupar com sutilezas sociais quando você atirou no meu amigo com prata líquida,” eu respondi, em tom calmo. “Por falar nisso, quero vê-lo.”

A boca do vampiro se curvou rapidamente. “Você não está em posição de fazer exigências, mas sim, ele ainda está vivo.”

“Você não quer me levar até ele, tudo bem,” eu disse, pensando rápido. “Presumo que você saiba que capto impressões psíquicas através do toque, então tire essas luvas e deixe-me tocar você. Então saberei se você está dizendo a verdade.”

O vampiro deu risada, um verde mais brilhante fervilhando no tom musgo de seus olhos. “Me tocar? Você não quer dizer usar aquele chicote elétrico mortal que você pode manifestar para me cortar ao meio?”

Fiquei rígida. Como ele sabia sobre isso? Além de Vlad, Maximus e um punhado de guardas de Vlad, todos que tinham me visto usar aquele poder estavam mortos.

“Por isso que essas luvas de borracha estão presas com fita adesiva em você,” ele prosseguiu, sem se preocupar. “Só por precaução.”

“Qual é o seu nome mesmo?” Perguntei, contente por ter soado casual.

Aqueles amplos lábios se esticaram ainda mais. “Me chame de Hannibal.”

Retribuí o sorriso. “Ok, Hannibal, o que você quer que eu faça? Use minhas habilidades para encontrar um de seus inimigos? Diga se alguém o está traindo? Ou leia o passado através de algum objeto?”

Hannibal riu e, embora fosse mais do calibre de Dr. Evil do que aterrorizante, ainda era sinal de mau presságio suficiente para me assustar.

“Não quero que você faça nada, passarinho. Sou apenas o garoto de entrega. Eu nem ao menos sei para quem estou te entregando. Tudo que sei é que você vale três vezes mais viva, mas se você tentar alguma coisa, morta ainda é um bom pagamento para mim.”



Hannibal acenou para mim de forma alegre antes de sair do quarto. Eu não disse nada, tentando pensar em um jeito de sair dessa situação difícil. Eu não ia deixar que eu ou Maximus fôssemos entregues para algum patife desconhecido. Eu encontraria um jeito de sair dessa nem que me matasse.

Essa probabilidade não me deteria. Depois de tudo que tinha acontecido, eu preferiria uma morte precoce lutando, do que viver com mais arrependimento do que eu já tinha.

A cada dez minutos um dos meus captores vinha me ver. Eu tinha visto quatro rostos diferentes além de Hannibal e, pelas paredes revestidas, cama queen-size, janelas acortinadas e o tamanho do quarto, quem quer que os tenha contratado tinha bolsos fundos. Se eu não estivesse amarrada ao corrimão de deficientes, eu teria apreciado viajar em um navio tão agradável.

A única janela tinha as cortinas baixadas, mas pela falta de luz espreitando lá fora, ainda era noite. Acho que Hannibal tinha falado a verdade sobre eu não ter ficado apagada por muito tempo. Lago Michigan era a maior massa de água mais próxima do hotel e era maior do que alguns mares, então pode levar um tempo até chegarmos ao nosso destino. Ou podemos chegar em minutos.

Por isso que eu estava me concentrando, tentando canalizar todas as correntes do meu corpo na minha mão direita. Depois de muito tempo, a sobrecarga de eletricidade começou a formar algo que parecia um espinho. Ela empurrava contra minha luva, buscando a menor fenda para se libertar de sua pesada gaiola emborrachada.

Não existia tal fenda, mas meu objetivo era fazer uma. Melhor ser morta tentando escapar do que docilmente ser entregue para quem quer que me quisesse morta ou viva. Eu nunca deveria ter me rendido a Hannibal, mas eu não antecipava que ele soubesse a total extensão de minhas habilidades, e a vida de Maximus estava na jogada.

Provavelmente ele já está morto, minha maliciosa voz interior sussurrou. Você se entregou por nada.

Rangi os dentes. Como eu odiava meu lado sombrio que continuamente predizia falha ou futilidade. Ela tinha me levado ao suicídio aos dezesseis anos, mas não iria me derrotar agora. Bem ou mau, eu ia sair dessa.

Foquei novamente na minha mão direita, desejando mais correntes para ela. Se aquele espinho de energia se tornasse afiado e forte o suficiente, ele perfuraria a borracha e eu estaria livre. *Vamos, eu o incentivei silenciosamente. Perfure, baby, perfure!*



Era minha imaginação ou a camada de borracha ao redor do pico de energia pareceu, de repente... corroída?

Meu coração batia forte, ou de excitação ou por estar extremamente tensa. Eu não precisava de um médico para me dizer que gerar tanta eletricidade era perigoso para minha saúde, mas continuei me concentrando, desejando que aquelas correntes internas crescessem e se fortificassem. O suor escorria em meu lábio superior, minha visão embaçou e todo meu corpo começou a tremer, porém continuei focando—

Uma luz branca impregnou o quarto brevemente e eu ouvi um *zzzt!* pouco antes de uma rachadura sinistra surgir perto dos meus pés. Olhei para baixo, tanto eufórica quanto suavemente apavorada ao ver um pequeno, porém distinto buraco. Boa notícia: eu tinha rompido a luva. Má notícia: também devo ter feito um buraco até o casco do barco.

Não ouvi passos, mas eu não esperava que algum som estranho ficasse sem investigação. Segundos depois, quando o guarda com barba espessa e cabelos longos e negros apareceu na porta, eu já tinha coberto o buraco com meu pé.

Claro, se aquele buraco começasse a jorrar água, eu estava morta.

“Você tem que me deixar sair!” Improvisei, batendo contra o poste e fazendo um escândalo. “Eu, hum, tenho que fazer xixi!”

O guarda, que eu tinha apelidado de Capitão Morgan por causa de sua aparência, balançou a cabeça enojado.

“Humanos,” ele murmurou. Então ele desapareceu.

Esperei, segurando a respiração, mas ele não reapareceu e água não começou a jorrar debaixo do meu pé. Então respirei com alívio e cruel determinação. Mais dez minutos até que o próximo guarda viesse me ver. Nesse tempo, eu teria que me libertar e, assim que eu o fizesse, teria que matar todos eles.



Capítulo Quinze

Felizmente, eu me soltei sem fazer mais buracos no chão, mas mal cheguei ao ponto cego atrás da porta antes de o próximo guarda vir me ver. Xinguei minha pulsação quando ouvi aqueles passos leves se aproximarem. O guarda poderia ouvir que eu não estava mais presa ao corrimão? Se podia, eu estava assinando minha própria sentença de morte. O aviso de Hannibal ecoava em meus pensamentos. *Morta ainda é um bom pagamento para mim...*

Coragem e medo se uniram à eletricidade em minha mão, fazendo um pequeno chuvisco de fagulhas sair dela. O ar pareceu ficar mais pesado e senti um cheiro de ozônio. Então o guarda parou perto da maçaneta da porta antes de ir para frente apressado com um murmúrio “O quê?”

Meu pulso estalou, as correntes formando um arco como se tivessem vida própria. O guarda loiro não pronunciou outra palavra, mas sua boca ainda estava se mexendo quando sua cabeça caiu no chão. O resto de seu corpo continuou em pé por alguns segundos, os braços se debatendo como se ele estivesse tentando obter equilíbrio.

Eu estava muito excitada para ficar enjoada. Medo abastecido por adrenalina tomou conta de mim, agindo como cabos de ligação para minhas correntes. Espiei pelo corredor, não vi ninguém e imediatamente agarrei uma chance de atrair outro guarda para o quarto sem levantar suspeita.

“O que você está fazendo?” perguntei com uma voz aguda. “Pare! Tire suas mãos imundas de mim!”

Acentuei fazendo um som de tapa e então gritando como se estivesse sentindo dor. Depois disso, fiz sons de choro intercalados com gritos de “Não, não, pare!”

Momentos depois, Hannibal murmurou, “Eu disse para você não danificar a mercadoria, Stephen. Ao invés disso vá foder alguém no porão—”

Meu pulso estalou assim que Hannibal cruzou a soleira, mas uma olhada para o corpo e ele bateu a porta de volta. A corrente em forma de chicote o cortou pela cintura ao invés de seu pescoço, mas não fundo o suficiente. Ele ainda estava de pé.

“Vadia,” Hannibal rosnou quando algo vermelho atingiu o chão.

Parte de mim estava gritando de nojo e horror, mas o instinto de



sobrevivência superou todo o resto. Hannibal foi em minha direção e o chicoteei com outra corrente. Cortei de seu ombro até embaixo em um de seus lados, me cobrindo com um véu de vermelho quando seu ímpeto o trouxe até mim.

Eu o empurrei para longe. Ele caiu, mas a metade dele que tinha uma cabeça continuava pendendo em minha direção. Apenas alguns centímetros de carne seguravam seu lado esquerdo ao torso, mas ele ainda não estava morto?

“Vadia,” ele falou com som rouco.

Meus olhos esbugalharam. Ele podia *falar*, também?

Eu não queria ver o que mais Hannibal podia fazer. Outra explosão de corrente elétrica o transformou de um grande Y para um i com ponto, mas não tive tempo de respirar aliviada. Mais passos soaram no corredor.

“Não me convida para a festa?” uma voz divertida perguntou.

Não esperei para ele ver que a “festa” tinha tomado um caminho letal. Assim que aqueles passos se aproximaram, chicoteei um raio no corredor, atingindo o sócia do Capitão Morgan. Ele me encarou com a expressão mais estranha em seu rosto. Então tudo ao norte de seu maxilar escorregou, atingindo o chão com uma pancada que ecoou por seu corpo momentos depois.

“Mas que *porra*...”

Uma nova onda de adrenalina me atingiu. O quarto guarda olhou para os restos do Capitão Morgan sem acreditar. Então ele desapareceu escada acima com velocidade vampírica.

Corri atrás dele, desespero ou esforço exagerado fazendo meu coração parecer que ia explodir. O vampiro já estava nos controles, apertando um botão enquanto olhava para mim—

O raio cortou seu rosto, mas eu estava muito longe para que o matasse. Eu o chicoteei com outro enquanto eu alcançava o deque tão rápido que cai. Imediatamente, algo pesado chocou-se contra mim, me puxando para baixo antes que batesse minha cabeça contra a espessa fibra de vidro.

O quinto guarda tinha se juntado a luta.

Minha visão flutuou enquanto a dor adormecia minha mente, mas se eu focasse nisso, eu estava morta. Ao invés de proteger minha cabeça como eu, instintivamente, queria fazer, coloquei a mão direita no vampiro, despejando nele tudo o que eu tinha.



Imediatamente seu peso se foi. Engatinhei para trás tão rápido que quase me lancei ao mar, mas agarrei o corrimão bem a tempo. Então me segurei, olhando ao redor com frenética determinação para meu atacante.

Nada corria em minha direção. De fato, nada nem se mexia. Usei o corrimão para me ajudar a ficar de pé, minha cabeça continuava a ecoar enquanto a náusea e as ondas faziam com que fosse difícil eu encontrar meu equilíbrio. Eu não tinha dado um passo quando tropecei, xingando meu jeito estabanado. Então olhei para baixo... e encarei.

Eu não tinha tropeçado porque estava lidando com os efeitos de ter minha cabeça batida contra o casco. Eu tinha tropeçado porque o deque estava coberto por algo que parecia lasanha. Levei alguns segundos para traduzir a visão.

Lasanha não. Os restos do vampiro que pulou sobre mim. Tinha que ser; o outro vampiro estava tombado sobre os controles, enrugando lentamente como todos os vampiros fazem quando realmente morrem. Eu tinha enfiado tanta eletricidade em meu atacante que ele tinha explodido.

Eu estava dividida entre querer rir de alívio e querer engatinhar de volta até o corrimão e vomitar até desmaiar. Eu queria matar meus captores e eu matei, porém eu não estava pronta para saber a total extensão de minhas habilidades. Como de costume, a vida não tinha esperado até eu estar pronta para me mostrar o que ela tinha reservado.

O som de várias batidas duras me arrancou da terrível visão do meu cenário. Elas vinham abaixo do deque e cautela se misturou com esperança. Será que era Maximus? Ou outro guarda tentando me atrair para a mesma armadilha letal que usei com seus colegas?

Fui até a escada estreita, olhando para ela com resignação. Meu corpo inteiro estava drenado, mas a luta podia não ter acabado. Bandidos não paravam para intervalos e nem eu podia.

Não me incomodei em rastejar escada abaixo. Pelo meu ataque furtivo, eu não poderia surpreender um vampiro que já sabia que eu estava indo. Minha única defesa era minha mão direita e ela parecia uma lâmpada que estava prestes a queimar. As batidas continuaram, vindo debaixo do chão apesar de eu estar abaixo do deque agora. Será que esse barco tinha outro andar?

Eu hesitava a cada vai e vem do barco, antecipando um sexto atacante prestes a me atingir. A única porta aberta ao longo do corredor estreito era aquela cheia de corpos, mas eu não estava sozinha. Os sons contínuos provavam isso.



Cheguei ao fim do corredor quando uma batida vibrou bem debaixo do meu pé. Dei um pulo, fagulhas fracas saindo da minha mão, antes de notar o trinco no chão.

Um porão trancado pelo lado de fora. Aquilo descartou um ataque iminente de um sexto guarda. Outra batida soou. Maximus, pensei, o alívio me fazendo cair de joelhos. Puxei o ferrolho, abri a porta... e encarei.

“Por favor,” uma garota de cabelos com manchas vermelhas murmurou. Seus olhos estavam fechados e mais formas ensanguentadas estavam ao lado dela.

Eu queria puxá-la para cima, mas não a toquei. Mesmo drenada, a corrente elétrica em mim iria feri-la e ela já parecia estar perto da morte. A ordem de Hannibal para Stephen ecoou em minha mente. *Ao invés disso vá foder alguém no porão.* Eu não era a única carga que Hannibal tinha pego.

“Vai ficar tudo bem.”

A fúria fez minha voz soar mais forte do que eu me sentia. Os olhos da garota se abriram.

“Quem é você” ela murmurou.

“Sou a pessoa que matou cada vampiro desse barco,” eu disse à ela. Depois de ver o conteúdo do porão, eu não estava mais repelida pelas minhas habilidades. De fato, eu estava contente por ter feito o quinto guarda explodir em pedacinhos.

Ela deu um sorriso fraco, então o sorriso perdeu a força e seus olhos se fecharam. Dei uma pancada na porta para chamar sua atenção.

“Não. Você precisa ficar acordada e se mais alguém estiver vivo, você precisa acordá-los também. Me diga que você entende.” Seus olhos se abriram, sua cor azul me lembrando dos de Gretchen. Eles também pareciam ser os mesmos no passado. Minha raiva cresceu.

“Entendi.” Então ela começou a chacoalhar os mais próximos a ela.

“Levante, Janice. Ajuda está a caminho.”

Eu me levantei, cheia de nova determinação. Com certeza estava.

Então abri cada porta do pequeno corredor. Duas eram armários de armazenamento, uma era um banheiro e a quarta...

Corri para dentro. Maximus estava no chão de um pequeno quarto, fita adesiva ao redor de sua boca e algo que parecia arame farpado de prata o



ligando dos tornozelos até o pescoço. Estava tão preso em volta dele que em alguns lugares desaparecia em sua pele, como se sua luta tivesse enterrado aquilo ainda mais fundo.

Eu arrancaria meus dedos se tentasse mexer com aquele fio, mas eu podia ajudar com a mordaca. Eu a arranquei, batendo em seu rosto quando ele não abriu os olhos.

“Maximus, acorde!”

Nenhuma resposta. Se não fosse pelo fato de que vampiros se tornavam cascas secas quando morriam, eu teria jurado que era tarde demais. Então, com uma excruciante lentidão, ele abriu os olhos.

Eu olhei para ele aterrorizada. A parte branca dos olhos estava marcada com listras cinza escuro. Uma olhada mais de perto revelou que por baixo de todo aquele sangue seco, sua pele tinha linhas similares.

“Eles nunca tiraram a prata líquida de você,” eu sussurrei.

Nenhuma resposta de Maximus. Seus olhos reviraram e ele tremeu tão forte que o arame arrancou pedaços de carne. Marty tinha me dito o que acontece a um vampiro se prata líquida ficasse em seu sistema por tempo suficiente. Não iria matar Maximus. Faria algo pior: reduziria seu cérebro até ele ficar louco e, assim que chegasse a esse estágio, não poderia ser revertido. Mesmo que eu cortasse o arame farpado dele, o verdadeiro veneno ainda o estaria destruindo de dentro para fora.

Maximus não podia me ajudar a salvar os humanos que estavam morrendo no porão de carga. Ele não podia nem ao menos se salvar.



Capítulo Dezesseis

Procuirei nos corpos dos vampiros mortos. Hannibal tinha o único celular, mas ele estava cortado ao meio junto com o resto da parte de cima de seu corpo. Então passei vários minutos fúteis tentando o sistema de comunicações do barco, mas eu o sobrecarreguei quando matei o vampiro que estava caído sobre ele. Mesmo se uma linha de ajuda 1-900-VAMPIRO existisse, eu não tinha como alcançá-la. Eu não via nem luzes de barcos nas proximidades, não que eu pudesse pilotar até eles. O motor estava tão frito quanto o sistema de comunicações.

Eu queria gritar de pura frustração. Tinha que haver *alguma coisa* que eu pudesse fazer!

Então minha frustração começou a diminuir quando a lógica assumiu. Eu podia esperar até eu, eventualmente, ser levada pela maré até terra firme ou no caminho de outro barco, mas isso seria tarde demais para qualquer outra pessoa no barco. Porém, havia um vampiro que eu podia alcançar sem a ajuda de tecnologia e, apesar dos muitos motivos pelos quais eu não queria, a menos que eu estivesse disposta a deixar Maximus ficar louco e os humanos morrerem, eu não tinha escolha.

Eu me sentei em uma parte do deque que não estava coberta por partes de corpos. Com a brisa fria esvoaçando meus cabelos, passei a mão direita pela minha pele até encontrar um rastro de essência familiar e a segui. Em segundos, o deque desapareceu e eu me vi olhando para o estacionamento do Motel 6 em South Bend.

Luzes de três carros de polícia lançavam um brilho vermelho e azul sobre a parte externa arruinada do meu antigo quarto de hotel. A maior parte da janela se foi e as paredes exteriores estavam esburacadas pelas balas. Por todos os tiros, a parte interna deveria parecer queijo Suíço também. Então percebi a figura de cabelos escuros no canto do estacionamento, gritando furiosamente em seu celular, em Romeno.

Vê-lo no local do meu sequestro não foi bom sinal, mas se eu condenasse Maximus e aquelas pobres pessoas por não agarrar essa chance, eu não poderia viver comigo mesma.

“Desligue, Vlad,” eu disse brevemente. “Precisamos conversar.”

O choque brilhou em seu rosto. Ele se virou como se tentasse encontrar minha localização, desligando sem dizer outra palavra.



“Leila. Onde—”

“Você está aqui para admirar o trabalho de seus lacaios?” eu o interrompi, indo para a ofensiva. “Se for isso, você deveria estar orgulhoso. Hannibal alvejou esse lugar com grande desconsideração pelas vidas de pessoas inocentes, tudo para garantir que Maximus fosse totalmente bombardeado com prata líquida o suficiente para fazer com que ele mal seja capaz de se mover.”

O fogo irrompeu de suas mãos. “Eu não tive nada a ver com isso, então me diga onde você está. Agora.”

Ele podia estar tentando encontrar minha localização para o caso de ter percebido que consegui me libertar, mas assim como eu disse para Maximus, se Vlad quisesse me matar, eu esperava que ele fosse muito menos covarde a esse respeito. Porém eu ainda estava perguntando a coisa mais óbvia.

“Então por que você está aqui? E olhe suas mãos, policiais estão rastejando por todo o lugar.”

Para confirmar o que eu disse, um policial se aproximou, olhando para Vlad de forma suspeita que qualquer pessoa sã faria. “Você. O que há de errado com suas mãos—”

“Cale a boca e saia,” Vlad disse com um brilho de seu olhar, porém ele extinguiu as chamas. O policial foi em direção ao hotel e Vlad continuou como se não tivesse sido interrompido.

“Estou aqui porque rastreei o celular de Maximus até essa área, mas não estou por trás desse ataque.”

“Então temos outro problema, porque o vampiro que me pegou sabia coisas sobre minhas habilidades que só você e poucos de seus guardas sabiam.”

As feições de Vlad endureceram como diamantes. “Oh?”

“As primeiras coisas primeiro. Você não está surpreso que eu esteja viva, então eu realmente me conectei a você em meus sonhos antes, não foi?”

Suas mãos não se acenderam novamente, mas ficaram brevemente laranja, como se o fogo tentasse se libertar mas ele o detivesse.

“Sim. Talvez você não precise tocar nada fisicamente para se conectar a mim porque nós compartilhamos o sangue um do outro, talvez seja porque seus poderes estejam mais fortes do que você imagina. De qualquer forma, seus ‘sonhos’ eram reais.”



Eu suspirei. Lá no fundo, eu sempre soube disso, mesmo quando eu queria, desesperadamente, negar. Claro, isso significava que eu tinha uma barganha para fazer primeiro.

“Prometa que você não irá matar Maximus e eu lhe digo o que sei da minha localização.”

Vlad rosnou alguma coisa em Romeno. Não pude traduzir tudo, mas reconheci várias maldições.

“Não temos tempo para jogos,” ele encerrou.

“Eu sei,” rebati. “Tenho vários humanos que precisam de atenção médica e um vampiro ficando insano devido a envenenamento por prata, mas você disse que ia matar Maximus. Então a menos que você jure sob os túmulos do seu pai e filho que não vai fazer isso, não darei minha localização. Oh, e você também não pode tortura-lo,” eu acrescentei, me lembrando do jeito duvidoso que ele manteve sua promessa de não matar Marty.

Os olhos de Vlad mudaram de cor de cobre para verdes, brilhando tão ardentemente que me vi pensando se dragões fossem reais, eles teriam olhos exatamente como os dele. Meu próximo pensamento foi Nós estamos ferrados, porque, em seguida, ele sorriu daquele jeito letalmente cordial que eu o tinha visto fazer pouco antes de queimar alguém até virar cinzas.

“Sobre os túmulos do meu pai e filho, eu, Vladislav Dracul, juro não torturar ou matar Rossal de Payen, o homem que você conhece como Maximus.” Ele parou por um momento como se deixasse aquelas palavras afundarem. “Agora, Leila. Onde você está?”

Vlad era conhecido por sua honestidade, mas aquele sorriso me fez sentir como se eu tivesse negligenciado algo. Porém, fiz o melhor que pude e Vlad era a única chance que Maximus e aqueles humanos tinham.

“Estou em um barco e, já que não fiquei inconsciente por muito tempo, devemos estar no Lago Michigan...”

O sol nasceu três horas atrás, mas eu não tinha visto outro barco ainda. De certa forma, isso era bom. Eu nunca explicaria a bagunça no deque para a Guarda Costeira e isso significava que o chefe de Hannibal não tinha descoberto que seu “pacote” havia matado seus garotos de entrega.

Eu estava abaixo do deque, alternando entre verificar Maximus e fazendo o que eu podia pelas vítimas criticamente drenadas. Que não era



muito mais do que distribuir cobertores, fita adesiva e tecido para bandagens e copos de água para aqueles que estavam inconscientes. Considerei cortar Maximus para lhes dar um pouco de seu sangue, mas da última vez que cheguei perto, apenas um rápido salto para trás o impediu de morder um pedaço da minha perna. Ou a dor o fez atacar instintivamente ou a loucura tinha começado a se instalar.

Eu me vi rezando para qualquer um que pudesse estar ouvindo para que a ajuda não chegasse tarde demais.

Eu estava de costas para o porão de cargas quando de repente, eu não podia me *mover*. Era como se um enorme pulso invisível me apertasse da cabeça aos dedos do pé, sufocando minha respiração tão instantaneamente como se tivesse me congelado no lugar. O pânico me fez gritar mentalmente, mas eu não podia respirar. Até parecia como se as correntes elétricas dentro de mim fizessem uma parada brusca.

Um zumbido começou a soar em meus ouvidos, ficando mais alto conforme os segundos se passavam. Então, tão abruptamente quanto veio, aquela terrível sensação de aperto desapareceu. Cai para frente, inalando enormes quantidades de ar. Eu tive que piscar repetidas vezes para afastar as lágrimas e pontos negros em minha visão. Assim que pude ver direito novamente, olhei para cima—e então congelei, dessa vez por um motivo diferente.

Vlad pairava sobre mim, os cabelos escuros selvagememente emaranhados, a barba rala exibía uma atordoante mistura de ferocidade e triunfo. Suas calças e camisa estavam ensopadas, a cor azul claro fazendo com que quase desse para ver através delas. Pisquei, me perguntando se eu tinha caído sobre o abismo da falta de consciência sem perceber.

Um sorriso fraco se formou em sua boca. “Sou real, Leila. Viu?”

Ele agarrou meus braços e me puxou para cima. Minhas pernas tremeram, mas mantiveram o peso e, com pedaços irregulares de borracha ainda pendendo de minhas mãos, toquei seus pulsos nus. O calor escaldou minha pele ao mesmo tempo em que uma corrente de energia o atingiu.

Oh sim, ele era definitivamente real.

Dentre todos os pensamentos que passaram pela minha mente naquele momento, *Ele parece ainda melhor do que eu me lembrava* era o último que eu queria que Vlad ouvisse. Não importava. Seu sorriso amplo me disse que ele tinha captado. Deixei pra lá, agarrando um tópico mais importante.

“O que acabou de acontecer? Eu não podia me mexer.”

“Mencheres está comigo,” ele disse, como se isso explicasse.



Ergui a sobrancelha. “E?”

Ele soltou uma mão, mas apertou a outra. “Venha.”

Segui Vlad subindo os degraus estreitos. Chegando lá em cima, vi o vampiro Egípcio, também ensopado, analisando os restos dos meus captores com admiração. Então Mencheres se virou, fazendo sombra para seus olhos contra o brilhante sol do meio da manhã.

“Minhas desculpas por usar meu poder em você, Leila. Achamos necessário imobilizar o barco todo no caso de algum de seus captores tivesse sobrevivido.”

Você acha que eu não perceberia mais alguém tentando me matar?
Pensei de forma esgotada.

“Alguém poderia ter pulado do barco e então esperado para lhe pegar desprevenida,” Mencheres respondeu, me lembrando que Vlad não era o único leitor de mentes a bordo. “Por isso que nadamos os últimos quilômetros. Chamamos menos atenção quando estamos debaixo d’água.”

“Então você é o motivo pelo qual senti como se estivesse presa em carbonite* invisível?”

**Material utilizado na série Star Wars para manter congelado e vivo o capitão Han Solo.*

O vampiro deu de ombros. “Posso controlar as coisas com minha mente,” ele disse, seu tom de voz implicava que isso não era grande coisa.

Com aquela habilidade incrível, Vlad devia levar Mencheres com ele em todas as suas missões de resgate. Todos os seus ataques também.

Um murmúrio me fez olhar para cima. A expressão de Vlad estava fechada, me lembrando de que essa não era uma feliz reunião.

“Obrigada aos dois por virem,” eu disse, minha voz soando profissional. “As pessoas feridas estão no depósito de cargas e Maximus está em um dos quartos abaixo.”

Outro som ameaçador vindo de Vlad. “Eu sei. Senti o cheiro dele.”

“Os humanos precisam de sangue para se curarem,” eu disse, ignorando o que ele disse. “E Maximus precisa daquela prata fora dele. Ele já está mostrando sinais de... instabilidade mental.”

Dito isso, desci as escadas, me certificando de cantar qualquer coisa que viesse em minha mente enquanto eu descia. Estar perto de Vlad era muito



mais difícil do que vê-lo em um sonho. Cada emoção que eu tentei reprimir ressurgia com impiedosa intensidade e esse era só o jeito em que ele afetava meu coração. Minhas mãos ainda formigavam pelo breve contato com sua pele e se suas roupas molhadas se moldassem mais explicitamente a seu corpo, logo eu iria cheirar como eau de vagabunda para qualquer vampiro que estivesse em uma distância que pudesse cheirar.

Ele irá embora logo, eu me consolei. Então eu poderia voltar a enterrar aquelas emoções traidoras ao caçar o assassino de Marty. Hannibal disse que não sabia quem o tinha contratado, mas uma busca por suas memórias em seus ossos mostraria se ele estava mentindo.

Eu tinha ido até o quarto de Maximus sem pensar. Ele estava deitado exatamente como antes, mas com uma diferença marcante. Seus olhos estavam abertos, a prata os deixando com listras parecidas com horríveis veias e eles estavam fixos em um ponto sobre meu ombro.

Eu me virei. Vlad estava na porta atrás de mim. Ele encarou Maximus, seu rosto friamente sem expressão. Então, quase casualmente, ele retirou uma faca.

Os olhos de Maximus tremeram fechados, ou por renúncia ou por não se importar. Sem eu precisar me concentrar, um chicote de eletricidade saiu de minha mão.

“Você prometeu!”

Vlad olhou para a vertente brilhante e seus olhos ficaram verdes.

“Você está me ameaçando?”

Sua voz era suavemente amanteigada—e mortal. Minhas entranhas se retorceram com uma mistura de medo e resolução. Ele podia me queimar até a morte antes de eu o atingir com esse chicote, mas eu não ia recuar.

“Estou, se você estiver prestes a não manter sua palavra.”

De repente meus pulsos foram presos com punho de ferro. Qualquer outro vampiro teria sido derrubado pra trás ao tocar minha mão direita totalmente carregada, mas Vlad absorvia a voltagem como se fosse mera energia estática. Então ele se inclinou para baixo, colocando meus cabelos para trás com sua mão livre

Aquele que ainda segurava uma faca.

“Eu te disse antes—não gosto de ser chamado de mentiroso.” O ar de suas palavras caiu como o sopro mais suave contra meu pescoço. “Mas mais importante, se eu tivesse decidido voltar atrás com minha palavra, você não



seria capaz de me impedir.”

Incrivelmente rápido, ele estava se ajoelhando em frente ao Maximus, cortando aquele arame farpado com brutal eficiência. O cordão de eletricidade que produzi se curvou sobre si antes de desaparecer em minha mão como uma tartaruga buscando o abrigo de seu casco.

Não, ele tinha provado que eu não poderia impedi-lo mesmo que sua pirocinese estivesse fora da equação. Naquele momento eu senti exatamente o que eu era: uma mulher que estava cercada de criaturas acima de sua capacidade. De uma vez, a solidão me inundou. Eu não pertencia ao mundo dos vampiros, mas graças as minhas esquisitices, eu não me encaixava ao dos humanos também.

Girei sobre o calcanhar e saí do quarto. Eu não podia fazer nada a respeito de ser uma pária em cada sociedade que existia, mas eu podia, pelo menos, deixar os sobreviventes aterrorizados saberem que a ajuda finalmente tinha chegado.



Capítulo Dezessete

Mencheres e Vlad estavam próximos um do outro, falando baixinho demais para que eu pudesse ouvir. Porém, eles pararam assim que voltei para o deque.

O cansaço me ajudou a segurar uma bufada de indignação. Eles nem estavam tentando ser sutis, estavam?

“Meu aliado estará aqui em breve para nos transportar,” Mencheres declarou.

Bom. Eu tinha checado Maximus novamente, também, já que ele parecia em piores condições do que os humanos, que era algo a se considerar...

“Apenas me deixe em qualquer lugar depois que vocês cuidarem deles,” eu disse, olhando os corpos de forma calculada. Antes, eu não tinha me importado com isso quando procurei por celulares, mas alguns deles carregavam dinheiro. Eu precisaria disso para manter minha caçada à vampira.

“Roubá-los não será necessário. Você vem comigo.”

A descrença me fez levantar a cabeça. Vlad me lançou um sorriso que era tanto encantador quanto desafiador, enquanto sua expressão quase me desafiava a argumentar.

Eu aceitei aquele desafio.

“Não vou com você porque meus problemas já não lhe dizem respeito.” Gelo era mais quente do que meu tom de voz. “Então obrigada pela suposição arrogante, mas não, obrigada.”

“Mas eles me dizem respeito sim,” ele respondeu, seu tom de voz era tão agradável quanto o meu foi frio. “Se eu não fizer nada quando alguém tentar explodir e então sequestra minha ex-amante, meus inimigos irão pensar que estou fraco e atacar mais do meu povo.”

“Não sou uma de seu povo e não preciso de sua proteção, como todos os corpos nesse barco devem confirmar.”

O sorriso encantador de Vlad nunca se desfez. Eu enrijeci, lembrando que ele era mais perigoso quando sorria.



“Como desejar.” Então ele olhou para a porta que levava ao compartimento de carga. “As batidas dos corações deles estão fracas e eles podem não viver tempo suficiente para chegarem ao hospital. Pena.”

Meus punhos se apertaram, era o único sinal de fúria em mim. “Você prometeu curá-los.”

“Não,” ele respondeu instantaneamente. “Você me fez jurar não matar ou torturar Maximus, mas você nunca barganhou por eles. Largá-los em um hospital é de graça, mas meu sangue vem com um preço.”

Eu não tinha pensado em barganhar por eles porque Vlad normalmente não precisaria ser subornado para ajudar vítimas inocentes. Mas pela sua expressão, ele não faria nada mais do que levá-los a um hospital se eu não fosse com ele, e isso poderia não ser o suficiente. Somente sangue de vampiro poderia garantir a sobrevivência deles.

Olhei para Mencheres, mas o outro vampiro pareceu estar fascinado pelas ondas batendo contra o barco. *Sério?* pensei com desgosto.

Seu dar de ombros foi minha resposta. Eu também não conseguiria ajuda alguma dele. Mais uma vez, eu me vi amaldiçoando as limitações da minha humanidade. Vlad tinha me encurralado e nós dois sabíamos disso.

“Cure-os e garanta que eles estejam seguros e eu irei com você,” eu disse com o maxilar tão apertado que eu mal podia falar.

Seus dentes brilharam de uma forma selvagem demais para ser chamada de sorriso. “Sábia escolha.”

Provavelmente não, mas a menos que eu quisesse matar aquelas pessoas eu mesma, eu não tinha outra opção.

Do helicóptero, olhei para o barco lá embaixo. Estávamos alto o suficiente para que a água não estivesse mais branca devido às hélices em movimento. Vlad se sentou na frente com Mencheres, mas eu estava na parte de trás com os humanos, tentando convencer os que choravam de que esses vampiros não os iriam comer.

Minhas tentativas de conforto foram interrompidas quando uma assustadora luz azul cobriu todo o barco. Por alguns segundos não pude identificar o que era. Então um brilho de cor chamou minha atenção para Vlad. Ele estava sentado como se estivesse completamente relaxado, um meio sorriso curvando sua boca, mas suas mãos estavam envoltas em chamas.



Voltei o olhar para o barco. Agora eu sabia o que era a luz azul. Fogo. Vlad nunca mudou sua posição relaxada, mesmo quando o barco explodiu com um *boom!* espetacular que sacudiu o helicóptero e encheu o lago com escombros flamejantes.

“Podemos ir agora,” ele disse para o piloto, um vampiro loiro musculoso que Mencheres tinha chamado de Gorgon.

Fechei minha boca com um click audível. Vlad não tinha colocado explosivos no barco. Ele o tinha destruído com seu poder e, enquanto eu o tinha visto queimar pessoas até a morte, eu não sabia da completa extensão de suas habilidades. Já que ele tinha acabado de fazer uma embarcação de quarenta pés ir para os ares como uma vela Romana, creio que eu deva estar lisonjeada por ele não ter rido quando eu o ameacei mais cedo. A explosão do barco foi tão devastadora quanto a bomba na tubulação de gás—

“Merda,” eu falei quando algo me ocorreu. “Não pegamos nenhum osso daqueles vampiros.”

Eu também tinha perdido o pedaço queimado de Adrian. Não que Hannibal tivesse levado conosco mesmo que eu tivesse pedido. Sequestradores são notoriamente não cooperativos.

“Eles eram mercenários contratados; duvido que seus ossos tivessem alguma coisa útil,” Vlad declarou. Ele não me pediu para explicar o contexto por trás do meu pensamento sobre Adrian. Ele deve ter imaginado o porquê Maximus e eu carregamos por aí uma parte de corpo.

“Eu explodi o barco para esconder a evidência do que você fez e para enviar uma mensagem para quem quer que tenha contratado Hannibal que agora ele terá que lidar comigo. Ou ela,” ele acrescentou de forma pensativa.

Ele também deve ter lido isso dos meus pensamentos. Então Maximus soltou um longo gemido, voltando minha atenção para ele.

“Por que você não começou a tirar a prata?”

O sorriso de Vlad permaneceu, mas suas feições endureceram.

“Isso irá requerer cortes extensivos. Se eu os fizer, então sou culpado por torturá-lo. Gorgon está pilotando o helicóptero e, apesar de Mencheres poder segurá-lo, você não tem experiência para removê-la corretamente.”

Engoli seco. Por mais que eu odiasse a ideia de Maximus continuar a sofrer, eu não queria liberar Vlad de sua palavra em não torturá-lo. O jeito era esperar então.

“Onde estamos indo?” *Por favor, não diga de volta para o seu castelo,*



por favor, não diga de volta para o seu castelo...

“Certo.” Brilhos de esmeralda apareceram em seus olhos cor de cobre queimado. “Não direi isso.”

Pela segunda vez em dez minutos, a palavra *merda* saiu de minha boca. Vlad só riu, o som era tão atraente e cruel quanto o homem em si.

Mencheres e sua esposa, Kira, moravam perto de Chicago, o que explicava como ele tinha se encontrado tão rápido com Vlad. Paramos em sua casa primeiro, o que me aliviou por vários motivos. Primeiro, várias pessoas da equipe de Mencheres foram, imediatamente, trabalhar em Maximus. Segundo, consegui tomar banho e trocar a enorme roupa de mergulho que Hannibal tinha vestido em mim. Kira gentilmente me deixou pegar emprestado uma de suas roupas e, a julgar pelo esplendor de sua casa, ela não estaria com pressa de tê-la de volta.

Eu mal tinha acabado de me vestir quando chegou a hora de partir. Gorgon levou Vlad e eu para um aeroporto particular perto dali onde o jato de Vlad estava abastecido e aguardando. Maximus... bem, Vlad estava mantendo sua palavra, mas obviamente ele não o tinha perdoado. Eu nem tive uma chance para dizer adeus, mas insistir naquilo só pioraria as coisas. Eu não pretendia causar o abismo entre eles, mas sem dúvida, fui o motivo.

Foi só quando embarcamos no elegante jato de Vlad que o peso total das minhas circunstâncias me atingiu. Pela segunda vez na minha vida, eu estava sendo empurrada para a casa de Vlad porque uma pessoa desconhecida estava tentando me usar ou me matar, em qualquer ordem que fosse mais oportuna. E Vlad só estava me protegendo porque era de seu melhor interesse. Vamos citar déjà vu.

Quando ele se sentou e estendeu a mão como tinha feito na minha primeira viagem para a Romênia, algo dentro de mim estalou.

“Não.”

Ele arqueou a sobrancelha. “Você prefere derrubar o avião se, acidentalmente, der um curto circuito no sistema elétrico? Não seja infantil, você sabe que é isso ou luvas e não temos nenhuma luva.”

“Não me importo.”

Para o meu horror, lágrimas brotaram de meus olhos, mas eu tinha usado toda minha força me libertando e depois matando meus captores, então eu não tinha nada sobrando para lutar contra elas.



“No ultimo mês eu fui rejeitada, explodida, alvejada, drogada e sequestrada, mas eu preferiria passar por tudo isso de novo do que segurar sua mão enquanto ajo como... como se tudo o que aconteceu entre nós não importasse.” Minha voz falhou. “Talvez não importe para você, mas até mesmo estar perto de você machuca e eu não posso fingir que te tocar não será mil vezes pior.”

Enquanto eu secava aquelas lágrimas traidoras, me preparei para a zombaria. Ou outro conselho frio e prático sobre como minha condição necessitava dessa ação, mas Vlad não disse nada. Ele olhou para mim, sua expressão mudando lentamente de cínica indiferença para uma atenção quase patológica.

“Eu também não quero tocar você.”

As palavras me atingiram como um tapa, mas antes que eu pudesse responder, ele continuou.

“Ninguém é como você, então cada toque de sua pele é uma cruel lembrança do que eu perdi. Eu mal posso aguentar olhar para você porque você é mais bonita do que eu me permiti lembrar e quando cortei aquele arame do Maximus e senti seu cheiro por todo ele, eu o quis matar mais do que já quis matar alguém em minha vida, mas eu não podia por causa da minha promessa à você.”

Sua voz ficou mais grossa. “Agora sente-se e pegue minha mão, Leila. Os pilotos estão esperando meu comando para partir.”

Lágrimas lentas continuaram a descer pelo meu rosto, mas dessa vez por um motivo diferente.

“Você se importa.”

As palavras foram sussurradas com um tipo desesperado de admiração. Claro que ele não estava disposto a anular seu voto de não amar, mas eu estava errada sobre a indiferença que eu achava que ele sentia. Ele admitir tudo isso era surpreendente o suficiente; o fato de que ele o tinha feito ao alcance dos ouvidos de seus pilotos não era menos do que chocante.

Vlad resmungou. “Não se preocupe. Pretendo matá-los assim que pousarmos.”

Eu ri, algo que eu não teria pensado ser possível cinco minutos atrás. “Não, você não pretende.”

“Eu os matarei se eles repetirem alguma coisa disso.”



Nisso eu acreditava e, apesar de isso só destacar todos os motivos pelos quais eu deveria fugir desse homem letal, arrogante, irritante e complexo, eu me sentei e peguei sua mão. Eu podia fingir que não tinha escolha, mas seria uma mentira. Ele podia enviar um dos pilotos para arranjar luvas. Inferno, ele poderia ter enviado alguém para fazer isso quando estávamos na casa do Mencheres. Aliás, eu poderia ter trazido o traje emborrachado que meus sequestradores tinham vestido em mim; não é como se complicações em voo fossem uma surpresa para mim. Mas nenhum de nós fez essas coisas. Lá no fundo, nós dois devíamos querer isso não importando o quanto machucasse.

Ele apertou a mão em volta da minha e correntes elétricas faiscaram para ele como se elas também sentissem sua falta. Nossos olhares se encontraram e algo resplandeceu entre nós, não era real como a eletricidade saindo de mim para ele, mas tão real quanto. Eu mal o notei dizendo para os pilotos decolarem, e o barulho dos motores não podia se comparar com as batidas do meu coração quando ele afastou meus cabelos para trás para acariciar meu rosto.

“Você nunca devia ter me deixado.”

Eu também estiquei a mão, passando os dedos pela barba em seu maxilar antes de movê-los mais para cima, para a maciez de seu rosto.

“Você não devia ter feito eu te deixar.”

Seus lábios se curvaram em algo que não era bem um sorriso. “Você não quer realmente que eu te ame, Leila.”

Deixei escapar um som suave de zombaria. “É isso que você diz para si mesmo?”

“É o que eu sei,” ele disse, com um toque de raiva colorindo seu tom de voz.

“Você se lembra do sonho que eu continuava tendo?” Sussurrei. “Aquele com a cachoeira de fogo? Finalmente descobri de quem era a voz que ficava me avisando para sair. Era a minha e você era as chamas que eu não podia segurar, não importa o quanto eu tentasse. Por isso que tive que ir embora, Vlad. Se eu tivesse ficado, sua recusa em ao menos considerar me amar acabaria me destruindo.”

Então fechei os olhos, colocando um dedo em seus lábios quando ele puxou o ar para responder.

“Não quero discutir. Agora, eu quero fazer o que tentei fazer quando sonhei comigo nesse avião vários dias atrás.”

Falando isso, apoiei minha cabeça na curvatura de seu ombro, dobrando



meu outro braço sobre seu peito. Ele enrijeceu, mas não fez nenhum movimento para me afastar.

“Era isso que você procurava fazer quando veio até mim naquela noite?” Sua voz era áspera.

Eu assenti, me perguntando se ele estava bravo. Verdade, era uma violação de seu espaço pessoal e Vlad era metódico sobre pessoas o tocando, mas em minha defesa, eu achava que estava sonhando...

Ele passou o braço livre ao redor do meu corpo e a rigidez deixou sua postura. Então algo roçou no topo da minha cabeça, muito breve para eu dizer se era seu queixo ou seus lábios. Em algum lugar dentro de mim, lá no fundo, aquele nó dolorido e retorcido começou a aliviar.

De repente, eu gostaria que o voo para Romênia fosse mais longo do que doze horas.



Capítulo Dezoito

Ou as drogas que Hannibal me deu eram de longa duração, ou eu não tinha percebido o quanto estava exausta. O que quer que fosse, eu acabei dormindo o voo todo. Quando acordei, Vlad tinha voltado a sua indiferença de costume, o que era melhor, eu disse para mim mesma. Nada tinha mudado realmente, exceto saber que eu não era a única angustiada com nossa separação—um conforto frio para o meu orgulho, sem utilidade para o meu coração ainda ferido. Passamos as últimas duas horas em um silêncio tenso. Assim que pousamos e nos transferimos para um carro, eu não podia esperar para chegar em sua casa para que eu pudesse colocar alguma distância entre nós.

Claro, assim como todos os meus desejos, quando esse se realizou, acabou coberto com uma bomba fedorenta ao invés de uma cereja.

Eu tinha visto sua casa muitas vezes, mas quando o carro se aproximou e eu desci, perdi a respiração. Quatro andares de branco resplandecente e cinza se erguiam em minha frente, sendo ainda mais imponente devido às torres triangulares em cada canto. Entalhes enfeitavam cada pilar, sacada e janela externa, enquanto gárgulas de pedra mantinham vigia no topo das torres altas. A limusine passaria através das portas de três metros e meio de altura por quatro metros e meio de largura com suas antigas aldravas em forma de dragão, não que elas fossem necessárias. Assim que nosso veículo parou, as portas foram abertas e continuaram abertas, aparecendo um guarda de cada lado.

Eu estava admirando o quanto todas as árvores tinham ficado verdes quando uma garota pequena com cabelos negros na altura dos ombros veio pela porta de entrada.

“Gretchen,” eu disse, tanto surpresa quanto encantada por ver minha irmã. “O que você está fazendo aq—?”

Minha pergunta foi interrompida por um tapa bem sonoro. Aturdida, olhei boquiaberta para ela enquanto esfregava meu rosto.

“Como você pôde?” ela gritou. “Você nos deixou pensar que estava morta! Papai e eu estávamos planejando seu maldito *funeral* quando ele”—um gesto selvagem para Vlad—“apareceu para dizer que você estava viva e que nós tínhamos que voltar para cá para nossa própria segurança! Então você não liga nem *uma vez* e ninguém nos diz nada até dez minutos atrás quando disseram que você estaria aqui logo!”



“Papai está aqui também?”

“Sim, estou aqui,” uma voz dura soou de trás de Gretchen.

Engoli seco, sentindo como se o tempo tivesse voltado e me transformado em uma criança aguardando punição. Um homem magro com cabelo grisalho apareceu pela porta, sua postura ereta apesar de se apoiar mais pesadamente em sua bengala do que da última vez que o vi.

“Você manteve sua palavra,” meu pai disse, mas ele não estava olhando para mim. Ele olhava para Vlad.

“Eu sempre mantenho minha palavra,” ele respondeu antes de passar caminhando pelo meu pai e entrar no saguão principal da casa.

“O que você tem a dizer por você mesma?” Gretchen exigiu, chamando minha atenção de volta para ela.

Abri minha boca... e nada saiu. O que eu *podia* dizer? Que eu não tinha contado a eles que eu estava viva porque eu estava com medo de que Vlad os usasse contra mim se ele fosse o cara por trás da explosão? Pareceu viável na época, mas agora parecia sem sentido, considerando que foi Vlad quem os levou rápido para um local seguro.

A culpa me atingiu com mais força do que o tapa da minha irmã minutos atrás. Eu não apenas deixei minha família acreditar que eu estava morta. Eu deixei Vlad acreditar nisso também e, enquanto eu estava fora com Maximus, duvidando dele, ele estava garantindo que minha família estivesse segura enquanto procurava por mim.

A palavra *desculpa* nem começava a consertar as coisas dessa vez.

“Eu não quis magoar vocês” foi o que eu disse, e soou tão inadequado quanto realmente era.

Gretchen me olhou de forma seca. Então ela girou em seus calcanhares e se mandou. Minutos depois, acho que ouvi uma porta bater.

Aquilo me deixava com meu pai e os dois vampiros que continuavam a segurar abertas as enormes portas da frente, seus rostos sem expressões. Hugh Dalton me olhou longamente e sem falar nada, então suspirou.

“Vlad disse que você provavelmente achava que estava nos protegendo com esse engano. É verdade?”

“Sim.” Um nó subiu pela minha garganta. *Ele também sabia por que eu fiz isso.* Eu não podia ter me sentido mais envergonhada.



“Bem.” Meu pai me deu um sorriso frio. “Eu diria mais, mas acho que o tapa de Gretchen disse tudo. Tente usar melhor o julgamento da próxima vez, tá?”

Engoli seco, me arrependendo de tantas coisas que eu não sabia por onde começar com as auto-recriminações.

“Usarei.”

Um vampiro chamado Oscar me escoltou para o mesmo quarto em que fiquei antes de Vlad e eu começarmos a namorar. Era no segundo andar, dois andares inteiros abaixo do quarto de Vlad. A visão da cama com dossel de renda, da lareira de mármore, do enorme guarda-roupa antigo e paredes cor índigo não devia ser tão deprimente, mas era. Meses atrás eu tinha batizado esse de Quarto Triste* por causa de sua cor e da impressão psíquica que captei da mulher chorando que tinha ficado aqui antes de mim. Seus problemas de relacionamento acabaram sendo resolvidos, como descobri depois de conhecer ela e seu marido. Os meus eram irreparáveis.

*“Blue Room”. Um jogo de palavras com a palavra BLUE, que significa triste e azul.

Era pouco mais de dez da manhã, horário da Romênia, mas converta isso ao Horário Vampírico de Greenwich e era praticamente o meio da noite. Então, não fiz nenhuma tentativa de conversar com Vlad. Posso ter dormido durante o voo, mas ele podia ter ficado acordado o tempo todo para garantir que minha mão não desse um curto circuito no jato. Além do mais, eu não tinha certeza do que eu ia dizer.

Tomei banho e me troquei, vestindo um traje escolhido do guarda-roupa lotado, nenhuma surpresa em descobrir que eram do meu tamanho. A casa de Vlad estava sempre estocada com todos os confortos. Então desci para o primeiro andar, passando por vários cômodos maravilhosos em busca daquele mais distante na ala leste.

Uma vez dentro da cozinha, eu estava contente por ver um rosto familiar.

“Oi, Isha,” eu cumprimentei a mulher gordinha de cabelos cinza que era uma das muitas cozinheiras da casa. Os guardas de Vlad eram vampiros, assim como sua equipe, mas ele garantia que os humanos doadores de sangue que viviam aqui comessem como reis. Assim como seus hóspedes. Eu podia ter pedido serviço de quarto, mas eu não quis ser metida.



Isha parou de cortar. “Senhorita Dalton,” ela respondeu com um sotaque Romeno carregado. “Como posso ajudá-la?”

Pisquei. Antes era “Leila”, e era minha imaginação ou ela estava educadamente me olhando de forma irritada?

“Não se incomode. Só vim pegar algumas frutas e queijo.”

Isha bloqueou a porta da frente da enorme geladeira antes que eu desse dois passos para dentro da cozinha.

“Senhorita Dalton, por favor, indique onde você gostaria que seu café da manhã fosse servido e eu ficarei feliz em mandá-lo para lá.”

Agora eu a olhei em descrença. Eu não podia contar todas as vezes em que eu mesma me servi enquanto morava aqui, geralmente enquanto tinha uma conversa agradável com Isha ou um dos outros chefs.

“Não é problema, eu mesma pego,” tentei novamente.

O olhar de Isha se estreitou mesmo com ela sorrindo, destacando linhas que mostravam que ela devia estar em torno de sessenta anos quando foi transformada.

“Tolice, será um prazer. Devo enviar um prato para seu quarto ou para a ante-sala do segundo andar?”

Seu tom não podia ter sido mais gentil. O mesmo com as palavras e, mesmo assim, parecia que eu estava sendo repreendida.

“A ante-sala está bem. Ah, obrigada, Senhora...” Droga, eu não sabia seu último nome. “Me chame de Isha, querida!” ela tinha dito quando nos conhecemos e mantivemos nossos primeiros nomes desde então.

Ela se virou sem falar mais, voltando para a tábua de corte. Mais rápido do que uma máquina, ela cortou à juliana* uma pilha de legumes, a luz da manhã reluzindo em sua faca.

**Termo culinário usado para quando se corta algo em tirinhas.*

Sai, mas decidi fazer o caminho mais longo de volta para o meu quarto. Havia algo que eu queria testar primeiro.

Enquanto eu vagava ao redor da escadaria, me certifiquei de cumprimentar toda pessoa que eu reconhecesse. Eles eram todos impecavelmente educados, mas as pessoas que uma vez contei como amigos agora faziam As Esposas de Stepford* parecerem calorosas perto deles. Se eu tivesse sentidos de morto vivo, aposto que o cheiro de desaprovação teria entupido minhas narinas.



**Título de um livro.*

Não era preciso muito esforço para descobrir o porquê. Parece que fiz o imperdoável ao terminar com seu Mestre. Mesmo que eles tivessem escutado meus motivos, obviamente eles achavam que eu devia ter sido grata em aceitar qualquer migalha de afeição que Vlad me oferecesse.

Agora eu sabia como uma bolinha de máquina de pinball se sentia—tudo que eu tocava parecia me jogar para longe o mais rápido que podia. A frieza de sua equipe não devia me incomodar, mas incomodou. Meu estômago roncou, me lembrando de que eu não tinha comido a mais de um dia, mas ao invés de ir para o segundo andar, fui para a pequena escada atrás do jardim interno. Então a segui para um corredor fechado de pedra e abri a segunda porta depois da capela.

O ginásio. Eu tinha passado a maior parte da minha infância em um desses, então as polias, esteiras, pesos, trampolim e barras paralelas significavam mais do que exercício. Elas eram máquinas do tempo me transportando para um passado despreocupado antes que eu tocasse aquele fio de alta voltagem caído. Fui para o trampolim e comecei uma série de movimentos, mas eles me lembravam muito do meu ato com Marty. Pulei para fora do trampolim e fui para uma esteira, lutando contra uma onda de tristeza.

Então, comecei a fazer a rotina que eu tinha aperfeiçoado quando eu tinha treze anos e tinha tentado entrar para o time de ginastas Olímpicas. Meu corpo não estava tão condicionado e eu nem estava usando as roupas certas, mas mesmo assim, fiz o conjunto todo de exercícios. Então outro, e outro. Logo meu jeans e camiseta estavam suados, mas não parei. Alguns dias, se eu forçasse o suficiente, eu quase podia ouvir a voz da minha mãe.

Quem é minha pequena campeã? Estou tão orgulhosa de você, querida...

“Leila!”

A voz feminina não veio da minha imaginação. Veio de uma loira de cabelos avermelhados do outro lado da sala.

“Pessoal, Leila está de volta!” Sandra gritou no corredor. Então ela correu para frente com um sorriso. “Por que você não nos disse?”

Sua genuína alegria era como um bálsamo em uma queimadura. Se não a matasse eletrocutada, eu a teria abraçado por uma hora.

“Eu, ah...”—estava com medo de que gritassem comigo ou que eu fosse rejeitada novamente—“não estava certa de que vocês estariam acordados,” terminei de forma não convincente.



Sandra riu. “Eu não estava uma hora atrás, mas estaria tudo bem. Por que você está de volta? Você e Vlad—”

“Lá está ela!” Joe gritou, interrompendo a pergunta de Sandra. Em um momento eu me vi dizendo oi a todos os velhos amigos e conhecendo os novos doadores residentes para o turno da manhã para o cronograma de alimentação da casa.

“Venha, você tem que nos contar tudo,” Sandra disse. Então ela sorriu. “Eu não queria mesmo fazer exercícios.”

Eu não podia contar *tudo* à ela, mas eu podia dar alguns detalhes. Além do mais, tinha uma cozinha lá embaixo também e, diferente da do andar de cima, lá não tinha nenhum vampiro que guardava rancor de mim.



Capítulo Dezenove

Depois de horas agradáveis onde coloquei o assunto em dia com Sandra e os outros, voltei para o andar de cima. Lá, passei algumas horas não tão agradáveis com Gretchen e meu pai, tentando explicar que *alguém* tinha plantado a bomba na tubulação de gás e que aquela mesma pessoa teria considerado minha família uma excelente isca se ele—ou ela—percebesse que eu tinha sobrevivido. Meu pai, um tenente coronel aposentado, entendeu e pareceu disposto a me perdoar. Eu me perguntava se Gretchen algum dia perdoaria.

Finalmente, voltei para o meu quarto e tomei outro banho. Limpa e vestida, olhei para fora da minha janela, para o céu escurecendo e tentei não imaginar se Vlad estava acordando. Dentre todas as pessoas que estavam com raiva de mim, ele era quem tinha mais direito de estar. Apesar da forma fria com que ele terminou nosso relacionamento e de como era difícil estar perto dele, eu ainda lhe devia desculpas por acreditar que ele estava por trás daquela bomba no circo. Da próxima vez que eu o visse, eu pagaria a dívida.

Até lá, eu me distraí pensando em como estava Maximus. Eu não ia perguntar para a equipe e perguntar para Vlad poderia fazê-lo acender seu fluido de isqueiro. Porém, eu tinha outro jeito de ver se Maximus tinha se recuperado.

Passei a mão direita sobre minha pele, encontrando o rastro de essência que Maximus tinha deixado. Então foquei nele até que o Quarto Triste desapareceu e completa escuridão me cercou. Por um segundo, fiquei confusa. Então vi um brilho verde e ouvi a voz de Vlad.

“—não era minha preferência. Eu preferiria te matar.”

Um suspiro pesado. “Então por que não mata?”

A voz de Maximus. Eu ainda não podia vê-lo, mas ele parecia são, para meu grande alívio. Onde eles estavam que a única luz vinha dos olhos de Vlad?

“Leila.” Meu nome pairou no ar frio. Vlad deu uma risada curta. “Ela se recusou a me dizer onde ela estava até que eu fizesse um juramento de não te torturar ou matar.”

Maximus riu também, e soou igualmente sem humor. “Ela deixou algumas coisas de fora, como eterno encarceramento.”



“Ela é jovem,” Vlad disse, “e pode não ser eterno. Em um século ou dois, posso superar minha raiva e deixar você sair.”

Um ruído de algo batendo em alguma outra coisa, então outro brilho verde preencheu a escuridão. Os olhos de Maximus, iluminando o suficiente para eu ver que seu rosto estava pressionado contra barras de metal espessas.

“Ela estará morta há muito tempo até lá,” ele falou roucamente.

Os olhos de Vlad brilharam ainda mais. “Estará?”

Agora eu sabia onde os dois estavam e uma onda de raiva me atingiu. Maximus não estava de volta à casa de Mencheres. Ele estava a cerca de cem metros abaixo de mim, no calabouço subterrâneo de Vlad!

“Leila recusou sua oferta de transformá-la em uma vampira.” O tom de Maximus endureceu. “Ela terminou com você, lembra?”

A risada de Vlad se estendeu, baixa, porém implacável, como um trovão durante uma tempestade de primavera. “Se você acreditava nisso, não teria mentido para mim sobre ela estar viva. Você deve ter imaginado que eu estava deixando ela me deixar, mas não a estava deixando *ir*. Por isso que você a impediu de me contatar, a convencendo de que eu podia ser a pessoa por trás daquela bomba.”

“Podia ter sido você,” Maximus rosnou.

As mãos de Vlad brilharam, se aproximando de Maximus. Somente aquelas varas grossas de metal separavam seus rostos quando ele se inclinou para frente.

“Você pode querer acreditar nisso,” ele disse suavemente. “Caso contrário, você me traiu por nada.”

Seus olhares brilhantes alinhados mostravam cada nuance de suas expressões cruéis. Finalmente a boca de Maximus se curvou e ele puxou suas mãos das de Vlad.

“Oh, eu não diria que foi por *nada*.”

Meu queixo caiu. Sua insinuação era clara, como as mãos de Vlad explodindo em chamas pôde provar. Parte de mim estava ofendida pela falsa intimidação enquanto a outra aplaudia Maximus por marcar um ponto apesar de sua situação impotente.

Situação sobre a qual eu faria algo a respeito. Trancá-lo em uma masmorra contava como tortura em meu livro, especialmente quando Vlad



pretendia que Maximus ficasse lá por um século ou dois.

Vlad rosnou alguma coisa em resposta, mas o quarto flutuou ao redor de mim, a escuridão dando lugar para uma avalanche de azul enquanto eu perdia a conexão. Assim que eu estava orientada novamente, me senti tonta e não precisei de um espelho para saber o que era o líquido quente pingando de meu nariz. A fúria tornou aquilo irrelevante. Vlad podia achar que tinha me passado a perna, mas eu ia mostrar para ele que estava enganado.

Limpei o sangue do meu lábio superior e sai correndo do quarto, praticamente correndo escadas abaixo para o jardim interno e para as escadas atrás dele. Desci de dois em dois degraus, fazendo uma curva para a esquerda no túnel ao invés da minha usual curva para a direita. Meus passos ecoavam no espaço fechado, mas eu reduzi a velocidade nos últimos metros. Eu tinha um plano para conseguir passar pelos guardas e correr até eles não iria ajudar.

O corredor fazia uma curva e se estreitava, terminando com dois vampiros na frente de uma porta de ferro com trinta centímetros de espessura.

“Sinto muito, Senhorita Dalton, você não pode ficar aqui,” disse o de cabelos cor de areia. Então ele franziu a testa. “Você está sangrando.”

Eu lhe mostrei meu sorriso feminino mais indefeso, esperando que ele direcionasse a raiva que tinha de mim para outra coisa.

“Eu sei, por isso que você tem que me deixar passar. Preciso que Vlad me cure. Pode ser sério.”

Os guardas trocaram um olhar desconfiado. “Ele não autorizou você descer aqui,” o guarda ruivo musculoso declarou. “Porém, eu ficaria contente em lhe dar meu sangue—”

“Isso não o deixaria nervoso?” eu o interrompi, arregalando os olhos. “Se eu bebesse seu sangue quando ele estava tão perto?”

Os guardas trocaram um olhar ainda mais suspeito quando eu, inadvertidamente, sorri. *Isso. Pense em como vocês vampiros são territorialistas e em como eu só bebia o sangue de Vlad quando eu morava aqui antes.* Para dar mais efeito, eu oscilei e, apesar do guarda de cabelos cor de areia me firmar, assim que eu endireitei o corpo, ele puxou as mãos para longe enquanto olhava em volta, culpado.

Xequemate.

“Eu vou obter permissão para você passar,” o guarda ruivo disse. *Ele não foi ludibriado tão facilmente. Deve ser casado.*

Em resposta, eu me soltei, completamente mole. Como era esperado, eu



não atingi o chão antes de braços fortes me pegarem. Então fui erguida, o vento passando por mim de tão rápido que quem quer que tenha me pego correu pelas escadas estreitas que levavam à masmorra. Mantive os olhos fechados e minha cabeça pendendo enquanto passávamos por mais pontos de checagem. Nenhum dos guardas de Vlad queria ser responsável por eu morrer, porém eles estavam todos com medo demais dele para me darem seu sangue.

Quando a quarta e última porta se abriu, eu me sentei e empurrei os braços que me apoiavam. Não há necessidade de facilitar que ele me carregue de volta assim que meu truque for descoberto.

“Me coloque no chão,” eu disse ao guarda, que acabou sendo o loiro ao invés do ruivo. Nenhuma surpresa.

Meus pés mal tinham tocado o chão quando a voz de Vlad irrompeu como um trovão através da escuridão cavernosa ao nosso redor.

“Que diabos ela está fazendo aqui?”



Capítulo Vinte

Um brilho laranja antecipou sua aparição, mostrando que o monólito de pedra no centro não estava vazio como da última vez em que estive na masmorra. Dois vampiros estavam pendurados por correntes de prata com espinhos incrustadas na pedra, um terceiro empalado na frente deles. Quando Vlad chegou mais perto, mais luz de suas mãos em chamas mostravam em qual parte dele a longa vara tinha entrado primeiro.

“Isso é *doentio*,” eu sussurrei, temporariamente distraída.

Ele ignorou isso, apontando um dedo flamejante para o guarda. “Você comprou para si mesmo algum tempo doloroso para pensar, Jameson.”

“Mas ela está sangrando!” o guarda protestou, me dando um pequeno empurrão para frente.

“Então você vem e me *busca*,” Vlad disse de forma congelante. As chamas em suas mãos desapareceram quando ele agarrou meu maxilar, virando minha cabeça e forçosamente evitando que eu olhasse para seus prisioneiros.

“Você não a trás aqui sem permissão, jamais,” ele continuou, ainda falando para Jameson enquanto olhava para mim. “Uma semana no poste irá lhe lembrar disso.

“Eu não ia deixar você fazer um dos seus habituais atos de desaparecimento, então eu o enganei fingindo que tinha desmaiado,” rebati, tentando sem sucesso afastar sua mão. “Você quer punir alguém. Que seja eu.”

Ele agarrou meus cabelos. Entra isso e a firmeza com que segurava meu maxilar, eu não podia me mover enquanto ele se abaixava, colocando os lábios diretamente sobre meu ouvido.

“Eu *estou* punindo você,” ele sussurrou. “Você sofrerá de culpa cada dia em que ele estiver naquele poste. Então, talvez, da próxima vez, você irá pensar duas vezes antes de enganar meus guardas.”

Eu empurrei seu peito no mesmo instante em que ele me soltou, então acabei empurrando só o ar. Vlad estava a alguns metros de distância, quase invisível contra a escuridão com sua camisa cinza escura e calças pretas. Se não fosse pelo brilho verde esmeralda que vinha de seus olhos, eu não saberia



onde ele estava.

“Agora, desculpe-se por entrar sem permissão.”

Não foi sussurrado. Ao invés disso, o comando ressoou no interior cavernoso. Apesar disso, não pude conter minha bufada.

“Eu preferiria sangrar até a morte.”

“Se você fosse qualquer outra pessoa, essas seriam suas últimas palavras.”

De repente, fui lembrada de que a masmorra era um lugar onde a maioria das pessoas que entrava nunca saía. Eu olhei para a situação da minha perspectiva: eu ia falar umas boas para meu ex-namorado pela sua maneira dissimulada de quebrar uma promessa e eu tive que passar por alguns de seus guardas primeiro.

Pela perspectiva de um *vampiro*, eu tinha enganado guardas altamente treinados para traírem seu Mestre ao me levar para o que devia ser a área mais segura dessa casa. Que eu tivesse feito isso na frente de inimigos combatentes provavelmente fez com que fosse pior. Creio que o equivalente humano seria estapear meu ex-namorado em seu casamento enquanto dizia para todo mundo que pênis pequeno ele tinha, no entanto isso teria consequências à curto prazo. Com o sistema feudalista baseado no medo em que os vampiros viviam, as repercussões para isso poderiam ecoar por séculos, e eu nem poderia mais reivindicar isenção por ser namorada.

“Finalmente, você começa a entender,” Vlad disse, com ironia em seu tom de voz.

Não vi mais o guarda loiro que eu tinha enganado para me trazer aqui, mas mesmo que Jameson tivesse saído, ele ainda esta ouvindo. *Todos* os guardas que enganei estariam ouvindo e eles repetiriam minhas próximas palavras para o resto da equipe de Vlad, que as repetiriam para outros vampiros, que eventualmente repetiriam para seus inimigos. Eu poderia preferir qualquer que fosse a retaliação que Vlad fosse forçado a fazer do que me desculpar, mas isso era sobre algo maior do que eu.

Isso não significava que eu estava fazendo vista grossa para o que ele tinha feito a Maximus. *Vou jogar seu jogo agora, mas se você se recusar a me ver depois disso, farei você me empalar com a fúria que vou jogar sobre você*, pensei de forma desafiadora. Então pigarreei e pronunciei desculpas que nunca pretendi dar.

“Por favor, perdoe a intromissão. Eu não deveria ter vindo aqui e eu sinto muito.”



Meu tom de voz estava bom, mas se pequenas fagulhas saíssem da minha mão direita em protesto, eu não poderia fazer nada a respeito.

Um sorriso passou rapidamente pelo rosto de Vlad.

“Eu te perdoo, mas só porque você disse ‘por favor’.”

Espertinho, pensei. Então suspirei para o coro instantâneo de “Por favor!” misturado com gritos de libertação dos prisioneiros de Vlad. Não é a toa que ele teve repulsa da palavra.

“Eu só sou misericordioso com uma pessoa por dia,” ele falou por sobre o ombro. “Como diz o ditado, hoje não é seu dia e amanhã também não parece um bom dia.”

Então seu olhar voltou para mim. “Agora, peça para que eu lhe cure.”

Você está REALMENTE forçando a barra. Eu pensei, olhando para ele.

Ele mostrou os dentes em um sorriso charmoso e feroz. “Minha masmorra, minhas regras.”

Mentalmente, eu o xinguei em Inglês e Romeno, mas em voz alta eu disse, “Você me daria um pouco de seu sangue para me curar?”

Ele mostrou os dentes novamente, agora com presas. “Venha e pegue.”

Eu me aproximei dele do mesmo jeito que me aproximaria de uma cobra balançando na vertical—com extremo cuidado. Estar perto de Vlad era perigoso, especialmente porque nós dois ainda tínhamos sentimentos um pelo outro. O estranho tipo de “trégua” que vivenciamos no avião tinha acabado, então tocá-lo agora era brincar com fogo—literalmente—e ele se asseguraria de que eu não tivesse escolha.

Sim, você tem, minha voz interior zombou. *Desista!*

Eu parei, considerando isso, e Vlad me puxou para ele. Apesar da minha raiva, era eu que sentia choques de eletricidade chiando em mim quando seu corpo tocou o meu. Por um breve segundo, fechei os olhos, saboreando a sensação. Então eu os abri imediatamente e olhei para ele em desafio.

“Vai me dar seu sangue ou não?”

Seu sorriso se foi, substituído por lábios apertados com uma intensidade selvagem. Então ele ergueu o pulso, o mordeu profundamente e o segurou sobre minha boca.

Não desviei o olhar enquanto entreabria os lábios, bebendo aquele



líquido quente e de sabor acentuado. Eu nunca imaginei que fosse sentir falta do gosto de sangue, mas com um gole, eu sabia que sentia falta do dele. Minhas pálpebras ficaram pesadas com o mais estranho tipo de alegria, porém eu me recusei a fechá-las. Mantê-las abertas era quase tão traiçoeiro. Seu olhar, quando coleí os lábios sobre as perfurações e chupei, enviou um calor direto para o meu núcleo.

Você também sentiu falta disso? Uma parte sombria de mim sussurrou. Não era minha odiosa voz interior; ela vinha de outro lugar. Um lugar que parecia só se incendiar para a vida quando Vlad estava perto.

Seus lábios se entreabriram, mostrando as pontas de suas presas. “Pergunte de novo e eu vou te mostrar.”

Uma ameaça? Uma promessa sensual? Ambas? Eu humedeci meus lábios. Até mesmo ambas me dariam mais prazer do que eu poderia aguentar—

“Não,” eu disse, a única palavra ecoando com minha veemência.

Seu abraço era minha droga e como todo viciado sabia, uma amostra era demais—e mil nunca era suficiente.

Então e o afastei. Algo perigoso ardia em seu olhar, mas ele não fez nada para me impedir. Várias tochas se acenderam, me permitindo encontrar o caminho da saída sem tropeçar ou ir tateando. Assim que cheguei na saída, me virei para ele.

“Falei sério. Nós ainda precisamos conversar.”

“Esteja na minha antessala particular as dez essa noite. Caso contrário, vou considerar o assunto encerrado.”

Sua antessala particular, o mesmo lugar que eu costumava atravessar toda manhã porque ela ligava seu quarto ao meu antigo quarto. Eu preferiria enfrentar um pelotão de fuzilamento do que ir até lá, mas se eu recusasse, Maximus poderia ficar trancado nessa masmorra por séculos.

O sorriso que Vlad me deu antes de desaparecer na escuridão dizia que ele já sabia o que eu escolheria.



Capítulo Vinte e Um

Entrei na antessala exatamente às dez da noite. Vlad estava no sofá, duas taças de vinho e uma garrafa estavam na mesa de obsidiana em sua frente. A TV estava desligada e a luz da lareira irradiava um brilho suave ao sofá cor de ferrugem.

Lembranças me atacaram tão impiedosamente quanto eu temia. Vlad e eu passamos muitas noites relaxados com uma garrafa de vinho naquele sofá. Fizemos outras coisas lá também. Espontaneamente, o calor que tomou conta de mim nada tinha a ver com o fogo que crepitava na lareira.

Tentei suprimir aquele calor com rudeza. “Você não interpretou mal o motivo pelo qual eu queria te ver, interpretou?”

Ele riu e aquele meio grunhido, meio ronronar divertido confundiu os meus sentidos assim como fez meus pelos se arrepiarem.

“Você acha que estou tentando te seduzir? Que presunçoso, considerando que nunca permiti que uma ex amante voltasse a minha cama.”

Olhei para as taças de vinho, para a iluminação romântica e finalmente de volta para ele. Se Vlad não estava tentando me seduzir, então ele estava me tentando com o que eu não poderia ter. Eu usava um simples vestido justo azul escuro que não ia além da altura dos joelhos. Suas calças pretas modelavam a parte de baixo de seu corpo, enquanto a camisa branca contrastava como neve contra seu paletó cor de ébano, feito sob medida. Aquela camisa estava aberta, revelando todo seu pescoço e alguns centímetros de seu peito. Abotoaduras de platina reluziram quando a luz do fogo refletiu sobre elas e seu cabelo longo e negro estava penteado para trás, tudo do melhor para destacar seus traços esguios, sensuais e notáveis olhos cor de cobre.

A única coisa que estava faltando era ele derramar lentamente calda quente naquele peito nu. Então qualquer corte do mundo consideraria isso uma armadilha sexual.

Seu sorriso se ampliou. Merda, eu tinha me esquecido de cantar para mantê-lo fora dos meus pensamentos.

“Ótimo. Nós dois estamos aqui por motivos platônicos e vamos deixar por isso mesmo,” eu disse, odiando como minha voz tinha ficado rouca.



“Ótimo.”

De repente, ele estava a centímetros de mim, me deixando com os olhos na altura de seu colarinho aberto e da pele que eu tinha acabado de imaginar respingada de chocolate. Engoli seco. *Pense na masmorra e em sua promessa quebrada, não em quão intoxicante ele é mesmo quando não está coberto de sobremesa!*

A imagem da masmorra ajudou. “Você precisa soltar Maximus,” eu declarei com a voz mais forte agora.

“Não. Vinho?”

Eu pisquei, a raiva sobrepondo meu desejo. “Você prometeu que não iria torturá-lo, mas ser aprisionado em uma masmorra por séculos conta como tortura.”

Vlad ergueu um copo e então ele mesmo bebeu quando eu me recusei com um brusco gesto de cabeça.

“Não, não é,” ele disse, ainda naquele maldito tom sereno. “Já que tenho experiência própria em relação aos dois, eu garanto a você que tortura e aprisionamento são muito diferentes.”

“Você está se esquivando. Você sabia *exatamente* o que eu queria dizer quando pedi pela sua promessa.”

Ele deu de ombros. “Eu honrei minha palavra como foi dada. Se você queria mais, deveria ter especificado.”

“Eu estava drogada!”

“E eu estava coagido,” ele respondeu, seu olhar se estreitando. “Muitos considerariam isso motivo suficiente para invalidar uma promessa. Eu não e Maximus sabia que me trair iria custar algo. Por causa de você, não custou a ele tanto quanto deveria.”

“Isso é exatamente o que você fez com Marty,” falei de forma agitada. “Dando-me uma promessa inútil depois que você acaba de brincar com as palavras. E então você fica ofendido quando te chamo de mentiroso!”

Vlad colocou o copo na mesa com tanta força que fiquei surpresa de que a haste da taça não tenha se partido. Então ele foi para a porta. Quando ele a abriu, pensei que ele ia me mandar sair. Ao invés disso, ele saiu.

“Onde você está indo?” Eu chamei.

“Matar Maximus” foi a resposta que tive. “Se sou um mentiroso, posso



muito bem tirar total vantagem disso.”

“Espere!”

Ele já tinha chegado ao fim do corredor quando corri até ele, mas perante minha chamada frenética, ele se virou.

“Você não pode ter as duas coisas, Leila. Ou sou um mentiroso ou não sou e se não sou, então você não tem motivo algum para chorar pelo que fiz a Maximus.”

A frustração me fez ir direto na jugular. “Ele é a única razão pela qual sobrevivi depois daquela bomba na tubulação de gás. Isso não significa *nada* para você?”

Ele veio na minha direção, caminhando sem pressa, como um verdadeiro predador, fazendo com que o corredor parecesse se encolher ao meu redor. Quanto mais perto ele chegava, mais eu me afastava instintivamente. Só quando vi as paredes com painéis de mogno que percebi que ele me levou de volta a sala de estar.

“Sim, significa. Por isso eu o perdoei por me dizer que estava verificando seu pessoal quando, na verdade, ele estava te seguindo. Porém, eu não perderei suas repetidas mentiras após a explosão. Aquelas não foram para te salvar. Elas foram para te manter longe de mim porque ele a queria para si.”

“Ele realmente achou que você poderia estar por trás disso,” eu murmurei.

Vlad revirou os olhos. “Você acreditou nisso, mas Maximus sabia que eu não mataria uma mulher inocente de propósito.”

“Ele achou que seu orgulho ferido poderia ter te deixado mais homicida do que de costume.”

“Não, ele queria transar com você.”

Seu tom calmo desapareceu, substituído por um que parecia lâminas sobre vidro quebrado.

“Se ele acreditou em alguma coisa do que te contou, foi apenas para aliviar a culpa por me trair.” Seus olhos mudaram de cor de cobre para esmeralda em um piscar. “Ele a quis desde o começo. Quando descobri que você estava viva, me perguntei se ele havia conseguido e se vocês dois tinham armado a explosão para desaparecerem juntos.”

“Você achou que eu matei um monte de pessoas para forjar minha própria morte para que eu pudesse fugir com Maximus?” Se minha voz ficasse



mais alta, todos os vidros que estivessem por perto se estilhaçariam.

“Você acreditou que ordenei sua morte devido a um orgulho ferido por você ter me deixado.” Ele me sondou com o olhar. “Não finja ser a parte machucada quando você também tirou as conclusões erradas.”

Com isso meu temperamento se partiu. “Dentre nós dois, quem é mais provável ter matado aquelas pessoas?”

Seu sorriso era como de um tubarão; só dentes, nenhum humor. “Eu, mas mesmo assim você devia saber. Martin, que torturei no dia que nos conhecemos, entrou em contato comigo depois da explosão porque ele sabia que eu não tinha feito aquilo. Porém você, que foi minha preciosa amante, estava tão convencida de que eu podia ter feito aquilo que me deixou acreditar que você estava morta.”

Eu mal ouvi a última frase. Minha mente se agarrou em uma coisa, choque substituindo minha raiva.

“Marty entrou em contato com você *depois* da bomba? Mas isso significaria que ele... ele não foi...”

“Não foi morto na explosão,” Vlad informou, seus lábios se curvando. “Terrivelmente cruel de minha parte deixar você acreditar que alguém por quem você se importava estava morto, não é?”

A raiva colidiu com uma onda de alegria. Aquelas emoções amplamente contrastantes foram demais. Investi contra Vlad, rosnando, “Maldito seja você!” enquanto lágrimas de alegria se espalhavam pelos meus olhos.

Ele me pegou, me erguendo a vários centímetros do chão. A essa altura, nós estávamos com os olhos no mesmo nível e seu olhar teria feito com que eu desse um passo para trás se eu pudesse.

“Não,” ele disse, a palavra caindo como um martelo. “Você é a única que me bateu sem retaliação, mas você não é mais minha amante então não serei mais tão tolerante.”

Eu não pretendia bater nele. Verdade, eu queria sacudi-lo até que suas presas chacoalhassem por me deixar acreditar que meu melhor amigo estava morto—e espere até eu colocar as mãos em Marty!—mas aquela urgência desapareceu quando olhei dentro de seus olhos. Sua expressão era tão atordoante que eu devia ter ficado com medo, mas algo diferente de medo começou a me preencher. Incapaz de me controlar, olhei para sua boca. Ela parecia dura, mas se eu me inclinasse para frente alguns centímetros, eu sabia que não seria assim...

De repente sua boca estava sobre a minha, provando que eu estava



errada. Ela *realmente* estava dura. A barba em seu rosto também parecia mais áspera, e mais, eu teria manchas roxas pelo quão forte ele me puxou para ele.

E nada nunca pareceu melhor. O êxtase explodiu, queimando tudo mais pela frente. Eu retribuí o beijo tão selvagemmente que cortei o lábio em suas presas, mas não senti a dor. Tudo que eu sentia era o seu gosto, como vinho aromatizado aquecido com a mais sombria das fantasias. Como seus braços me apertavam para mais perto enquanto seu calor cauterizava através da minha roupa. O jeito sensualmente brutal que sua língua se enroscava com a minha e a urgência avassaladora que eu tinha de tocá-lo tão rápido quanto minhas mãos podiam correr pelo seu corpo. Eu precisava dele tanto quanto as respirações entrecortadas que eu dava entre os beijos, mas outra emoção se mostrava mais forte, me dando a força para afastá-lo apesar de cada célula em meu corpo gritar em protesto.

“O que você está fazendo?” Consegui dizer.

Sua expressão não era nada menos do que feroz e seu olhar ficou ainda mais quente, eu queimaria sob ele.

“Você nunca teve sexo selvagem. Estou prestes a te mostrar o que você vem perdendo.”

Perante aquelas palavras, a pulsação entre minhas pernas se tornou dolorosamente intensa. Apesar disso, eu o impedi quando ele se inclinou para me beijar de novo.

“Você disse que nunca aceita uma ex-amante de volta.”

Sua boca desceu para o meu pescoço com efeito devastador. “Você tem provado ser exceção às minhas regras.”

Aqueles lábios ardentes fizeram a fria pressão de suas presas parecer muito mais erótica. Porém, uma mágoa profunda cessou a paixão que martelava dentro de mim.

“Não *todas* as suas regras.”

Vlad emitiu um ruído áspero demais para ser um rosnado. “Você não estará satisfeita até me colocar de joelhos, não é?”

“Por que não?” Saiu de mim com toda a imprudência do meu coração ainda partido. “Você me colocou.”

Ele me soltou tão abruptamente que tive que usar o sofá para me firmar. Sem seu corpo contra o meu, eu sentia frio apesar do aquecimento agradável da sala.



“Eu te disse que você não pode ter as duas coisas, e isso também diz respeito a nós dois.”

Perdi alguma coisa? “Do que você está falando?”

“Sou Vlad, o Empalador,” ele disse, enfatizando cada palavra. “Sobrevivi por mais de quinhentos anos porque se alguém me contradiz, eu o mato, e se sou traído, exijo minha vingança. Eu lhe disse isso quando nos conhecemos, mas você ainda fica chateada quando eu ajo dessa forma.”

“Oh, você não tem que me lembrar do quão impiedoso você é,” eu disse, com a amargura saltando para a superfície.

“Obviamente eu preciso,” ele respondeu. Então ele segurou meu rosto com as duas mãos tão quentes que pareciam ferro quente.

“Você diz me amar, mas o homem que você ama não existe. Esse homem não teria sobrevivido anos de espancamento e estupro quando garoto porque o puro ódio evitava que ele se quebrasse. Esse homem não teria empalado vinte mil prisioneiros para aterrorizar um exército muito maior porque o medo era a única vantagem tática que ele tinha, e esse homem não teria aprisionado um de seus amigos mais próximo por mentir para ele por causa de uma mulher pela qual esse amigo se apaixonou. Eu não sou esse homem.”

Ele baixou as mãos e deu um passo para trás, suas expressão ainda era assustadoramente intensa.

“Viu, você não quer que *eu* te ame. Você quer a versão que você criou; O cavaleiro, mesmo embora eu seja o dragão e sempre serei.”

Então ele saiu. Dessa vez, apesar de meus chamados, ele não parou. Nos segundos que levei para chegar ao corredor, ele tinha ido, as duas janelas abertas no canto oposto ainda vibrando devido a sua saída através delas.



Capítulo Vinte e Dois

Desci para o segundo andar, tão chateada pelas acusações de Vlad que passei pela minha família sem vê-los.

“Leila,” Gretchen gritou, chamando minha atenção para a sala de estar por onde eu tinha acabado de passar. “Qual é o seu problema?”

“Qual é o meu problema?” Uma risada histérica borbulhou, mas eu a engoli de volta. “Eu não saberia por onde começar.”

Meu pai me analisou, notando meus cabelos bagunçados, boca inchada e a mão direita soltando fagulhas.

“Gretchen, quero ter uma palavra com sua irmã.”

Ela deu de ombros. “Vá em frente, não estou te impedindo.”

“Ele quer dizer pra você sair,” eu disse de forma cansada.

Essa era a última coisa que eu precisava, mas eu o tinha feito passar pelo inferno recentemente e todo mundo sabia como funcionavam reembolsos.

Ela se levantou, murmurando, “Você tem sorte que Vlad tenha coberto minhas despesas durante o ano,” baixinho.

“O quê?”

“Gretchen, vá,” meu pai ordenou.

Ela se foi, me deixando sozinha com meu pai. Eu desabei no sofá oposto a ele, notando as diferenças entre essa sala de estar e aquela de onde eu tinha acabado de sair. As cores eram mais claras e não tinham armas ou escudos bárbaros sobre a lareira. Imediatamente, eu odiei a decoração cor de damasco e creme e a lareira branca com a insípida paisagem pintada a óleo sobre ela. Essa sala carecia de complexidade, ferocidade, paixão...

Carecia de tudo o que Vlad era.

“Então ele está cobrindo as despesas de Gretchen durante o ano.” Claro que ele não me disse isso. Vlad mal mencionou suas ações. “Isso é muito generoso da parte dele.”



Meu pai olhou ao redor de forma sutil. “Ele pode pagar por isso.”

“Ele também pode hipnotizá-la para fazê-la esquecer de que o conheceu e a jogar de volta em seu apartamento sem um centavo.” Eu disse de forma rápida. “Vamos, pai. Dê crédito ao que se merece.”

Ele levantou a cabeça grisalha. “Eu dou. Ele prometeu trazer você de volta em segurança e ele trouxe. Ele prometeu nos deixar voltar para nossas vidas quando o perigo tivesse passado e eu acredito nele. Mas ele recusou prometer te deixar em paz e, pelo jeito que você está agora, ele cumpriu suas intenções de não deixá-la em paz.”

Eu sou uma mulher adulta, mas não acho que algum dia vá me sentir confortável discutindo minha vida sexual com meu pai. Nesse caso, porém, ele não tinha nada para se preocupar.

“Não é o que você pensa. Não estamos juntos novamente.”

“Você ainda está apaixonada por ele,” ele disse sem rodeios.

Não de acordo com Vlad! Minha voz interior zombou. Ele acha que estou apaixonada por uma versão dele que não existe.

Respirei fundo. Se eu pudesse arrancar aquela voz de mim, eu a enviaria para a lua com todas as correntes elétricas que eu lançaria nela. Mas pensar dessa maneira me colocava um passo a frente de Gollum, do *Senhor dos Anéis*. Logo eu estaria discutindo com meus próprios pensamentos.

“Quando é que o amor resolveu qualquer coisa?” foi o que respondi.

Meu pai resmungou. “Você é jovem demais para estar tão desiludida.”

Levantei minha mão direita com uma risada curta. “Você lembra o que eu vejo com isso, certo? Os piores pecados de cada um, então eu posso ter apenas vinte e cinco anos, mas deixei de ser *jovem* faz muito tempo.”

Ele ficou em silêncio por bastante tempo. Mas então assentiu.

“Suponho que sim.”

Então ele se inclinou para frente, baixando sua voz para sussurrar. “Mas querida, você tem que ficar longe de Vlad. Durante as décadas em que fui militar, conheci todos os tipos de homens emocionalmente endurecidos, mas nunca olhei dentro dos olhos de algum deles e senti medo. Quando eu olho nos *dele*, é como se alguém acabasse de andar sobre meu túmulo.”

Uma reação racional considerando que Vlad não era seu soldado médio, mercenário, senhor da guerra ou qualquer outra coisa que meu pai pudesse



comparar a ele. De muitas formas, ele era uma parte selvagem da nossa história, e ainda assim eu só tinha uma resposta. Apesar de ser a última coisa que meu pai queria ouvir, também era a verdade.

“Eu não me sinto desse jeito quando olho para ele.”

Então eu me levantei, cheia de determinação renovada. Vlad achava que eu amava uma versão falsa dele porque eu não podia lidar com o Drácula completo? Eu provaria a ele—e à minha odiada voz interior—que ele estava errado.

“Boa noite, papai. Tem algo que preciso fazer.”

Eu me assegurei de cantar mentalmente a música mais irritante que pude pensar caso Vlad tivesse voltado. O que eu estava prestes a fazer podia ser arriscado, mas quando minha vida *não* era arriscada? Além do mais, das últimas vezes em que usei meus poderes, eu só tive um sangramento nasal. Eu também tinha o sangue de Vlad hoje, desse modo, diminuía ainda mais o perigo. Em resumo, era agora ou nunca.

Uma vez no primeiro andar, passei pela sala de jantar, biblioteca e conservatório para chegar a uma sala que eu geralmente evitava. A Sala de Armas, como eu a chamava.

Essa sala perdia apenas para a masmorra em relação a lembranças sangrentas. Ela estava cheia de cotas de malha, armaduras, espadas, facas longas e curvas, martelos de madeira, escudos, lanças, arcos e estacas, a maioria exibindo amassados, manchas e outras evidências de uso. Até mesmo estar perto deles fazia com que minha mão direita formigasse, como se as essências naqueles objetos estivessem chegando a mim.

Da última vez em que estive aqui, mantive minha mão direita colada a lateral do meu corpo porque eu não queria saber sobre as histórias terríveis que continham aqueles objetos. Dessa vez, eu a estiquei, buscando os eventos que tinham feito de Vlad o homem que ele achava que eu não podia amar. A primeira coisa que toquei foi uma lança longa.

Levantei minha lança com um grito que foi ecoado por milhares de soldados atrás de mim. Em maior número ou não, seria preferível morrer a permitir que Valáquia fosse conquistada. Então encorajei meu cavalo a descer a colina íngreme, ouvindo o trovejar de cascos enquanto meus homens me seguiam...

Aquela imagem desapareceu e eu fui para o escudo próximo, tocando o



emblema de dragão martelado no metal.

Uma nuvem de flechas escureceu o céu. Levantei meu escudo e segurei firme, esperando para ver se eu viveria ou morreria. Assim que meu escudo parou de tremer, eu me levantei, cortando as flechas que estavam presas nele com um brusco movimento de minha espada. Então dei risada, apesar do sangue jorrando da minha testa. Não estava morto ainda...

Meu coração começou a disparar devido àqueles ecos de batalha, mas eu não ia parar. Em seguida, acariciei um martelo com cara de mau.

Sentei em meu trono, não mostrando qualquer sinal da raiva que corria através de mim. Mehmed achou que me assustaria ao escolher três de meus antigos carcereiros para acompanhar seu mensageiro. Ele estava enganado.

“Sua crença faz com que vocês não tirem os turbantes em minha presença?” Eu repeti. Então sorri para meus torturadores de infância. “Deixe-me ajudar para que eles fiquem onde estão. Segurem eles.”

Meus guardas agarraram os oficiais enquanto eu trazia um martelo com vários pregos longos. Então, com minha raiva se tornando fria determinação, preguei seus turbantes em suas cabeças. Depois que o terceiro caiu no chão, sem vida, joguei o martelo ensanguentado para o mensageiro horrorizado.

“Aqui está minha resposta aos termos do sultão.”

Saí daquela memória para outra, mais rápido do que registrei o que toquei em seguida. Minha visão flutuou enquanto imagens do passado tomavam o presente. De imediato vislumbrei uma mulher com cabelos castanhos enfeitados, mas quando tentei ver seu rosto, ele ficou borrado. Então ela se foi quando toquei outra coisa com minha determinação de ver tudo que Vlad achou que eu não podia lidar. Dores fantasma e emoções irromperam em mim com cada novo objeto, vindo tão rápido e tão violentamente que comecei a perder o foco no que era real. Eu não era mais a mulher buscando validação por seus sentimentos ao seu ex amante.

Eu era Vladislav Basarab Dracul, trocado pelo meu pai em uma prisão política infernal quando era garoto, então como um rapaz jovem, lutando guerra após guerra para manter meu país livre, apenas para ser traído pelos meus nobres, pela igreja e até mesmo pelo meu próprio irmão. Então fui abandonado pelo vampiro que me criou, enviuvado por uma mulher que me evitava pelos meus atos e aprisionado novamente por Mihaly Szilagy, um vampiro que tentou governar Valáquia através de mim. Traição, dor e morte eram minhas companhias constantes, mas eu não deixaria que me quebrassem. Ao invés disso, eu as usaria para quebrar meus inimigos.

“Leila!”



Como se estivesse vindo de muito longe, ouvi a voz de Vlad. O senti me agarrar, mas não pude vê-lo. Minha visão tinha sido substituída por vermelho.

Vlad chamou meu nome novamente, mas sua voz ficou mais fraca. Logo não pude ouvi-lo ou senti-lo. Deus. Ele não podia ver que eu estava tentando dormir?

Alguma coisa escorreu pela minha garganta e a consciência voltou. Através de uma névoa vermelha, vi o rosto de Vlad. Senti seus braços fortes ao redor de mim enquanto seu pulso pressionava minha boca.

“Leila, você pode me ouvir?” ele perguntou, movendo seu pulso para me permitir falar.

Eu pisquei, mas o vermelho não deixou minha visão. Então entreguei a ele o objeto que eu ainda segurava com força, notando, de forma turva, que era uma coroa que parecia antiga.

“Você está errado,” eu sussurrei. “Eu realmente amo o verdadeiro você.”

Se Vlad respondeu, eu não ouvi. Uma onda de tontura seguida de uma dor absurda cruzou minha mente, então não senti mais nada.



Capítulo Vinte e Três

Já estive acordada o suficiente para ouvir fragmentos do que estava acontecendo ao redor de você, mas grogue demais para reagir a qualquer coisa? Pelo que pareceram as próximas várias horas, eu permaneci naquele estado estranho de semiconsciência, ouvindo fragmentos da voz de Gretchen, de meu pai e de Vlad, até mesmo de Marty. Em um determinado momento, eles entraram em uma discussão aos gritos, mas bem quando as coisas começaram a ficar compreensíveis, cai no esquecimento novamente.

Quando voltei, eu estava totalmente ciente de duas coisas: o cheiro de sangue e o som de batidas. Entre o cheiro e o bum-bum irritante, não havia jeito de dormir, o que era uma droga porque eu estava *realmente* cansada. Com enorme relutância, abri meus olhos, vendo uma brancura brilhante e difusa com ramificações prateadas acima de mim.

“Pare... bater,” falei com a voz áspera.

Algo escuro encheu minha visão. Foi preciso piscar várias vezes até perceber que era o rosto de Vlad. Sua barba estava mais espessa e seu cabelo grudado e duro em alguns lugares. Eu tinha visto aquele mesmo visual despenteado em algumas pessoas depois de uma noite bebendo, mas me surpreendeu ver Vlad parecendo que tinha perdido a luta com uma garrafa de tequila. E—*sniff*—era ELE que cheirava sangue? O que tinha acontecido?

“Pai, Leila está acordada!”

O grito excitado de Gretchen cortou o ar. As batidas também ficaram mais altas, suas batidas sobrepostas como se mais pessoas tivessem se juntado a banda. Eu gemi, fechando os olhos. *Alguém, por favor, faça-os parar!*

“Vocês dois, saiam,” Vlad declarou. “Isso é demais para ela.”

“Ela é minha filha, você saia,” meu pai gritou.

Aquilo me fez abrir os olhos. Hugh Dalton raramente levantava a voz e ninguém se importava que a maldita banda parecia que tinha trocado as baterias de costume por outras de aço?

“Vá. Agora,” Vlad falou, seus olhos brilhando verdes.

Eu teria discutido por ele estar usando controle da mente na minha família, exceto que mais três coisas ficaram claras. O que eu achei a princípio



que fossem ramificações prateadas eram suportes altos de intravenosa, eu estava usando novas luvas de borracha e, assim que meu pai e Gretchen saíram do quarto sem uma palavra, a única batida que eu ouvia vinha de dentro do meu peito.

“O que está acontecendo?” Eu perguntei, me encolhendo pelo jeito que minha voz ressoou. “E por que parece que você rolou no chão de um matadouro?” eu acrescentei, chocada por minha tentativa de sussurrar sair tão alta.

Vlad olhou para mim, sua expressão mudando da intratável que ele tinha usado com minha família para algo que eu só podia descrever como raiva carinhosa.

“Estou coberto de sangue porque você teve uma hemorragia até a morte em meus braços e eu não troquei de roupa ainda.”

Fiquei de boca aberta. “Eu morri?” Gritei.

Um breve sorriso cruzou seu rosto. “Você não está gritando. Você tomou tanto do meu sangue que seus sentidos estão super elevados. Por isso que você achou que seu batimento cardíaco fosse uma bateria e por que os batimentos cardíacos da sua família pareciam mais baterias.”

Olhei para os suportes de intravenosa novamente. Uma bolsa com um líquido claro estava pendurada em um deles, mas o outro continha uma com líquido vermelho.

“Você ainda está me dando seu sangue?” Eu perguntei/gritei.

“Você só saiu do coma agora” foi sua resposta calma.

Eu tinha morrido e estive em coma? Esse dia podia ficar pior?

“Quanto tempo?” perguntei, baixando minha voz o máximo possível.

Ele sentou novamente em sua cadeira, dando batidinhas no descanso de braço enquanto seu olhar ia de cobre polido para esmeralda brilhante.

“Em coma? Três dias. Morta? Seis minutos, quarenta segundos.”

Eu não precisava de super sentidos para ouvir a fúria contida em sua voz ou para adivinhar o motivo por trás dela.

“Vlad—”

“Não.”



A única palavra ecoou no que agora percebi que parecia um quarto de hospital bem bagunçado. Um desfibrilador com marcas carbonizadas estava em um canto, agulhas hipodérmicas estavam espalhadas no balcão e uma máquina de eletrocardiograma escurecida estava perto da porta.

“Da próxima vez que você tentar usar demais seus poderes, lembre disso,” ele prosseguiu com o mesmo tom duro. “Eu *irei* te trazer de volta com qualquer meio que for necessário, então se você valoriza sua humanidade, não faça isso de novo.”

Então ele se levantou, fazendo com que eu pudesse ver o resto de suas roupas manchadas de sangue, amarrotadas e decididamente fedidas antes de se inclinar e acariciar minha bochecha.

“Quanto ao motivo pelo qual você fez isso,” ele disse, com a voz mais baixa e enrouquecida, “vamos discutir a respeito assim que você estiver recuperada. Mais um dia de sangue e repouso na cama devem ser o suficiente. Agora, tenho negócios para tratar e você tem outra visita.”

Marty apareceu na porta, sua expressão era tanto aliviada quanto envergonhada.

“Hey, garota.”

Vlad baixou a mão, saindo sem dizer mais nada. Eu queria que ele ficasse, mas provavelmente ele queria tomar banho e trocar de roupa, não que eu pudesse culpá-lo. Além do mais, eu tinha alguém para abraçar... e exigir uma explicação.

“Venha aqui, Marty,” eu disse e esperava que fosse minha audição supersônica que fizesse parecer que eu tinha gritado para ele.

Uma bola se formou na minha garganta quando ele se aproximou. Nunca pensei que fosse ver sua figura atarracada de 1,22m de cabelos negros e espessos novamente e quando ele usou a cadeira de Vlad para que pudesse se inclinar sobre mim e me abraçar, não pude impedir uma corrente de lágrimas.

“Senti sua falta, garota,” ele murmurou, dando tapinhas na minha bochecha molhada. “E você poderia parar com as experiências de quase morte?”

“Digo o mesmo,” eu retruquei, fungando.

“O que aconteceu? Eu vi o trailer. Ninguém teria sobrevivido àquilo.”

Ele deu uma última batidinha no meu ombro antes de se desembaraçar dos meus tubos de intravenosa e se sentar.



“Você está certa, mas eu não estava lá dentro quando a tubulação de gás explodiu. Depois da nossa última apresentação, eu estava andando de volta para o trailer com Dawn. Então vi essa mulher do outro lado do estacionamento, sozinha, simplesmente *devorando* um balde de sorvete—”

Eu comecei a rir, mesmo em meio a uma pontada de pesar por causa de Dawn. Eu conhecia bem o amor de Marty por sangue com sabor de açúcar.

“Então seu dente doce—ou presa—salvou sua vida.” Minha risada desapareceu e eu não pude evitar a dor na minha voz quando perguntei, “Por que você não procurou por mim depois da explosão? Eu continuei gritando por você, mas você não veio. Só Maximus apareceu.”

Ele suspirou. “Eu sabia que você estava no trailer do Hammer porque eu a vi entrar nele. Então a explosão...”

Suas feições se apertaram. “Tudo em um raio de cinquenta metros foi destruído. Até mesmo estando o dobro dessa distância, a mulher de quem bebi foi ferida. Eu sabia que teria te matado, mas tentei chegar a você de qualquer forma. O calor derreteu minha pele antes que eu pudesse chegar ao trailer do Hammer, então tive que voltar. Então todos aqueles gritos... pessoas estavam presas em seus trailers ou correndo em chamas. Eu não podia te salvar, mas eu tentei salvar o máximo deles que eu pude. Depois que as ambulâncias levaram os feridos mais graves, eu parti. Eu não podia ficar e ver eles tirarem seu corpo.”

Sua voz se quebrou na última palavra. Peguei sua mão, contente por minhas novas luvas permitirem que eu fizesse aquilo sem lhe dar um choque. “E então você ligou para o Vlad,” eu terminei, juntando as peças.

Marty soltou um gemido. “Ele não recebeu bem a notícia. Fez eu descobrir para onde eles estavam transportando os corpos e então pulou em seu jato. Eu disse à ele que não haveria o suficiente de você para ser erguida, mas ele não ouviu.”

“Erguida?” eu repeti antes de entender. Ghouls eram criados fazendo uma pessoa beber sangue de vampiro, então matando essa pessoa e trocando seu coração pelo coração de um ghoul. Já que eu estava em uma dieta regular de sangue de vampiro e Vlad sabia que eu estava à prova de fogo naquela época, ele sabia que tal transformação era possível, se a explosão não tivesse me arrancado membro por membro—

Era isso que ele estava fazendo no necrotério quando eu me conectei a ele em sonho! Ele não queria ver meu corpo para lamentar ou regozijar como pensei. Ele tinha ido até lá para me trazer de volta.

“Erguer você como um ghoul,” Marty disse, sem saber que eu tinha



descoberto. Ele deu de ombros. “Você pareceria a mesma, mas de vez em quando precisaria comer a outra, *outra* carne branca.”

Eu ainda estava processando essa descoberta. Será que Vlad soube logo que viu aqueles ossos que eu ainda estava viva? Ou ele não tinha percebido até que me “ouviu” o espionando? E a pergunta mais importante: Por que, se ele se importava o suficiente para voar sobre o oceano e correr para um necrotério para me erguer dos mortos, ele agiu tão indiferente quando o deixei?

“—parece pálida, Leila. Vou embora, deixar você descansar.”

Aquilo eu ouvi, mas o que quer que ele tenha dito antes foi perdido.

“Eu dormi por três dias, eu não deveria estar cansada.”

Porém eu estava. Mas eu tinha algumas coisas para fazer primeiro. “Você pode encontrar meu pai e Gretchen? Vlad os ordenou que saíssem, mas eu posso lidar com os batimentos cardíacos deles agora.”

E suas vozes. Eu tinha acabado de lembrar que tudo parecia soar como um grito no momento.

“Claro.” Então Marty pigarreou. “Você devia saber uma coisa. Quando você perdeu sangue demais e seu coração parou, Vlad enfiou intravenosas em suas artérias e te inundou com o sangue dele. Então ele quebrou o desfibrilador dando choques em seu coração para voltar à vida. Se isso não funcionasse, você estaria acordando imortal e não havia nada que seu pai pudesse ter feito para impedi-lo.”

Fechei os olhos. Eram esses os gritos que ouvi em meu estado de semiconsciência? *Eu vou te trazer de volta com qualquer meio que for necessário*, Vlad tinha dito, e aparentemente ele falava sério. O que significava que ele se importava mais do que admitia.

Havia esperança para nós apesar de tudo?



Capítulo Vinte e Quatro

Dra. Natalia Romanov era a médica da casa de Vlad e, diferente dos outros membros de sua equipe, ela não poderia ter sido mais gentil. Quando perguntei brincando se eu era sua primeira paciente nesse ano, pensando que um médico não poderia ser muito requisitado em uma casa onde a maioria era vampiro, Nathalia respondeu que ela monitorava todos os humanos de Vlad para garantir que eles estavam saudáveis o suficiente para que pudessem se alimentar deles e ajudava em torturas já que ela era uma especialista em manipulação neuromuscular.

Bom, eu tinha perguntado.

Depois que ela saiu, meu pai e Gretchen voltaram para me ver. Eu me desculpei por Vlad ter enfeitiçado suas mentes, o que não tranquilizou meu pai. Gretchen, estranhamente, pareceu mais fascinada do que brava.

“Eu não queria sair, mas minhas pernas me levaram diretamente para fora do quarto de qualquer forma. Ele poderia ter me feito fazer qualquer coisa, não podia?”

“Sim,” eu disse, odiando a forma como as feições do meu pai se apertaram como se ele estivesse engolindo vidro moído. Então ele murmurou alguma coisa que, sem meus super sentidos, eu nunca teria ouvido.

“Não, ele não usa o controle de mente em mim. Primeiro que todo o sangue de vampiro que eu bebo me faz ser imune a isso. E outra, se ele usasse, nós não teríamos terminado porque ele teria me feito acreditar que eu estava encantada com o jeito que as coisas estavam entre nós.”

Meu pai olhou para mim, a suspeita substituindo a descrença em sua expressão. “O fato de você ter me escutado prova o quanto esse homem é perigoso para você. Ele está te transformando em algo não humano. Deixá-lo foi a decisão mais sábia que você já tomou.”

Gretchen deu de ombros. “Depois de ver como ele agiu quando ela quase morreu, estou começando a entender por que ela está com ele.” Então sua voz endureceu. “Sério, Leila. É a segunda vez agora.”

Fechei os olhos, a culpa me assaltando. Sim, essa era a segunda vez que Gretchen tinha me visto balançar no abismo da morte, mas diferente da minha tentativa de suicídio aos dezesseis anos, essa foi um acidente. Não que fosse menos assustador emocionalmente. De muitas maneiras, aquele



acidente com a linha de alta tensão tinha feito Gretchen passar pelo inferno tanto quanto eu, só que ela não tinha as vantagens ocasionais.

“Sinto muito,” eu disse, abrindo os olhos.

Outro dar de ombros enquanto ela agia como se isso não importasse. “Faça seu namorado acrescentar gastos com terapia na minha lista de despesas.”

“Você não vai aceitar mais nada dele e ele não é mais namorado dela.”

Meu pai usou sua voz de tenente coronel. Ela geralmente obtinha um instante de obediência de Gretchen, mas dessa vez, não surtiu efeito.

“Eu estou aceitando e se ele não é namorado dela, alguém deveria dizer isso a *ele*. Você viu como ele surtou quando ela quase morreu. Então ele não saiu de seu lado até que ela acordou.”

“Vlad ficou aqui os três dias inteiros?” Eu estava chocada.

Ela assentiu. “Como uma de suas gárgulas de pedra.”

Meu pai olhou para Gretchen de um jeito que, se ela fosse outra pessoa, eu juraria que era um aviso de que ele lhe daria um soco.

“Chega,” ele falou entre os dentes.

“Não, não chega,” eu disse de forma desafiadora. “Você não tem o direito de fazê-la se calar porque você não gosta da verdade. Quaisquer que sejam os problemas que eu e Vlad tenhamos, na pior das hipóteses ele tem sido um amigo leal que salvou minha vida, a sua e a de Gretchen mais de uma vez, então como mamãe costumava dizer, se você não tem nada bom para dizer...”

Então cale a maldita boca, minha expressão dura como pedra encerrou.

Meu pai se levantou, seus lábios comprimidos em uma linha fina e apertada enquanto ele mancava até a porta.

“Estou feliz que você esteja melhor, mas eu não quero sua irmã no meio desse submundo de mortos vivos e não importa como você o faça parecer, é isso que é.”

Eu não respondi por que a raiva teria feito com que eu dissesse algo que iria me arrepender. Eu não tinha pedido pelas habilidades que me fizeram ser um imã par sequestradores mortos vivos e que arrastaram minha família para o perigo porque eles eram uma ótima isca para os bandidos. Meu pai sabia disso, mas mesmo assim ele estava me culpando.



Gretchen esperou até ele sair antes de falar também.

“Uau. Isso foi cruel da parte dele.”

Pela primeira vez, minha irmãzinha e eu estávamos em total acordo.



Capítulo Vinte e Cinco.

Com a ajuda de Gretchen, tomei um banho, feliz por lavar os resultados de ficar três dias em coma e quase morrer. Então tomei uma tigela de sopa e cochilei, acordando para outro checkup da Dra. Romanov e mais visitas como Sandra, Joe e os outros humanos com quem eu tinha feito amizade. À noite, Marty e Gretchen vieram novamente. Até mesmo meu pai deixou alguns livros para que eu tivesse alguma coisa para fazer além de assistir as gotinhas caindo das minhas intravenosas, mas a pessoa que eu mais queria ver nunca apareceu.

Na manhã seguinte, a Dra. Romanov me declarou bem o suficiente para deixar a enfermaria. Eu estava excitada. Estar presa em um quarto pequeno, sem janelas com intravenosas de solução salina e sangue de vampiro podem ter curado totalmente o meu corpo, mas aquilo era o inferno para a minha mente super estimulada. *Por que Vlad não tinha voltado?* Ele tinha passado três dias do meu lado quando eu estava em coma, mas agora que eu estava melhor, eu não merecia nem um aceno de passagem?

Talvez ele só estivesse preocupado que fosse perder sua arma psíquica, minha voz interior provocou. Agora que você está melhor, ele não tem motivo nenhum para estar perto de você até que precise de algo.

Cale-se, respondi bruscamente.

Vlad não tinha me pedido para puxar uma impressão de um objeto sequer desde meu retorno. Verdade que passei a maior parte daquele tempo inconsciente, mas isso não significava que ele estava preocupado só por causa das minhas habilidades. Minha detestável voz interior podia sussurrar todo o veneno que ela quisesse. Não mudava o fato de que *alguma coisa* ainda queimava entre Vlad e eu. Quanto ao motivo por ele ter me evitado nas últimas vinte e quatro horas, eu pretendia descobrir.

Quando deixei a enfermaria, fui para meu quarto, tomando um banho depois de descarregar minha eletricidade reprimida no para-raios que Vlad tinha instalado do lado de fora da minha janela. Então fui para o guarda-roupa antigo, abri as portas—e encarei.

Vazio. Sequer um cabide. Em seguida fui para a cômoda, abrindo cada gaveta com crescente descrença.

Até a última peça de roupa tinha sumido. Se não fosse pelas toalhas e roupão no banheiro, eu estaria nua.



Apertei aquele roupão em volta de mim e puxei a longa borla perto da porta. Depois de alguns minutos, o vampiro que parecia albino chamado Oscar apareceu.

“Como posso lhe ajudar?” ele perguntou, fazendo uma reverência.

“Você sabe o que aconteceu com as roupas desse quarto?”

“Sim.”

Eu esperei, mas quando ele não disse mais nada, rangi os dentes e tentei de novo.

“E elas não estão mais aqui *porquê*?”

Um piscar de olhos lento. “Porque você não vai mais ficar aqui.”

O quê?

“Não vou?” eu repeti para o caso de ter entrado em coma brevemente e não tê-lo entendido bem.

“Correto,” ele disse com outra reverência.

Vlad estava me chutando para fora? Claro, ele estava bravo por eu ter usado demais meus poderes, mas eu não podia acreditar que ele faria algo tão drástico.

Eu te disse que ele realmente não se importava! Minha voz interior falou com prazer.

Morda-me! Gritei de volta.

“Onde Vlad está agora?” eu perguntei, esperando que fosse minha audição super sensível que fez a pergunta soar como um berro.

“Em seu quarto.”

Passei por Oscar com um “Obrigada” murmurado antes de marchar para as escadas. Então subi, segurando juntas as pontas de baixo do roupão para que eu não exibisse nada para ninguém.

Ninguém passou por mim nas escadas. O longo corredor de ardósia no quarto andar também estava vazio. Virei à esquerda, mentalmente me preparando para a briga que estava por vir. Eu *não* ia deixar Vlad fazer isso. Nós tínhamos muitos assuntos inacabados entre nós.



Entrei em seu quarto sem bater. Ele nunca trancava a porta, provavelmente porque qualquer um que entrasse sem permissão estava brincando com a morte. Eu já tinha morrido uma vez essa semana, então isso não ia me impedir.

“Precisamos conversar,” eu disse.

Felizmente as luzes estavam acesas, então ele devia estar acordado. Apesar de eu estar determinada a fazer isso, Vlad *não* era o Sr. Brilho da Manhã logo que acordava. Fechei a porta, olhando ao redor. Seu quarto era dividido em quatro seções: a minibiblioteca, como eu chamava a parte com sofás e estantes de livros de parede a parede; o quarto de dormir; o banheiro; e seu closet.

Vlad saiu do closet vestindo calças e um paletó da cor de nuvens de tempestade. Sua camisa de seda pura era alguns tons mais clara, assim como o longo e espesso lenço de seda pendurado com casual elegância ao redor de seu pescoço. Devo tê-lo pego antes de ele terminar de se vestir porque seus pés estavam descalços, o que fez com que sua aproximação fosse ainda mais silenciosa do que de costume.

Levantei uma mão. “Antes que você diga qualquer coisa, me escute.”

Sem esperar para ver se ele concordou, segui em frente.

“Eu conheço você, o você *verdadeiro* e, apesar de eu não gostar de tudo porque você tem um doutorado em tortura medieval, sem mencionar a relutância em admitir sentimentos além de afeição ou luxúria, que qualquer psiquiatra diria que você tem problemas com compromisso”—respirar fundo para a próxima parte—“eu ainda o amo, Vlad. Você, o dragão, não o cavalheiro imaginário e não vou deixar você me chutar pra fora porque eu—eu acho que você me ama também.”

Eu estava sem fôlego devido a tantas palavras com tão pouco oxigênio entre elas. Ao longo do meu discurso enfático, se não eloquente, Vlad continuou vindo em minha direção. O cheiro de canela, especiarias e fumaça encheram minhas narinas. Esse deve ser seu cheiro natural, algo que eu não tinha notado antes do meu nariz receber seu *upgrade*.

Olhei para ele, desejando ter suas habilidades de leitura de mente porque sua expressão não entregava nada. Tudo que consegui ao procurar em seu rosto foi que a barba estava de volta ao comprimento de oito horas e seus olhos de cobre derretido estavam salpicados de esmeralda.

“Você está certa,” ele disse finalmente, seu tom de voz mais grosso com coisas que eu não conseguia decifrar.

“Sobre o que? A tortura excessiva, problemas com compromisso ou a



outra coisa?”

Seu sorriso era tentador e assustador, como ser açoitado e descobrir que você gostou da dor. Eu não pude impedir o arrepio que passou por mim quando olhei para o homem que ainda tinha tal influência perigosa sobre meu coração.

“Tudo isso.”

Ele me agarrou enquanto falava, uma mão se enroscando em meus cabelos enquanto a outra se espalmava em minhas costas. O calor delas não era nada comparado aos seus lábios quando ele os pressionou em meu pescoço.

“Você sabe o que aconteceu da última vez que amei alguém?”

Ele murmurou contra minha pele com tal branda violência que meu tremor se tornou um estremecimento. Eu assenti.

“Não, você não sabe.” Outro murmúrio letal. “Você só sabe como ela morreu. Deixe-me contar como ela viveu—com medo. Minhas ações a horrorizavam, assim como te deixam horrorizada. Meus inimigos tiraram vantagem dela, assim como tiraram vantagem de você, então foi mais do que um exército chegando que a fez se jogar do telhado. Fui eu.”

Ele se assegurou de dizer isso enquanto suas presas estavam em meu pescoço, como se eu precisasse de um exemplo literal do quanto precária a vida seria com ele. Em resposta, ergui os braços, os entrelaçando ao redor de seu pescoço. Tirei as luvas, uma de cada vez. Então enterrei as mãos em seus cabelos, deixando a eletricidade passar para ele enquanto eu o segurava mais perto do meu pescoço.

“Eu não sou ela.”

Eu fiquei contente que as palavras vibraram com minha veemência. Eu queria que ele fosse capaz de senti-las tanto quanto ouvi-las.

“Você é o homem mais assustador que já conheci, mas eu *não* tenho medo de você. Quanto aos seus inimigos, deixe-os vir. Eu sobrevivi a eles antes e sobreviverei de novo.”

Sua risada provocou meu pescoço—quente, áspera e mais sedosa do que o rico tecido que o cobria. Então ele levantou a cabeça e seu olhar capturou o meu como se ele tivesse me hipnotizado.

“Você deveria ter medo. Muito medo. Antes, eu lhe disse que se você quisesse terminar as coisas entre nós, eu a deixaria ir, mas Leila”—sua voz ficou mais profunda—“eu menti.”



Capítulo Vinte e Seis.

As palavras soaram como uma ameaça, ainda assim eu fui incapaz de impedir que um sorriso repuxasse minha boca.

“Isso significa que você não está mais tentando me chutar?”

Ele se virou, olhando para a entrada de seu closet. “Olhe.”

Com um olhar questionador, fui até o closet. Sim, ainda era do tamanho do trailer que eu vivia com Marty e, sim, eu ainda achava legal o sistema automatizado que movia suas roupas apenas com um toque. Então o que era—

Minha perda de fôlego coincidiu com ele me puxando contra si, seus braços me rodeando por trás.

“Isso responde a sua pergunta?”

Respondia, e eu interpretei completamente errado a afirmação de Oscar, “Você não vai mais ficar aqui.” Eu achei que ele estava se referindo a casa de Vlad. O que ele queria dizer era aquele *quarto*. Todas as roupas que estavam em meu armário e gavetas estavam aqui, até os sutiãs que ocupavam a parte onde antes ficavam as gravatas de Vlad.

Mesmo quando eu era sua namorada coabitante, nenhuma das minhas coisas tinham ficado aqui. Ficavam no quarto adjacente onde, algumas vezes, eu também dormia. Vlad não podia ser mais claro quanto a me querer de volta, mas de seu jeito não usual, ele tinha assumido que só porque ele queria alguma coisa, era dele.

Se nós fôssemos fazer as coisas funcionarem, isso tinha que parar.

Eu me virei, tentando controlar minhas emoções agitadas. “Você não pode mudar minhas coisas para o seu quarto sem falar comigo primeiro. E se eu não quiser que as coisas aconteçam rápido assim?”

Ele deixou escapar uma bufada. “Você quase morrei para provar que eu sou o homem que você ama, mas *isso* é demais para você?”

Ergui o queixo. “Só é preciso uma pessoa para amar, mas é preciso de duas para fazer um relacionamento funcionar. Se vamos tentar de novo, precisa ser mais do que seu jeito ou nada, Vlad.”



Suas mãos escorregaram pelos meus braços enquanto ele me olhava de um jeito que me fazia pensar em gritos arrebatadores e sangue pingando de aço. Possessividade era trivial demais em comparação.

“Eu não quero tentar nada. Eu quero que você case comigo.”

Eu achei que tinha ficado surpresa antes. Agora eu realmente sabia o que a palavra significava. Por um longo momento, eu estava convencida de que não o tinha ouvido direito.

O sorriso de Vlad continha um toque de selvageria. “Amor é uma fraqueza terrível. Ele dá aos seus inimigos um alvo perfeito, ofusca seu julgamento, te faz imprudente... e isso em um dia bom.”

Suas mãos continuavam a acariciar em direção a minha cintura, o calor delas mal reduzido pelo tecido fino do meu roupão.

“Em um dia ruim,” ele prosseguiu, sua voz ficando áspera, “ele pode te destruir. Eu nunca quis me sujeitar a isso novamente, então sim, eu te mantive ao alcance do meu braço. Eu até mesmo a deixei partir para provar a mim mesmo que você não significava nada mais do que minhas amantes anteriores. E então Martin ligou, me dizendo que você foi morta.”

Ele me segurou com mais força, dolorosamente, antes de me soltar, seus punhos apertados nas laterais de seu corpo.

“Então eu não me importei com nada. Nem esmagar meus inimigos, proteger meu povo ou o quão irritante você fosse ao esperar que eu me comportasse como um homem moderno, como se eu pudesse me livrar de meio milênio de vida baseado em seu capricho.”

Aquele último comentário era injusto, mas eu o abordaria mais tarde.

“Então eu fui para o necrotério e vi que aqueles ossos não eram seus, ouvi sua voz de novo em minha cabeça”—seus olhos se fecharam—“e mais uma vez, nada mais importava.”

Sua boca se curvou quando ele abriu os olhos. “Então, claro, eu descobri que você tinha fugido com Maximus porque você achava que era eu que tinha tentado te matar. Isso me enfureceu, mas eu estava determinado a te encontrar. Assim que a encontrei, você me enlouqueceu não menos do que antes, no entanto nos últimos dias, percebi que era tarde demais.”

Vlad segurou meu rosto com as duas mãos e me olhou com uma intensidade que fez meu coração bater como um bate estacas.

“Eu te amo, Leila, e nada mais importa.”



Eu nunca soube que alegria poderia ser uma sensação física, mas eu não estava imaginando a onda que me lavou da cabeça aos pés. Minha garganta se contraiu, meu peito estufou e meus dedos formigaram. Entretanto, algo há muito tempo quebrado em minha alma pareceu voltar ao lugar e, apesar de eu não sentir isso fisicamente, era tão real quanto—e poderoso.

“Eu também te amo, Vlad.”

Eu teria dito mais, mas sua boca queimou a minha com um beijo tão apaixonado que não pude respirar. Era difícil até mesmo pensar além de um fervente mantra misturado de amor: *eu preciso de você*!

Ele ergueu a cabeça e, incrivelmente, me impediu quando comecei a desabotoar sua camisa.

“Não há tempo para isso,” ele murmurou.

Eu estava incrédula. “Você tem coisas mais importantes para fazer?”

Eu não. Na verdade, se meus mamilos ficassem mais duros, o tecido iria se partir onde meu roupão roçava sobre eles.

Ele olhou para baixo como se estivesse julgando por ele mesmo e deixou escapar um ruído áspero.

“Não mais importante, mas nós dois estaremos muito ocupados até a cerimônia dessa noite.”

“Cerimônia?” Que cerimônia?

O sorriso que ele me deu era parte divertido e parte selvagem. “Nossa cerimônia de casamento.”

Eu tive uma fração de segundo quando pensei, *Isso tudo é um sonho*. Tem que ser, porque ele *não* acabou de dizer que vamos nos casar essa noite.

“Eu não concordei com isso.”

Seu sorriso desapareceu. “Você está dizendo não?”

“Não. Er, não é não, mas não, você sabe...”

Eu sabia que eu não estava sendo coerente, mas minha mente estava girando de alegria, choque e descrença. Ao mesmo tempo a parte racional em mim estalou, *Acorda, Leila!* Mais uma explosão e eu me transformaria como mágica em uma donzela Sulista do século dezenove, me abanando enquanto arfava, “Isso é tão *repentino!*”



Eu me dei uma sacudida mental e tentei de novo.

“Eu sei que minha má interpretação da coisa do anel levou ao nosso rompimento, mas como eu disse na época, não era sobre fazer uma proposta de casamento. Era sobre estar aberto ao amor—”

Ele riu, o que me fez parar no meio da frase porque não era sua risada sensual ou mesmo a risada desdenhosa de eu-zombo-de-você-com-minha-superioridade. Era algo novo e se eu tivesse que dar um nome a ela, eu diria que tinha um *Você está nessa agora* escrito por ela toda.

“O que você achou que iria acontecer quando você me fizesse perceber que me apaixonei por você? Eu iria querer namorar mais? Me comprometer a me comprometer?”

Outra risada que fez eu me arrepiar apesar do calor de seu corpo. Então sua risada diminuiu e ele se inclinou até a boca estar a milímetros da minha.

“Como se eu fosse me satisfazer com algo menos do que fazer de você completamente minha, o mais rápido possível.”

Ele estava tão perto que suas feições eram um borrão, mas seus olhos nunca estiveram mais brilhantes. Fechei os meus e não fez diferença. Eu podia ver através do escudo de minhas pálpebras.

“Eu sou sua,” eu sussurrei, e não era só uma afirmação. Era uma promessa.

Enquanto eu falava, me esfreguei contra ele, desejando mais do que suas mãos em mim. Por pouco tempo, ele cedeu, me beijando com tal intensidade que meus joelhos dobraram. Quando comecei a desabotoar sua camisa de novo, ele se afastou, seus lábios se curvaram em um sorriso sensualmente cruel.

“Só se você se casar comigo.”

Fiquei de boca aberta. “Você está usando sexo como chantagem?”

Aquele sorriso se alargou. “Quem te disse que eu jogo limpo?”

Meus lábios se curvaram, mas isso era sério demais para brincar a respeito. “Eu quero me casar com você, Vlad. Hoje a noite é cedo demais, mas—”

“Por quê?”

Nem um toque de humor coloriu a pergunta. Meio tarde eu percebi que



ele estava falando sério. Ao saber aquilo, minha donzela Sulista de antes da guerra civil americana veio à tona.

“Porque tudo isso é muito repentino!”

Depois de uma explosão que até mesmo Scarlett O'Hara desprezaria, tentei explicar de forma mais articulada.

“Eu iria querer que nosso casamento fosse especial. Eu não tenho um vestido, você não tem um padrinho e, ao invés de flores, temos corpos em postes decorando a frente da casa.”

“Flores estão a caminho, assim como meu padrinho, três costureiras estão prontas para fazer qualquer vestido que você desejar e mandarei tirar os corpos,” ele respondeu sem hesitar.

Se ele tinha costureiras no aguardo, flores e um padrinho, ele não estava apenas falando sério sobre querer se casar essa noite. Ele estava *planejando* isso.

Um cabo-de-guerra colossal começou dentro de mim. Eu amava Vlad e eu queria passar o resto da minha vida com ele; eu não tinha dúvidas a respeito disso. Sua arrogância e complexidade me fariam subir pelas paredes e eu nunca me acostumaria com seu hábito de empalar; eu também não tinha dúvidas a respeito *disso*. Será que um noivado longo mudaria alguma dessas coisas? Não, mas o ditado “Casar às pressas, arrepender-se no ócio” era famoso por um motivo...

“Eu mencionei que honro o costume de pagar um dote?” ele perguntou com um tom de voz casual, como se seu olhar não tivesse se estreitado enquanto ouvia meus pensamentos.

“No caso de você não estar familiarizada, um dote é onde o noivo concede um presente para sua nova esposa,” ele prosseguiu. “O presente deve refletir o valor que o noivo dá a sua esposa. Por causa do seu valor para mim, não importa o que você peça, se estiver em meu poder conceder, será seu.”

Eu endureci após ouvir sua primeira descrição, insultada por Vlad achar que podia superar minhas preocupações com dinheiro. Então ele acariciou as palavras daquela última frase até elas brilharem tanto quanto a maçã que a serpente ofereceu à Eva. O que ele achava que eu queria? Ele me amava—aquele tinha sido meu maior desejo e eu não me lembrava de cantar “Material Girl” perto dele ultimamente...

Caiu a ficha. Qualquer coisa em seu poder para conceder, não importa o que fosse. Seu homem IMPIEDOSO diabólico, eu pensei, horrorizada e admirada ao mesmo tempo.



“Deixe-me adivinhar—você não paga até eu me casar com você?”

Um sorriso dissimulado curvou seus lábios. “Correto.”

“Você *realmente* não joga limpo quando se trata de algo que você quer, não é?” eu sussurrei.

Seus olhos brilharam. “Você não faz ideia.”

Uma promessa e uma ameaça. Isso descrevia minha decisão agora, que continha a esperança de uma felicidade incrível assim como o potencial para um irreparável coração partido.

“Você me disse que queria se casar comigo,” eu disse com a voz rouca devido a todas as minhas emoções se agitando. “Você não me *pediu*.”

Provavelmente ele não tinha notado. Para ele, não haveria muita diferença entre os dois e isso exemplificava tantos problemas em nosso relacionamento. *Viu? Você não pode se casar com ele essa noite ou em nenhuma outra noite, vocês dois NUNCA irão durar!* Minha voz interior repreendeu.

Vlad olhou para mim, o cobre engoliu seu olhar até não restar nenhum traço de esmeralda. Então, com sua expressão em um misto de desafio e convite, ele se ajoelhou lentamente em minha frente.

“Leila Dalton, meu único e verdadeiro amor, você me dará a honra de se tornar minha esposa?”

Eu podia ter finalmente colocado Vlad de joelhos, mas de muitas maneiras, ele nunca se curvaria. Eu sabia disso com tanta certeza quanto eu sabia que eu sempre o amaria, e isso me deixou apenas com uma resposta.

“Sim, Vlad, eu *irei* me casar com você. Hoje à noite.”

Minha odiada voz interior nunca tinha me comandado antes. Até parece que eu iria começar a ouvi-la agora.



Capítulo Vinte e Sete

Agora eu sabia com o que Vlad tinha estado ocupado, ontem, quando não veio me ver: preparando-se para um casamento que eu ainda não sabia a respeito. Ele não estava brincando a respeito das costureiras, das flores ou de tudo mais. Sua equipe se movia com tal velocidade que pareciam borrões, colocando as decorações, preparando comida suficiente para um exército, a julgar pelo caos próximo a cozinha e tirando tantas velas que a vila mais próxima sofreria, em breve, de uma escassez de cera. Diferente da frieza que experimentei anteriormente, o pessoal de Vlad era só sorrisos agora e se mais alguma pessoa fizesse uma reverência para mim, eu esperaria que uma tiara brotasse como mágica da minha cabeça.

Mas antes de escolher um vestido ou qualquer outro item da minha lista de coisas urgentes a fazer agora, eu tinha que falar com minha família. Toda minha família, até mesmo o vampiro com quem eu compartilhava laços não biológicos.

Vlad se sentou ao meu lado no Quarto da Tapeçaria. Imagens de vida medieval, batalhas e natureza estavam intrincadamente tecidas nos enormes revestimentos das paredes. O teto tinha caixas internas entalhadas com desenhos que espelhavam as cenas das tapeçarias. O efeito era impressionante, mas eu não esperava que meu pai o apreciasse no momento. Ele estava me olhando com o mesmo horror que eu tinha visto nos rostos das pessoas logo antes de serem executadas.

“Você vai se casar com ele essa *noite*?”

Gretchen, pela primeira vez, estava mais afável. “Isso explica por que todo mundo está correndo por aí como se você tivesse colocado fogo em seus traseiros.”

O rosto de Marty estava cuidadosamente sem expressão, mas seu olhar alternava entre Vlad e eu de um jeito que dificilmente poderia ser chamado de alegre.

“Por que a pressa?” Gretchen perguntou. Então ela olhou para meu abdômen. “Você não está grávida, está?”

“Vampiros são incapazes de engravidar humanas,” eu disse.

Alívio passou pelo rosto do meu pai, mas eu fui ambivalente. Mesmo que Vlad fosse humano, eu sabia desde minha adolescência que eu não poderia ter



filhos. Nenhum bebê poderia sobreviver em meu corpo de alta voltagem.

Então as feições do meu pai endureceram. “Você não pode esperar minha benção para esse desastroso erro.”

As palavras foram dirigidas a mim, mas Vlad respondeu.

“Eu não o insultaria em pedir. Nós dois sabemos que você desaprova e sabemos que eu não me importo. A opinião de Leila é a única que importa e ela disse sim.”

Meu pai olhou de forma calculada para os itens na bandeja de prata em frente a ele. Vlad lhe lançou um sorriso encantador. “Você nunca conseguiria.”

Por um segundo, não entendi. Então meu queixo caiu.

“Pai! Você *não* está pensando em apunhalar meu noivo com uma faca de prata!”

Marty saltou sobre meu pai. “Hugh, você precisa se acalmar,” ele murmurou enquanto lançava olhares cautelosos para Vlad. “Vamos dar uma volta, hum?”

“Não é necessário, eu não vou matá-lo,” Vlad disse com o mesmo tom que a maioria das pessoas usava para falar sobre o tempo.

“Isso é distorcido demais,” Gretchen murmurou. “Estou prestes a ter Drácula como cunhado.”

Eu ignorei, ainda olhando para meu pai de forma irritada.

“Eu não esperava que você ficasse feliz em relação a isso. Eu esperava que você não ficasse *homicida*. Vivi com um vampiro por anos, lembra? Eles não são tão diferentes de nós.”

“Você acha que eu me oponho porque ele é um vampiro?” meu pai rebateu. “Se você estivesse se casando com Marty, eu daria minha benção porque ele é um bom homem. Ele”—um dedo foi apontado na direção de Vlad—“não é.”

Suspirei. “Você viu os corpos no gramado, não foi?”

Meu pai zombou. “Como se eu não soubesse antes disso. Eu te disse, Leila, posso ler as pessoas e, sem dúvida nenhuma, Vlad é a pessoa mais violenta que já conheci.”

“Você está certo.”



Vlad não se moveu de sua posição relaxada, nem deixou o sorriso alegre se desfazer. Ele acenou uma mão para Gretchen e Marty.

“Vocês dois estão resignados a esse casamento, então nos deixem a sós.”

Gretchen se levantou, olhando de lado para minha mão. “Ainda nenhum anel de diamante. É isso que acontece quando você não joga duro, mana.”

Revirei os olhos. “Se você quiser me ajudar a desenhar o vestido, encontre-me na biblioteca em meia hora.”

Marty me olhou de forma demorada. “Espero que você saiba o que está fazendo, garota,” ele disse. Então seguiu Gretchen para fora da sala.

Olhei de volta para Vlad, notando que ele e meu pai estavam envolvidos em uma competição de olhares. Os olhos de Vlad estavam em sua cor normal de cobre profundo, mas mesmo sem aprimoramento vampírico, Hugh Dalton não tinha chance.

“Pai, eu sei que você tem certas opiniões sobre Vlad, mas assim que você o conhecer, tenho certeza—” eu comecei, só para ter a risada de Vlad me interrompendo.

“Isso não vai ajudar, porque ele está certo. Sou um homem violento e sempre fui. Porque, quando eu tinha metade da idade dele e era humano, eu convidava os nobres locais para minha casa, para um banquete. Enquanto eles ainda tinham comida pendurada em seus lábios, eu massacrava todos eles e considerava uma excelente noite.”

“Informação demais,” murmurei.

Ele ignorou, encontrando o olhar duro e azul de meu pai.

“Eis o que você não sabe: nunca sou violento sem motivo. Aqueles nobres tinham traído meu pai, resultando nele ser cegado e enterrado vivo. Alguns deles tinham pessoalmente o emparedado em sua sepultura, porém vieram para minha casa sem medo porque eles me subestimavam. Você não, o que é um dos dois motivos pelo qual eu o respeito.”

Então ele se inclinou para frente, seu sorriso diminuindo.

“O outro motivo é esse: lealdade. Você viu as riquezas que possuo e o poder que exerço, porém você nunca pensou em usar suas filhas para obter essas coisas para si.”

“Isso não é lealdade. É ser pai,” meu pai falou por entre os dentes.



“Meu pai deu a mim e meu irmão mais novo para seu pior inimigo em troca de segurança política,” Vlad disse sem rodeios. “Vi muito pior durante os séculos desde então. Paternidade não é o motivo pelo qual você valoriza suas filhas mais do que dinheiro, poder ou até mesmo do que curar sua perna, o que eu posso fazer. É lealdade, e eu espero que você a honre mais agora por causa da perda que você sofreu quando a traiu anteriormente.”

Eu não soube o que me chocou mais—Vlad dizendo que podia curar a perna inválida do meu pai ou despejar nele o adultério. Vlad sabia sobre isso por causa da culpa que eu ainda carregava sobre a morte de minha mãe. Eu tinha contado a ela sobre as cartas incriminadoras que encontrei na mala do meu pai porque eu estava brava por ela estar nos mudando para longe do meu treinamento para se juntar ao meu pai na Alemanha. Aos treze anos, eu me importava mais em fazer parte do time Olímpico do que com a dor no coração da minha mãe. Ela o deixando nos colocou na casa da minha tia, onde ela morreu tentando me ajudar depois que toquei aquele fio de alta tensão caído.

Meu pai também parecia atônito, mas então ele se levantou, apontando a ponta de sua bengala para Vlad. “Como ousa!”

As palavras tremeram com a ira. Vlad nem ao menos piscou.

“Eu ousa porque não quero mal-entendidos entre nós. Sou tudo que você acha que sou, mas amo sua filha e, o que eu amo, eu protejo com toda a violência em mim, que, como você deduziu, é considerável.”

O silêncio caiu quando Vlad terminou de falar. Até mesmo sua equipe deve ter parado suas preparações frenéticas porque eu não podia ouvir um alfinete cair na sala ao lado. O rosto do meu pai ficou definido a linhas duras enquanto eu me colocava em um debate interno.

Ele podia ter deixado de fora todas as pessoas que matou—

Por que? Uma pesquisa no Google revelaria a mesma coisa.

Tudo bem, mas trazer à tona o caso do papai—

Ele foi indelicado enquanto agia com um propósito?

Esse é Vlad o Impalador. Seus propósitos geralmente vêm na ponta de um longo poste.

Sim, mas os dois serão família—

Você ouviu Vlad descrever a família dele? Ele nem chegou na parte onde seu irmão mais novo continuou tentando matá-lo.

E assim por diante. Como eu temia, me transformei no Gollum.



O que eu finalmente disse depois dos segundos irritantes foi:

“Eu não o culpo por estar nervoso, pai. Se minha filha me dissesse que estava se casando com o Príncipe das Trevas morto-vivo, eu também surtaria. Você não tem que gostar ou aprovar, mas não pode me impedir e eu espero...” Engoli em seco para aliviar o nó que se formou de repente em minha garganta. “Eu espero que você esteja em meu casamento.”

Então me baixei sobre ele e o beijei na bochecha antes de sair da sala. O que quer que meu pai, Gretchen ou Marty decidissem fazer, eu tinha que ficar pronta para um casamento.



Capítulo Vinte e Oito

Em algum momento, eu tive certeza de que acordaria. Eu não era a garota que tinha um requintado vestido feito à mão com velocidade de fada-madrinha para seu casamento. Eu era a garota que perdeu a mãe antes que eu pudesse realmente conhecê-la. Que teve seus sonhos esmagados, cuja família guardava ressentimentos, que não podia tocar alguém sem arriscar suas vidas e que se afogava em escuridão por todos os pecados que suas habilidades a forçavam a reviver.

Aquela não se parecia com a garota no espelho. Meu vestido tinha um corpete cremoso sobreposto no busto para aumentar minhas curvas modestas. Sob aquilo, uma saia de chiffon de múltiplas camadas incrustada com renda e pérolas minúsculas. O bolero de renda deixava meu decote nu, mas abraçava meu pescoço e ombros antes de descer para mangas tão delicadas quanto teias de aranha. Elas vinham até meus dedos, bordados ocultando minha longa cicatriz em ziguezague. Meu cabelo estava para cima, um grampo cravejado de diamantes sob o coque. O grampo segurava a parte de trás de um fino véu com mais adornos de pérolas. A frente do véu estava atualmente jogada para trás para o caso de eu precisar de quaisquer retoques finais na minha maquiagem.

Não, a garota no espelho não parecia sofrer de solidão, isolamento ou um fluxo de imagens dos piores atos que as pessoas infligiam uns aos outros. Ela parecia feliz. Podia-se até se atrever a usar a palavra abençoada. Era de se espantar que eu tivesse dificuldade em conciliar que aquela era eu?

Gretchen apareceu no reflexo.

“Nem pense em chorar durante seus votos. Vai arruinar sua maquiagem.”

O comentário da minha irmã foi uma pitada de realidade nessas circunstâncias irreais, mas aquilo foi bom. Ela estava aqui, usando um vestido sem alças de seda ametista que exibia curvas que eu precisava de drapeados criativos para imitar. Seu cabelo negro na altura do ombro estava para cima, adicionando um ar de sofisticação, e sua maquiagem escura a fazia parecer mais velha que seus vinte e dois anos.

“Você está incrível,” falei para ela.

“Não,” ela disse, sua voz ficando macia. “Você está.”



Então ela me chocou ao me abraçar. Sob seu spray de cabelo e loção corporal, eu captei o cheiro dela, como limões e água do mar. Eu inspirei, sabendo que nunca mais me depararia com alguma dessas coisas sem pensar em minha irmã.

Ela me soltou com um suspiro. “Você acabou de me *cheirar*?”

Envergonhada, assenti. “Todo o sangue que Vlad me deu turbinou mais que minha audição.”

Outro suspiro. “Você fica mais estranha a cada dia, sabia disso?” Então ela olhou ao redor, mas as três costureiras geniais haviam partido. “Bem, eu cheiro bem? É impossível pedir, subornar ou roubar perfume nesse lugar.”

Uma casa de pessoas com sentidos olfativos hiperativos? Eu não duvido. Perfume seria como spray de pimenta para os vampiros.

“Você cheira bem,” eu a assegurei.

Bateram na porta. Gretchen a abriu, revelando Marty. Ele usava um smoking preto que deve ter sido feito recentemente, porque ele não possuía um, e lhe coube como uma luva. Suas costeletas grossas agora estavam bem aparadas e seu cabelo preto e grosso estava penteado para trás, acrescentando uma pitada de anarquia à sua aparência formal.

“Está na hora,” ele disse. Então ele encarou. “Wow, garota. Vocês duas,” ele acrescentou rapidamente.

Girei para que Marty pudesse ver todo o meu vestido, com cuidado para não tropeçar na minha cauda. “Eu ainda não consigo acreditar que Sinead, Frances e Bertrice fizeram isso em seis horas. Aquelas vampiras costuraram tão rápido que quase deixaram os fios em chamas.”

Minha voz desapareceu quando alguém apareceu por trás de Marty. Hugh Dalton também usava um smoking, e seu cabelo cinza-escuro foi cortado recentemente. As linhas em seu rosto pareciam mais afiadas, mas os lábios que estavam comprimidos suavizaram um pouco quando ele olhou para mim.

“Não importa o que eu penso sobre isso, Leila, você é minha filha, então você *não* vai caminhar por aquele corredor sozinha.”

Engoli em seco. Gretchen sibilou, “Maquiagem!” e me deu uma cotovelada, mas seus olhos tinham um brilho novo, também. Fazia muito tempo desde que nós fizemos algo juntos como uma família.

Marty pegou o braço de Gretchen. “Vamos lá, linda. Eu vou te mostrar o caminho.”

Ela deu um tapinha final em seu cabelo e então me soprou um beijo.



“Vejo você logo, mana.”

Os dois partiram. Meu pai continuou me encarando. Então ele soltou um suspiro que parecia vir de um lugar muito profundo dentro dele.

“Você tem certeza de que quer fazer isso?”

“Eu tenho certeza,” falei com uma voz firme.

Ele pegou meu braço. Minhas novas luvas isolantes cor de marfim só iam até meus pulsos, então ele absorveu um choque, mas escondeu sua careta por trás de um sorriso tenso.

“Eu temia que você fosse dizer isso.”

Eu mal reconheci o terceiro andar. A mobília comum havia desaparecido e as paredes escuras foram cobertas com seda branca. Havia mais seda pendurada no teto, criando o efeito de uma tenda elegante. O corredor tinha flores envolvendo tochas de pedra branca com escudos polidos entre elas. Aqueles escudos captavam a luz do fogo e a refletiam, banhando todo o corredor com um brilho dourado. O cheiro, para o meu nariz recentemente sensível, tornava o ar mais pesado e doce. Caminhar através daquilo era como atravessar um túnel encantado.

Marty e Gretchen atravessaram as portas principais para o salão de baile. Meu pai e eu seguimos e, quando aparecemos na entrada, uma música de órgão surgiu, abafando o meu suspiro.

Não foi o novo visual do salão que tirou meu fôlego, apesar do corredor formado por enormes pilares de rosas brancas e os gigantes lustres antigos em chamas com centenas de velas terem transformando o espaço em um reino encantado gótico. Foram todos os rostos que se viraram para nós. Tinha de haver duas mil pessoas, o mar de smokings pretos ocasionalmente quebrados por pitadas de cor das mulheres em vestidos formais.

Vlad tinha convidado a cidade inteira? Eu me perguntava em descrença.

Aquele pensamento desapareceu quando eu peguei um vislumbre do noivo. Vlad estava sobre um palco branco elevado, um dossel de ferro entrelaçado em vinhas se elevava vários metros acima dele. Ele não usava um smoking. Típico dele se destacar. Ao invés disso, sua jaqueta de ébano tinha tranças grossas ao redor dos ombros, lembrando-me o que reis usavam em cerimônias oficiais. Ela era abotoada até o pescoço, a gola alta emoldurando sua linha da mandíbula forte e esculpida. Suas calças também eram negras, mas o manto que caía sobre seus ombros até os pés era vermelho. Suas



bordas eram aparadas com arminho e uma larga corrente de ouro o segurava, com um pingente de ouro e azeviche do tamanho do punho de Vlad pendurado no centro.

Resumindo, ele estava magnífico.

Caminhei pelo corredor, mal notando as outras pessoas. Até mesmo a pressão da mão do meu pai desapareceu. O cabelo de Vlad estava escovado completamente para trás, revelando seu ligeiro pico de viúva. A ausência daquelas ondas escuras tornou suas feições magras, sobrancelhas fortes e maçãs do rosto altas muito mais marcantes, e seus olhos cor de cobre pareciam penetrar em minha alma.

Venha a mim, eles ordenavam silenciosamente. Mesmo se eu quisesse recusar, eu não acho que poderia.

Eu estava a seis metros de distância quando o fogo serpenteou até a cobertura de ferro, girando através de todas aquelas vinhas intrincadamente esculpidas. Meu pai parou, seu aperto aumentando para me segurar.

“Leila—”

“Está tudo bem,” Eu disse. Eu nunca temia o fogo com Vlad perto.

Então eu deixei meu braço deslizar do aperto do meu pai, andando sozinha os últimos metros. O dossel continuou em chamas, mas nem uma faísca perdida caiu ao chão. Quando cheguei ao palco e peguei a mão de Vlad, o ferro já incandescia pela intensidade das chamas, até parecer que o dossel sobre nós tinha se transformado em ouro derretido.

Dizer que eu sempre me lembraria desse momento seria um eufemismo.

Eu estava tão deslumbrada que me levou um segundo para perceber que o palco tinha escadas atrás, também. Um homem grisalho em uma longa túnica branca subiu até nós. Então ele fez o sinal da cruz enquanto entoava algo em latim. Quando ele terminou, todos se sentaram quase em sincronia. Esse tipo de coordenação me disse que a maioria dos nossos convidados devia ser vampiros.

Eu não tinha ideia de que você tinha tantos amigos! Escapou pela minha mente antes que eu percebesse como isso soava.

A boca de Vlad se curvou. Então o ministro? Sacerdote? Começou a falar em inglês para que eu finalmente o entendesse.

“Caríssimos amigos,” ele disse com um forte sotaque italiano. “Estamos aqui para testemunhar a união deste homem e esta mulher, nos laços do sagrado matrimônio.”



Com minhas habilidades, eu revivi um monte de casamentos. Eu também revivi divórcios o suficiente para saber que os votos que estávamos prestes a fazer tinham mais que cinquenta por cento de chance de fracasso, mas isso não me intimidava. Eu tinha enfrentado chances mais improváveis antes, e Vlad era algo pelo que valia a pena lutar.

Ele sorriu com aquilo: conhecedor, desafiador e, oh, tão sensual.

“Sem luta,” ele murmurou. “Nós somos eternos agora. Essa primeira cerimônia é apenas para que você e todos os outros saibam disso, também.”

Primeira cerimônia? Eu questionei, mas então o sacerdote disse, “Podemos ter as alianças?” e eu congelei. Com toda a atividade hoje, eu havia esquecido de que nós não tínhamos alianças. E agora?

Para minha surpresa, Gretchen subiu ao palco escoltada por Mencheres. O egípcio de cabelos compridos devia ser o padrinho de Vlad. Ele entregou algo ao Vlad, e minha irmã pegou o meu buquê enquanto pressionava algo em minha mão.

Eu olhei para baixo, aliviada ao ver faixas de ouro entrelaçadas formando um anel incomum. Então a curiosidade me fez olhar para a mão fechada de Vlad. Que tipo de anel ele tinha me dado?

“Coloque o anel na mão dela,” o sacerdote declarou. “Vladislav Basarab, você aceita esta mulher, Leila Dalton, como sua esposa...”

As palavras viraram ruído de fundo quando vi o largo anel de ouro que Vlad deslizou no meu dedo, um dragão cravejado de joias adornando a superfície. Eu não precisava que Vlad me dissesse que aquilo não era uma réplica. Eu podia senti-lo pulsando pela essência dos príncipes antigos que o tinham usado antes de mim, incluindo Vlad.

Ele não tinha me dado um anel de diamante comum. Ele me deu o selo real da linhagem Dracul, modificado para caber no meu dedo.

Eu não ouvi o sacerdote terminar, mas Vlad disse, “Eu aceito,” primeiro em inglês, depois em Romano. O rugido instantâneo da plateia me arrancou do meu estado de choque. As aclamações não deveriam vir depois que *nós dois* disséssemos nossos votos?

Então era a minha vez, e eu deslizei o anel na mão de Vlad enquanto prometia amar, honrar e cuidar dele. Não houve aplausos depois que eu terminei de falar. Na verdade, o lugar ficou absolutamente silencioso enquanto o sacerdote declarava que, se alguém se opunha a nossa união, deveria falar agora ou se calar para sempre.



Para meu alívio, nem meu pai nem Marty disseram nada. Caso contrário, alguém orientado pelo noivo nessa multidão poderia tê-los silenciado “para sempre” no local.

Então vieram as palavras que eu nunca pensei que fosse ouvir – homem e mulher – seguidas por um beijo de queimar a alma que eu nunca esqueceria.

Dessa vez, os aplausos foram ensurdecedores.



Capítulo Vinte e Nove

Eu descobri o que noventa e cinco por cento dos convidados eram enquanto aceitava os parabéns. Membros da primeira geração da linhagem do Vlad, ou seja, vampiros que ele mesmo tinha transformado. Aparentemente, sua linhagem era tão longa que nem mesmo sua casa enorme poderia abrigar todos os vampiros que as pessoas *dele* tinham transformado, também. Pela variedade de sotaques, os descendentes mortos-vivos de Vlad vieram de toda a parte do mundo. Eles devem ter largado tudo para correr para cá esta noite.

Por outro lado, eles podem ter temido não vir. Eu não podia imaginar Vlad aceitando “*eu estava descansando*” como uma razão aceitável para perder seu casamento.

O grande número de convidados resultou em eu gastando as primeiras três horas tendo minha mão enluvada beijada e ouvindo nomes que eu numa me lembraria. A hora seguinte consistiu em provar porções de um banquete tão grande que a cidade vizinha poderia comer as sobras por semanas. Então veio uma avalanche de brindes, até eu ter que fingir beber ou correr o risco de ficar bêbada no meu próprio casamento.

Gretchen não teve tais preocupações. Ela passou da fase risonha para a fase a-sala-está-girando-ou-sou-eu? Meu pai ficou perto, olhando feio para qualquer homem morto-vivo que olhasse duas vezes para ela. Ele não tinha proposto um brinde, mas ele ainda estava aqui.

O gigantesco relógio bateu duas da manhã quando Vlad levantou e estendeu a mão. Eu a peguei, surpresa com os aplausos que se seguiram. Aquele era o sinal para *Nós estamos dando o fora?* Eu esperava que sim. Minha energia estava começando a diminuir e eu não queria gastar o resto dela aqui, por mais impressionantemente luxuosa que a recepção fosse.

Vlad riu baixo. “Acredite em mim, você não vai.”

Então ele me pegou em seus braços sob mais aplausos e algumas risadas sagazes. Eu nem mesmo tive a chance de dizer adeus antes que estivéssemos fora do salão e subindo as escadas. Em seguida o corredor era um borrão que culminou em uma porta fechando decididamente atrás de nós.

Não fui eu quem carregou alguém por mais de cem metros em menos de cinco segundos, mas meu coração começou a trovejar de qualquer forma. Ao contrário da sua velocidade anterior, Vlad deixou meu corpo deslizar pelo dele, centímetro por tentador centímetro, enquanto ele me colocava de pé. O tempo



todo ele me olhava com uma intensidade que fazia as palavras insultantemente triviais em comparação.

Esqueci das milhares de pessoas com audição sobrenatural um andar abaixo de nós. Não me importava que em algum lugar, uma vampira e outros supostos assassinos estavam descobrindo que eu estava viva e que eu tinha me casado com Vlad. Sob o peso do seu olhar, tudo isso esvaneceu até que não havia nada exceto nós dois.

Vlad soltou a corrente de ouro que segurava seu manto real escarlate. Ele caiu ao chão com uma pancada muda. Eu retirei o grampo que atava meu véu e desenrolei meu cabelo do coque. A renda espumosa caiu aos meus pés no mesmo ritmo que meu cabelo se derramava sobre meus ombros.

Suas mãos se entrelaçaram naquela massa escura antes de deslizarem para baixo para os fechos escondidos nas minhas costas. Eu respirei fundo enquanto renda e chiffon eram substituídos pelo toque ardente de seus dedos. Então eu tentei abri seu casaco, mas minhas luvas eram muito inconvenientes. Eu as tirei, mas antes que pudesse pegar o anel que saiu com elas, Vlad pegou. Verde serpenteou em seus olhos enquanto ele o deslizava no meu dedo nu.

Então sua mão deslizou pelo seu peito, os fechos se abrindo como se por mágica. Eu só tive um segundo para ver a camisa por baixo antes que ela, também, desaparecesse e ele estivesse nu da cintura para cima. Eu bebi a visão do seu peito musculoso que era polvilhado com pelos escuros e inúmeras cicatrizes. Vlad se parecia com o que ele era – um guerreiro que rasgou seu caminho através de batalhas que teriam matado homens menores. Despido, sua ardente masculinidade e periculosidade inerente não diminuía. Ao contrário, elas aumentavam, e tudo aquilo me pertencia. Um gemido escapou de mim enquanto eu esticava a mão e tocava sua carne dura e aquecida.

Ele deslizou meu vestido dos meus ombros e cada manga pelos meus braços, deixando-me em um corpete, calcinha e meias de seda. Eu nem estava nua, mas enquanto seu olhar viajava sobre mim, eu me senti mais exposta do que já estive alguma vez. Vlad parecia ver além da minha pele em lugares da minha alma que eu nunca compartilhei com ninguém e, durante aqueles momentos, ele os reivindicou como seus.

Eu o olhei com a mesma possessividade. O que quer que ele já tenha feito, quem quer que ele tenha sido antes e quem quer que ele será no futuro, ele era meu. Se ele ainda tinha escudos em partes de seu coração, eu os derrubaria ou explodiria. *Você pode ter tudo de mim*, eu disse a ele silenciosamente, *mas eu vou tomar tudo de você em troca*.

Seu sorriso foi sensual e desafiador, um desafio para eu manter aquela promessa. Então ele me puxou para os seus braços. Sua pele nua enviando ondas de choque de calor em minha carne. Ele me levantou, chutando para



longe o vestido caído enquanto sua boca se fechava sobre a minha.

Ele tinha gosto de champanhe e o sangue que arrancou quando arranhou sua língua com uma presa. Senti dor quando ele arranhou a minha língua em seguida, embora seu sangue a tenha curado quase instantaneamente. Aquele sabor acobreado aumentou, mas quando eu me afastei em aversão instintiva, seu aperto aumentou.

“Eu pensei que ‘tudo de mim’ incluía partilhar o sangue um do outro.”

Já testando o meu voto. Eu não esperava menos, mas se ele pensou que eu ia levantar a bandeira branca, ele estava errado.

“Não se segure.”

Eu o senti sorrir contra meus lábios. “Eu não pretendo.”

Então ele me pegou, levando-nos não para a cama, mas para a lareira. Ele me colocou no grosso tapete de pele em frente a ela, seus olhos nunca deixando os meus enquanto ele tirava meus sapatos e meias.

Estendi as mãos para as calças dele, mas ele as pegou, segurando-as sobre a minha cabeça enquanto ele abria meu corpete. Minha respiração acelerou quando aquilo caiu, deixando-me em nada além da calcinha. A fome em seu olhar fez meus mamilos enrijecerem, e quando ele deslizou o olhar para baixo, eu quase podia sentir meu sangue correndo para acompanhar. O desejo fez pulsar todas as partes que eu queria que ele tocasse enquanto meus quadris pareciam palpitar com um pulso próprio. Fazia muito tempo desde que eu o senti dentro de mim. Eu não queria esperar nem mais um segundo.

Tentei puxá-lo para mim, mas seu aperto em meus pulsos se intensificou. “Ainda não.”

Eu discordava, e ele podia ter minhas mãos presas, mas minhas pernas não estavam. Eu enlacei uma em torno do seu quadril e friccionei a parte de baixo dos nossos corpos juntos, um arfar me escapou ao sentir sua carne grossa e dura. Sua risada baixa foi tanto erótica quanto ameaçadora.

“Você vai desfrutar se arrepender disso.”

Sua boca desceu em seguida, sua língua quente e molhada fazendo meus mamilos formigarem com seus golpes rápidos. Ele soltou meus pulsos para acariciar minhas costas antes de arrastar minha calcinha lentamente pelas pernas. Entretanto toda vez que eu tentava alcançar suas calças, ele me bloqueava com uma risada baixa. Assim que minha calcinha estava fora, ele me pressionou para trás, seu corpo cobrindo o meu. Eu tive alguns momentos para me deleitar com seu peso, a sensação dos seus músculos e a forma



sensual com que os cabelos do seu peito provocavam meus mamilos antes que sua boca se fechasse sobre meu seio. Ele sugou até formigamentos se transformarem em palpitações, e quando senti suas presas se alongando, eu me arqueei em um convite silencioso.

Prazer seguiu a picada momentânea em menos tempo do que me levou para gemer. Em seguida um calor se espalhou, efeito das pequenas gotas de veneno em suas presas. Ele chupou mais forte antes de me virar e me puxar para cima dele, mudando para o meu outro seio.

Ele o sugou com força, fazendo-me me agarrar a ele com a urgência crescente. Deixei minhas pernas deslizarem até eu o estar montando e, quando aquela dureza protuberante em suas calças roçou meu clitóris, faíscas dispararam da minha mão com o dilúvio de sensações.

Ele me mordeu no mesmo instante, inundando meu peito com calor e fazendo meu mamilo queimar eroticamente. Minha cabeça pendeu para trás enquanto um som animalesco saía da minha garganta. Vlad agarrou meus quadris, me moldando mais perto. Então ele arqueou para frente, aumentando a fricção enquanto suas presas penetravam mais profundamente.

O duplo ataque de prazer era demais. Eu gritei enquanto milhares de terminações se contraíam de uma só vez. Aquele grito se transformou em um gemido quando o êxtase me dominou, transformando necessidade em uma doce libertação. Meu pulso, antes trovejante, pareceu diminuir enquanto uma fraqueza penetrava meus membros, fazendo-os parecer mais pesados.

A boca de Vlad deixou meu seio depois de uma última lambida. Ela deslizou em uma trilha ardente em meu ombro e pescoço antes que ele me beijasse, me pressionando de volta ao tapete de pele sedoso. Dessa vez, eu mal notei o sabor acobreado na boca dele. Eu estava muito focada na forma como a língua dele acariciava a minha, a sensação do seu peito duro contra meus mamilos muito sensíveis, e o desejo que cresceu novamente quando ele tirou as calças.

Abri minhas pernas, gemendo quando ele agarrou minhas coxas e as puxou contra seu quadril. Uma deliciosa expectativa fez meus músculos internos se contraírem, deixando-me ainda mais molhada. Quando ele estendeu a mão e seus dedos invadiram minhas profundezas, eu o agarrei e arqueei com mais exigência do que convite.

Sua risada terminou em outro beijo ardente. Aqueles dedos foram mais fundo, intensificando o desejo que fazia eu me mover contra sua mão. Minha respiração veio em suspiros abafados enquanto ele continuava a me beijar com selvageria crescente, devorando minha boca com lábios e língua. Então sua mão parou o tormento sensual e deslizou sob meus quadris, me levantando.

Eu estava mais do que pronta, mas ele era grande e fazia algum tempo.



Paredes internas se esticaram enquanto ele se movia mais fundo, e quando ele empurrou todo o seu comprimento dentro de mim, eu deixei escapar algo como um soluço.

Sua mão deixou meu quadril para se enrolar em meu cabelo, o polegar acariciando minha mandíbula. Seu beijo mudou, também, combinando com seu ritmo lento quando ele começou a se retirar. Meu corpo não tinha se ajustado totalmente ainda, mas envolvi minhas pernas ao redor dele e enviei um único e fervoroso comando.

Não pare e não se contenha.

O som que ele fez... Mais duro que um gemido, mais primitivo que um rosnado. Então ele empurrou para frente enquanto suas presas se enterravam em minha garganta.

Os dois lugares queimaram com uma dor ardente e então com um devastador prazer líquido. Eu não tive chance para gritar antes de outro impulso/mordida, enviando mais sensações esmagadoras através de mim. Minhas unhas arranhavam suas costas enquanto a eletricidade que eu não conseguia controlar o invadia. Aquilo só o fez me segurar mais forte enquanto ele continuava a se mover com energéticas e duras investidas. Quando finalmente percebi que ele tinha parado de me morder, eu não me importava mais. Ele podia ter continuado a me beber até não sobrar nada. Enquanto a sensação fosse aquela, eu a saudaria.

Meus sentidos se aguçaram enquanto o prazer aumentava. O cheiro de fumaça e especiarias de Vlad nunca foi tão intoxicante. Seu corpo estava escaldante, coxas musculosas mais duras que pedra contra as minhas, e sua boca violentava tudo o que tocava. Eu me senti perdida nele, e quando aqueles espasmos incríveis me sacudiram de dentro pra fora, o tipo mais estranho de fragilidade me preencheu. Ele queria tudo de mim e foi isso que eu dei a ele. Isso significava que eu não tinha mais nada?

“Não,” ele murmurou com a voz grossa de paixão. “Você tem a mim, e eu te amo.”

Então ele me beijou, se movendo mais rápido, e a realidade ficou turva mais uma vez. Quando finalmente o clímax se agitou intensamente através dele, eu já não podia me lembrar sobre o que eu estava preocupada. Me perder era ganhá-lo e vice-versa. Isso valia qualquer custo.



Capítulo Trinta

O ntem, acordei na enfermaria ainda cuidando de um coração partido. Hoje, acordei na cama de Vlad como Sra. Drácula. Que diferença fez um dia.

“Se você se apresentar a alguém como Sra. Drácula, vou lhe morder de um jeito que você não irá gostar.”

Sorri sem abrir os olhos. Algumas coisas não mudaram, como Vlad sendo mal humorado logo que acorda.

“Estou tremendo de medo.”

“Como deveria estar e eu estou de pé, minha adorável noiva.”

Agora eu realmente abri os olhos. Vlad estava vestido, para meu desapontamento, sentado em uma cadeira com um iPad em seu colo. Ele se levantou e veio em minha direção, sua expressão era tão séria que fiquei tensa.

“O que há de errado?”

“Apenas lendo alguns e-mails,” ele disse enquanto seus dedos percorriam o pequeno teclado. Então ele o segurou para que eu pudesse ver.

Alguém nessa casa tem me traído.

Respirei fundo. Um sorriso irônico torceu sua boca enquanto ele digitava algo mais e me mostrava.

Quer dizer, além de Maximus.

Não comentei aquilo. *Como você sabe?* Pensei.

Mais digitação rápida. *Suspeitei quando minha equipe rastreou o celular de Maximus até aquele hotel, mas Hannibal me surpreendeu lá. Você disse que Hannibal sabia detalhes sobre seus poderes que eram particulares apenas a membros dessa residência. Como prova final, um e-mail que Mencheres acabou de enviar confirmou que mais informação incriminadora vazou e que só poderia vir de alguém daqui.*

Eu não esqueci o conhecimento preciso demais de Hannibal, mas ser sequestrada, morrer, ficar em coma e me casar com Vlad, tudo em menos de



uma semana, tinha afastado isso de primeiro plano para mim.

Não para Vlad, obviamente. *Você sabe quem é?*

Um revirar de olhos antecedeu sua próxima frase. *Eu não estaria torturando essa pessoa nesse exato momento se eu soubesse?*

Verdade, e enquanto detalhes sobre minhas habilidades poderiam ter chegado, acidentalmente, em ouvidos errados, dizer ao chefe de Hannibal onde eu e Maximus estávamos não era um dar com a língua nos dentes inocente.

Então o significado das mensagens digitadas de Vlad me atingiu. *Você acha que quem quer que tenha feito isso está nesse andar.*

Vampiros tinham ótima audição, mas o quarto de Vlad tinha isolamento melhor do que a maioria. E mais, sua casa estava sempre cheia de pessoas, o que significava montes de ruídos de fundo. A menos que ele achasse que o traidor estivesse muito perto, Vlad não digitaria ao invés de falar.

E apenas sua equipe mais confiável tinha quartos nesse andar.

Eu estremeci. *Sinto muito.*

Não tenha pena de mim, ele digitou com a rapidez de um relâmpago. Tenha pena do homem que irá morrer de forma terrível assim que eu descobrir quem ele é.

Então, eu provavelmente teria pena dessa pessoa, mas no momento, precisávamos encontrá-lo. Ergui minha mão direita com um propósito cruel.

Vou ajudá-lo a extirpá-lo.

Vlad olhou firme para mim, sua expressão era fria mudando para uma impenetrável. Quando vi sua resposta digitada, eu li três vezes, mas ainda não podia acreditar no que ela dizia.

Enquanto você permanecer humana, você não vai.

Desci os degraus estreitos para a masmorra, guardas que tive que enganar antes, agora se curvavam para mim enquanto eu passava. Marty andava na minha frente, duas cimitarras curvadas de prata presas em seu cinto. As facas alcançavam seus joelhos, o fazendo parecer quase cômico, mas eu sabia o quanto Marty era rápido. Vlad também sabia. Por isso Marty era meu guarda-costas agora.



Eu não quis que Vlad me acompanhasse por mais motivos do que a briga que tínhamos acabado de ter. Eu sabia que nosso casamento seria tumultuado, mas não antecipei que a briga começasse menos de vinte e quatro horas depois que dissemos 'aceito'.

O que é aquilo que você estava dizendo sobre a diferença que fazia um dia? minha voz interior amaldiçoada zombou.

Eu a ignorei e continuei andando, acenando com a cabeça para o guarda que nos deixou passar. Lá dentro, tochas forneciam luz suficiente para que eu pudesse ver onde estava indo. A coluna de pedra com algemas estava vazia agora, assim como os postes na frente dela. O que quer que aquilo significasse, eu não sabia ao certo e não queria perguntar.

“Por aqui,” Marty disse, pegando a passagem da direita.

Eu não tinha me aventurado a essa parte da masmorra antes e, quando vi a próxima câmara, quis nunca mais voltar.

A luz das tochas revelavam máquinas tanto antigas quanto de alta tecnologia, completas com acessórios terríveis que desafiavam até mesmo minhas habilidades impulsionadas com a imaginação em relação ao seu uso. Isso fazia com que a parte da masmorra com os postes de empalação parecessem tão agradáveis quanto uma sala de espera.

“Assustador, não é?” Marty resmungou. “Quando você é um prisioneiro, a primeira coisa que eles fazem é lhe dar um grande tour. Então você é algemado àquela parede de pedra para pensar sobre o que viu. Em seguida é o poste, onde a primeira rodada de perguntas começa. Se você não os satisfizer, você vem aqui para mais incentivo.”

Olhei ao redor com um tremor. Por que qualquer pessoa de Vlad o trairia, sabendo que terminariam nesse pequeno pedaço de inferno se fossem pegos?

Então novamente, eu estava aqui para ver alguém que tinha feito exatamente isso.

Marty me guiou além da sala de máquinas arrepiantes para outra passagem apartada. Essa não abriu para uma grande antecâmara. Ao invés disso, uma sequência de celas estava talhada na rocha. A maioria era tão alta quanto Marty, deixando aqueles azarados os suficiente para estarem em uma, incapazes de ficarem de pé. Essa parte da masmorra também era mais fria. Minha saia turquesa caia sobre meus tornozelos e eu vestia uma blusa de mangas longas, mas eu devia ter pegado um casaco também.

Enquanto eu passava pelas celas menores, nada se movia dentro delas.



Elas, assim como o resto da masmorra até agora, pareciam vazias.

Tive que perguntar. “Você sabe onde estão os prisioneiros?”

Marty abriu a boca, mas outra voz falou por ele.

“Vlad fez com que os executassem em honra a seu casamento.”

O tom de voz de Maximus era mais duro do que as paredes de pedra que nos rodeavam. Engoli seco e então a segui até o fim da passagem, onde as últimas poucas celas eram de tamanho normal, pelo menos.

“Que magnânimo.”

Eu não estava sendo sarcástica. Eu preferiria a morte a experimentar tudo que essa masmorra tinha a oferecer e, se alguém prejudicasse Vlad o suficiente para terminar aqui, a morte era o único caminho de saída.

Bem, quase o único caminho.

Maximus ficou a vista assim que cheguei mais perto. Em algum momento desde que o vi pela última vez, lhe foram dadas roupas novas, mas seu cabelo ainda estava avermelhado devido a todo o sangue seco nele. Ele se inclinou contra as barras, seu olhar iluminado com verde. Então ele olhou para o anel em meu dedo enluvado e sua boca se curvou para baixo.

“Eu diria meus parabéns, mas nós dois sabemos que eu estaria mentindo.”

Repousei minhas mãos contra as barras. “Considerando onde você está, não o culpo.”

“Não é por isso.”

Rápido como um bote de cobra, ele pegou minhas mãos entre as dele. Então seus dedos as apertaram, evitando que eu as puxasse.

“Depois de seu rompimento, pensei que Vlad ainda estava aficionado por você porque você terminou tudo. Então ele levou Mencheres ao barco mesmo que pedir ajuda de outro Mestre para resgatar seu povo o fizesse parecer fraco. Foi quando eu soube.”

“Soube o quê?”

“Que ele te amava,” Maximus disse com o mesmo tom que a maioria das pessoas usava para contar notícias terríveis.

Minha boca se curvou. “Yeah, ele me disse. Mesmo que ele não tivesse



dito, me pedir em casamento teria sido uma grande pista.”

Maximus emitiu um som áspero, soltando minhas mãos para se virar em um curto círculo. “Você está romantizando isso, mas você está presa agora. Ele não permitiu que sua primeira esposa o deixasse. Por que você acha que ela pulou daquele telhado?”

“Porque ela achou que ele estava morto e um exército estava a caminho para arrastá-la para prisão.” Até mesmo Wikipedia sabia disso.

“Então ela deixou seu jovem filho para enfrentá-los?” Maximus perguntou, girando de volta. “Acho que não. Ele era o mundo de Clara.”

Eu não disse nada, absorvendo dois fatos que eu não sabia antes. Primeiro, Vlad nunca me disse o nome de sua primeira esposa e a história tinha esquecido isso. Mas o outro detalhe era mais significativo.

“Você a conhecia.”

Um sorriso triste cruzou seus lábios. “Eu era um dos guardas que Clara levou com ela para a casa de seu novo marido.”

As palavras de Vlad no dia anterior soaram em minha mente. *Minhas ações a horrorizaram, como horrorizam você... Foi mais do que um exército avançando que a fez se jogar do nosso telhado. Fui eu...*

Maximus estava certo? A primeira esposa de Vlad tinha se matado porque a morte era o único caminho pelo qual ela podia escapar dele?

Respirei fundo. “Quaisquer que fossem seus motivos, não sou ela. Eu conheço o lado negro de Vlad e eu posso lidar com ele.”

Maximus suspirou. “Pode? As cicatrizes em seus pulsos mostram que a escuridão já a quebrou uma vez antes.”

Eu enrijei. “Se você acha que Vlad é tal pessoa horrível, por que ficou com ele todos esses anos?”

Sua risada soou vazia.

“Você entendeu errado. Eu amo Vlad e morreria por ele com prazer. Mas sempre que *ele* ama alguma coisa, ele acaba a destruindo. Ele não consegue evitar. É simplesmente a natureza dele.”

Marty me lançou um olhar duro. Claramente, ele tinha as mesmas preocupações, mas tudo que ele disse foi “Faça o que veio aqui para fazer.”

Olhei fixamente para Maximus enquanto eu apertava números no



teclado do lado de fora de sua cela. A masmorra podia parecer medieval, mas ela tinha todas as conveniências de uma cadeia moderna. As barras desapareceram dentro do chão de rocha com um suave farfalhar.

Maximus não se moveu. “O que é isso?”

“Meu dote,” eu disse friamente. “Vlad me disse para dizer qualquer coisa que eu quisesse. Escolhi sua liberdade, assim como ele sabia que eu faria.”

Maximus ainda não se movia. Fiz um gesto com meu braço. “Se você está esperando por um tapete vermelho, eu não incluí isso.”

Muito lentamente, ele saiu de sua cela, olhando ao redor como se esperasse uma chuva de facas de prata sobre ele a qualquer momento. Objetivo cumprido, eu me virei sobre meus saltos e me afastei.

“Já que provavelmente não a verei novamente, obrigado por salvar minha vida. Estamos quites agora, então boa sorte com o resto da sua.”

“Espere.”

Dedos frios se afundaram em meus ombros. Eu girei, a raiva pelas suas predições sombrias me fazendo arrancar minha luva direita.

“Me solte ou usarei isso.”

Maximus baixou a mão, uma mistura de frustração e empatia se destacando em suas feições. “Leila, se eu soubesse antes como Vlad realmente se sentia sobre você, eu não teria—”

“Convencido a mim de que ele poderia estar por trás da bomba? Mentido para ele sobre eu estar viva? Ou continuado a tentar dormir comigo?”

“Tudo isso,” ele respondeu de maneira justa. “Mas você ainda precisa ser cuidadosa. Você não o conhece tão bem como eu conheço.”

Ele está certo, você não conhece, minha odiosa voz interior sussurrou.

Eu me virei novamente. Brava com Vlad ou não, eu não ia ouvir mais depreciações sobre ele.

“Ele está deixando você sair daqui, Maximus. Aposto que você não previu isso, então talvez você seja aquele que não o conhece tão bem como pensa.”



Capítulo Trinta e Um

Com todos os convidados do casamento da noite passada, a casa deveria estar cheia de pessoas. Ao invés disso, tudo parecia normal, o que foi um alívio para mim. Eu não estava a fim de ter conversa fiada com várias centenas de estranhos. Ao contrário da opinião popular, eu *sabia* com o que eu podia e não podia lidar. Apesar de eu ser uma humana rodeada por vampiros que tinham tirado uma soneca por mais tempo que eu estava viva, eu ainda era a melhor pessoa para me julgar.

“Obrigada, Marty,” eu disse quando alcançamos o pé da escadaria principal.

“Vou voltar para meu quarto agora.”

“Direto para lá?” ele perguntou, seu olhar se estreitando.”

Eu esperava que ele não sentisse o cheiro da mentira quando eu disse, “Claro.”

Outro olhar suspeito foi minha resposta, mas ele saiu.

Enquanto eu subia apressada a grande escadaria, a música “Ice Ice Baby” soava em minha mente. Deixe Vlad tentar forçar caminho através *disso* para ouvir minhas reais intenções. Porém, eu não tinha muito tempo. Logo Vlad perceberia que eu tinha terminado minha visita de despedida com Maximus vinte minutos antes.

Fui direto ao quarto andar, mas ao invés de ir em direção ao meu novo quarto, escolhi um corredor que nunca tinha entrado antes.

Em algum lugar desse andar, o traidor tinha que ter deixado um traço de essência. Então tirei minha luva direita e passei minha mão nua sobre a primeira maçaneta pela qual passei.

Imagens de Oscar inundaram minha mente. Além de obter a informação de que o vampiro albino estava geralmente cansado quando entrava em seu quarto, nada notável se destacou. Soltei a maçaneta, fazendo um rápido inventário em mim mesma. Nenhuma tontura ou sangramento nasal, bom. Meu poder não tinha atingido a zona de perigo, então segui em frente.

Acabou sendo o antigo quarto de Lachlan, inútil já que ele foi morto em uma emboscada por Szilagyi meses atrás. Depois de outra verificada na saúde, eu ainda não exibia nenhum sinal de alerta, então me senti segura o suficiente



para tentar a terceira maçaneta.

Era o quarto de Maximus, e a profunda solidão impressa naquela maçaneta diminuiu minha raiva em relação as suas predições horríveis. Era isso parte do motivo de ele ter mentido para Vad sobre mim? Porque estar com a mulher errada era melhor do que passar outra noite dolorosa sozinho?

Soltei a maçaneta. Quais quer que fossem os motivos de Maximus, o que estava feito estava feito e eu não tinha tempo para ponderar sobre o motivo. Fui para a quarta porta, mas antes que eu pudesse tocar a maçaneta, ela se abriu.

Shrapnel olhou para mim, a surpresa franzindo suas feições.

“Leila. O que você está fazendo?”

Recolhi a mão. “Uh, eu...”

A porta de Maximus se abriu, também me surpreendendo, mas não era ele. Ao invés disso, uma bela mulher ruiva saiu de lá.

“Eu disse para me encontrar na *terceira* porta, Leila,” ela disse, dando um sorriso brilhante para Shrapnel. “Não que não seja fácil se perder nesse lugar enorme.”

Eu a encontrei pela primeira vez meses atrás. Vlad a considerava uma amiga, por isso ela era um de nossos convidados do casamento, mas nem pela minha vida eu conseguia lembrar seu nome. Ainda assim, dei um dar de ombros como que para me desculpar com Shrapnel e embarquei na desculpa, enfiando minha mão no bolso da saia. Ele iria correndo direto para Vlad se soubesse o que eu estava realmente fazendo.

“Desculpe, porta errada.” Então para a ruiva eu disse, “Pronta?” Ela deu outro sorriso deslumbrante.

“Com certeza.”

Sua aparência perfeita de boneca Barbie sacudiu minha memória. Certo, seu nome era Cat e ela era casada com Bones, o vampiro que tinha me ensinado a bloquear a leitura de mentes de Vlad com cantos mentais. Por isso que Cat sabia que eu estava prestes a ser pega por Shrapnel. Ela também podia ler mentes e o fato de ela me ajudar mostrou que ela podia ser confiável. Caso contrário, ela deixaria Shrapnel me pegar.

Obrigada, eu enviei para ela.

Ela acenou com a mão para o ar. “Não posso esperar para ver a sala de comunicações,” ela disse, como se continuasse uma conversa que tivemos



antes. “É nesse andar, não é?”

Aquela pergunta foi dirigida a Shrapnel, cuja carranca estaca de volta. “Sim, mas somente pessoas autorizadas são permitidas.”

Cat bufou. “A esposa de Vlad não é considerada ‘autorizada’?”

Shrapnel abriu a boca... e nada saiu. Agora que eu tinha me casado com seu chefe, ele não podia ter certeza se alguma coisa estava fora dos limites para mim. Cat pegou meu braço, assoviou pela corrente que a atingiu e então continuou com a conversa animada.

“Aposto que Vlad tem o equipamento de mais alta tecnologia para proteger seu povo, então a sala de comunicações deve lhe dar ótimas ideias para o que você quer no programa ativado por voz.”

Foi tudo que eu pude fazer para não beijá-la. Onde o traidor teria deixado a trilha de essência mais incriminadora? Na sala que foi usada para localizar o sinal do celular de Maximus. Cat deve ter escutado meus pensamentos essa manhã para ela saber exatamente do que eu estava atrás.

Controlei minha risada com esforço. “Ótimo. Estou doente por não ser capaz de usar nenhuma coisa tecnológica.” Então me virei para Shrapnel. “Qual é o caminho mesmo?”

Aqueles lábios generosos se apertaram em desaprovação, mas ele disse, “Esquerda no fim desse corredor, então a primeira porta no segundo corredor a sua direita.”

“Obrigada!”

Assim que Cat e eu estávamos fora da vista dele, eu a parei.

Você não tem que ir além, pensei rapidamente. Se Vlad descobrir que você me ajudou a fazer isso, ele ficará puto.

“Por isso que Bones está fazendo as malas agora,” ela disse com uma risadinha. Então ela baixou o tom de voz e se inclinou mais para perto. “Mas você não coloca de lado sua melhor arma apenas porque usá-la é arriscado. Vlad me disse isso uma vez. Ele está apenas muito imerso no Modo Macho Superprotetor para lembrar disso.”

“Acertou em cheio,” Eu disse com voz seca.

Um revirar de olhos. “Tive muita experiência com isso. Uma noite vamos beber e trocar histórias. Mas seja mais esperta do que eu fui, Leila. Conheça seus limites e quando você os alcançar, peça ajuda.”



“Acredite, não estou ansiosa para pular para dentro da sepultura.”

O olhar que ela me deu fez com que eu me perguntasse se interpretei mal sua idade. Ele parecia carregar o peso de séculos mesmo eu sabendo que Cat foi transformada recentemente.

“Às vezes a sepultura te encontra esteja você procurando por ela ou não.”

Eu não disse nada, mais uma vez cobrindo meus pensamentos com o único sucesso de Vanilla Ice. Mesmo que isso trouxesse a sepultura um passo mais perto, eu faria. Até encontrarmos o traidor, ninguém nessa casa estava seguro, muito menos eu.

A sala de comunicações parecia uma versão menor de algo que a NASA teria. Uma dúzia de estações de computadores com operadores estavam espalhadas ao redor de um grande mapa-múndi com múltiplos pontos indicando casas seguras para o pessoal de Vlad. Outro mapa interativo podia ser reorganizado agarrando coisas do ar e uma imagem 3-D era uma recriação digital dessa casa. No momento, todas as linhas nela estavam verdes. Se qualquer uma delas ficasse vermelha, indicava uma falha na segurança. Quando Cat e eu abrimos a porta sem anunciar, a área para essa sala ficou vermelha. Então, assim como Shrapnel, a equipe de Vlad decidiu que eles não queriam ser aqueles a me dizer que eu precisava de autorização melhor do que o anel de casamento em meu dedo e a luz voltou a ficar verde.

“Olhe isso, Leila,” Cat disse, apontado para a tela perto dela. “As diferentes divisões nessa grade de segurança indica que ela verifica invasores no chão, no ar e trinta metros *abaixo* do chão também.”

“Isso mesmo,” o técnico daquele monitor disse com uma leve surpresa.

Um aceno rápido. “Desenhei um sistema parecido para meu antigo emprego.”

Eu me inclinei perto de Cat, fingindo estar fascinada pelos detalhes de segurança. Na verdade, eu espalmei uma caneta e a enfiei no bolso da saia. Então fomos para a próxima estação, onde eu peguei um clipe de papel. Quando eu tinha fingido interesse em cada estação de trabalho, o bolso da minha saia estava cheio de itens roubados.

Cat ajudou colocando seu corpo em um ângulo que servisse de escudo para o que eu estava fazendo, mas eu só podia esperar que se um funcionário de olhos sagazes tivesse visto alguma coisa, ele me tomaria por cleptomaníaca. Agora, bater em retirada. Eu tinha usado cada minuto da meia



hora que consegui para libertar Maximus. Com sorte, quando Vlad ouvisse onde eu realmente estive, eu já teria psiquicamente classificado entre meu estoque de coisas que peguei para ver se algum dos funcionários desse turno era o traidor.

“Isso foi ótimo, obrigada,” eu disse ao grupo quando saímos. Já em outro corredor, deu um sorriso agradecido para Cat.

“Eu te devo uma. Agora, dê o fora daqui.”

Ela deu risada. “Você fez o Natal chegar mais cedo para o meu marido, você sabe. Uma vez Vlad zombou de Bones devido a sua superproteção ao dizer que ele devia ter se casado com uma garota dócil que não fosse para muito longe da cozinha.”

Então ela me envolveu em um rápido abraço antes de sair com um atrevido “Karma é uma vadia!” falado por sobre os ombros. Em um piscar de olhos, Cat se foi.

Eu ainda estava sorrindo por causa disso quando fiz a próxima curva—e quase trombei com Vlad. *Ice Ice Baby, too cold!* tocou em minha mente quando eu lhe dei o meu olhar mais inocente.

“Oi. Cat estava me fazendo companhia até você voltar.”

Ele deu uma olhada para a direção onde ela tinha desaparecido antes de voltar sua atenção para mim.

“Mil quatrocentos e trinta e um.”

Eu pisquei. “O que é isso?”

“O ano em que nasci, o que não é, como você irá notar, *ontem*.”

Sufoquei um gemido. Já fui pega. “Vlad, eu—”

“Não aqui,” ele interrompeu, agarrando meu braço. Então ele me levou pelo corredor e para dentro de nosso quarto de forma bem menos romântica do que ele tinha feito na noite passada. Assim que a porta se fechou atrás de nós, comecei minha defesa.

“Olha, eu estava sendo cuidadosa. Viu? Nenhum sangue, nenhum problema.”

Vlad se abaixou até sua boca estar próximo ao meu ouvido. “Antes de Maximus sair dessa casa, eu não tinha pagado seu dote ainda. Você poderia ter escolhido usar seus poderes para encontrar o traidor ao invés da liberdade dele.”



“Isso *não* é justo,” eu sibilei, minha voz igualmente baixa.

Um leve beijo antecedeu sua resposta. “A vida também não é.”

Eu o afastei, enviando minha próxima mensagem com minha mente porque eu estava com raiva demais para confiar em manter minha voz baixa.

Você não pode esperar que eu não faça nada quando minhas habilidades poderiam encontrar o traidor que vazou informação para Hannibal. E provavelmente ajudou a pessoa que explodiu o circo também.

Vlad cruzou os braços sobre o peito quase de forma casual. “Quando isso poderia te matar a qualquer momento, eu posso.”

Eu estou bem! Gritei mentalmente.

“Você também estava bem antes, quando seus poderes fizeram você sangrar até a morte em meus braços.”

Aquilo foi dito em um tom de chicotada do qual eu tinha visto vampiros de séculos de idade recuarem. Tudo que isso fez foi aumentar a minha ira crescente.

Oh, mas está tudo bem se eu sangrar até a morte em seus braços enquanto você está me transformando em uma vampira?

Nem um toque de vergonha coloriu seu tom de voz quando ele disse, “Sim.”

O orgulho me fez aprumar a coluna.

A menos que você me tranque nesse quarto, você não pode me impedir de usar meus poderes para encontrar o traidor.

O sorriso que ele me deu me disse que eu tinha cometido um erro crítico.

“Não ouse,” eu disse em voz alta.

Ele reduziu o espaço entre nós, aquele encantador sorriso de lobo nunca deixando seu rosto. Então ele colocou os braços ao redor de mim. Permaneci rígida apesar das coisas dentro de mim reagindo à sensação do seu corpo.

Sério. Se você tentar isso, haverá consequências horríveis.

Seus lábios roçaram meu ouvido novamente. “Aprisionar minha nova noiva em nosso quarto? Eu seria uma caricatura ambulante de Drácula”



Ele não desistiria tão facilmente. Por isso não relaxei minha postura rígida mesmo quando ele sensualmente mordiscou o lóbulo da minha orelha.

“Mas se você usar seus poderes de novo,” ele murmurou, “Eu vou te cobrir o suficiente com minha aura para sufocá-los por meses.”

Filho da puta! Pelo que eu sabia, ele estava fazendo isso agora mesmo. Eu o empurrei, mas ele não se moveu dessa vez.

“Você está segura por enquanto, e você está certa—não posso impedir você de fazer o que sente que deve fazer. Mas então *eu farei* o que eu devo e você também não pode me impedir.”

Usando contra mim as palavras com que uma vez eu o desafiei. *Agora* ele decidiu agir como um homem moderno.

Sua boca escorregou pelo meu maxilar, mostrando a ligeira curva em seus lábios. “Cuidado com o que deseja, não é esse o ditado?”

Antes que eu pudesse responder, ele me beijou com tal sensualidade bruta que eu respondi apesar da minha frustração. A raiva acentuou minha luxúria e eu o agarrei com força suficiente para arrancar algumas mechas de cabelo quando puxei sua cabeça para baixo para retribuir o beijo.

Uma risada vibrou contra minha boca antes de ele me jogar no chão e arrancar minha saia com um único puxão violento.

“Parece que vamos ter sexo com raiva finalmente.”



Capítulo Trinta e Dois

Horas depois, eu me levantei, enrolando o lençol ao redor de mim como se fosse uma enorme toalha.

Uma bufada divertida soou do outro lado da cama. “É um pouco tarde para modéstia.”

Minha bexiga pedia menos conversa e mais caminhada para o banheiro mais próximo. “Não é por você. É para o caso de alguém da sua equipe decidir limpar a antessala quando eu a estiver atravessando.”

“Acho que você não notou a nova adição ao banheiro essa manhã.”

Nova adição?

Fui para o banheiro de mármore preto, que eu não tinha usado mais cedo porque tomei banho em meu antigo banheiro por força do hábito. No espaço que costumava ligar a enorme banheira e boxe de vidro havia agora um reluzente vaso sanitário preto. Tal item simples, mas sua presença era como ser surpreendida com uma sala cheia de rosas.

“Vlad, isso é...”

“Você deve usá-lo, e não compor sonetos sobre ele.”

Fechei a porta do banheiro. Ele poderia zombar o quanto quisesse, mas eu estava comovida pelo gesto de qualquer forma. Alguns minutos depois eu retornei, cabelo penteado e dentes escovados também. O vaso sanitário não foi a única adição. Metade da penteadeira de mármore estava agora estocada com tudo que eu poderia precisar.

“Seu pessoal deve ter ficado *loucamente* ocupado ontem,” notei.

“Eles não foram colocados lá ontem.”

Ele disse isso sem abrir os olhos. A luz do fogo brincava sobre seu corpo, transformando sua pele pálida em um tom âmbar quente. Voltei para a cama e tracei o caminho em seu peito antes de seguir para seu abdome duro e plano.

“Você arranjou isso quando eu estava em coma?”



Seus olhos permaneciam fechados. “Tudo foi feito no dia seguinte em que você me disse que estava partindo.”

Fiquei sem palavras, mas minha mente não.

O quê? Por quê? Você não agiu como se me quisesse de volta. Você me evitou por dias e nem ao menos disse adeus antes de eu partir!

“Achei que você mudaria de ideia.” Ele deu um sorriso sarcástico. “Meu orgulho não me deixaria acreditar que você realmente partiria, então eu renovei o banheiro enquanto esperava você se desculpar.

Deixei escapar um som estrangulado. A boca de Vlad se curvou para baixo.

“Imagine meu choque quando você embarcou naquele avião. Então eu considerei que em uma semana ou duas, você perceberia o quanto sentia minha falta e retornaria. Então esperei novamente, mas o único telefonema que recebi foi de Martin me contando sobre a explosão. Assim que percebi que você não havia morrido... eu tinha cansado de esperar.”

Estou indo para você, ele disse da primeira vez que nos falamos depois daquilo. Eu achava que era um sonho e mais tarde imaginei que ele estava apenas mantendo sua reputação de formidável protetor de seu povo. Parece que nós dois subestimamos um ao outro.

“Você nunca perguntou por que eu lhe ofereci te transformar em uma vampira.”

A declaração me pegou desprevenida por mais motivos do que a repentina mudança de assunto. Vlad abriu os olhos, os anéis de esmeralda circulando suas íris cor de cobre quase cintilando.

“Na verdade, não estou mudando de assunto.”

Eu engoli para aliviar o nó que se formou em minha garganta. “Eu achei que era porque você está preocupado que meus poderes me matariam.”

“Esse é um motivo. Não o principal.”

Ele traçou a cicatriz da minha têmpora até meus dedos antes de falar. “Eu ofereci antes disso e se seus poderes te matassem agora, você teve o suficiente do meu sangue para ser trazida de volta como um ghoul. Você não seria menos imortal, então esse não é o motivo.”

“Então o que é?” Perguntei suavemente.

“Primeiro, a maioria dos vampiros não reconhecem nosso casamento.”



“O quê?”

Ele sorriu levemente perante meu tom.

“Vampiros honram apenas um voto de sangue em frente a testemunhas e você deve ser um vampiro para fazer esse voto. Meu povo te considera minha esposa porque eu disse que você é, mas na sociedade vampírica, você não é.”

Agora que ele mencionou isso, Marty havia me dito a mesma coisa anos atrás quando perguntei a ele pela primeira vez sobre sua espécie. Isso também explicava o comentário de Vlad sobre essa ser nossa *primeira* cerimônia.

“Você quer me transformar em vampira para me fazer uma mulher honesta? Que cavalheiresco,” provoquei.

“Normalmente eu não me importo com a opinião dos outros, mas só seria garantido a você certas proteções em meu mundo como minha esposa legítima. Com isso eu me importo, mas não é meu motivo principal.”

Vlad acariciou minha mão. Minhas correntes foram silenciadas de toda eletricidade que liberei fazendo amor com ele, então só um leve crepitar permaneceu. Aquilo não se comparou ao choque que senti perante a repentina intensidade em seu olhar.

“Eu desprezo discursos floridos já que aqueles que os usam geralmente são culpados das piores traições mais tarde. Isso e o tipo de vida que vivi me fizeram incapaz de dizer as palavras bonitas que você merece ouvir, mas se eu fizer de você uma vampira, você sentiria minhas emoções tão claramente quando eu escuto seus pensamentos agora.”

Então ele puxou minha mão para seu peito, colocando sobre seu coração.

“Eu nunca transformei nenhuma das minhas amantes anteriores porque eu não queria que elas sentissem o quão pouco eu me importava. Você eu amava, mas você me deixou porque eu não pude verbalizar minhas emoções. Provavelmente isso vai acontecer novamente, mas se você pudesse sentir o que você significa para mim, Leila”—sua voz ficou mais profunda—“palavras não importariam.”

Seu coração estava silencioso debaixo da minha mão. Ele esteve assim por séculos, ainda assim Vlad era mais vivo do que qualquer um que eu conhecesse. Ele também era o homem mais complexo que eu conhecia, então a ideia de descascar suas camadas através de conexão com suas emoções me encheram de desejo voraz. Eu queria conhecer seus sentimentos, seus segredos e tudo mais que compunha o homem que eu amava. Mas por mais



que eu quisesse isso, não era o suficiente para me fazer dizer sim.

Toquei meu próprio peito. As batidas firmes debaixo da minha mão me mantinham viva, mas elas não eram a essência da vida. Minhas habilidades tinham me ensinado isso. Ao invés disso, batidas cardíacas eram apenas a essência da humanidade. Amor e ódio, paixão e dor, força e fracasso, desespero e perdão—isso era vida, então a verdadeira pergunta era, como eu queria viver? Como uma humana que precisava beber sangue de vampiro? Ou uma vampira que precisava beber sangue humano? Ambos vinham com suas quotas de mágoa e felicidade, mas quando eu pensava em meu futuro, só um parecia ser o caminho correto.

Rolei para cima de Vlad, afastando seu cabelo para trás para que eu pudesse ver cada nuance de sua expressão quando eu desse minha resposta.

“Essa palavra importa. Sim, Vlad. A resposta é sim.”

Vlad já tinha ido quando acordei, mas dessa vez eu não estava surpresa. Antes de eu adormecer, ele disse que ia se encontrar com Mencheres essa manhã para começar a apertar o cerco em volta do traidor. Já que Vlad tinha todas as ligações, mensagens de texto e e-mails monitorados, e mais, sua equipe não tinha permissão de sair, sob o pretexto de continuar as celebrações do casamento, eu não podia imaginar como ele tinha mais coisas para verificar, mas ele deve ter um plano. Eu descobriria qual era quando ele voltasse.

Até lá eu tinha alguns assuntos meus para cuidar, como contar a minha família sobre minha decisão. Eu não ia dar o mergulho para ser uma morta-viva *hoje*, mas eu também não via motivo para adiar por meses ou anos. Entre minhas habilidades e viver com dois vampiros diferentes, havia pouco que eu não sabia sobre onde eu estava me metendo. Inferno, comparado a como meu acidente tinha mudado minha vida, ser transformada em uma vampira nem seria a maior transição pela qual já passei.

Saí da cama, meu pé esbarrando em algo macio enquanto eu ia em direção ao banheiro. A camisa de Vlad. Eu a peguei depois de um rápido chute para cima e então comecei a recolher as outras roupas espalhadas ao redor do quarto. Ele pode estar acostumado a criados limpando para ele, mas eu não estava. Quando alcancei a minha saia turquesa, porém, o volume em seu bolso me fez parar.

Meus itens roubados ainda estavam lá. Quando Vlad a tirou de mim, achei que o conteúdo do bolso tinha se espalhado. Sentir os itens através do tecido me encheu com a mesma tentação que Pandora deve ter experimentado quando ela tocou aquela caixa. A identidade do traidor estaria presa dentro de



um deles? Ou esses itens eram a entrada para eu perder minha mortalidade mais cedo do que eu pretendia?

A ideia de comer uma refeição ocasional de carne humana como ghoul não era atraente, mas como eu podia fugir de vingar as mortes de todo mundo no circo e proteger aqueles aqui? Eu não tinha sofrido nenhum efeito nocivo ao usar meus poderes ontem. Talvez eu ainda tivesse tanto sangue do Vlad em mim que ele balanceava o dano que meus poderes causavam. Por enquanto, pelo menos.

Havia outro motivo pelo qual eu não devia esperar. Me transformar em uma vampira poderia anular minhas habilidades psíquicas por completo. Ou ao menos colocá-las em hibernação por um longo tempo. Essa poderia ser a única chance que eu tinha para descobrir quem tinha traído Vlad antes que mais alguém ficasse ferido—ou pior.

Não posso impedir você de fazer o que você sente que deve fazer, Vlad tinha dito, enquanto me alertava sobre o que ele faria se descobrisse. Respirei longamente e profundamente antes de tirar minha luva direita.

Eu devo.

Então coloquei minha mão nua dentro do bolso. Imagens me atacaram repentinamente quando toquei todos os itens de uma vez. Através do tipo de imagem acelerada de reprise de acontecimentos de vários membros da equipe, uma pessoa se destacou e era a última pessoa que eu esperava ver.

O que Sandra estava fazendo lá?



Capítulo Trinta e Três

Vlad me deu um olhar tão suspeito que, se eu fosse outra pessoa, esperaria que se seguisse um interrogatório.

“Você quer ir às compras?” ele repetiu.

“Sim,” eu disse, e isso era absoluta verdade. “Vamos lá, nada que estou vestindo ao menos pertence a mim—”

“Elas pertencem, aquelas roupas são novas,” ele me interrompeu.

“—e você fez tudo para nosso casamento, até escolher o seu próprio anel. Mesmo que eu não quisesse comprar algumas coisas para mim mesma, o que eu quero, eu também quero dar a *você* alguma coisa. Se você for comigo, não será muita surpresa, será?”

Aquilo me rendeu mais um olhar de o-que-você-está-realmente-planejando, mas meus pensamentos concordavam com minhas palavras e minha expressão só seria mais inocente se eu a tivesse emprestado de um anjo.

“Vamos, você é o *dono* da cidade aonde vamos,” eu acrescentei. “Não é como se eu quisesse emprestado o jato para um rápido passeio em Paris.”

Pela expressão dele, ele estava pesando suas dúvidas contra a verdade comprovada que mulheres gostavam de comprar.

“Guardas acompanharão você,” ele disse finalmente.

“Claro. Vou levar Gretchen e Sandra também.”

Ele acenou com uma mão, humanos não o preocupavam. Sorri interiormente, mas continuei a pensar em nada além de roupas, sapatos e lingerie sensual. Pelo dilatar de suas narinas, esse último item o agradou.

“Terei sua escolta pronta para partir em vinte minutos.”

Então ele se inclinou, sua barba roçando minha bochecha enquanto ele murmurava, “Não se incomode em me comprar nada. Você é tudo o que eu quero.”

Dessa vez não contive meu sorriso.



E você diz que não é bom com palavras bonitas.

“Não vou demorar,” prometi.

Vinte minutos depois, Sandra, Gretchen e eu entramos no banco de trás da limusine. Shrapnel dirigia, uma vez que Maximus se foi, ele passou para a posição de braço direito de Vlad. Oscar ia no banco da frente e mais quatro guardas nos seguiam em outro veículo.

“O que há com a comitiva?” Gretchen perguntou. Eu dei de ombros como se não fizesse a mínima ideia.

“Como esposa do *voivode*, guardas são esperados,” Sandra disse.

“O que *voya-voda* significa?” Gretchen perguntou, repetindo.

“Príncipe, basicamente,” eu respondi. “*Voivode* era o título de Vlad no passado.”

Minha irmã lançou um sorriso para mim. “Então você é uma princesa agora?”

“Não,” eu disse ao mesmo tempo em que Sandra disse, “Sim.”

“Não,” eu repeti com mais firmeza. “As pessoas já se curvam para mim. Se alguém me chamar de Sua Majestade, minha cabeça pode explodir.”

Sandra riu, penteando os cabelos loiros avermelhados com os dedos. “Se eu fosse uma princesa, eu faria questão disso. E de uma coroa.”

Você faria isso? Eu pensei friamente, mas sorri como se fosse uma piada. “Romenos são acostumados à realeza. Americanos, não muito.”

A limusine inclinou quando começamos a descer a colina. Olhei de relance pela janela a tempo de ver o topo da mansão desaparecer por trás de uma parede de árvores e rochas. Nós não veríamos muito além dessas duas coisas pelos próximos trinta minutos. Essa era a única estrada que levava à cidade, e ninguém, exceto o pessoal de Vlad, a usava.

Gretchen continuou a tagarelar que se eu fosse uma princesa, então isso fazia dela alguém famosa também. Tipo a irmã da Kate Middleton, Pippa. Eu não me incomodei em dizer para ela que ninguém além dos vampiros Romenos realmente antigos ou o pessoal de Vlad o considerava um príncipe. Por que estragar seus devaneios mais cedo do que deveria?

Eu esperei até estarmos a meio caminho entre a casa de Vlad e a cidade antes de agir. Eu não tinha feito nada antes para o caso de Sandra ter



estado na sala de comunicações porque um dos membros da equipe estava com fome. Se Vlad soubesse que eu tinha e mínima suspeita sobre ela, ele aplicaria seus métodos para descobrir a verdade e eu não faria isso a uma amiga quando eu poderia obter os mesmos resultados sem cicatrizes físicas ou emocionais.

Então, assim que Vlad estava longe demais para ler meus pensamentos, e Sandra não poderia escapar com Shrapnel acelerando pelas curvas com o desprezo comum de um vampiro pelo terreno íngreme, eu sorri para Sandra, tirei minha luva direita e coloquei minha mão sobre seu braço.

O grito que ela deu devido à voltagem a atingindo foi perdido sob o enxame de imagens.

Eu tinha acabado de pegar no sono quando o som da minha porta se fechando me assustou, me colocando em vigília. Uma sombra escura contrastava contra as paredes de cor rosa algodão doce e quando ela chegou mais perto, a luz do luar revelou ser um vampiro que reconheci imediatamente.

“O que você está fazendo aqui?” Minha voz estava mais grossa devido à sonolência. “Não estou no cronograma de alimentação essa noite.”

Ele não falou, mas continuou a vir em minha direção. Por algum motivo, o medo passou através de minhas emoções. Aquilo não fazia sentido. Vlad não ordenaria que fôssemos maltratados e eu tinha alimentado esse vampiro muitas outras vezes. Mas quando ele chegou até a cama, eu me encolhi, um instinto primitivo dominando minha lógica.

Não de novo! Eu queria gritar, mas eu ainda não sabia por que. Então o terror e a culpa vieram à tona, as sensações tanto doentamente familiares como esmagadoras. Antes que eu pudesse falar, um brilho esmeralda me cegou. Imediatamente minhas preocupações desapareceram. Quando o vampiro sussurrou suas instruções, eu me peguei assentindo. Claro que eu transmitiria sua mensagem e eu tinha uma mensagem para ele também...

O grito de Gretchen me puxou de volta antes que as últimas imagens desaparecessem. Por um momento, fiquei suspensa entre a mentalidade de Sandra e a minha própria. Por isso que não reagi quando o vampiro no assento da frente ergueu um pequeno dispositivo apesar de eu saber o que era. Eu tinha visto um desses antes e, apesar de não ser maior do que um celular, sua presença significava morte.

Então os últimos laços com a memória de Sandra caíram. Uma luz branca impregnou minha mão quando lancei uma corrente na direção do banco da frente, mas era tarde demais. Shrapnel apertou o botão no detonador pouco antes do meu chicote cortar através dele.

O boom! em seguida balançou a limusine, mas nós não explodimos. O



carro atrás de nós sim e a repentina bola de fogo chamou minha atenção por alguns caros segundos. Tempo suficiente para Shrapnel virar o volante para a esquerda, direcionando nosso veículo em alta velocidade direto em direção ao parapeito antes que ele se jogasse pela porta.

O grito de Gretchen quando fomos arremessadas sobre o penhasco foi a última coisa que ouvi antes de tudo ficar escuro.

8
angue.

O sabor se espalhou em minha boca enquanto seu cheio acobreado pairava no ar. Eu engoli, esperando a dor que irradiava de mim desaparecer, mas não desapareceu. Foi quando percebi que eu não estava engolindo sangue de vampiro para me curar. Era o meu próprio.

Forcei meus olhos a se abrirem mesmo que parecesse que navalhas tinham substituído minhas pálpebras. Então o que vi me fez esquecer a dor. Gretchen pendurada sobre mim, seu cabelo negro escondendo seu rosto, gotas vermelhas caindo sobre o vidro esmagado que me rodeava. Sandra também estava suspensa pelo seu cinto de segurança, seu sangue fluindo em uma trilha mais grossa. Entre nós havia um galho grosso de árvore, dentre todas as coisas, suas folhas estavam manchadas de vermelho.

Por que não estamos mortas? Foi meu primeiro pensamento, seguido imediatamente de *Onde está Shrapnel?* Eu me sentei, tentando não gritar de dor. Uma olhada de relance para o assento da frente da limusine mostrou que o lado do motorista estava vazio. O lado do passageiro não estava. O rosto pálido de Oscar tinha uma expressão de choque que até mesmo sua pele rapidamente mumificando não podia esconder. Ele também estava suspenso de cabeça para baixo por seu cinto de segurança na limusine virada, o punho de uma faca de prata enterrado em seu peito.

Eu me inclinei em direção àquela faca, enviando mais espasmos ardentes através do meu corpo. Parecia que minhas costelas, clavícula e braço esquerdo estavam fraturados, e mais, eu tinha mais cortes do que podia contar devido a todo o vidro quebrado. Ainda assim, eu tive sorte. Sem os air bags frontais e laterais, eu estaria morta. Eu não estava usando cinto de segurança já que eu queria agarrar Sandra caso ela tentasse qualquer coisa. Pouco sabia eu que o perigo vinha do assento da frente, não do de trás.

Gemidos de agonia escapavam de mim enquanto eu me içava sobre o vidro quebrado da frente da limusine. Uma vez lá, vi através do para-brisa esmagado que uma árvore tinha parado nossa queda pelo penhasco. Aquela era a boa notícia. A má era o brilho laranja lambendo a parte debaixo do capô.



Arranquei a faca do corpo de Oscar, pretendendo cortar os cintos de segurança de Gretchen e Sandra, quando um barulho do lado de fora me fez congelar. Alguém estava vindo e eu não era ingênua o suficiente para achar que era resgate.

Lambi a faca revestida de sangue tão rápido que cortei minha língua, mas antes da dor ser totalmente registrada, ela desapareceu. Nos segundos que levei para lamber o outro lado, meu corpo todo doía menos. Quando Shrapnel arrancou a porta do lado do passageiro, eu estava agachada na frente de Gretchen e Sandra, segurando a faca em uma mão enquanto a eletricidade crepitava da outra. Ele imediatamente saltou vários passos para trás, o corpo ficou tenso para desviar de qualquer coisa que fosse lançada contra ele.

“Por quê?” eu rosnei.

Metade de sua camisa e jaqueta estavam em farrapos, o corte manchado de vermelho mostrando onde meu chicote tinha penetrado. Apesar da gravidade do ferimento, não o tinha matado. Ele tinha apenas o deixado mais lento até ele se curar o suficiente para voltar e terminar o serviço.

“Porque agora você sabe,” ele disse com uma voz áspera.

“Não quero dizer isso,” eu disse, uma inclinada de cabeça indicando a limusina arruinada. “Por que você traiu Vlad?”

“Eu não pretendia.”

Agora sua voz era quase um sussurro. O desespero saltou através de suas feições cor de café com leite, seguido por uma determinação cansada.

“Nada disso devia acontecer. Você acha que eu queria matar meus amigos naquele carro? Eu nem ao menos quero matar você, mas não tenho escolha.”

Levantei mais alto minha mão direita. “Mova-se um centímetro e eu o corto no meio pra valer dessa vez.”

Ele estava muito longe para eu tentar agora, mas se ele chegasse mais perto, ele estaria ao alcance. Eu não ousava arriscar eletrocutá-lo devido ao declive íngreme, e mais, isso deixaria Gretchen e Sandra desprotegidas. Ao invés disso, eu esperei por ele disparar contra mim com velocidade não humana, mas conforme os segundos se passavam e Shrapnel não se movia, comecei a suspeitar. Claro, ele sabia que eu não estava blefando, mas não levaria muito tempo para a notícia do acidente chegar até Vlad. Ele tinha que saber disso, então por que ele não estava pelo menos tentando—

Então o vento soprou uma fumaça nociva na minha direção. Assim que



senti o cheiro, eu entendi. Shrapnel não tinha que se mover para me matar. Tudo o que ele tinha que fazer era esperar o fogo atingir o tanque de gasolina vazando.



Capítulo Trinta e Quatro

“8e você correr agora, pode conseguir fugir antes que Vlad chegue aqui,” eu disse, mudando de tática. Eu não podia libertar Gretchen e Sandra e lutar com Shrapnel antes do carro explodir. Nós dois sabíamos disso.

“Já é tarde demais. Você não morreu no acidente e levei tempo demais para me curar antes de chegar até você.”

Mais uma vez ele soava mais cansado do que vilão. Ele até suspirou como se o fardo fosse além do que ele pudesse carregar.

“Agora tudo que resta é garantir sua morte.”

“O que eu fiz para você?” rebati, esperando que alguém da mansão tivesse visto a fumaça e que a ajuda estivesse a caminho.

“É o que você fará se viver.” Seu olhar se direcionou para minha mão direita. “Minha morte já é certa. A dela não.”

Dela. Dei uma última jogada para fazê-lo correr ou me atacar.

“Você quer dizer a bela vampire morena?” eu disse, apostando tudo que era a mesma mulher que vislumbrei em minha visão. “Odeio lhe dar a notícia, mas ela foi descoberta dias atrás. Vlad já tem pessoas a caçando. Nós apenas não sabíamos quem era o traidor.”

“Mentiras,” Shrapnel sibilou.

Ele deu um passo à frente e eu segurei a respiração. *Venha, só mais um pouquinho!*

“Que tal essa mentira? Ela tem 1,65m, mais curvilínea do que eu, cabelo espesso cor de noz, sotaque melodioso... quer que eu continue?”

Eu não podia, mas quando o cheiro de gasolina aumentou, meu desespero também aumentou. Eu debatia sobre atacá-lo apesar do declive íngreme e sua incrível velocidade. Então ele se aproximou mais um passo.

“Como você quebrou o feitiço dela para alcançá-la?”

“Oh, isso foi fácil,” eu disse, pensando que era muito bom que Shrapnel não fosse um leitor de mentes, porque eu não tinha ideia nenhuma sobre o que



ele estava falando. “De onde você acha que eu consegui todo esse cabelo preto e liso? Sou um quarto Cherokee e minha avó era uma poderosa curandeira. Ela ensinou minha mãe e eu todos os tipos de truques místicos, então o feitiço da sua vadiazinha não é páreo para a mágica que eu conheço.”

Exceto pela parte de um quarto Cherokee, o resto era tudo mentira. Segurei a respiração, esperando que Shrapnel não percebesse isso.

“Não fale dela desse jeito!” ele rosnou.

Ele deu outro passo para frente e aquela era minha chance. Eu explodi em sua direção, lançando toda a eletricidade que eu pude reunir em um chicote que brilhava mais do que um raio. Ele se lançou para o lado para evitá-lo, mas mesmo sua velocidade não foi o suficiente. Aquele cordão ofuscante o pegou no quadril e continuou por todo o caminho.

Suas pernas caíram como galhos de árvore derrubados, lançando o resto de seu corpo para frente com seu ímpeto. Ele acabou caindo sobre mim, seu peso me fazendo perder o ar. Antes que eu pudesse empurrá-lo, ele começou a me socar enquanto suas presas rasgavam qualquer coisa perto suficiente para morder.

Eu gritei com o ataque duplo brutal. Ser quase cortado ao meio não tinha diminuído a ferocidade de Shrapnel. Ao invés disso, ele parecia quase demoníaco em sua determinação em me matar. Um golpe atordoante atingiu minha costela, cortando meu grito. A selvageria da dor roubou todo o pensamento, acionando o instinto cego de sobrevivência. Eu o agarrei sem pensar e enviei uma corrente através dele. Tudo que eu soube foi que seu peso desapareceu de repente e eu fui transportada para um beco decrepito.

As luzes da rua estavam quebradas, mas eu não precisava delas para ver enquanto descia o caminho estreito entre os edifícios.

“Você matou o fabricante de bombas também? Quando você vai parar de correr riscos tão estúpidos e imprudentes!”

Meu tom de voz atraiu vários olhares. Eu não me importava. A maioria dos vampiros evitava lugares onde os sem teto residiam. Eles fediam demais para que comê-los fosse apetitoso.

“Não foi arriscado demais” foi a resposta serena da minha amante. “Eu cuidei disso, querido. Ele está morto, acabando com qualquer chance de que isso seja rastreado até nós.”

A fúria me fez agarrar o telefone antes que eu forçadamente relaxasse minha mão para não despedaçá-lo e encerrar nossa ligação.

“Se você não o tivesse usado para matar Leila, você não precisaria



cuidar dele. Eu não teria dito a você onde ela estava se eu soubesse o que você pretendia. Se Vlad não acreditar que a explosão foi um acidente, ele não vai descansar até encontrar seus assassinos.”

“Você está exagerando,” ela disse, e o tédio em sua voz me atingiu como um esguicho de ácido. “Mesmo que haja suspeitas, elas não vão levar a lugar algum. O que quer que ela tenha valido para ele viva, ela é menos perigosa para nós, morta.”

Minha risada foi dura. “Um dia, você irá me contar o verdadeiro motivo de você não querer que Vlad saiba sobre nós. Até lá, o único motivo que vejo para você matar Leila é ciúme.”

Eu pretendia que a acusação fosse incômoda, mas eu não antecipei o veneno em sua resposta.

“Meus motivos não importam. O que realmente importa é que foi você quem me deu sua localização. Ele o matará por isso, querido, e somente depois de anos te torturando. A menos que isso pareça atraente, você não tem escolha além de manter segredo a respeito.”

Eu desliguei, meu desespero se igualando reconhecimento de que ela estava certa. Vlad responderia somente de uma forma em relação a minha parte na morte de Leila, e ele não pararia lá. Ele faria o mesmo a ela e, apesar da minha raiva, eu não podia deixar isso acontecer. Eu a amava e, se mentir a mantivesse segura, então eu mentiria.

O beco se dissolveu e eu esperava cair em minha própria realidade, mas sem nem ao menos tentar, eu me conectei à cúmplice de Shrapnel em seguida. Por um breve segundo, eu a vi, vestindo um terninho com saia e reclinada em um sofá com um Martini em sua mão. Antes que eu pudesse focar em seu rosto, suas feições ficaram borradas, deixando nada exceto uma bolha rodeada por cabelos lustrosos cor de nozes.

Então uma onda de tontura me assolou, como se alguém tivesse me golpeado na cabeça com um pedaço de madeira. Soltei a conexão, retornando ao presente onde eu estava curvada de lado, tossindo entre arfadas torturantes por ar. Sangue gotejava pela minha boca e a pressão em meu peito aumentou até estar excruciante.

Isso não foi pela surra que Shrapnel me deu. Não, eu reconhecia essa dor. Minhas habilidades tinham atingido a zona letal e o único vampiro perto o suficiente para me curar me queria morta.

Frustração me fez querer uivar perante a injustiça de tudo aquilo. Era só para eu usar minhas habilidades em Sandra para ver se ela era culpada ou inocente. Eu não pretendia arrancar o pior pecado de Shrapnel, muito menos me conectar com a vadia que começou toda essa bagunça com a bomba no



circo. Agora essas coisas iriam me matar.

Um gemido me fez abrir os olhos. Através de uma névoa vermelha, tive um vislumbre de Shrapnel. A corrente que lancei contra ele o tinha jogado cerca de quatro metros de distância. Além das suas pernas, agora seus braços também estavam faltando e sua pele parecia carne que alguém colocou em um moedor. Apesar de todo o dano da corrente, ele ainda estava vivo. Então sua cabeça se virou em minha direção e nossos olhares se encontraram.

Uma ponta de surpresa atravessou minha consciência que se apagava. Eu não esperava qualquer empatia vinda dele, mas eu não estava preparada para a mistura de alívio e orgulho em sua expressão. O alívio fez sentido; ele me queria morta e, devido à dor esmagadora em meu peito, logo ele conseguiria o que deseja. Mas por que orgulho? Ele não tinha nada a ver com o fato de minhas habilidades terem se sobrecarregado o suficiente para colocar os pregos finais em meu caixão...

Tarde demais, descobri o motivo.

Como você quebrou seu feitiço para alcançá-la? Shrapnel tinha perguntado. Eu achei que ele queria dizer que a vampira morena tinha cozinhado algo mágico para evitar que eu tivesse uma visão clara de seu rosto se eu me conectasse a ela, mas era mais do que isso.

O feitiço também foi feito para me matar.



Capítulo Trinta e Cinco

“Leila!”

A voz da minha irmã cortou através da agonia que me fazia querer ficar em posição fetal ou morrer, o que doesse menos. *Gretchen. Parece com medo* penetrou em minha dor, seguido por uma memória sinistra. *A limusine está pegando fogo.*

Eu me coloquei de joelhos, um grito borbulhante escapando de mim. Através da visão que estava começando a escurecer, tive um vislumbre laranja. As chamas tinham se espalhado mais sobre o veículo. Elas podiam alcançar tanque de gasolina gotejando a qualquer segundo.

Eu me arremessei contra a limusine, o sangue jorrando da minha boca enquanto eu tentava respirar através da pressão quase paralisante em meu peito. Minha visão estava borrada demais para encontrar a faca que deixei cair e a dor me fazia sentir como se eu estivesse em chamas. Talvez eu estivesse e não tivesse percebido. Porém, eu não podia parar. Eu me foquei nos gritos da minha irmã e eles eram como uma injeção de adrenalina, me dando a força para me lançar para frente de novo e de novo. A lateral do carro me atingiu no rosto quando eu me choquei contra ela.

Agora, minha visão estava totalmente escura e a voz de Gretchen mais fraca, mas minha mente ainda funcionava. Com minha mão esquerda, tateei até encontrar a trava do cinto de segurança. Então arrastei minha mão direita sobre meu braço até alcançar o ponto. Com a última dose de energia que eu tinha, enviei um raio de eletricidade através dele.

O repentino baque pesado sobre meus ombros foi a coisa mais maravilhosa que já senti.

“Salve Sandra,” eu tentei dizer, mas tudo que saiu foi um murmúrio inteligível.

Alguma coisa me empurrou grosseiramente, me causando mais dor. *Shrapnel tinha voltado?* Eu me perguntei, e então não me importei quando uma linda dormência começou a tomar conta de mim. *Nada bom*, um pingo de lógica advertiu. *Não desmaie! Você não vai acordar!*

Tentei forçar meu caminho através da escuridão e da felicidade viciante do alívio da dor. Eu me sentia como se estivesse nadando em areia movediça—quanto mais eu lutava, mais afundava. Então a consciência



retornou com a sensação brutal de ser arrastada. Minhas costelas pareciam galhos que alguém arrastava dentro de mim, mas eu consegui algumas golfadas de ar irregulares. Isso e o recente dilúvio de dor afastaram a letargia fatal. Então um ruído trovejante fez meus olhos se abrirem, uma névoa laranja me cegando momentaneamente.

Finalmente o fogo tinha atingido o tanque de gasolina.

Através das minúsculas fendas que permaneciam em minha visão, eu vi que agora eu estava atrás de algumas árvores, seus troncos recebendo a maior parte da explosão de escombros. Sandra estava inconsciente ao lado, e Gretchen...

Eu devia estar alucinando. Se eu não estava, então minha irmã estava cerca de seis metros de distância, agachada sobre Shrapnel. Ela segurava a faca que ele usou para matar Oscar espetada no peito dele e, apesar de sua expressão mostrar que ela estava aterrorizada, ambas as mãos estavam firmemente envoltas ao redor do punho.

“Nem ao menos pense em tentar alguma coisa,” ela arfou.

Os olhos de Shrapnel estavam fixos nela enquanto coisas finas como bengalas cresciam de seus ombros e quadris tremiam. Logo seus braços e pernas estariam completamente regenerados e o dano interno curado. Eu estava prestes a avisar Gretchen que ele *iria* tentar alguma coisa quando três formas caíram ao lado deles com o impacto de meteoros. O quarto pousou perto de mim, olhos verdes incandescentes e cabelos negros chicoteando selvagemmente enquanto ele rasgava seu pulso antes de empurrá-lo contra minha boca.

Vlad. Alguém deve ter localizado a fumaça afinal.

Enquanto eu bebia do corte profundo, os guardas de Vlad rebocaram Shrapnel, um deles removendo a faca antes que ele pudesse se poupar tirando sua própria vida. Então minha visão ficou completamente escura. Eu engoli novamente, mas a dor sacudindo meu corpo não cessava. Ao invés disso, ela cresceu até parecer que navalhas estavam sendo enfiadas em meu crânio enquanto o aperto em meu peito se espalhava para envolver o resto do meu corpo. Eu não podia mais engolir. Eu não podia nem mesmo reunir forças para outra respiração. Quando a frieza tomou conta de mim, substituindo a dor com sua carícia gelada, eu sabia que ele tinha chegado tarde demais.

“Não!”

O grito de Vlad me segurou, mas só por um momento. Então correntes internas que nunca senti antes se quebraram e eu irrompi como uma bala sendo disparada de uma arma. Eu não estava mais quebrada no chão. Eu estava planando e era mais excitante do que qualquer um dos sonhos que tive



onde eu podia voar. Minha visão não era mais uma névoa feia de carmesim e escuridão. Ao invés disso, tudo estava banhado em uma luz brilhante enquanto o cheiro confortante de água de chuva e freesia me envolviam. Eu já tinha sentido esse cheiro antes, tanto tempo atrás que eu tinha esquecido, mas agora eu sabia imediatamente a quem pertencia. Então eu a vi.

As linhas prateadas em seu cabelo preto pareciam radiantes. Assim como as finas linhas em seu rosto quando ela sorriu. Imediatamente, a culpa que eu carregava foi embora. Ela não disse nada. Ela não precisava. Eu *sentia* que ela nunca me culpou por sua morte e que ela tinha me perdoado por todos meus outros erros. Eu corri em sua direção, mas, com aquele sorriso adorável, ela ergueu uma mão para me afastar.

Não ainda, querida, sussurrou através da minha mente.

Então algo me puxou para baixo com uma força brutal. Seu doce cheiro desapareceu, assim como o brilho do sol cristalino no qual eu estava voando. Comecei a cair com uma velocidade terrível, cada tentativa de me segurar reagia com outro puxão implacável. O chão estava se aproximando rápido, mas eu não podia fazer nada para lutar contra o aperto invisível que continuava, sem piedade, a me puxar para baixo.

Quando pousei naquela superfície inflexível, o impacto me partiu. Eu esperei pela carícia suave da morte vir, mas ela não veio.

Ao invés disso, tudo que eu sentia era fogo.



Capítulo Trinta e Seis

Sangue.

Minha boca estava molhada com ele e o cheiro perfumava o ar, não mais acobreado e agudo, mas poderoso e inebriante. Eu engoli e inalei ao mesmo tempo, tentando me inundar de todas as formas com aquele líquido delicioso que fez a dor ir embora. Por alguns momentos, eu estive tão perdida na sessão de saciedade que foi como ter um orgasmo e estar drogada ao mesmo tempo.

Então, como toda viagem que eu tive através das minhas habilidades, a queda me deixou tremendo, sofrendo e desesperada por outra dose.

Alguém rosnou “Mais,” em um tom que eu esperaria de um animal raivoso se ele pudesse falar. A resposta foi um pano molhado e frio no meu rosto. Aquilo tirou o sangue que eu estive lambendo e meus olhos se arregalaram em indignação. Uma vez abertos, tudo era tão brilhante e vívido que, por um segundo, eu não conseguia me concentrar.

“Eu disse mais!”

Registrei duas coisas ao mesmo tempo. Aquela voz selvagem veio de mim, e eu não tinha respirado entre as frases. A sensação de adagas minúsculas me espetando no lábio era quase redundante.

Você realmente conseguiu dessa vez, minha voz interna zombou.

Meus dentes se afundaram, levando o que eu sabia que eram presas mais fundo no meu lábio inferior. Ao que parece, morrer e ser trazida de volta como vampira *ainda* não tinha matado minha odiada voz interna.

Em seguida o caleidoscópio de cores se tornou formas distintas e Vlad entrou em foco. Suas calças pretas e camisa azul fediam a fumaça e borracha queimada, mas, sob aquilo, captei o rico aroma de sangue e tudo o mais desapareceu.

Eu pulei nele, buscando aqueles traços deliciosos com uma urgência que me fez rasgar sua pele e roupas com minhas presas. Ele murmurou algo que não compreendi em minha busca pela fonte daquele cheiro. Parte de mim estava horrorizada com minha selvageria, mas o resto só se importava com uma coisa.



Sangue. Preciso dele. AGORA.

Vlad me empurrou, uma mão segurando minha boca enquanto a outra alcançava algo atrás dele. Aquela queimação interna tinha voltado, me assolando com uma dor tão intensa que eu não podia pensar além da necessidade de fazê-la parar. Então ambrosia deslizou por minha garganta, extinguindo minha angústia tão completamente que lágrimas de gratidão caíram pelo meu rosto. Eu engoli como se estivesse tentando me afogar, meus olhos se fechando em um alívio tão profundo que achei que eu fosse desmaiar.

Então algo mais agudo atravessou meu alívio. Raiva, seguida pela onda da emoção mais crua e desenfreada que já senti. Chamá-la de amor era como chamar uma chuva de primavera de furacão e, quando percebi que ela não vinha de mim, mas do vampiro que ainda estava segurando minha mandíbula com força de ferro, fiquei chocada.

“Eu posso sentir você.”

O sussurro fez seus olhos brilharem mais do que eu já tinha visto antes, mas agora não doía sustentar seu olhar.

“Porque suas compras falsas te custaram sua humanidade.”

A dureza em seu tom de voz teria me feito recuar, se não fosse pela onda fresca sobre minhas emoções. Mais raiva, sim, mas nascida do medo de me perder. Eu não achava que Vlad era capaz de sentir medo, no entanto, isso se enfiou em meu subconsciente junto de outra onda de amor fervente e insano. Achei que seu comportamento controlador derivava da arrogância, mas vinha de uma necessidade patológica de me proteger. Se eu ainda não estivesse aficionada por pensamentos de sangue, ficaria surpresa com tudo que ele concordou enquanto aquela compulsão fervia dentro dele.

Então outra dor incapacitante me atingiu, apagando o resto sob uma dor tão severa que era como morrer de fome mil vezes em um período de segundos. Eu teria desmoronado se não fosse Vlad me segurando, e antes que eu pudesse gritar devido àquela queimação interna terrível, um novo gole de ambrosia levou embora aquela agonia.

Engoli com tanta ambição quanto antes, dessa vez retornando aos meus sentidos antes que ele retirasse os pedaços plástico encharcados das minhas mãos. *Bolsas de plasma*, eu percebi enquanto lambia as mãos para limpá-las com um impulso que eu não podia controlar. Como ele era moderno. Se a memória estava certa, eu seria uma maníaca louca por sangue durante dias até adquirir força suficiente para não matar a primeira pessoa viva que cruzasse meu caminho. O pensamento era deprimente.

Então outra compreensão me atingiu tardiamente.



“Como sou uma vampira ao invés de um ghoul? Eu me lembro de morrer...”

E de ver minha mãe. Aquilo me atordoou momentaneamente, me fazendo esquecer minha pergunta. Ela não foi um sonho ou uma ilusão; eu sabia disso tão certo quanto sabia meu próprio nome. Isso significava que *havia* alguma coisa depois da morte. Eu nunca acreditei nisso porque eu não tinha visto nas outras mortes que revivi, mas talvez vislumbrar o que há além tinha que ser experimentado pessoalmente.

Vlad aliviou a força com que me segurava até acariciar meu pescoço ao invés de segurar minha mandíbula. “Meu sangue não foi suficiente para lhe curar dessa vez. Porém, ele começou o processo de transformação.”

“Como?”

Seus dentes brilharam em um sorriso sem humor. “Em transformações normais, eu a drenaria até o ponto da morte antes de fazer você beber meu sangue. Você se drenou sozinha até o ponto da morte com seus ferimentos, e você tinha o suficiente do meu sangue dentro de você para que a quantia extra que lhe dei tenha te levado além do limite.”

Então ele abaixou a mão, raiva e angústia lixando minhas emoções antes de ele prosseguir.

“Claro que eu não sabia disso até depois de você morrer, quando, de repente, você começou a rasgar minha garganta.”

Eu não me lembrava disso, nem tinha qualquer lembrança de ser trazida para cá. A última coisa de que eu me lembrava era de ver Shrapnel arrastado por guardas e de Vlad se ajoelhando ao meu lado.

“Gretchen. Ela está bem, não está?”

“Apenas ferimentos leves.”

Dessa vez o alívio que senti não foi por ingerir um monte de sangue. “E Sandra?”

“Ferimentos mais sérios, mas ela irá se recuperar.”

Eu não queria perguntar, mas eu tinha que saber. “Shrapnel?”

Sua boca se apertou. “Onde ele pertence.”

Isso queria dizer na masmorra, sem dúvida. Talvez fosse onde nós estávamos também. Esse quarto parecia uma versão mais chique de uma das celas da prisão de Vlad, já que as paredes, teto e chão era de rocha sólida sem



uma saída aparente, mas havia dois colchões empilhados no canto cobertos por várias camadas grossas de cobertas. Aquilo não era padrão nas acomodações da masmorra que vi, embora a falta de luz fosse—

E eu podia ver perfeitamente. Pisquei como se esperando que isso mudasse, o que, claro, não mudou. Nenhuma luz iluminando o minúsculo quarto e ainda assim eu via cada centímetro das manchas de sangue correndo pelas paredes que cheiravam tão bem que eu queria lambê-las. Quando alfinetadas gêmeas de dor picaram meu lábio, eu soube que minhas novas presas tinham aparecido novamente.

Fechei os olhos, me sentindo oprimida. Eu não queria isso tão cedo e não sabia se poderia lidar com isso. Mas pronta ou não, agora eu era uma vampira. Minha mão escorregou pelo meu peito, para meu coração. Vinte e cinco anos batendo e agora, para todo o sempre, seria tão silencioso quanto uma bateria que alguém tinha abandonado.

Quando abri os olhos, Vlad estava olhando para mim. Ele não disse nada, porém uma estranha mistura de empatia e crueldade metralharam meu subconsciente. *Você fez isso a si mesma*, suas emoções pareciam dizer, *mas você não vai encarar isso sozinha*.

Eu retribuí o olhar, notando uma fina cicatriz em seu nariz que eu não tinha visto antes. Aquela não era a única coisa. Sua pele não parecia mais pálida; ela parecia levemente luminescente, como se fosse coberta por uma luz que ele carregava internamente. Seu cabelo não era meramente castanho escuro, mas uma rica colagem de preto, marrom avermelhado e cor de noz. O ar ao redor dele crepitava com energia e quando ele acariciou meu pescoço novamente, sua mão formigou como se fosse ele quem fosse coberto com eletricidade interior.

“Você também está diferente agora,” eu disse pensativa.

Sua boca se curvou; meio zombeteira, meio divertida.

“Você é uma vampire. Você vê detalhes que são imperceptíveis para os humanos, sente poderes que eles não entendem e sente emoções mais fortemente do que eles nem podem imaginar.” Então ele agarrou meu cabelo, o usando para puxar minha cabeça para trás antes de baixar a boca.

“Agora sinta isso,” ele murmurou.

A carícia áspera de sua barba e a maleabilidade sensual de seus lábios empalideceu ao lado das emoções explodindo por meu subconsciente. A luxúria rasgou através de mim como um raio de fogo, quase me derrubando de joelhos. Ela queimava minhas terminações nervosas tanto quanto a fome, mas não com dor. Ao invés disso, eu estava impressionada com a necessidade de dominar com prazer até gritos arrebatadores ecoarem em meus ouvidos, e



fazer aquilo imediatamente.

Minha boca se abriu, língua se enroscando com a dele enquanto eu agarrava sua camisa. Ela se desfez em minhas mãos tão facilmente quanto papel molhado e então, seu calor me fez arfar quando ele me puxou para si. Ele sempre foi quente, mas agora ele parecia chama envolvido em carne. Ele arrancou meu vestido, sutiã e calcinha tão rudemente quanto eu destruí sua camisa antes de me arremessar para o colchão mais próximo.

Eu gemi quando seu corpo cobriu o meu, chocada com como isso também era diferente. Cada roçar de sua pele aumentavam sensações que me faziam arquear contra ele com uma exigência primal. Cada carinho parecia penetrar em partes escondidas em mim que estavam famintas pelo seu toque. Tudo que aconteceu antes desanuviou para uma lembrança sem cor como os vislumbres psíquicos que eu tinha do passado. Era como se essa fosse a primeira vez que estávamos fazendo amor e, quando ele separou minhas coxas e baixou a boca entre elas, uma lavareda de êxtase me fez gritar.

Não sei por quanto tempo eu me contorci contra ele, o prazer me rasgando em pedaços a cada investida de sua língua. Quando ele se levantou e rasgou a parte da frente de suas calças, eu ainda estava tremendo devido ao orgasmo, mas ver aquele grosso comprimento de carne aumentou minha necessidade novamente. Eu escorreguei para baixo, o colocando sobre mim. Então minha cabeça caiu para trás com a força de seu beijo quando sua boca reivindicou a minha.

Seu gosto era mais picante, mais salgado e tão explicitamente carnal que me fez sentir um doloroso desejo onde eu estava húmida. Seu corpo era um inferno e a antecipação cortou minhas emoções em uma faixa visceral quando ele se colocou entre nós. Interrompi nosso beijo e mordi seu ombro sem pensar, chocada com como aquilo pareceu natural. O prazer ondulou através de mim quando enfiei minhas presas mais profundamente. Se era meu ou dele, eu não sabia, e quando ele puxou meus quadris para encontrar sua investida, eu não me importei.

Parei de mordê-lo para gritar quando sua carne escaldante entrou em mim. Eu já tinha me sentido assim antes? Não, não podia. Eu não teria sido capaz de resistir ao aperto cortante dos meus músculos internos quando ele se esfregou contra meu clitóris depois que ele não podia ir mais fundo. Ou o êxtase quando sua boca se fechou sobre minha garganta e ele mordeu onde minha pulsação esteve. Então ele investiu para frente, meu pescoço ainda preso em suas presas e o sentimento de ser completamente dominada e ao mesmo tempo nunca tão poderosa arrancou minhas inibições.

Afastei sua boca, mal notando a picada de suas presas quando minha pele rasgou. Então envolvi meus braços ao redor dele e o mordi no mesmo lugar. O prazer sobrecarregou minhas terminações nervosas devido à conexão com seus sentimentos, me levando a um frenesi. Ele se movia mais rápido,



mais profundamente, me segurando a ponto de me causar hematomas e eu me glorificava com isso, afundando minhas presas em seu pescoço para combinar com cada forte investida. Minhas unhas cortaram suas costas, extraindo algo escorregadio que não era suor. O êxtase cresceu junto com a dor interna que exigia mais sem me importar se fosse demais. Ele estava tão quente, tão grande, tão bruto—e eu morreria se ele parasse.

Afastei a boca de seu pescoço, arfando, “Eu te amo tanto,” pouco antes de outro orgasmo me deixar tremendo com sua intensidade. Através de olhos semicerrados vi a cabeça de Vlad pendendo para trás, estrias carmesim borrando a linha elegante de seu pescoço. Então ele baixou a cabeça e me olhou enquanto suas mãos quentes acariciavam meu rosto.

“E eu te amo, minha esposa.”

Não tive chance de responder. Ele deslizou para baixo, descendo a boca para entre minhas pernas com uma ferocidade apaixonada. Eu arqueei contra ele com um gemido que era metade êxtase, metade frustração. A sensação era incrível, mas eu o queria dentro de mim novamente—

Todo o pensamento clareou minha mente quando suas presas substituíram sua língua, perfurando meu clitóris ao invés de lambê-lo. Um prazer incandescente explodiu em mim, fazendo minha mão direita disparar eletricidade. A fumaça saía do buraco que ela fez na cama, mas tudo que pude fazer foi agarrar com força os lençóis quando ele começou a chupar profunda e longamente.

Pronunciei seu nome com um gemido estrangulado. Outra forte chupada me fez gritá-lo, e então eu não pude mais pensar o suficiente para fazer isso. Tudo que eu pude fazer foi agarrá-lo com força enquanto gritava coisas incompreensíveis e, quando ele me virou depois de uma última chupada de fazer a mente tremer, eu não podia nem ao menos me mexer.

Ele puxou meus quadris para cima, uma investida profunda me fez dar outro grito engasgado. Minha pele pulsava e formigava, apertando em torno dele convulsivamente quando ele se retirou. Ele me levantou, colocando-me sobre seu colo. Outra arqueada de seus quadris o colocou dentro de mim novamente. Agarrei suas coxas enquanto eu me impulsionava contra ele, sentindo seus lábios ardentes em meu pescoço quando ele afastou meu cabelo de lado para me beijar. Então não havia nada exceto o ritmo forte que me levou ao clímax instantes antes de ele alcançar o dele e os tremores nos abalarem por dentro e por fora.



Capítulo Trinta e Sete

Quando Vlad me soltou, cai contra o colchão, sem respiração ofegante só porque eu não precisava respirar. Eu nunca fumei, mas se essa cela tivesse um cigarro, eu o teria acendido em comemoração.

Então meu estômago se apertou. Minha saciedade desapareceu, substituída por uma fome tão intensa que eu comecei a tremer.

Vlad me pegou, me empurrando contra a parede com uma mão enquanto a outra apertava números em um teclado que eu não tinha notado antes. Uma gaveta deslizou da superfície de pedra e, uma olhada no que ela continha fez minha mente ficar em branco com a necessidade.

Os próximos minutos foram um turbilhão de dor e alívio. Quando minha sanidade retornou, eu ainda estava contra a parede, sugando os restos de uma bolsa plástica enquanto Vlad assistia.

Ele estendeu a mão e eu me forcei a abrir mão da bolsa apesar de ela ainda ter algumas deliciosas linhas vermelhas restantes. Porém, eu *não* iria agir como um animal nem um momento além do necessário. Ele pegou a bolsa e outra que estava aos meus pés, as colocando no mesmo compartimento de onde elas vieram.

“Como você sabia?” Consegui perguntar calmamente.

Ele deu de ombros. “É o mesmo com todos os vampiros novos. Sexo, raiva e violência vão desencadear sua fome. Até você poder controlar, você precisa aprender a antecipar.”

Olhei de relance para baixo. O sangue espirrou em mim de tão louca que eu tinha rasgado as bolsas plásticas, me fazendo parecer uma atriz de um filme de terror pornográfico. Eu tinha muitos dias mais de frenesi malucos de alimentação pela frente, mas algumas coisas não podiam esperar até eu dominar minha nova fome.

Fui para a cama e enrolei o lençol em volta de mim. O que eu tinha a dizer era sério demais para falar estando nua.

“Então você descobriu que Shrapnel era o traidor,” comecei.

Uma bufada me interrompeu. “Eu não achei que você o cortou em pedaços porque ele *acidentalmente* te jogou de um penhasco.”



Sustentei seu olhar. “Ele era o único traidor em sua casa, mas ele não era o único cúmplice.”

O olhar de Vlad ficou verde brilhante. “Explique.”

“Sandra estava passando mensagens—”

Não consegui dizer mais nada antes de Vlad se virar, pressionando uma parte na parede que parecia nada diferente do resto, mas uma porta apareceu de repente.

“Waters,” ele gritou pelo espaço aberto. “Prenda Sandra imediatamente.”

Não, gritei mentalmente. *Não é culpa dela!*

Ele não respondeu. Certo, ele não podia mais ouvir meus pensamentos. Eu colocaria isso e o sexo espetacular entre as vantagens de ser uma vampira.

“Ela não sabia,” eu disse em voz alta. “Shrapnel a hipnotizou para fazer isso. Eu vi quando a toquei.”

Ele se virou, sua expressão não menos sinistra, mas acrescentou, “Prenda-a *gentilmente*, Waters,” antes de fechar a porta pressionando outro painel indistinguível.

“O que mais você viu?”

Eu não podia dizer se seu desgosto se enrolando em minhas emoções era devido às ações de Shrapnel ou as minhas.

“Primeiro me prometa que você não vai machucar Sandra.”

Ele cruzou os braços sobre o peito. Com sua constituição física musculosa e o sangue espirrado nele devido a minha alimentação raivosa, ele não poderia parecer mais ameaçador, mas eu me recusei a recuar.

“Prometa,” repeti.

“Eu tenho outros meios de descobrir,” ele disse suavemente.

Deixei escapar uma risada amarga. “Por que você acha que agi pelas suas costas? Estou bem ciente dos seus ‘meios’ de obter informação. Por isso eu não ia sujeitar minha amiga a eles se ela não tivesse feito nada errado.”

Ele comprimiu os lábios enquanto ecos de sua raiva cortavam minhas emoções, mas isso não era tudo. Tão pungente quanto uma lembrança agri-doce, o arrependimento flutuou em meu subconsciente. Perder minha



mortalidade foi minha culpa, mas eu percebi que Vlad se culpava também.

Então ele pressionou a parede e aquela porta escondida apareceu novamente.

“Bem, continue,” ele disse com um aceno de mão.

Olhei de forma suspeita para a porta aberta.

“Eu não devo ficar confinada porque sou uma ameaça sanguínea no momento?”

“Sim, mas você vai comigo ver por si mesma que Sandra não será ferida, contanto que ela não tenha me traído conscientemente. A menos, claro”—um sorriso predatório—“que você acabe rasgando a garganta dela você mesma.”

Eu não esperava voltar para a masmorra tão cedo, mas depois de tomar banho, me vestir, passar por outro frenesi de alimentação, tomar banho e me vestir de novo, aqui estava eu. Quando entramos na primeira câmara da masmorra, o fedor me fez recuar. Ela cheirava como se alguém tivesse misturado querosene, frutas podres, sangue estragado, urina e cocô de cachorro e então explodido tudo. Como eu não tinha notado isso antes? Eu não estava nem respirando, mas o cheiro rançoso encontrou, de qualquer forma, seu caminho para o meu nariz.

“Esse lugar *fede*.”

“Os guardas esqueceram de borrifar Bom Ar?” Vlad perguntou com indignação simulada. Então me olhou de forma cansada. “É uma masmorra, Leila. Elas devem feder.”

Missão cumprida. O fedor pode ter realmente matado meu novo apetite. Se o Inferno pudesse peidar, cheiraria assim.

“Leila!”

Eu me virei na direção da voz de Sandra. Para o meu alívio, ela não estava presa à grande coluna de pedra. Ao invés disso, ela estava agachada no chão, sua expressão era tão surpresa que estava claro que ela achava que nunca deixaria esse lugar. Assim que ela me viu, ela se jogou na minha direção.

“Por favor, diga a eles que deve ter havido um erro!”



Um dos guardas apareceu do nada, pegando-a antes que ela me alcançasse. Boa coisa, também. Ela também tinha tomado banho e trocado de roupa desde o acidente, mas eu podia sentir o cheiro de sangue seco de seus arranhões, cicatrizes e ferimentos com pontos em sua cabeça mesmo com aquele fedor horrível. Presas pressionaram contra minha gengiva.

Você acabou de comer, eu me lembrei, e Sandra NÃO é sobremesa.

“Está tudo bem,” eu disse a ela. “Vlad só precisa verificar suas lembranças em algumas coisas.”

Nós estávamos fazendo isso aqui porque ele queria que Shrapnel testemunhasse a exposição de sua traição e só havia um lugar onde *e/*e estava. Apesar do desafio que era me controlar, eu só ia sair quando Vlad terminasse de sondar a mente de Sandra. Eu era a única aliada que ela tinha e a masmorra era assustadora o suficiente sem ter um amigo ao seu lado. Vlad podia ter implicado comigo sobre rasgar a garganta de Sandra, mas ele nunca me deixaria fazer isso.

Além do mais, eu também queria ouvir mais sobre a vampira morena com quem Shrapnel estava. Para começar, como o motivo de ela estar tão determinada a me matar.

Claro, estar aqui embaixo significava estar cara a cara com o lado sombrio de Vlad e ele não perdeu tempo em mostrá-lo.

“Leve-o para baixo,” ele disse, apontando para Shrapnel.

Três vampiros apareceram novamente como ninjas, mas enquanto eles removiam as muitas algemas que prendiam Shrapnel à parede de pedra, seus movimentos não pareciam mais borrões. Antes que a última corrente de prata caísse, Vlad pegou uma estaca comprida de madeira e atravessou Shrapnel com ela pelo seu abdômen.

Sandra arfou. Tentei não notar o quanto sua frequência cardíaca acelerou como se tentasse chamar minha atenção. Furtivamente, apertei a bolsa de plasma que eu tinha enfiado em minha jaqueta. Se eu sentisse uma fome repentina, eu rasgaria a bolsa, dando aos guardas mais tempo para proteger Sandra. Que tal isso como antecipação?

Vlad carregou Shrapnel para um dos buracos na pedra, encaixando a ponta da estaca casualmente como se estivesse colocando uma flor em um vaso. Durante o processo, Shrapnel emitiu vários grunhidos ásperos, mas foi só isso. Sua força era impressionante, mas quanto mais forte ele fosse, mais ele iria durar enquanto Vlad procurasse descobrir para quem ele o traiu e por que. Shrapnel tentou me matar duas vezes, mas eu ainda não podia evitar sentir pena dele. Uma fungada dirigiu minha atenção de volta a Sandra. Ela estava de cabeça baixa, o longo cabelo loiro avermelhado escondendo sua



expressão.

“Eu fiz algo terrível, não fiz?” ela sussurrou. “Eu não me lembro, mas quando você me tocou no carro, eu *senti*.”

Eu queria acariciá-la de forma consoladora, mas sua pulsação já estava começando a soar como um sino para o almoço, então eu não confiei em mim para chegar mais perto.

“Vlad não está bravo com você,” eu disse com minha voz mais calma. “Na verdade, você vai nos ajudar a encontrar a outra pessoa que lhe forçou a traí-lo e então nós iremos impedi-la.”

Vlad arqueou as sobrancelhas.

“Ela?”

“Ela,” eu repeti, olhando de relance para Shrapnel. “E aparentemente ela é uma feiticeira.”



Capítulo Trinta e Oito

Shrapnel olhou para mim e seus olhos negros ficaram salpicados de verde.

“Você mentiu para mim. Você *não* sabe quem ela é.”

Ele parecia mais surpreso do que zangado, não que ele tivesse moral para falar sobre desonestidade.

“Ainda não conhecemos, mas estamos prestes a conhecer,” respondi friamente.

Com Shrapnel tendo agora uma vista panorâmica, Vlad caminhou até Sandra.

“Se você não estava ciente de nenhuma de suas ações porque eles alteraram sua memória, não vou lhe culpar.”

Palavras condicionais de conforto, mas elas funcionaram. Sandra se ajoelhou sobre um joelho e curvou a cabeça.

“Você me tirou das ruas depois que meus pais me abandonaram. Deu-me um lar, educação e a promessa de um futuro melhor. Eu nunca o trairia conscientemente.”

A boca de Vlad se curvou sarcasticamente enquanto lançava um olhar para Shrapnel. “Então você seria mais leal do que dois dos meus amigos mais próximos mostraram ser.”

Perante aquelas palavras, uma mistura pungente de raiva e dor se embrenhou em minhas emoções. Recuei ao lembrar que as ações de Shrapnel eram mais do que um vampiro indo contra seu criador. Uma faca nas costas machuca muito mais quando vem de um amigo. Sandra se levantou e puxou o cabelo de lado.

“*Lasă-mă să-ți dovedesc, prințul meu!*”

**Deixe-me provar isso a você, meu príncipe!*”

Vlad agarrou seu pescoço e baixou a boca. Enquanto ele a mordia, algo que eu não esperava crescer em mim. Não era fome, apesar do cheiro de sangue fresco fazer minhas presas ficarem salientes. Não era preocupação por Sandra perder mais sangue já que ela já estava em um mau estado. Ao invés



disso, tive um impulso absurdo de arrancá-la dos braços de Vlad e então açoitá-la com um chicote elétrico até não restar nada além de pedaços irregulares.

Eu estava com ciúme. Que *absurdo*. Ele era um vampiro, ela era uma humana que teve sua mente alterada e o melhor jeito de contornar isso era tomar seu sangue antes de hipnotizá-la. Eu sabia disso, mas isso não impediu a onda de emoções que faziam faíscas caírem de minha mão.

A boca dele nela. A cabeça dela caindo para trás de um jeito que não demonstrava dor. A linha de sua garganta enquanto ele engolia...

Um raio atingiu o chão de pedra abaixo da minha mão. Ser transformada em uma vampira não tinha entorpecido minha eletricidade interna nem um pouco. Imediatamente cobri a rachadura com o pé, como se aquilo impedisse alguém de notar.

Vlad levantou a cabeça, seu olhar foi direto para o local antes de olhar para mim. Eu esperava uma revirada de olhos devido a minha exibição de ciúme irracional, mas ao invés disso, ele olhou de forma pensativa.

Então ele soltou Sandra, fechando as feridas em seu pescoço com seu polegar depois de furá-los com uma presa. Tentei controlar minhas emoções—e as correntes que faziam minha mão soltar faíscas—enquanto eu cantava mentalmente a música “Every Breath You Take” do Sting. *Assunto de vida ou morte acontecendo, Leila. Alinhe suas prioridades.*

“Ele entrou em seu quarto para hipnotizá-la,” eu disse, caso aquele detalhe ajudasse.

Os olhos de Vlad ficaram verdes enquanto ele olhava para Sandra como se ela fosse a única pessoa no local.

“Shrapnel entrou em seu quarto,” ele repetiu, sua voz ressonante. “Ele queria que você passasse uma mensagem. Qual era?”

“Eu não sei,” ela sussurrou.

“Sim, você sabe.”

O ar crepitou, fazendo com que os pelos dos meus braços ficassem de pé. Uma onda invisível parecia emanar de Vlad, enchendo o lugar com energia suficiente para fazer minha pele arrepiar. O que ele estava *fazendo*?

“Você pode vê-lo em seu quarto,” Vlad continuou com o mesmo tom de voz. “Ouça a voz dele agora. O que ele está dizendo?”

“Ele diz”—a fisionomia dela se apertou como se estivesse se esforçando



para ouvir um sussurro—“diga a ela que os poderes dela estão de volta. Ela quase morreu os usando, mas Vlad a reviveu e agora ele não sairá do lado dela. Vou tentar contaminar a comida dela se ela acordar.”

Olhei Shrapnel de forma acusadora. Enquanto eu estava em coma ele estava tentando me envenenar?

Raiva dominou minhas emoções, mas Vlad não disse nada e não desviou o olhar de Sandra.

“Essa não era a única mensagem dele. O que mais?”

Num tom de voz monótono que eu viria a associar com pessoas sob a influência de um vampiro, Sandra contou sobre Shrapnel contando para sua cúmplice sobre todos os detalhes de minhas habilidades, minha localização no circo e minha localização no hotel com Maximus. Ele até mesmo afirmou que Maximus precisaria ser neutralizado por medidas extremas. As balas de prata líquida passaram por minha mente. Não dava para ser mais extremo do que aquilo.

Quando Vlad ordenou que Sandra repetisse as mensagens da mulher, elas começavam como inquéritos benignos sobre mim que pareciam mais curiosos do que ameaçadores. Isso mudou depois da bomba no circo. Assim que suas verdadeiras intenções foram expostas, não foi surpresa que as mensagens seguintes consistissem em variações de *Mate Leila. Mate-a agora*. Enquanto minha raiva crescia, a maior parte nós já sabia, e eu não precisei sentir as emoções de Vlad para saber que ele também estava frustrado por causa disso.

“Onde você a encontra para transmitir essas mensagens?” ele perguntou

Sandra franziu a testa. “Eu nunca a encontrei, mas a cada dois dias, vou até a cidade para uma livraria. Eu escrevo as mensagens e as coloco dentro de *A Odisseia* de Homero. Se *A Odisseia* tem uma nova mensagem, eu a memorizo, jogo fora e então a repito para Shrapnel, mas só se ele me perguntar. Caso contrário, eu nunca a menciono. Eu nem ao menos me lembro das mensagens.”

Sandra falou a última parte como se estivesse repetindo um conjunto de instruções. Sem dúvida que ela estava, e elas tinham sido dadas a ela sob as mesmas circunstâncias de controle de mente que ela estava tendo agora.

“Vá à livraria,” Vlad disse sem desviar o olhar de Sandra. Um de seus guardas se curvou com rapidez e então saiu.

“Você nunca a encontrou, mas ele lhe disse o nome dela?”

Mais daquela energia de arrepiar os cabelos emanou de Vlad, até eu



estar esfregando os braços para afastar aquelas sensações de formigamento. Era isso o que Marty queria dizer quando me contou que vampiros podiam medir a força uns dos outros sentindo suas auras? Se fosse isso, então Vlad tinha Fodão: Não Enfrentar escrito em toda sua aura.

“Acho que não devo saber isso.” Sandra soou confusa. “Mas uma vez, Shrapnel a chamou de Cynthiana.”

As feições de Vlad endureceram como se seu rosto tivesse sido transformado em pedra. Certamente ele reconheceu o nome. Ele também soava familiar para mim, mas não pude localizar onde eu o ouvi. Shrapnel fechou os olhos, sua expressão mostrando mais dor do que quando Vlad enfiou uma longa estaca através de seu torso. Apesar de tudo, Shrapnel ainda a amava e seu pior medo aconteceu porque ela tinha acabado de se colocar no topo da lista dos mais procurados de Vlad.

Meu olhar se dirigiu para Vlad quando a ficha caiu. “Cynthiana. Não é o nome da mulher que você namorou antes de mim?”

“É,” Vlad disse, ainda encarando Shrapnel.

Espremi o cérebro para lembrar o que mais Maximus tinha falado. Ela ficou com Vlad por um tempo ridiculamente longo—isso eu lembrava—e quando ele a dispensou, ela fez algo. O que era? Certo, ela namorou um de seus amigos tentando fazê-lo sentir ciúme. O truque mais velho do livro, mas não tinha funcionado...

E aquele amigo era Shrapnel. Olhei para ele.

“Cynthiana achava que se eu estivesse morta, ela teria outra chance com Vlad? Se for isso, *por que* você concordou com isso? Você a ama; eu senti isso quando me conectei a você.”

Shrapnel não disse nada. Seu silêncio era mais uma prova de seus sentimentos, mas se ela não estivesse motivada pelo ciúme, por que Cynthiana arriscaria sua própria vida tentando, repetidamente, acabar com a minha?

Quaisquer que fossem seus motivos, ela tinha assassinado um monte de pessoas inocentes antes da sua armadilha vinculada finalmente me matar—temporariamente. O rosto de Dawn passou por minha mente. Ela não merecia morrer antes que pudesse encontrar um caminho na vida. Nem qualquer um no circo, e os guardas de Vlad não mereciam serem explodidos porque Shrapnel estava fazendo um esforço de última hora para cobrir seus passos. Finalmente, *eu* não merecia nenhuma merda que sofri por causa das intenções assassinas de Cynthiana.

“Você pode ir, Sandra,” Vlad disse, seus olhos voltando a sua cor de cobre original. “Sua parte nisso está perdoada.”



Liberta de seu olhar, ela piscou, então disse algo muito rápido em Romeno.

“Claro que esse ainda é seu lar,” Vlad respondeu de forma impaciente. Então ele fez um gesto desdenhoso com a mão. “Vá.”

Um guarda barbudo escoltou Sandra para fora. Eu estava feliz por vê-la sair. Ela não tinha feito nada para justificar estar aqui, diferente do vampiro suspenso na comprida estaca de madeira.

Vlad olhou para Shrapnel. Por um instante, um tornado de raiva, frustração e arrependimento agrediu minhas emoções. Então foi como se uma parede se fechasse, cortando tudo exceto meus próprios sentimentos de raiva. Até mesmo o redemoinho de energia que vinha de Vlad se dissipou.

“Você sabe o que acontece agora,” ele disse, soando totalmente frio.

Eu também sabia. *Manda ver!* uma parte vingativa em mim rosnou.

Então eu me lembrei das máquinas terríveis na caverna ao lado. Vlad não mostraria piedade nenhuma para descobrir onde Cynthiana estava, mas se eu pudesse me conectar à vampira morena, eu podia poupar Shrapnel um pouco daquilo. Ele merecia morrer pelo que fez, porém se meus poderes tivessem permanecido durante minha transformação, eu poderia lhe dar uma morte mais rápida e menos dolorosa. Se eu não tentasse pelo menos, eu não seria tão sem coração quanto a vadia que assassinou a sangue frio várias pessoas na tentativa de me matar?

“Vamos tentar uma coisa primeiro.”

Somente os olhos de Vlad se moveram quando ele olhou para mim. “Ele foi longe demais para que gentilezas o convençam a entregá-la agora.”

Shrapnel mostrou os dentes. Não era um sorriso. O aviso de um predador para outro. Então ele disse algo em um idioma que parecia Romeno, porém mais gutural. Vlad rosnou.

“Não tenho dúvida nenhuma de que você me fará trabalhar por isso, meu amigo.” Então para mim ele simplesmente disse, “Saia. Você não vai querer ver isso.”

Disso eu não tinha dúvida, mas eu não tinha terminado.

“Ele é duro como prego, então você pode fazer o seu pior por semanas... ou deixar que eu faça o meu melhor em minutos.”

Vlad olhou de relance para minhas mãos com um sorrisinho duro.



“É muito provável que suas habilidades não irão funcionar tão logo depois de sua transformação, se é que elas vão retornar por completo.”

“Eu ainda estou cheia de voltagem. O resto também tem que estar lá.”

Assim dizendo, me curvei e toquei o chão com minha mão direita. Nada. Depois de alguns segundos, Shrapnel deixou escapar um som; metade suspiro, metade risada. Apesar de ele saber que isso significava sua tortura, ele estava satisfeito.

Pressionei os lábios em uma linha fina quando toquei o chão novamente. Nada ainda, exceto a pedra fria e irregular. Tentei pela terceira vez, mas apesar do quão embebidas em essência essas pedras devem estar, não vi nada.

“Leila.” O tom de voz de Vlad era quase aborrecido. “Você não pode evitar isso.”

Ele não percebeu, mas essas palavras apenas serviram como combustível para minha determinação. Durante toda minha vida me disseram, “Você não pode.” Primeiro foi “Você não pode competir a nível Olímpico,” porém ganhei uma chance de fazer parte do time de ginastas. Então depois de todo dano nos nervos, depois do acidente, foi “Você não pode andar novamente,” mas não somente andei, eu me juntei ao circo como acrobata. Então foi “Você não pode tocar ninguém,” mas conheci Marty, um vampiro que se tornou meu parceiro de trabalho e melhor amigo. Então mais tarde, foi “Você não pode me pedir para te amar,” mas agora eu era a Sra. Vlad Dracul, muito obrigada.

Olhei para o chão cinza de pedra. De jeito nenhum um pedaço grande de pedra iria me derrotar depois de tudo o que passei.

Eu não o toquei novamente—raspei minha mão sobre ele com tanta força que a cortei nas minúsculas bordas da pedra. Então me concentrei até não escutar mais os avisos de Vlad para parar ou a risada zombeteira de Shrapnel.

Lá. Nada mais alto do que um sussurro, longe de ser um vislumbre, mas alguma coisa estava lá, maldição! Eu me concentrei até todo meu ser estar focado na pedra abaixo da minha mão, então eu vi. Imagens gloriosamente horríveis de um vampiro carbonizado batendo no chão onde eu tocava, sua boca aberta em um último e silencioso grito.

Eu me levantei, só agora notando que Vlad se ajoelhou ao meu lado, me olhando com exasperação enquanto afastava minha mão.

“Leila, chega—”



O que quer que ele tenha visto em meu rosto o fez parar de falar. Muito lentamente, ele me soltou. Então ele se levantou enquanto a mistura mais estranha de orgulho e irritação apimentava minhas emoções.

“A boa notícia é, você se livrou da tortura,” Eu disse a Shrapnel. “A má notícia é, eu vou atrás da sua namorada e agora o feitiço dela não importa porque eu já estou morta.”



Capítulo Trinta e Nove

Eu queria começar a tentar me conectar com Cynthiana imediatamente, mas Vlad disse que estava quase amanhecendo. Aceitei sua palavra já que eu não tinha ideia de que horas eram. Além do mais, Cynthiana não sabia que o jogo havia virado. Agora era ela quem seria perseguida implacavelmente e, assim que o sol se pusesse essa noite, a caçada começaria.

Deixamos o subsolo e fomos para o quarto seguro do quarto andar. Eu estava certa de que a maioria dos novos vampiros eram alojados no subsolo, perto da masmorra, mas Vlad tinha o equivalente a uma suíte presidencial para vampiros pelos quais ele queria mostrar um favor especial. Porém, assim que voltamos para o andar principal da casa, uma abundância de barulhos me agrediu.

O barulho de passos acima e abaixo. Numerosos sons metálicos na cozinha enquanto potes e panelas eram usados para fazer o café da manhã. Vozes de pessoas ou dispositivos eletrônicos e, por baixo de tudo, o pulsar ritmado de múltiplos batimentos cardíacos.

Meu estômago apertou e pequenas adagas me cutucaram no lábio. *Quase lá*, pensei aliviada enquanto passávamos pelo jardim interno e íamos em direção a grande escadaria. Tudo que eu tinha que fazer era evitar a loucura por sangue por mais alguns poucos minutos.

“Leila, graças a Deus!”

A voz da minha irmã me fez gemer alto. Gretchen desceu as escadas correndo, parecendo tanto aliviada como brava.

“Os capangas dele disseram que você estava ferida demais para que pudéssemos vê-la, o que é uma mentira já que você parece bem—”

Outro som escapou pela minha garganta, o que a fez parar no meio da frase. “Você acabou de *rosnar* para mim?” ela perguntou sem poder acreditar.

Vlad olhou de relance para mim e então suas mãos se fecharam ao redor dos meus braços. “Afasto-se,” ele disse firmemente para Gretchen.

Tarde demais. A dor me rasgou, apertando um botão em meu cérebro que me fez incapaz de ver a irmãzinha que eu amava. Ao invés disso, eu só vi a cura para minha agonia dentro de um pacote de carne que era fácil de



rasgar.

Os próximos minutos foram um borrão de luta seguido pelo alívio quando aquele néctar impossivelmente delicioso desceu por minha garganta, extinguindo a queimação que fazia o fogo ser bem-vindo perto daquilo. Depois que engoli cada gota, fiquei consciente de um grito que consistia na mesma pergunta em pânico.

“O que está errado com ela, o que está errado com ela, O QUE ESTÁ ERRADO COM ELA?”

“Nada.”

A voz de Vlad. Ouvi-la clareou a insanidade persistente, assim como sentir sua calma através das camadas fraturadas das minhas emoções. Ele estava atrás de mim, seus braços eram faixas inquebráveis que impediam que eu a machucasse ou alguém mais. Eu me encostei nele, aliviada, a névoa estúpida finalmente clareando minha visão.

Gretchen permanecia como se estivesse congelada no último degrau da escadaria, os olhos arregalados e a expressão tão chocada que tive a preocupação de que ela pudesse desmaiar.

“Está tudo bem,” eu disse. Minha voz estava mais rouca, mas pelo menos não era mais aquele rosnado animalesco.

“Está tudo bem? ela repetiu. “Como está bem quando você acabou de tentar me *matar*?”

Eu não tinha resposta para isso. Gretchen se sentou de repente, como se ela tivesse sido puxada e então enterrou a cabeça nas mãos.

“Agora eu entendo. Ele teve que te transformar porque você estava muito além de ser curada. Por isso que eles não nos deixavam ver você.”

Diferente de seu guincho anterior, sua voz era agora quase um sussurro. Uma dor diferente fez meu interior se torcer. Eu não tive a chance de contar a ela que isso era algo que eu pretendia fazer no futuro. Agora ela descobriu enquanto eu tentava comê-la.

“Eu entendo se... se você não puder lidar com isso,” comecei.

Ela levantou rapidamente a cabeça, o olhar azul brilhante.

“Você não entende. Você me salvou, mas eu não pude te salvar.” Sua voz falhou e lágrimas escorriam de seus olhos. “Eu sinto tanto.”

Lágrimas brotaram dos meus olhos. Ela foi guerreira em relação à morte



de nossa mãe, as minhas habilidades aterrorizantes, minha tentativa de suicídio e eu ter partido quando pensei que cortar laços com minha família era a melhor coisa que eu podia fazer. Ela tinha seus próprios defeitos, mas eu devia saber que nem isso seria demais para ela.

“Não. Se você não tivesse me arrastado para fora do carro antes de ele explodir, eu *realmente* teria morrido.”

Dito isso, Vlad me soltou. “Você tirou Leila do veículo?”

Gretchen ficou tensa com seu tom brusco. “Depois que ela cortou meu cinto de segurança, sim. Ela estava em mau estado e eu tinha medo de que ao movê-la iria piorar, mas ia explodir.”

“Você fez muito bem,” eu disse a ela, pensando, *Pega leve!* antes de lembrar que ele não podia mais ouvir.

“Segure-a,” Vlad disse, fazendo um gesto com a cabeça na minha direção.

“O que?” eu arfei.

Foi tudo que eu consegui dizer antes que dois guardas, que eu não tinha notado, me agarrassem, me olhando como se pedissem desculpas enquanto eles me imobilizavam entre eles.

“É para a proteção da sua irmã,” Vlad disse, caminhando até Gretchen. Ela parecia querer correr, mas não se moveu quando ele se aproximou dela.

“Estenda sua mão,” ele disse para ela naquele mesmo tom brusco.

Hesitantemente, ela estendeu. Vlad agarrou a mão dela e então puxou uma faca, segurando com mais firmeza quando ela tentou puxar a mão.

“Vlad,” eu disse, pronunciando seu nome como um aviso.

Ele não olhou para mim. Ao invés disso, ele passou a lâmina pela palma da mão dele, cobrindo a palma da minha irmã com sangue.

“Beba,” ele disse a ela, “e seja conhecida como parte do meu povo.”

Gretchen olhou com desagrado para o sangue em sua mão. Então ela olhou para Vlad.

“Eu já não sou, como sua cunhada?”

O sorriso dele era friamente agradável. “Não no mundo dos vampiros.”

Ela olhou para mim em seguida. “Qual é a pegadinha?”



Eu me lembrei de quando perguntei a Vlad algo parecido antes de uma situação igualmente irrevogável.

“Se você fizer isso e então o trair no futuro, ele irá lhe matar,” eu resumi com simplicidade.

Ao invés de ficar intimidada, ela bufou. “Como se ele não fizesse isso *agora* se eu o traísse. Pelo lado positivo, se eu fizer isso e então alguém mexer comigo, ele terá que responder a Vlad, certo?”

Verde esmeralda brilhou em seu olhar. “Totalmente certo.”

Ela olhou para a mão e então a colocou sobre a boca, como se pensar muito sobre isso a faria perder a coragem.

“Eca,” ela disse enquanto lambia as manchas vermelhas.

Fechei os olhos. Gretchen não era uma criança e ela tomou essa decisão por livre escolha. Isso não evitou que eu me preocupasse por ela ter dado mais um passo para longe do mundo humano. *Sem mencionar que papai vai pirar quando descobrir.*

“Uau, isso parece estimulante líquido,” ela murmurou. Então ela olhou com espanto enquanto seus arranhões, cicatrizes e hematomas começavam a desaparecer como se estivessem sendo apagados por uma borracha invisível.

“O que está acontecendo aqui?”

O tom de voz furioso do meu pai cortou o ar como um facão. Eu me encolhi por causa do jeito que eu devia estar, ensopada de sangue e contida por dois guardas corpulentos, e aquela onda de emoção fez minhas presas aparecerem.

O que, claro, foi a reação errada.

“Não,” meu pai sussurrou enquanto ele me encarava, o horror roubando suas feições. Então ele começou a descer as escadas tão rápido quanto sua perna permanentemente rígida permitia.

“O que você fez a ela” ele esbravejou para Vlad.

Vlad lançou um olhar escaldante ao meu pai enquanto ele se aproximou e me puxava para seus braços, os guardas se curvaram enquanto se afastavam.

“Se você disser algo mais do que está pensando, tirarei sua habilidade de falar por uma semana.”



Meu pai ficou de boca aberta. Eu me contorci nos braços de Vlad. Esse também *não* foi o jeito que imaginei dar a notícia para o meu pai.

“Coloque-me no chão, não estou mais me sentindo muito mordedora.”

“Está amanhecendo,” ele respondeu, ainda olhando para o meu pai.

“Ok, então eu ficarei cansada, mas isso não significa—”

Minha boca parou de funcionar. Assim como cada músculo em meu corpo. Antes da próxima batida de coração do meu pai, eu estava completamente inconsciente.



Capítulo Quarenta

Acordei tão de repente que me assustei. Um segundo, eu estava morta para o mundo, no segundo seguinte, eu estava de pé e faminta, meu olhar vasculhando o aposento em busca de comida.

“Lá,” Vlad disse, apontando para a abertura na parede.

Eu caí sobre a bolsa que estava nela, rasgando-a como o tubarão do filme *Tubarão*. Quando terminei, sangue pingava do meu rosto, mãos e peito. Só notei que eu tinha começado a me lamber quando a risadinha baixa de Vlad quebrou meu transe induzido pela fome.

“Devo admitir, isso me dá ideias.”

Fiquei constrangida, o que me deu a força para parar de limpar minhas mãos como alguma gata enlouquecida. Vlad se sentou no colchão, as costas contra a parede e as pernas casualmente abertas. Ele tinha se trocado desde a última vez que o vi e, apesar de sua camisa roxa estar imaculada, assim como suas calças cor de ébano, com uma inspirada eu sabia onde ele esteve antes de vir aqui.

“Você voltou para a masmorra.”

O sorriso dele continha mais do que um indício de crueldade. “Talvez eu a pulverize com Bom Ar, afinal.”

Passei a mão pelos meus cabelos depois de uma última lambida. “Nós concordamos que eu procuraria por Cynthiana do *outro jeito*.”

“Com você dormindo, tive algum tempo para matar.”

Sua voz era suave, mas uma corrente de irritação passou por minhas emoções. Eu suspirei.

“Eu sei que você não está acostumado a se explicar, mas isso é casamento. *Eu* não estou acostumada a acordar com uma fome incontrolável, então nós dois estamos passando por uma fase de ajustes.”

Agora um tipo diferente de sorriso curvou seus lábios. “O seu irá durar apenas uma semana. O meu, a vida toda.”

Eu ri secamente. “Se você queria uma esposa que nunca questionasse



suas ações, você não deveria ter se casado comigo.”

Algo mais provocou minhas emoções, deslizando por elas como um caminho de fogo sensual. Um cheiro mais rico e mais quente preencheu o quarto, me lembrando especiarias fervendo e fumaça de madeira.

“Concordo. Mas eu queria você mais do que servidão.”

Sua voz estava mais rouca, apertando coisas em uma região mais baixa em mim. Engoli em seco, uma fome de um tipo diferente fazendo minhas presas crescerem. Ele parecia tão polido em suas roupas sob medida, tão relaxado inclinado contra a parede, mas suas emoções contavam uma história diferente. Eu podia ser a ensanguentada e desgrenhada, mas eu não era a verdadeira criatura feroz no quarto.

E eu o queria exatamente assim.

Então balancei a cabeça para clarear os pensamentos explícitos que começavam a se amontoar. Eu tinha uma vampira assassina para caçar e um pai traumatizado para acalmar. Meu cartão de dança não tinha espaço para horas de sexo e Vlad não fazia rapidinhas.

“Preciso tomar banho,” eu disse, e isso soou ofegante mesmo que eu não respirasse mais.

Seu sorriso se tornou perigosamente carnal. “Depois.”

“Vlad, sério, há tanto que precisamos fazer—”

“Lembra quando você disse que não aceitaria ficar em segundo lugar em relação aos outros?” ele interrompeu com uma voz sedosa. “Nem eu.”

Ele estava ao meu lado em um piscar de olhos, pressionando um botão interno naquela gaveta retrátil. Outra bolsa de sangue apareceu como se fosse uma máquina de salgadinhos. Antes que eu pudesse falar, Vlad a esmagou contra seu peito, cobrindo-o de riachos carmesim.

A necessidade cresceu com tal ferocidade que aniquilou minha consciência. Eu não estava envergonhada com como eu me joguei contra ele. Não me importei que ele tivesse rasgado minhas roupas tão selvagemmente quanto eu rasguei as dele em minha busca por cada gota e eu *realmente* não me importei quando ele me encostou na parede e puxou minhas pernas ao redor de sua cintura. Então não havia nada exceto o gosto de sangue em sua pele e a rugosidade delicada de seu corpo mergulhando dentro do meu, mais e mais, até que o êxtase queimando através de mim me fizesse esquecer minha fome.



Era dez e quinze quando sai totalmente vestida do banheiro. Vlad já estava vestido novamente e esperando, já que eu o fiz tomar banho em outro lugar. Caso contrário, seria ainda mais tarde, pois ele não tinha escrúpulos. Shrapnel não ia para lugar nenhum, Cynthiana ainda não sabia que tinha sido descoberta e nossa lua de mel já tinha sido arruinada o suficiente, ele declarou.

“Antes de começar com Shrapnel, preciso ver meu pai.” eu disse a Vlad. “Ele está bem assustado. Você pode ficar perto no caso de eu ser atingida pela sede de sangue de novo?”

Vlad estava bebendo vinho, mas ao ouvir isso, ele baixou a taça.

“Muitos humanos que sabem sobre vampiros têm dificuldades em aceitar a transformação de um ente querido. Isso pode causar sentimentos de medo, alienação e desamparo. Para alguém acostumado a estar no controle, como seu pai, esses sentimentos geralmente são ampliados.”

Sua declaração cuidadosamente formulada me deixou inquieta. Normalmente, Vlad era contundente ao ponto de ser brusco. Algo estava acontecendo. “Não embeleze a situação. O que aconteceu?”

“Ele não quer ver você agora e insiste em partir com Gretchen,” ele respondeu com sua sinceridade de costume. “Eu tenho outras casas onde eles estariam seguros, mas eu me recusei a deixá-lo ir a menos que você concorde com isso.”

Agora eu tinha força sobre-humana, mas eu me sentei como se meus joelhos tivessem se transformado em geleia.

“Gretchen também não quer me ver?” Talvez eu tivesse interpretado mal seu comportamento antes...

“Não, sua irmã foi veemente a respeito de ficar aqui, o que apenas fez seu pai mais determinado em levá-la com ele.”

Então Vlad me olhou de forma cansada. “Ele não percebe, mas está tentando recuperar o controle onde há nenhum. Ele ainda te ama. Se não amasse, sua reação ao fato de você se tornar uma vampira não seria tão emocional.”

Eu não disse nada, pensando em como a vida era estranha. Quando eu era criança, o emprego do meu pai nos fez mudar de lugar para lugar sem considerar o quanto eram perturbadoras aquelas mudanças. Agora eram minhas circunstâncias que o arrancavam da vida que ele construiu. *Karma é uma vadia*, Cat tinha dito, mas eu não queria que meu pai recebesse nenhuma punição. Eu queria que ele fosse feliz, e estivesse seguro.



“Deixe-o ir, mas espere até amanhã de manhã. Quero uma chance para conversar com Gretchen primeiro.”

Minha voz era suave, mas firme. Eu sabia o que era precisar partir, mesmo que fosse apenas para provar a si mesmo que você podia. Quanto a Gretchen, era melhor que ela fosse com ele. Com minha nova fome voraz, eu não podia confiar em mim para estar perto dela. Além do mais, as coisas estavam prestes a ficarem mais perigosas por aqui, não menos.

Então eu me levantei, dando um sorriso torto para Vlad.

“Agora, vamos ver se eu posso encontrar aquela vadia louca que você costumava namorar.

Eu achei que iríamos voltar à masmorra e que eu pegaria o traço de essência de Cynthiana ao tocar Shrapnel, mas ao invés disso, Vlad me levou para a Sala de Armas. Lá, ele me entregou uma adaga de prata com um desenho Céltico no punho bordado com fios de ouro.

“Dela,” ele declarou.

Levei um segundo para me lembrar do porquê de aquilo parecer tão familiar. Então soltei uma risada curta.

“Certamente. Eu toquei isso quando passava pelas suas outras armas. Logo depois de vislumbrar a mulher conectada a isso, comecei a sangrar até a morte.”

Assim como pretendia o feitiço de conexão de Cynthiana, porém ela não contava com Vlad estar aqui para me ressuscitar. Ou com Maximus fazendo a mesma coisa da outra vez em que uma conexão a ela me causou dano letal. Agora meu próprio estado não humano era tudo que eu precisava para me proteger.

Karma é uma vadia soou muito bem para essas circunstâncias.

Tirei minha luva direita e toquei a bela arma. Para minha surpresa, meu primeiro instinto foi empurrá-la para longe. O metal fez minha pele coçar de uma forma que me lembrou quando cai em um monte de hera venenosa quando criança.

“Isso parece... errado. É por causa da prata?”

Seu divertimento se enrolou em minhas emoções. “Você irá se



acostumar a isso. Todos os vampiros se acostumam.”

Tentei ignorar o quão irritada o metal fez minha pele ficar e me foquei na essência que ele continha. Depois de alguns minutos de concentração, imagens sem cor apareceram.

Nós chegamos a minha porta, mas quando Vlad começou a sair depois de me desejar boa noite, eu peguei a manga de sua camisa.

“Espere.” Então retirei a faca das dobras do meu casaco e estendi a ele com o punho primeiro.

“Para você,” eu murmurei.

Ele a pegou, sua boca se curvando em um meio sorriso.

“O que é isso? Um presente antecipado de Natal?”

“Eu preciso de uma ocasião para lhe dar um presente?” perguntei suavemente.

Ele virou a lâmina antes de pegá-la. “Perfeitamente equilibrada. Obrigado, Cynthiana. É adorável.”

Então ele se inclinou, seus lábios quentes roçando os meus. Quando ele começou a se afastar, eu o segurei.

“Não vá,” sussurrei contra sua boca.

Ele recuou com uma carranca. “Um do meu povo está desaparecido. Não vou esperar até de manhã para procurar por ele.”

“Sinto mundo, claro que não, querido,” eu disse, sabendo que ele podia enviar alguém para isso.

Ele colocou a faca em seu casaco.

“Boa noite, Cynthiana.”

“Boa noite, Vlad.”

Eu o vi partir, mascarando minha frustração com um sorriso para o caso de ele olhar para trás. Ele não olhou. Ele nunca olhava, e suas visitas tinham se tornado menos frequentes. Não vivi trezentos anos sem saber o que isso significava. Ele estava ficando cansado de mim.

Meu sorriso se tornou frágil. Cheguei longe demais sem a proteção que eu merecia e eu não ia perder meu lugar ao lado de um vampiro poderoso.



Arriscado ou não, era o momento de empregar meios mais persuasivos para manter Vlad comigo. Se eu fosse cuidadosa, ele nunca saberia o motivo de sua afeição recente.

Minha conexão à lembrança se dissolveu e eu voltei à realidade para descobrir que estava agarrando a faca com tanta força que ela tinha cortado minha mão. Então olhei para Vlad, uma suspeita crescendo.

“Cynthiana se mudou para sua casa logo depois de lhe dar isso?”

Ele arqueou a sobrancelha. “Acredito que sim, por quê?”

“Apenas pensando. Você sabia que ela estava envolvida com magia?”

Um dar de ombros. “Eu sabia que ela se interessava, mas magia é contra a lei dos vampiros, então uma ocupação mais séria não valia o risco para ela.”

“Ou ela estava mais envolvida do que deixou parecer.”

E se não fosse coincidência que Cynthiana se mudou para a casa dele logo depois que ela decidiu ser mais “persuasiva” para evitar que ele a dispensasse? Se fosse isso, então nós não estávamos lidando com uma amadora que se interessava por feitiços ocasionais, mas uma bruxa poderosa que deve ser mais perigosa do que Vlad e eu imaginávamos.



Capítulo Quarenta e Um

Olhei para a faca com mais preocupação do que antes. Como uma vampira, outro ataque cardíaco ou hemorragia espontânea iria machucar, mas não seriam fatais. Porém, se ela fosse uma bruxa poderosa disfarçada, havia a chance de que Cynthiana tivesse montado seu feitiço para fazer algo letal para vampiros também.

“Fique de olho com o que eu faço com a faca, ok?”

Quando olhei para cima, os olhos de Vlad se estreitaram. Ele inalou e então sorriu de forma tão agradável que eu devia ter tomado como um aviso.

“Por quê?”

“Se sua ex acabar sendo mais Bruxa má do Oeste do que imaginamos, há uma chance de que seu feitiço possa me fazer tentar me esfaquear, hehe, no coração.”

Minha risadinha para indicar o quão remota eu achava que essa possibilidade era, não funcionou. Todo seu rosto começou a escurecer, apesar de o sorriso encantador não desaparecer.

“Você deve ser a pessoa mais cruel que já conheci,” ele disse em um tom de conversa normal.

“O quê?” eu arfei.

“Minha primeira esposa se matou. Levei séculos para superar isso e amar novamente, ainda assim você não ia mencionar que você pode ser induzida a se matar *na minha frente*.”

Seu tom casual desapareceu, substituído por um de pura raiva. Não era nada comparado a fúria que inundou minhas emoções, abrupto como um estouro de barragem e tão forte que dei um passo para trás.

“Vlad, eu—”

“Não. Fale.”

O fogo começou em suas mãos, subindo por seus braços para os ombros antes de envolver todo seu corpo com um brilho cor de laranja. Eu teria achado que ele estava tentando me intimidar, exceto pelo redemoinho de suas



emoções, ele não conseguia se conter.

“Eu tentei deixar você fazer o que sentia que devia porque respeito sua bravura, mas você foi longe demais.” Outra lavareda. “Tente novamente colocar sua vida em risco deliberadamente e, eu juro, vou prender você.”

Antes que eu pudesse dar voz ao meu ultraje perante aquele ultimato, ele desapareceu, deixando nada para trás, exceto o cheiro de fumaça.

“**H**ei, garota.”

Olhei para cima para ver Marty na entrada da cela de pedra. Eu nem tinha notado ela abrindo. Eu me tranquei aqui porque não queria machucar ninguém se outro ataque de fome me atingisse, e também, aqui tinha o sistema de entrega de bolsa de plasma. Afogar minhas frustrações com sangue soava nojento na teoria. Na prática, era tão eficaz quanto bebida alcoólica e sorvete juntos.

“Maximus estava certo quando me alertou sobre Vlad,” eu disse com tristeza. “Você o ouviu ameaçar me prender?”

Um olhar de pena passou pelo rosto de Marty, o que foi minha resposta.

“Não sei o que vou fazer,” continuei, acariciando o local perto de mim como um convite. “Eu amo Vlad, mas às vezes ele é tão *arcaico*. Você pode imaginar como ele reagiria se eu dissesse a ele que ele não estava mais autorizado a arriscar sua vida por seu povo?”

“Ele não ouviria,” Marty disse, sentando do meu lado na cama.

“Certo. Então como isso é diferente de eu assumindo algum risco para caçar a vagabunda que quase me matou três vezes e conseguiu na quarta tentativa?”

“Ele é um machista?” Marty expressou.

“Exatamente.” Então olhei para ele, vendo a ironia estampada em suas feições. “O quê?”

“Você é a única surpresa com isso, garota. Você se casou com um quase psicótico que venceu as circunstâncias brutais com as quais ele cresceu sendo ainda mais brutal. Acrescente a isso ser transformado em um vampiro e séculos de lutas por poder entre mortos-vivos e você tem o bastardo louco cruel pelo qual você se apaixonou.”



Ele deu tapinhas em meu joelho de forma amigável. “Você realmente achou que alguém assim deixaria sua esposa lutar com seus inimigos por ele? Eles o chamam de Vlad o Empalador, não Vlad o Castrado.”

Bufei. “Não estou tentando lutar com seus inimigos por ele.”

“Aos olhos dele você está, e pior, você está pronta a morrer para fazer isso.” Outro tapinha. “Como você já fez uma vez, bebê vampira.”

Eu me reclinei contra ele, ajustando o ângulo da minha cabeça para que ela repousasse em seu ombro. “O que eu devo fazer? Deixá-lo ditar cada movimento meu porque ele é a versão medieval do antiquado? Eu não assinei por isso.”

Ele riu secamente. “Não, você assinou por algo mais difícil. Casamento.”

“Espertalhão,” eu disse, mas minha voz não tinha rancor.

Lá no fundo, eu sabia que ele estava certo. Casar com um dragão significava lidar com as vezes em que ele cuspi fogo, mas eu não ia desistir. Eu estava nessa a longo prazo, então era hora de parar de remoer o quanto a estrada era difícil e me preparar para as colisões enquanto mantinha meu pé no acelerador.

Beijei Marty na bochecha. “Obrigada.”

Ele resmungou. “Pelo quê? Eu lhe disse para não se envolver com ele e eu não mudei de opinião de que isso era uma má ideia.”

“Obrigada por ser um bom amigo.”

Então me levantei, cheia de renovada determinação. Vlad pode ser um bastardo louco cruel, mas ele era *meu* bastardo louco cruel e nós íamos fazer isso funcionar.

“Já que você estava escutando por trás das portas, você viu para onde ele foi? Oh, espere, deixa pra lá. Eu já sei.”

Eu descia a escadaria estreita, torcendo o nariz quando o cheiro ficou mais pungente. Irrite um cara moderno e provavelmente ele vai para o bar local. Irrite um vampiro com hábito de empalação e um calabouço dentro de casa e não é preciso nem pensar aonde *ele* iria.

“Oi,” eu disse para o guarda que me olhou com cautela quando me aproximei. “Por favor, diga para Vlad que eu gostaria de falar com ele.”



O guarda fez uma reverência, parecendo aliviado por eu não ter tentado passar por ele, eu acho. Então ele apertou algo em seu colarinho e falou em Romeno. Ah, as maravilhas da tecnologia. Eu precisaria de um traje de borracha de corpo inteiro para usar uma escuta sem fritá-la.

Meus novos super sentidos me permitiram ouvir a resposta que o guarda recebeu, mas como também foi em Romeno, eu não entendi.

“Por favor, espere aqui,” ele disse finalmente em Inglês com sotaque.

Eu não disse nada, me perguntando se isso significava que Vlad estava vindo ou se eu estava esperando para ser escoltada para fora por outra pessoa.

Cerca de dez minutos mais tarde, Vlad apareceu. Uma fina camada de cinzas escurecia suas roupas, pele e cabelo, o que era motivo para comentar já que para ele era impossível pegar fogo. O tom escuro em sua aparência o fez parecer ainda mais perigoso, como se sua expressão já não fosse sinal suficiente.

“O quê?”

Duas palavras bruscas, com a intensão de me mandar de volta de onde vim, e ele tinha feito aquela coisa de se trancar onde eu não podia sentir nenhuma de suas emoções. Endireitei meus ombros e firmei os pés. Se ele realmente não quisesse me ver, ele não teria vindo.

“Eu tenho uma solução que vai funcionar para nós dois,” eu disse.

Ele arqueou uma sobrancelha. Olhei fixamente para o guarda.

“Você quer fazer isso aqui?”

A boca de Vlad se apertou, mas ele passou por mim e começou a subir as escadas. Eu o segui para o corredor fechado que era a passagem principal para o porão. Lá, ele me parou e me encarou.

“O quê?”

Ainda abrupto, mas seu tom de voz estava menos grosso. Encurtei a distância entre nós e comecei a passar a mão para retirar a cinza de suas roupas. Ele ficou tenso, mas não fez nenhuma tentativa para me impedir.

“Pelo seu humor, você ainda não conseguiu a localização de Cynthiana com Shrapnel,” eu observei casualmente. “Ele é durão, e ela também pode tê-lo enfeitiçado para que ele *não possa* lhe dizer onde ela está.”



Seu olhar seguia cada movimento que eu fazia, mas ele se manteve completamente imóvel. “Isso também me ocorreu.”

“Claro que sim.” Passei meus dedos por seus cabelos para retirar os resíduos que havia. “Você vem fazendo isso a muito mais tempo do que eu.”

Seu sorriso era tão frio que podia ter transformado vapor em gelo seco. “Se bajulação é sua solução, não se incomode. Você não vai usar a faca para se conectar com ela. Eu já a descartei.”

Continuei limpando a película cinza sobre ele. “Tudo bem.”

Seu olhar se estreitou perante minha fácil aquiescência. “Você também não vai tocar Shrapnel para se conectar a ela.”

“Não quero,” eu disse rapidamente. “Eu posso ficar sem reviver fisicamente suas técnicas de interrogatório, obrigada.”

Com isso, ele agarrou minhas mãos e me puxou para mais perto. “Pare de mentir, Leila. Você não desistiu e nós dois sabemos disso.”

Seu rosto estava a poucos centímetros do meu, os pelos mais escuros por causa das cinzas e os lábios apertados em uma linha dura e final. Eu olhei para ele, não me dobrando à força em seu olhar.

“Tudo que Shrapnel tem que fazer é aguentar alguns dias até Cynthiana perceber que ele foi pego e ela fugir. Ele sabe e você sabe. Mas ela morou aqui, então seu antigo quarto deve estar cheio de objetos com essência que eu possa tocar sem possivelmente me matar. Se você realmente quer ir aos extremos para garantir que eu esteja segura, acorrente-me antes que eu tente usar um deles para me conectar a ela.”

Dito isso, ele arqueou as duas sobrancelhas. “Acorrentar você?”

Eu lhe dei um sorriso travesso. “Vamos lá, tenho certeza de que você tem fantasiado sobre isso.”

“Mais e mais a cada dia.”

Ele murmurou com um tom de voz sinistro, mas a parede ao seu redor estalou e eu senti um lampejo de suas emoções. Ele ainda estava bravo, sim. Frustrado também. No entanto, sob aquilo estava um toque de apreciação. Se alguém podia entender minha determinação obcecada em derrubar um inimigo, esse alguém era Vlad.

Em seguida, ele soltou um suspiro áspero. “Isso também me ocorreu, mas no quarto dela, você pode ver coisas que eu não quero que você veja.”



Uma raiva cega passou por mim ao pensar em vivenciar fisicamente Vlad fazendo amor com outra mulher. Eu nunca soube que eu era o tipo ciumento, mas claramente eu tinha alguns problemas. Então eu forcei aqueles sentimentos de volta, substituindo-os com a parte mais fria e sombria de mim.

“Sendo assim, terei que superar isso assistindo você matá-la mais tarde.”

Ele olhou para mim de uma forma penetrante que avaliava minhas palavras contra partes de mim que só ele podia ver. Eu retribui o olhar. Se ele achava que eu não estava falando sério, estava errado.

Finalmente, ele inclinou a cabeça, o sorriso mais limitado assombrando seus lábios. “Por acaso, eu tenho algumas correntes.”



Capítulo Quarenta e Dois

Olhei o antigo quarto de Cynthiana com uma curiosidade cínica. Então era aqui que a bruxa costumava ficar.

Como todos os quartos na casa de Vlad, ele era opulento. Ele também tinha um tema feminino óbvio com a decoração lilás e creme, cortinas de renda, delicadas luminárias de cristal e uma sacada com vista para o jardim externo. Flores secas entrelaçadas com uma rede fina de fios dourados adornavam a lareira, deixando o quarto com uma fragrância natural e agradável. Eu estava muito mais do que feliz por não sentir o cheiro de Vlad, abençoada seja sua aplicada equipe de limpeza.

“Há quanto tempo vocês terminaram o relacionamento?”

Minha voz era casual, camuflando a batalha interna dentro de mim. A Leila rancorosa estava feliz que Vlad mantivesse Cynthiana dois andares inteiros abaixo dele, na mesma ala em que todos os hóspedes ficavam. A Leila prática estava decidindo qual ornamento tocar para uma impressão com essência suficiente.

“Alguns anos atrás.”

Eu o olhei de forma cansada. “Fingindo que ela não é importante o suficiente para você lembrar? Então por que você manteve o quarto dela exatamente do jeito que ela deixou quando morava aqui?”

Ele cruzou os braços, as correntes de prata que ele carregava penduradas em seu ombro balançaram com o movimento.

“Se ela ainda importasse para mim, eu não teria me casado com você. Esse quarto permaneceu sem ser usado porque você foi a minha próxima amante e você dormia comigo.”

Eu desviei o olhar, que foi atraído para a cama. Um tecido de material parecido com gaze, mas extremamente fino, se enrolava em torno das pilastras da cama, caindo para o chão em camadas elegantes. O que eu veria se eu tocasse aquela cama? Cynthiana tinha mais de trezentos anos de experiência sobre mim. Talvez eu veria Vlad parecendo mais feliz com ela do que comigo.

“Leila.”

Desviei o olhar quase sentindo culpa. Foi quando percebi que minhas



presas tinham saltado para fora e eu estava rangendo os dentes com tanta força que rasguei meu lábio inferior.

“Desculpe. Eu não sei o que há de errado comigo,” eu murmurei, chupando o lábio para não pingar sangue no carpete branco espesso.

“Não se desculpe.”

Nenhuma censura coloria sua expressão e as emoções que deslizavam sobre as minhas tinham a carícia suave de cetim. “Todos os vampiros são super possessivos quando se trata do que é nosso.”

Eu podia culpar meu ciúme tempestuoso ao vampirismo? Feito!

Então Vlad começou a atar meus pulsos com múltiplas camadas de correntes. Do jeito que ele era forte, eu duvidava que isso fosse necessário mesmo se Cynthiana *tivesse* conseguido acrescentar uma forma vampírica de *hara-kiri* a sua armadilha de conexão, mas se isso o fazia se sentir melhor...

“Vai guardar algumas para mais tarde?” eu brinquei.

A forma como ele me olhou me fez esquecer o quanto era desagradável sentir a prata contra meus pulsos.

“Quando eu te amarrar, vou usar seda e vou deixar suas mãos livres porque eu amo senti-las em minha pele.”

Não se. Quando. Apesar da promessa erótica, ser acorrentada estando no quarto da ex dele deveria ter esfriado minha resposta. Ao invés disso, eu senti todo o desejo que Vlad geralmente provocava em mim junto com uma urgência visceral de afirmar minha reivindicação sobre ele no mesmo lugar que outra pessoa tinha ousado tocá-lo.

Excessivamente possessiva? Sim, eu era.

“Se você deixar minhas mãos livres,” perguntei com a voz rouca, “qual o sentido em me amarrar?”

Seu sorriso malicioso me afetava tanto quanto o calor que passava por minhas emoções, me açoitando com milhares de chicotes sensuais invisíveis. Então ele se inclinou, a suave aspereza de sua mandíbula roçando minha bochecha.

“Por que lhe dizer quando posso lhe mostrar?”

Fechei os olhos, respirando para sentir seu cheiro de ricas especiarias. Agora eu sabia como eu queria passar o resto da noite, mas as coisas mais importantes primeiro.



Ele se afastou, continuando a enrolar correntes em volta de mim até meus cotovelos. Se eu ainda tivesse circulação, minhas mãos teriam ficado dormentes. Então ele passou mais prata por dentro delas para segurar meus braços unidos ao meu corpo com mais voltas de corrente. Agora tudo que eu podia fazer da cintura para cima era balançar meus dedos e morder.

Satisfeito, ele largou no chão as correntes que restaram e se debruçou sobre a cama. Fiquei tensa, mas tudo que ele pegou foi um abajur do criado mudo.

“Delicadamente,” ele advertiu enquanto o entregava para mim. Ele achava que eu nunca toquei algo elegante antes? Agarrei a base de cristal lisa com meus dedos da mão direita—e ele se espatifou como se eu o tivesse esmagado com um pé de cabra.

“Que diabos?” eu exclamei.

Ele me olhou de forma sarcástica enquanto limpava os cacos da minha mão. “Você não está acostumada com sua nova força. Até estar, trate tudo como se fosse mais frágil do que uma casca de ovo e não importa o que aconteça, não toque um humano.”

Eu olhei para os cacos brilhantes com expressão de dor. Agora eu tinha outro motivo para não dar um abraço de despedida na minha irmã.

“Aqueles flores secas na lareira eram dela?” perguntei, procurando algo que não custasse caro se eu quebrasse.

“Ela as colheu, sim,” Vlad respondeu, puxando um punhado do arranjo sem ligar para como aquilo o amassou.

Eu disse a mim mesma que não era mesquinho desfrutar de ver algo de Cynthiana arruinado.

Ela tinha me matado, afinal de contas.

Eu acariciei as flores quando Vlad as entregou. A maioria delas se desintegrou com o contato, me dizendo que eu ainda estava usando força demais, mas algo reluziu das que sobraram.

Aqui está você, pensei com uma satisfação sombria e então tudo em volta de mim mudou.

Andei pela campina, acrescentando flores na pilha crescente em minha cesta. A equipe de Vlad ficaria feliz em acrescentar ao jardim do lado de fora do meu quarto, mas eu era cuidadosa para não ter todos os ingredientes do feitiço em um único lugar. Apenas para o caso de alguém reconhecer o



significado dessas flores em particular.

O belo dia de primavera não serviu em nada para melhorar meu humor terrível. Fazia só seis meses desde o último feitiço, mas Vlad já estava agindo de forma distante novamente. Eu arranquei um monte de lilases, as estragando com minha frustração. Qualquer outro homem estaria loucamente, irrevogavelmente apaixonado por mim, mas depois de sete feitiços, eu mal podia evitar que Vlad me deixasse.

O problema, claro, era o mesmo motivo pelo qual ele era um protetor tão valioso. Seu poder. Era por isso que eu tinha trabalhado tão arduamente para ganhar sua atenção em primeiro lugar e também porque ele era praticamente imune aos meus feitiços. Eu não ousava usar magia mais forte nele. Ele pode associar todas as flores como um luxo feminino, mas ele notaria ingredientes para magia mais negra. O que os Guardiões da Lei fariam a mim não seria nada comparado a sua fúria se ele descobrisse que eu vinha usando feitiços nele.

Agarrei outro monte de lilases, me recusando a ficar pensando nas repercussões de ser pega. Isso não aconteceria desde que eu fosse cuidadosa e, além do mais, eu não tinha escolha. A maioria dos vampiros tinham Mestres para protegê-los. Outros tinham força suficiente para se protegerem sozinhos. O resto de nós—sem Mestre e apenas com poder normal—éramos deixados para nos defender sozinhos. Depois que meu criador foi assassinado, amantes me deram a proteção que outros vampiros aceitavam. Quando não era suficiente, magia fazia a diferença. No dia em que me tornei uma vampira, eu jurei, não importando o que custasse, que eu nunca seria desprotegida novamente. Tive minha dose disso como uma camponesa Escocesa vivendo sob o reinado Inglês. Afastei aquelas lembranças para olhar de forma crítica para o conteúdo de minha cesta. Talvez mais malva faria o feitiço durar mais tempo...

Quando voltei ao meu próprio estado mental, olhei para os pedaços desintegrados de flores em minha mão, dividida entre raiva e incredulidade.

“Você sabe o que é isso?”

Ele deu de ombros. “Lilases, papoulas, amaranto—”

“Ingredientes para um feitiço,” eu o interrompi.

“Lilases para estimular o amor, papoula vermelha para amor verdadeiro, malva para ser subjugado por amor, papoula azul para o inatingível ser possível, amaranto para amor eterno... viu onde ela estava querendo chegar com isso?”

“Eu nunca a amei.”

Sua voz vibrou com força. Sorri de forma sombria.



“Sim, e isso mostrou a ela que você era forte demais para o feitiço funcionar completamente. Porém, você ficou com ela durante a maior parte de três décadas, então seus esforços não foram um fracasso total.” Vlad abriu a boca e... nada. Eu nunca o vi sem palavras antes, mas descobrir que seu livre arbítrio tinha sido bagunçado seria perturbador para qualquer um. Descobrir isso quando você tivesse o nível de arrogância dele seria atordoante.

“Veja se consegue encontrá-la” foi o que ele disse. Eu não queria ser Cynthiana nem por todo o dinheiro do mundo nesse momento.

Acariciei as flores secas novamente. A memória dela as colhendo estava mais fraca agora, me permitindo afastá-la para me focar em seu rastro de essência.

Lá. Como uma linha de pesca com ela nadando na outra extremidade. Eu me concentrei, mas cada vez que puxava aquela linha, eu voltava com nada. Continuei tentando, um relógio interno apontando impiedosamente a passagem do tempo enquanto eu continuava a falhar em alcançar o outro lado. Dez minutos. Vinte. Trinta. Quarenta.

“Leila, pare.”

Vlad tirou os pedaços de flores da minha mão. Frustrada, eu observei enquanto eles se espalhavam pelo chão.

“Eu não sei por que não posso vê-la. Eu costumava ter vislumbres dela antes da minha saúde ir pro buraco. Agora, eu nem consigo isso.”

“Você é uma vampira há exatamente um dia,” Vlad disse enquanto começava a retirar as correntes. “Cada célula em seu corpo foi drasticamente alterada. É extraordinário você ser capaz de usar suas habilidades tão cedo.”

“Extraordinário. Isso e quatro moedas de vinte e cinco centavos me darão um dólar.”

Eu tinha motivo para meu mau-humor. Mesmo que o pessoal de Vlad não sussurrasse uma palavra sobre Shrapnel para as pessoas de fora, algum dia Cynthiana descobriria que algo estava errado e se esconderia. Quando ela o fizesse, levaria anos para ela reaparecer. Claro, eventualmente Shrapnel iria ceder, se Cynthiana não o tivesse enfeitiçado para nunca revelar sua localização, mas até lá ela já teria sumido há tempos. Posso ter todo o tempo do mundo para caçá-la agora, mas minha família não tinha. Eu não podia esperar que eles ficassem escondidos por anos até a pegarmos, mas se eles não ficassem, seriam alvos móveis.

Já podia ser tarde demais. Cynthiana já estaria esperando notícias de Shrapnel...



“Eu sei como podemos encontrá-la,” eu disse, assolada pela inspiração. “Envie Sandra para a cidade para deixar outra mensagem dizendo onde e quando Shrapnel quer encontrá-la.”

Vlad tirou a última corrente. “Ela não é tola suficiente para cair em tal truque.”

“Tola? Talvez não. Arrogante? Pode apostar,” eu reagi. “Essa mulher fez feitiços sob seu próprio teto, sabendo o tempo todo que você a mataria se descobrisse. Isso é tão arrogante que é como se ela tivesse duas pedras em um saco como testículos.”

Seus lábios afinaram ao lembrar-se de como ela tinha manipulado sua força de vontade. Eu continuei como se não tivesse notado.

“Não é pra menos que ela me odeie até as entranhas. Você disse que vampiros são psicóticos possessivos. Em alguns meses, você me ofereceu mais do que ofereceu a ela em três décadas sob influência mágica, porém eu parti porque não foi bom o suficiente. Provavelmente ela fez Adrian fazer aquela bomba mesmo antes de Shrapnel dar a ela minha localização.”

Os lábios dele ficaram mais esbranquiçados e então, de repente, ele sorriu.

“Eu sei por que você está me incitando, mas você não vai me fazer agir imprudentemente por causa de orgulho ferido.”

“Você não agiria,” eu disse, sustentando seu olhar. “Mas ela sim. Já que a notícia do nosso casamento já deve ter chegado a ela, aposto que ela atingiu um novo nível de raiva na zona vermelha de mulher desprezada.”

Vlad me encarou. “Talvez,” ele disse finalmente.

Não pude evitar olhar para a cama de novo. Sendo justa, eu não deveria crucificar Cynthiana por cruzar o território de ciúme insano. Pensar nas horas, dias—inferno, anos!—que Vlad passou enroscado com ela naquela cama me irritava além do normal “possessividade vampírica”. De fato, meu desejo de manifestar um chicote elétrico e começar a açoitar a cama até ficar em pedaços era tão forte que minha mão começou a faiscar.

Vlad olhou para minha mão e então para o meu rosto. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, a cama explodiu em chamas.

Meu queixo caiu sem poder acreditar. No breve momento que levei para fechar a boca, a cabeceira de madeira tinha se entortado devido ao extremo calor e nada restou das cobertas, travesseiros e colchão, exceto uma pilha preta fumegante. Ao invés daquela delicada fragrância floral, agora o quarto fedia a espuma queimada e fumaça.



As emoções violentamente suaves passando pelas minhas me disseram por que ele tinha feito isso, e não tinha nada a ver com sua raiva em relação à Cynthiana. Ele simplesmente queria destruir algo que me magoava.

Eu não disse nada. Nem ele. Palavras não eram necessárias agora.



Capítulo Quarenta e Três

Acordei com a mesma rapidez dos últimos cinco dias, indo da inconsciência para estar totalmente de pé em menos tempo que levava para dizer, “Boa noite”. A única diferença era que essa noite, meus primeiros pensamentos não eram de fome.

“Ela mordeu a isca?” Perguntei imediatamente.

Vlad estava de pé ao lado da abertura na parede. Em resposta, ele levantou a bolsa de sangue sobre a qual eu não tinha saltado.

Eu a ignorei, apesar das minhas presas aparecerem e meu estômago se apertar como se fosse um punho abrindo e fechando. Quatro dias atrás, Sandra deixou uma mensagem para Cynthiana dizendo a ela onde Shrapnel queria se encontrar. No dia seguinte, o dono da livraria, também hipnotizado para trair Vlad, dirigiu setenta milhas de distância para fazer uma ligação que não seria enviada para a torre de celular que Vlad tinha. Hoje, enquanto eu estava dormindo, Sandra voltou à livraria para ver se *A Odisseia* continha a resposta de Cynthiana.

“Mordeu?” Repeti.

“Sim e não.”

Ele esfregou o queixo de maneira aparentemente ausente, mas ele só fazia isso quando estava em profunda contemplação.

“Ela concordou em encontrá-lo amanhã às sete, mas mudou o local para o Metrô Bucharest.”

Eu nunca tinha pegado o principal metrô Romeno por motivos óbvios, mas não era difícil imaginar o problema.

“Ela escolheu a hora do rush em um lugar público cheio.”

Nós tínhamos escolhido um armazém em uma parte pouco povoada da cidade. Fácil de cercar, poucos transeuntes com que nos preocupar. Cynthiana também deve ter percebido isso. Parecia que Vlad e eu estávamos certos a respeito dela. Ela podia ser arrogante o suficiente para vir, mas não era estúpida o suficiente para fazê-lo sem acrescentar proteções. “Ele apresenta várias dificuldades, começando com ser impossível isolar.” Ele me deu um



sorriso breve e sarcástico. “Muitos membros do governo Romeno estão em minha linhagem, mas não posso ordenar que todo o metrô seja fechado. Até mesmo Mencheres não poderia congelar dezenas de milhares de passageiros e dúzias de trens para pegá-la.”

“E se o metrô for subitamente tomado por vampiros, ela irá suspeitar e fugir.” eu suspirei. “Rastrear a ligação do dono da livraria é o próximo passo?”

Vlad continuou a esfregar o queixo. “Já foi feito. Levou a um telefone descartável que nos levou a lugar nenhum. Isso nos deixa o metrô.”

“Ao menos ela disse qual estação?”

Ele bufou. “Não, mas é óbvio.”

Deixei aquilo de lado. “Vlad, se ela avistar você, ela vai fugir. Na verdade, depois de viver com você por três décadas, aposto que ela conhece a maior parte dos vampiros em sua linhagem e seus aliados, então uma olhada para um deles a faria correr também.”

Ele não contestou nada daquilo. “Depois de amanhã, ela irá perceber que Shrapnel foi comprometido. Colocarei uma grande recompensa sobre ela, mas pegá-la vai levar tempo. Difícil ou não, o metrô é ainda minha melhor chance.”

“Sim,” eu disse firmemente, “é, mas você está esquecendo algo importante.

Ele arqueou uma sobrancelha. “E isso é?”

“Eu.”

“Isso de novo não,” ele murmurou.

“Sou a escolha óbvia. Ela não conhece minha aparência *ou* meu cheiro, então eu poderia estar bem ao lado dela e ela não se sentiria nem um pouco ameaçada.”

“Por que ela deveria? Ela é trezentos anos mais velha do que você.”

Seu tom era desdenhoso, mas eu não ia deixá-lo me desviar levando isso para o pessoal.

“Quando nos conhecemos, você insistiu que eu aprendesse a usar minhas habilidades elétricas para lutar e você estava certo. Elas acabaram salvando minha vida quando derrubei vampiros *muito* mais velhos do que eu. Mas mais do que isso, você continua dizendo “eu” quando isso não é só a respeito de você. Cynthiana matou meus amigos no circo. Ela fez com que eu



fosse sequestrada. Em seguida foi o feitiço dela que roubou minha mortalidade de mim antes que eu estivesse pronta a abrir mão dela. Se eu fosse o tipo de pessoa que deixaria tudo isso de lado, você não me amaria porque certo como o inferno esse não é quem você é.”

Seu olhar poderia ter lançado um raio laser devido à intensidade.

“Você espera que eu abra mão da minha vingança a favor da sua?”

“Não,” eu disse, acrescentando com um sorriso interior, “eles te chamam de Vlad o Impalador, não Vlad o Castrado. Tudo que eu quero é entrar no metrô e encontrá-la. Então ou eu a levo para fora ou a sigo e lhe dou a localização. De qualquer forma, será você a ensacar e etiquetá-la, mas ela vai saber—e eu também—que eu ajudei a derrubá-la.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Então ele disse, “Você nunca nem menos viu o rosto dela.”

Não um “*Inferno, não!*” Comecei a sentir um formigamento de antecipação.

“Não se preocupe. Eu vi o suficiente para identificá-la.”

Não pude lembrar qual a última vez em que estive rodeada por tantas pessoas. Talvez fosse o desdém americano que me fez presumir que o metrô Romeno não seria mais cheio do que alguns dos maiores circos onde trabalhei; talvez estar no subsolo fazia tudo parecer mais lotado. Qual quer que fosse o motivo, quando cruzei a plataforma quatorze do Gara de Nord, na verdade tive que lutar contra um forte sentimento de claustrofobia.

Pelo menos eu não tinha que me preocupar em eletrocutar qualquer um dos passageiros que passavam esbarrando por mim em seus caminhos para um dos muitos trens do metrô. Por baixo das minhas calças e paletó sociais tinha uma roupa de mergulho de corpo inteiro, a borracha mais espessa porque era usada normalmente por mergulhadores de águas geladas. Uma echarpe de seda escondia a parte do traje que subia pelo meu pescoço, enquanto a maquiagem pesada de teatro cobria minha cicatriz.

Apesar dos chiados irritantes que ela fazia quando eu andava, a roupa de mergulho podia ser uma nova aquisição ao guarda-roupa. Eu não fui capaz de passar através de uma multidão sem me preocupar em eletrocutar as pessoas desde que eu tinha quatorze anos. Se isso não fosse atrair atenção indevida, eu poderia abraçar um estranho só porque eu podia.

Claro, estar tão perto de milhares de pessoas trazia outro problema.



Minha fome. Em todo lugar ao meu redor, incontáveis veias cheias do tentador néctar que agora eu desejava como uma droga. Sob circunstâncias normais, eu seria introduzida lentamente a ambientes de contato limitado com humanos para assegurar que eu tivesse controle suficiente para lidar com isso. Ir para um metrô subterrâneo na hora do rush era parecido com pular em um poço fundo para afundar ou nadar. Mais de uma vez minhas presas ficaram salientes e eu tive que colocar rapidamente uma bebida na frente do meu rosto para escondê-las. Foi bom Vlad ter sugerido pegar um copo de café como disfarce.

Na verdade, o cheiro desagradável no ambiente ajudou a conter minha fome. Com o tumulto de pessoas e as diferentes divisões de túneis vinham todos os tipos de odores. Certas partes do metrô eram apenas um pouco mais cheirosas do que a masmorra de Vlad. Minha primeira ida a um banheiro público quase me fez vomitar.

Houve um barulho estridente seguido de um trem na linha M1 chegando a uma parada. Beberiquei meu café e observei a multidão embarcar e desembarcar, prestando atenção especial nas mulheres. Nenhum cabelo grosso cor de noz ou pele reveladora um tom cremoso demais, e mais, as únicas vibrações que senti vinham da eletricidade correndo pelos trilhos. Olhei para meu relógio. Seis e cinquenta e nove da noite. Hora de verificar o próximo conjunto de trilhos na estação Basarab.

Sim, Vlad tinha uma estação de metrô com seu nome. Não é a toa que ele disse que era óbvio onde Cynthiana esperaria encontrar Shrapnel. O lado M1 dos trilhos foi feito em suaves tons de branco e cinza, mas o lado M4 tinha paredes laranja, chão de granito preto e luzes de neon amarelas. De alguma forma, achei que a parte de cores mais ousadas era onde eu encontraria Cynthiana. Se sua vivacidade me fazia lembrar de Vlad, provavelmente a faria lembrar também.

Afinal, nós tínhamos uma apreciação em comum por ele.

Outro barulho ensurdecador anunciou um trem na estação M4. Eu me recostei sobre uma das amplas colunas, meu cabelo caindo sobre parte do meu rosto enquanto eu estudava os passageiros. Aquela morena poderia ser ela? Não, ela tinha uma espinha madura, algo que nenhum vampiro poderia ter. Talvez a mulher com boné de baseball... não, não com aquela veia deliciosamente pulsando em seu pescoço devido a como ela se apressava em sair da plataforma.

Murmurei uma maldição quando minhas presas ficaram salientes novamente. Agora eu sabia como garotos adolescentes com ereções indesejadas se sentiam. Eu fingi tomar um longo gole do meu café enquanto silenciosamente as forçava de volta para minhas gengivas, então eu senti—uma aura de poder—invisível, mas potente, como uma nuvem de perfume e vindo direto na minha direção.



Eu mantive o copo de café na frente do rosto enquanto procurava a fonte. Lá não, não ali... lá. Oh sim, eu conheceria aquele cabelo grosso cor de noz em qualquer lugar, sem mencionar seu deslizar com graça que a fazia se destacar como uma bailarina em meio a um estouro de touros.

Com a mão enluvada, belisquei a escuta que minha echarpe escondia e sussurrei três palavras no microfone.

“Ela está aqui.”

Então encarei, finalmente conseguindo plena visão da mulher que tinha causado tantos estragos em minha vida. Tomando parte por parte, seu rosto era cheio de falhas. Sua boca era muito ampla, o nariz longo demais e maçãs do rosto tão altas que pareciam aumentadas artificialmente. Porém, colocado tudo junto, ela era bonita de uma forma que você acharia difícil esquecer porque não era uma beleza “bonita”, mas do tipo arrojado e marcante que se torna difícil desviar o olhar.

E foi por isso que eu a reconheci mesmo que nosso encontro anterior tenha durado apenas alguns segundos. Não é de se estranhar que Cynthiana tivesse usado um feitiço que não apenas fazia ser impossível encontrar sua localização, mas que também me bloqueasse de ver seu rosto. Aquele feitiço não apenas evitou que contratássemos um desenhista para descobrir sua identidade mais cedo. Não intencionalmente, ele também tinha evitado que eu a reconhecesse como sendo a mesma vampira que assistiu a última apresentação de Dawn e Marty na noite da explosão no circo.

Então olhos escuros cor de topázio encontraram os meus quando Cynthiana olhou para cima diretamente para mim.



Capítulo Quarenta e Quatro

O mais casualmente possível, desviei o olhar, fingindo sorrir para alguém mais distante na plataforma. *Apenas outro vampiro encontrando um amigo, nada para ver aqui.* Quando eu ainda pude sentir o olhar dela em mim, andei na direção em que eu estava olhando, esperando que a versão de limpeza de pele de um tratamento de desodorização pelo qual passei tivesse removido todos os traços do cheiro de Vlad em mim. Então escolhi uma pessoa aleatoriamente, indo na direção dela enquanto dizia, “Olá!” em Romeno como se fôssemos velhas amigas.

Alguma coisa me atingiu nas costas, dois impactos fortes seguidos que me fez rodopiar tão rápido que respinguei café na pessoa mais perto de mim. Quando o homem começou a gaguejar uma maldição, outra sequência me atingiu em cheio no peito.

Olhei para baixo. Um líquido prateado escorria de dois buracos em meu blazer, mas antes que minha mente registrasse que fui baleada, o instinto assumiu o controle. Saltei para cima, saindo da multidão e atingindo o teto do túnel em menos de um segundo. Um pedaço de concreto explodiu perto da minha cabeça e eu girei para longe o mais rápido que pude. Então a gravidade me trouxe de volta para o meio da multidão. Aterrissei sobre algumas pessoas, inadvertidamente as derrubando. Assim que atingi o chão, os gritos começaram.

Eu não podia ver nada através do mar de pernas que me rodeavam, o que significava que o atirador também não podia me ver. Porém, eu não ia usá-los como cobertura. Balas de prata líquida podem ser tão perigosas para mim como as balas normais são para humanos, mas graças à insistência de Vlad, eu usava um colete à prova de balas por baixo das minhas roupas. As pessoas ao meu redor não tinham tal proteção. Comecei a engatinhar para fora da multidão, jogando meu copo de café para o lado depois de notar, com descrença, que eu o tinha segurado esse tempo todo. Enquanto eu engatinhava, apertei a escuta debaixo da minha echarpe. Eu não a vi fazer, mas não era preciso poderes psíquicos para adivinhar quem tinha atirado em mim.

“Fim do jogo,” eu disse brevemente. “E ela está disparando balas de prata líquida.”

Cheguei ao fim da multidão e me levantei. Como se meu olhar fosse atraído, vi Cynthiana no meio dos passageiros aterrorizados, quase que casualmente enfiando sua arma de volta dentro de sua jaqueta. Ela deve ter



achado que as balas de prata tinham feito o serviço e eu estava morta abaixo da multidão que fugia com medo.

Vlad gritou através do receptor. “Não a enfrente. Vá para a estação Crangasi. Estaremos lá em breve.”

Cynthiana girou rapidamente, ou sentindo minha presença ou ouvindo a voz de Vlad acima do barulho dos passageiros.

Ela olhou para mim por apenas um segundo, mas senti como se fosse uma eternidade. Eu não sei o que me possuiu para esfregar minha mão coberta de café sobre a lateral do meu rosto, mas eu fiz isso, usando o líquido e o material da minha luva para remover a maquiagem pesada que escondia minha cicatriz. Quando ela a viu, seu olhar cor de topázio escuro se tornou verde brilhante e ela mostrou os dentes em um grunhido.

“Você.”

Eu esperei que ela pegasse a arma novamente. Ou me agredir; ela parecia tão furiosa quanto eu. Ambos estariam bem. Eu a guiaria para longe das pessoas se ela me agredisse e, se ela atirasse em mim, pelo menos ela não estaria atirando em algum espectador inocente. Mas Cynthiana não fez nenhuma das duas coisas. Ao invés disso, ela levantou as mãos e gritou algo em um idioma que não reconheci.

Como se fossem puxados por fios invisíveis, cada passageiro que tinha começado a fugir parou em seus lugares. Então eles se viraram e foram direto na minha direção, suas mãos estendidas como garras e suas expressões assassinas. Ao longo da horda, vi o rosnado de Cynthiana mudar para um sorriso afetado. Então ela correu para o túnel do metrô na direção oposta da estação Gara de Nord.

Murmurei uma maldição enquanto começava a avançar com dificuldade através da multidão, tentando não os machucar quando os empurrava. Eles não mostravam a mesma consideração comigo. Meu cabelo era puxado, múltiplos punhos me atingiram e até fui mordida por uma mulher agarrada a minha perna e que não soltava apesar de eu a arrastar enquanto corria. Minha primeira tentativa de usar controle da mente para fazê-los me soltar não funcionou. Ou eu estava fazendo errado ou o feitiço de Cynthiana era muito forte. Consegui me libertar só depois de perder minha jaqueta, echarpe e vários pedaços das minhas calças, cortesia da mulher que estava me mordendo. Então eu corri para longe antes que o resto da multidão se juntasse a luta.

Enquanto eu corria na direção da estação Crangasi, apertei a escuta perto do meu pescoço. “Ela desceu o túnel M1,” eu gritei, então gemi quando vi o fio da escuta em frangalhos saindo do colete Kevlar. Alguém o tinha partido em dois. Sem hesitação, me virei e comecei a correr na mesma direção que Cynthiana tinha ido. Sem meio de dizer para Vlad onde ela estava indo, se eu



não a seguir, ela pode ir embora antes que o pessoal de Vlad se encontrasse no metrô.

Um som estridente e luz ofuscante indicavam um trem vindo direto para mim. Pulei para fora dos trilhos, para a parte de concreto do túnel, abraçando a parede enquanto continuava o mais rápido que podia ao longo do peitoril estreito. Quando o metrô passou por mim, o vento devido a sua velocidade tentou me sugar para seu caminho, mas meus novos músculos me seguraram na parede como se eu estivesse colada. Assim que ele se foi, pulei e corri ao longo dos trilhos, meu olhar iluminando a escuridão de verde.

Se não fosse pela minha visão aprimorada, eu teria perdido a marca nos trilhos que marcavam a entrada para outra passagem. Nenhuma luz brilhava lá dentro e as paredes eram úmidas devido ao que parecia ser um vazamento recorrente, deixando uma poça rasa e suja na frente da entrada. Deve ser uma das muitas passagens não usadas que fazem parte do labirinto subterrâneo do metrô. Eu parei, olhando entre aquilo e o resto do túnel. Se eu fosse Cynthiana, por qual caminho eu iria?

Uma pegada enlameada conduzindo a uma das passagens me fez decidir. Corri sobre os trilhos e para dentro da entrada estreita, fazendo uma careta devido ao cheiro que sugeria que indigentes usavam o lugar como um abrigo. Agora não havia sentido em tentar seguir Cynthiana pelo cheiro, apesar de que sobre o fedor, eu captei um odor de terra estranho. Era ela? Se fosse, ela precisava trocar de perfume.

Corri mais rápido quando ouvi sons mais à frente, quase como um barulho de arranhar enlouquecido. Será que o pessoal de Vlad tinha entrado pela passagem do outro lado e pegado ela? O túnel estreito bifurcava à frente então eu não podia ver. Apenas para o caso de Cynthiana estar esperando com uma arma apontada para minha cabeça, eu me abaixei, para ficar alguns centímetros mais baixa do que o esperado e, então, olhei em volta.

O que pareciam centenas de olhos brilhantes olharam para mim. Aquele barulho de arranhar aumentou. Assim como sons de fortes chiados quando uma massa de pelos cinza e presas foi direto para mim.

“Sua vadia!” Gritei para o corredor.

Cynthiana não tinha acabado com seus truques. Agora parecia que ela enfeitiçou cada rato desses túneis para me atacar.

Apesar da minha repulsa, comecei a correr através deles. *Vampiros não podem pegar raiva*, eu repeti mentalmente quando dúzias de roedores jogaram-se sobre mim como se eu estivesse coberta de carne. Esmaguei vários deles enquanto seguia adiante, mas muitos continuavam atacando com dentes e garras que pareciam lâminas. A dor explodiu em cada parte de mim exceto a que estava coberta pelo colete Kevlar. Alguns caíam quando



mastigavam a borracha do traje de mergulho e mordiam minha pele eletrocutada, mas mais deles ocupavam seus lugares.

Eu queria dançar loucamente enquanto os sacudia para caírem, mas continuei enquanto tirava só os roedores repugnantes que eu podia alcançar enquanto corria. Se Cynthiana achou que ia esvaziar um pente de balas de prata líquida em mim enquanto eu estava distraída pelo resultado de seu último feiticinho imundo, ela achou errado.

Minha recusa em desviar o olhar do que havia mais a frente foi o motivo de eu tê-los visto. Grandes formas agarradas à parede na próxima curva, cobertas com tanta sujeira que elas quase se misturavam ao concreto úmido. Captei um sopro daquele estranho cheiro de terra mesmo sobre o fedor dos ratos e do cheiro do meu próprio sangue e, quando parei de correr, eles devem ter achado que eu os vi, porque todos eles saíram de onde estavam escondidos. Todas as dúzias deles.

Eles pareciam humanos, mas seus olhos brilhavam com uma luz interior que nenhuma pessoa normal tinha. Não era o verde dos vampiros e eles não tinham presas, mas se moviam com uma rapidez que só vinha de habilidade sobrenatural. Quando suas bocas se abriram obscenamente amplas enquanto vinham para me atacar, eu soube o que eles eram.

Ghouls, eu percebi com um sentimento de estar me afogando. E ghouls comiam pessoas, incluindo vampiros.



Capítulo Quarenta e Cinco

Com ratos ainda me mastigando, arranquei minha luva da mão direita. Uma fina linha branca pulsava da minha mão, crescendo até atingir o chão. Os ghouls olharam para ela sem um pinga de medo, o que não era necessariamente uma coisa boa. Se eles fossem moradores do túnel me atacando porque eu parecia saborosa, eles parariam assim que eu provasse não ser uma presa fácil. Se Cynthiana tivesse conseguido enfeitiçá-los para fazerem isso, então assim como os ratos, eles continuariam a vir até mim até todos eles estarem mortos.

Ou eu.

Eu não tive tempo para perguntar qual era a motivação deles. Três deles cobriram a distância entre nós com velocidade de chita. Eu estalei o chicote e o girei fazendo um círculo, enviando mais correntes elétricas para ele conforme eu encontrava a resistência dos corpos. Múltiplas pancadas soavam e a explosão de voltagem através do meu corpo fez os ratos abandonarem brevemente o navio. Então eles pularam de novo sobre mim apenas a tempo de eu ver que tinha decapitado dois dos três ghouls. O terceiro estava caído no chão, tentando puxar a parte inferior de seu corpo de volta ao tóco totalmente aberto que restou da parte superior.

Com um urro, o resto do bando atacou. Girei o chicote ao redor de mim como se fosse um grande laço mortal, a corrente elétrica cortando qualquer coisa que ousasse entrar em contato com ela. Mais dois ghouls caíram sem vida no chão, se juntando a pilha crescente de ratos enquanto a voltagem em mim aumentava a níveis que eu nunca antes manifestei. Estalei o chicote para outro ghoul que chegou perto e ele caiu em dois pedaços. O banco me circulou mais cautelosamente agora, mas pelo olhar vazio em seus olhos, eles não estavam no controle de suas vontades. Eles continuariam tentando me matar não importando as consequências. Se eu não estivesse em uma luta de vida ou morte, teria me admirado com a extensão dos poderes de Cynthiana. “Interessada” por magia meu rabo!

Outros dois ghouls caíram em pedaços quando suas investidas foram recebidas pelo estalo branco através de seus pescoços. Só restavam mais quatro e, graças à minha nova força de vampiro, meu braço não estava nem se sentindo cansado. Mais ratos começaram a cair quando o traje de borracha ficou rasgado em tantos lugares, a eletricidade vazava como água por uma peneira. Os corpos dos roedores eram triturados sob meus pés quando eu tomava a ofensiva, avançando nos ghouls ao invés de recuar, meu chicote cortando brutalmente através deles e os ratos ainda vindo sobre mim de todas



as direções.

Agora apenas um ghoul continuava de pé. Quando eu o tive na mira, estalei meu chicote em vitória, mas ele não funcionou ao atingi-lo. Ao invés de cortar o ghoul, pareceu ricochetear nele. Ele olhou para baixo como que para confirmar se estava inteiro e então repuxou os lábios de forma quase impossível, revelando um sorriso como a boca aberta de uma cobra.

Oh merda. Balancei a mão direita como se fosse para forçar mais eletricidade nela, mas a faixa que se pendurava dela só piscava do jeito que lanternas faziam quando estavam com a bateria fraca. Então eu me virei, pronta para correr, mas na extremidade oposta do túnel ecoavam mais rosnados, seguidos de outra onda de ar com cheiro de mofo e terra.

Meu caminho para escapar estava bloqueado.

O ghoul que não consegui matar começou a vir na minha direção. Em pânico e sem outras opções, comecei a arremessar ratos nele. Eles ricocheteavam em sua estrutura maciça, tão ineficazes em pará-los como foram em me parar. Como se para enfatizar isso, ele pegou um, arrancando sua cabeça com uma mordida e a cuspindo para mim. Atrás dele, dois dos ghouls caídos se movimentavam, um saltitando em minha direção com uma perna, o outro se arrastando através de um tapete de corpos de ratos porque tudo abaixo de sua cintura tinha sumido.

Contra um ghoul eu teria uma chance. Não vários deles. O medo me fez imune às pontadas de dor enquanto os ratos que não tinham sido eletrocutados continuavam a mastigar um caminho pelo meu corpo. Logo haveria mais do que roedores se banquetecendo de mim. Apesar de nunca ter sido mais poderosa, eu ainda estava impotente para impedir minha própria morte.

Então alinhei os ombros, chutando os ratos dos meus pés. Eu os faria batalhar por sua refeição. Antes de me comerem, eles teriam que me pegar.

Bem quando comecei a dar o primeiro passo, o túnel se iluminou com um brilho cor de laranja que era ao mesmo tempo ameaçador e o sinal mais bem vindo que já vi.

Então a voz de Vlad esbravejou.

“Leila, abaixe-se!”

Eu me joguei no chão, me colocando nariz com nariz com incontáveis ratos vivos e mortos. No instante seguinte, um inferno rugiu pelo túnel, cobrindo tudo que estava a mais de um metro do chão. Enquanto o fogo passava sobre mim em ondas escaldantes, eu cobri minha cabeça com os braços e empurrei a cabeça mais fundo na nojenta massa de corpos. Melhor estar mais perto deles do que do fogo sendo lançado com a força de centenas de gêiseres.



Segundos depois, mãos se fecharam sobre meus braços. Tentei empurrá-las para longe, achando que o ghoul que rastejava tinha me alcançado, mas então percebi que as mãos eram quentes como um aquecedor. Quando elas afastaram meus braços que estavam sobre minha cabeça, não resisti, e quando um pé calçado com botas chutou o enxame de ratos ao meu redor, não hesitei em me sentar apesar do contínuo rugido das chamas.

Vlad se inclinou sobre mim. Exceto por um perímetro de meio metro ao nosso redor, o fogo enchia o túnel do teto ao chão, queimando tão ferozmente que eu não podia ouvir nada além do crepitar das chamas. Então ele me ergueu em seus braços e começou a andar através daquela causticante parede de laranja e vermelho.

Ela se abria para ele como cortinas afastadas por mãos invisíveis. Enquanto ele andava, eu golpeava os ratos que ainda me mordiam, os jogando nas chamas. Quando ele chegou ao fim do túnel onde havia uma porta fechada, havia apenas alguns poucos que eu não podia alcançar.

Vlad abriu a porta, me carregando para um túnel bem mais estreito que poderia ter sido um corredor de serviço abandonado. Ao invés de se encher de chamas, esse espaço estava cheio com o pessoal de Vlad. Bom, todos exceto um.

Cynthiana tinha quatro vampiros a segurando, o que podia não ser o suficiente considerando que sua força real residia na magia. Mas com uma olhada, vi por que Vlad não estava preocupado que ela fizesse algum feitiço em seus homens. Ela não podia expressar uma palavra. Sua boca estava cheia com tanta prata que pedaços se projetavam de suas bochechas.

“Onde você conseguiu aquela mordaca?” perguntei.

Ele me colocou no chão, derrubando os ratos que estavam presos as minhas costas antes de esmagá-los sob os pés.

“Derreti facas de prata juntas e então enfiei na boca dela.”

Algumas vezes eu realmente amava o lado negro dele.

“Por que você não esperou na estação Crangasi?” ele quis saber, agarrando meus ombros agora que não havia mais ratos.

“Ela enfeitiçou os passageiros para me atacarem e um deles cortou minha escuta. Eu não podia dizer a você para qual caminho ela foi, então eu a segui.”

“Por quê?” ele perguntou com ainda mais ênfase.



Eu pisquei. “Porque ela estava fugindo.”

Ele me segurou com mais força enquanto uma onda de frustração e outra emoção, muito mais forte, me banhava.

“Quando ouvi os ghouls indo até você, tudo que me importava era chegar a você a tempo. Com que frequência eu tenho que lhe dizer que você significa mais para mim do que vingança? Posso viver sem derrotar meus inimigos, mas não posso viver sem você.”

Antes que eu pudesse responder, ele me esmagou contra ele, sua boca cobrindo a minha em um beijo furioso. Eu esqueci que estava coberta de sangue, sujeira e pelos de rato. Eu não me importava que um monte de pessoas estivesse assistindo, ou nada mais. Eu o beijei de volta com todo o alívio que senti em estar viva para fazer isso. Agora que a luta tinha acabado, todo o medo que eu tinha retido veio com tudo, me lembrando do quão perto eu cheguei de perder tudo. Vlad estava certo. Inimigos podiam ir e vir e batalhas seriam vencidas ou perdidas, mas nada importava mais do que o que nós tínhamos. Todo o resto era substituível.

Quando ele finalmente se afastou, lágrimas lentas estavam correndo por minhas bochechas. “Eu te amo,” sussurrei.

Ele as secou, um sorriso sarcástico em seus lábios. “E eu amo você, por isso pretendo te trancar dentro de casa assim que chegarmos lá.”

Deixei escapar uma risada chorosa. “Você não vai precisar. Eu vou ficar por lá com muito prazer.”

Então eu apontei meu colete Kevlar, a única coisa em mim que não tinha sido mastigada ou rasgada em pedaços.

“Isso foi uma boa ideia. Eu devo ser uma droga sendo uma agente secreta. Cynthiana me olhou uma vez e começou a atirar.”

O sorriso que ele deu me lembrou do fogo que era tão parte dele—atraente, mas mortal, intenso, mas imprevisível.

“Foi a determinação dela em te matar que a condenou. Quando ela enfeitiçou os ghouls moradores do túnel para um estúpido estado assassino, ela fechou sua própria saída atrás dela, a deixando sem lugar para fugir, exceto direto para mim.”

Eu me virei e olhei para Cynthiana com uma onda de frieza que eu não sabia que era capaz. “Hora de levá-la para casa, e eu espero que você tenha um poste com o nome dela.”



Capítulo Quarenta e Seis

Alguns homens de Vlad ficaram para trás para garantir que qualquer ghoul que sobreviveu ao fogo não conseguisse ir até as estações do metrô e tentassem comê-los os passageiros inocentes. O resto de nós voltou para sua casa via helicópteros. Assim que pousamos, eu o segui e o cortejo de guardas de Cynthiana até a masmorra. Depois de estar coberta por ratos o suficiente para me dar pesadelos horríveis, eu devia estar ansiando por um banho mais intensamente do que Midas cobiçou ouro, mas eu veria o fim disso.

Vlad ordenou que Cynthiana fosse acorrentada na grande pedra de monólito. Então trouxeram Shrapnel do outro lado da masmorra para ser preso ao lado dela. Ele tinha feito seu melhor para me matar e ainda eu não podia evitar sentir uma pontada de pena perante a tristeza em sua expressão quando ele a viu. Cynthiana, por outro lado, não parecia estar chateada com a situação desagradável de seu amante. Na verdade, seu olhar passou por ele de uma forma que só podia ser descrita como irritada.

“Ele era realmente só um peão para você, não era?” eu perguntei com repugnância.

Claro que ela não respondeu. Apesar de ser capturada, amordaçada com prata e encarar um futuro verdadeiramente horrível, Cynthiana não estava amedrontada. Seu olhar passava por mim daquele jeito que as mulheres aperfeiçoavam quando queriam destruir sua autoestima sem dizer uma palavra, mas tudo que fiz foi sorrir o suficiente para mostrar para ela minhas novas presas. Eu podia estar coberta de sujeira, sangue e pelo de rato, mas uma vampira de séculos de idade não teve nada dos olhares de desprezo que eu recebi enquanto frequentava o colegial com uma cicatriz em forma de ziguezague, mancando e a habilidade crescente de dar choque em qualquer um que me tocasse.

“Eu mencionei que foi bom ver você de novo?” quase ronronei. “Apesar de você não se lembrar da primeira vez que nos vimos, não é?”

O olhar que Vlad me deu foi quase tão surpreso quanto o dela. Então ele foi até Cynthiana, arrancando a prata de sua boca.

“Se você pronunciar uma palavra de magia, eu vou te encher com prata suficiente para te deixar louca antes do amanhecer.”

Cynthiana olhou para Vlad por um longo e silencioso momento antes de olhar na minha direção com desprezo.



“Eu não sei do que você está falando, querida. Nunca te vi antes dessa noite.”

“Eu não a culpo por esquecer. Você estava ocupada olhando para uma garota cujo nome era Dawn, que estava se apresentando com meu nome de palco. Você achou que ela fosse eu, e por isso que você detonou a bomba logo depois de ela entrar em nosso trailer.”

Agora seu olhar passou por mim com uma intensidade calculada. “Você usava seu cabelo e um boné para cobrir sua cicatriz,” ela disse finalmente.

“Hábito. Agora, vamos ver qual é o seu pior pecado.”

Com sorte, isso iria nos levar a quem quer que seja a pessoa com quem ela está trabalhando. Fui em direção a ela e ela se encolheu o máximo que suas amarras permitiram.

“Não me toque.”

Não respondi, mas agarrei seu braço com minha mão direita. Só uma leve corrente de eletricidade passou para ela. Eu tinha usado a maior parte nos ghouls que ela tinha enviado para me matar.

Então a masmorra desapareceu, se transformando em um quarto que não parecia muito diferente porque ele consistia inteiramente de paredes de pedra. Ele parecia familiar, mas o que eu experimentei em seguida me fez esquecer isso. Quando aqueles arredores sumiram e eu estava mentalmente de volta ao monólito de pedra, retirei a mão.

“Sua vadia doente,” eu arfei.

“O quê?” Vlad perguntou instantaneamente.

Olhei para Cynthiana com ódio. “Ela precisava de um feitiço a prova de fogo, mas ela não era forte o suficiente para fazê-lo sem atravessar para o tipo negro de magia. Então ela o fez.”

E aquela mágica requeria o preço mais alto: sangue de um recém-nascido. Eu tinha visto muitas coisas terríveis através de minhas habilidades, mas nunca vi algo tão brutal quanto isso.

Um feitiço à prova de fogo?” Vlad repetiu. “Você achou que era a única defesa que precisava contra mim?”

Ela não respondeu.

Então Vlad suspirou. “Eu te conheço, Cynthiana. Você nunca me



confrontaria sem um protetor, então me diga quem ele é. Recuse e eu vou descobrir depois que você experimentar mais agonia que pode imaginar.”

Ela desviou o olhar. “Eu não tenho protetor nenhum.”

Ele riu daquele jeito assustador e sem humor.

“Sim, você tem, apesar de que você o traiu porque ele queria Leila viva.”

Por que Vlad acharia isso? Cada mensagem que Cynthiana enviou para Shrapnel depois da bomba foram exigências para ele me matar.

Então eu me lembrei do que Hannibal disse depois que me sequestrou. *Você vale três vezes mais viva.* Cynthiana só me queria morta, então Vlad estava certo. Outra pessoa esteve a controlando, pelo menos parte do tempo.

Ela olhou para mim. O puro ódio em seu olhar eu esperava; o medo, não. Depois da ameaça de Vlad, por que ela teria medo de *mim*? Eu já tinha feito tudo que podia, apesar de que descobrir seu pior pecado só tinha se mostrado ser uma informação revoltante, não útil—

“Vlad, espere,” eu disse, algo sobre aquela sala de pedra incomodando minha memória.

“Shrapnel lhe disse tudo que sabia sobre minhas habilidades,” eu falei lentamente, a ideia ainda se formando em minha mente, “mas você sabe mais, não sabe? Como, por exemplo, minha habilidade de sentir a essência de outras pessoas na pele dos outros.”

Ela arregalou os olhos enquanto seu cheiro mudava para um aroma de podridão. Eu sabia o que era aquilo. Eu o tinha sentido em toda essa masmorra. Era o cheiro do medo.

Vlad também sentiu. Sua expressão mudou, as feições mudando de conforto assustador para granito esculpido.

“Quem é ele?”

Três palavras suaves que conseguiram ser cheias com toda a ameaça de mil gritos.

Olhei para Cynthiana, medindo os picos de ódio e medo em seu olhar enquanto eu me aproximava.

“Você sabe o que eu escutei na primeira vez que me conectei a você? Você disse à Shrapnel, *Não importa o quanto ela possa valer a ele viva, ela é menos perigosa para nós estando morta.*”



Dei uma risada curta. “Naquele momento, Shrapnel pensou que “ele” era Vlad, mas você estava se referindo a seu novo protetor, não era? Ele estava interessado em mim e você já tinha a vantagem.”

Então olhei de relance para Shrapnel. “Cynthiana voltou para sua vida bem na época em que eu entrei na vida de Vlad, não foi?”

A dor enrugou suas feições, mas Shrapnel não disse nada. Talvez ele ainda estivesse tentando protegê-la. Mais provável que ele estivesse sob o efeito de um feitiço. Talvez ele não tivesse traído Vlad ou tentado me matar por livre e espontânea vontade.

Uma mão quente deslizou ao longo do meu braço quando Vlad se aproximou, mas ele não olhava para mim. Seu olhar estava fixo em Cynthiana.

“Seu protetor deve ser poderoso ou você não se preocuparia com ele. Ele também é um inimigo meu ou ele não ousaria arriscar minha fúria usando uma de minhas ex-amantes para sequestrar outra. Isso nos deixa com uma lista pequena. Menor ainda se ele estava interessado em Leila antes de Shrapnel lhe contar sobre suas habilidades.”

Realmente uma lista muito pequena. Na verdade, eu só podia pensar em um nome e, apesar de não parecer possível, se encaixava com os fatos, completamente com a ordem de Hannibal de capture ou mate. Aquela não foi a primeira vez que um vampiro teve essas instruções em relação a mim e, enquanto a preferência de Cynthiana tinha sido morta ao invés de viva, seu protetor discordava.

O engraçado era que todo mundo, exceto Maximus e Vlad, achavam que minhas habilidades psíquicas tinham desaparecido quando Hannibal me sequestrou. O protetor de Cynthiana ou estava apostando que elas retornariam... ou ele sabia de outro motivo pelo qual eu seria uma refém valiosa.

Somente outro vampiro tinha adivinhado como Vlad realmente se sentia sobre mim antes de ele admitir para si mesmo. O mesmo vampiro que tinha tentado usar minhas habilidades contra Vlad antes mesmo de eu conhecê-lo. Tinha sido o motivo pelo qual fomos colocados juntos da primeira vez, mas Mihaly Szilagyi tinha morrido em um inferno meses atrás.

Não tinha?

Eu me aproximei mais um passo. Cynthiana se debateu em suas amarras, os olhos brilhando cor verde esmeralda e a boca com as presas aparecendo enquanto ela cuspiameaças tão malévolas quanto inúteis.

“Cale a boca dela e segure-a imóvel,” eu disse em tom de voz baixo.



Vlad segurou a mandíbula dela com força antes que a última palavra saísse de sua boca. Com o outro braço ele bateu na cintura dela com tanta força que ouvi várias costelas se partirem. Diferente de quando Shrapnel pulverizou minha caixa torácica, a dor dela duraria meros segundos até ela se curar. A menos que ela continuasse se debatendo, que era o que estava fazendo.

Fechei os olhos quando a toquei, agradecida por minhas habilidades me deixarem reviver o pior pecado das pessoas só uma vez. Então deixei minha mão direita se mover, buscando outras essências em sua pele.

Lá, na parte superior de seu braço. Uma essência fresca incrustada de raiva que eu reconheci instantaneamente como sendo de Vlad. Minha mão continuou percorrendo, encontrando outra na parte de trás de seu pescoço. Não reconheci a impressão, então continuei, tocando seu rosto enquanto eu ignorava os ruídos furiosos que ela fazia com a garganta.

Alguém que a amava tinha deixado uma impressão em sua testa, e com sofrimento, reconheci a essência de Shrapnel.

Continuei, não encontrando mais nada na parte superior de seu corpo. Eu tinha alcançado seu pulso esquerdo quando a senti. Um fio com uma essência muito familiar, feita por alguém que a tocou com ameaça suficiente para deixar uma impressão permanente em sua pele.

Deixei cair a mão e abri os olhos.

“É ele,” eu disse simplesmente quando encontrei o olhar de Vlad.

Seus olhos pareciam queimar em chamas verdes e um fluxo de lava de raiva se derramava sobre minhas emoções.

“O que eu devo fazer para matar aquele homem?” ele murmurou.

Então ele soltou Cynthia. Quando ele chegou ao outro lado do poste, sua expressão atordoada tinha mudado para um sorriso encantador e aquele fluxo de raiva mudou para uma determinação gélida.

“Diga sobre como você conspirou com Mihaly Szilagy, e você pode começar com como diabos ele conseguiu sobreviver àquela explosão.”

“Acho que sei a resposta,” eu disse, olhando para Cynthia sem dó. “Queime alguma coisa nela.”

Suas duas pernas entraram em chamas. Ela gritou, se debatendo. Shrapnel começou a gritar também, implorando para Vlad parar. Ele não parou até que tudo das coxas para baixo estivessem cobertas por carne preta e carbonizada.



Enquanto eu via Cynthiana começar a se curar somente com as habilidades normais que todos os vampiros tinham, a peça final do quebra-cabeça se encaixou.

“Você não fez aquele feitiço a prova de fogo para você mesma. Você o fez para Mihaly Szilagy, o único vampiro que era tão forte quanto Vlad e tão comprometido em machucá-lo como você era.”

Meu olhar se voltou para Vlad. “*Por isso* ele não hesitou em detonar aquela explosão quando você o prendeu na montanha. Ele sabia que se você o encontrasse lá, o único jeito de ele sair vivo era se você achasse que ele estava morto. Assim como ele fez séculos atrás.”

“O maior truque que o Diabo já fez foi convencer o mundo de que ele não existia,” Vlad murmurou, parecendo que ele estava citando algo de memória.

Então ele sorriu para Cynthiana. “Agora, queria,” ele disse com seu tom de voz mais simpático. “Você vai me dizer onde ele está.”

FIM!

O TERCEIRO E ÚLTIMO LIVRO DA TRILOGIA SERÁ LANÇADO EM BREVE
E TRADUZIDO POR NÓS ;)

**SEGUIE ABAIXO O PRIMEIRO CAPÍTULO DE *UP FROM THE GRAVE*,
SÉTIMO E ÚLTIMO LIVRO DA SAGA *NIGHT HUNTRESS*.**



Capítulo Um

Ignorar um fantasma é muito mais difícil do que você pensa. Para começar, paredes não atrapalham sua espécie, então, apesar de eu fechar a porta na cara do espectro vadiando do lado de fora da minha casa, ele me seguia para dentro como se fosse convidado. Apertei a mandíbula irritada, mas comecei a descarregar os mantimentos como se eu não tivesse notado. Acabei muito rápido. Ser uma vampira, casada com outro vampiro, significava que minha lista de compras era bem pequena.

“Isso é ridículo. Você não pode continuar me evitando para sempre, Cat,” o fantasma murmurou.

Sim, fantasmas também podem falar. Isso os tornava ainda mais difíceis de ignorar. Claro, também não ajudava o fato de esse fantasma ser meu tio. Vivos, mortos, mortos-vivos... família tinha um jeito de entrar sob sua pele quer você queira ou não.

Caso em questão: Apesar do meu voto de não falar com ele, não pude evitar responder.

“Na verdade, já que nenhum de nós está ficando mais velho, eu *posso* fazer isso para sempre,” notei friamente. “Ou até você que você fale tudo o que sabe sobre o idiota coordenando nossa antiga equipe.”

“É sobre isso que vim aqui falar com você,” ele disse.

Surpresa e suspeita fizeram meus olhos se estreitarem. Por quase três meses, meu tio Don se recusou a divulgar qualquer coisa sobre meu novo inimigo, Jason Madigan. Don tinha uma história com Madigan, um importante ex CIA que tomou a unidade secreta do governo para a qual eu costumava trabalhar, mas ele continuava calado sobre os detalhes mesmo quando seu silêncio significava que Madigan quase tinha feito eu, meu marido e outras pessoas inocentes sermos mortos. *Agora* ele estava pronto para falar? Algo mais devia estar acontecendo. Don era tão patologicamente cheio de segredos que eu não tinha descoberto que éramos parentes até quatro anos depois de eu começar a trabalhar para ele.

“O que aconteceu?” perguntei sem preâmbulos.

Ele repuxou uma sobrancelha cinza, um hábito que ele não pôde perder



mesmo depois de perder seu corpo físico. Ele também vestia seu habitual terno e gravata apesar de morrer usando um traje de hospital. Eu acharia que eram minhas lembranças ditando como Don aparecia para mim exceto pelas centenas de outros fantasmas que conheci. Podia não existir shopping centers no pós vida, mas auto imagem residual era forte o suficiente para fazer os outros verem fantasmas do jeito que eles se viam. Em vida, Don foi o retrato de um perfeito burocrata de seus sessenta e poucos anos bem arrumado, então era como ele parecia em morte.

Ele também não tinha perdido a tenacidade por trás daqueles olhos cor de chumbo, a única característica física que tínhamos em comum. Meu cabelo ruivo e pele pálida vieram do meu pai.

“Estou preocupado com Tate, Juan, Dave e Cooper,” Don declarou. “Eles não estiveram em casa faz semanas e, como você sabe, não posso entrar no complexo para verificar se eles estão lá.”

Eu não salientei que era culpa de Don o Madigan saber como deixar o prédio a prova de fantasmas. Fortes combinações de erva, alho e sálvia queimando manteria todos, exceto os fantasmas mais fortes, afastados. Depois que um fantasma quase matou Madigan ano passado, ele equipou nossa antiga base com um fornecimento generoso dos três.

“Quanto tempo faz, exatamente, desde que você os viu?”

“Três semanas e quatro dias,” ele respondeu. Ele pode ter falhas, mas Don era meticoloso. “Se apenas um deles estivesse afastado esse tempo todo, eu presumiria que ele estava em um trabalho disfarçado, mas todos eles?”

Sim, isso era estranho até mesmo para membros de uma divisão secreta da Segurança Interna que lidava com membros de mau comportamento da sociedade morta-viva. Quando eu era um membro do time, o trabalho disfarçado mais longo em que estive foram onze dias. Vampiros perigosos e ghouls tendem a frequentar os mesmos lugares se fossem tolos o suficiente para agir a ponto de chamarem a atenção do governo dos Estados Unidos.

Porém, eu ainda não ia presumir o pior. Chamadas telefônicas estavam além das capacidades de Don como um fantasma, mas eu não tinha esse obstáculo.

Tirei um celular da gaveta da minha cozinha, discando o número de Tate. Quando a secretária eletrônica atendeu, eu desliguei. Se algo tivesse acontecido e Madigan fosse responsável, ele estaria checando as mensagens de Tate. Não havia necessidade de lhe dar sinal de que eu estava bisbilhotando.

“Nenhuma resposta,” eu disse a Don. Então deixei aquele telefone de lado e peguei outro celular na gaveta, discando para Juan em seguida. Depois



de alguns toques, uma voz melódica com sotaque espanhol me instruí a deixar uma mensagem. Não deixei, desligando e pegando outro telefone na gaveta.

“Quantos desses você tem?” Don murmurou, flutuando sobre meu ombro.

“O suficiente para dar a Madigan uma enxaqueca,” eu disse com satisfação. “Se ele estiver rastreando chamadas para os telefones deles, ele não vai descobrir minha localização em nenhum desses, por mais que ele adoraria saber onde estou.”

Don não me acusou de ser paranoica. Assim que ele assumiu o antigo emprego do meu tio, Madigan deixou claro que não gostava de mim. Eu não sabia o motivo. Naquela época eu já estava afastada do time e, até onde Madigan sabia, não havia mais nada especial a meu respeito. Ele não sabia que me transformar de meia vampira para vampira completa tinha vindo com efeitos colaterais inesperados.

O telefone de Dave também foi direto para caixa postal. Assim como o de Cooper. Considerei tentar ligar para eles em seus escritórios, mas eles ficavam dentro do composto. Madigan podia ter escutas suficientes naquelas linhas para me localizar não importa o quanto eu tivesse arranjado para os sinais de celular serem redirecionados.

“Ok, agora eu também estou preocupada,” eu disse finalmente. “Quando Bones chegar em casa, vamos descobrir um jeito de dar uma olhada mais de perto no complexo.”

Don me olhou sobriamente. “Se Madigan *tiver* feito alguma coisa a eles, ele vai esperar que você apareça.”

Mais uma vez comprimi o maxilar. Com certeza eu apareceria. Tate, Dave, Juan e Cooper não eram apenas soldados com quem lutei lado a lado por anos quando eu era parte do time. Eles também eram meus amigos. Se Madigan fosse responsável por algo ruim acontecendo com eles, logo ele iria se arrepender.

“É, bem, Bones e eu tivemos alguns meses de relativa calma. Acho que é hora de animar as coisas novamente.”

Meu gato, Helsing, pulou do meu colo ao mesmo tempo em que o ar ficou carregado com pequenas correntes invisíveis. Emoções rolavam sobre meu subconsciente. Não eram minhas, mas quase tão familiares para mim. Instantes depois, ouvi o som de pneus na neve. Quando a porta do carro se



fechou, Helsing já estava na porta, sua longa cauda preta se contraindo em antecipação.

Fiquei onde eu estava. Um gato esperando na porta era suficiente, obrigada. Com uma lufada de ar gelado, meu marido entrou. Um Bones revestido de neve, o fazendo parecer que tinha sido polvilhado com açúcar. Ele bateu os pés para retirar os flocos de neve de suas botas, fazendo Helsing pular com um sibilo.

“Certamente ele acha que você deveria fazer carinho nele primeiro e lidar com a neve depois,” eu disse.

Olhos tão escuros que eram quase negros encontraram os meus. Assim que eles se encontraram, meu divertimento se transformou em apreciação feminina primal. As bochechas de Bones estavam coradas e a cor acentuava sua pele impecável, feições esculpidas e boca sensualmente carnuda. Então ele tirou o casaco, revelando uma camisa azul escuro que se aderiu aos seus músculos como se os revelasse. Jeans pretos estavam ajustados nos lugares certos, destacando um abdome liso, coxas fortes e uma bunda que podia ser uma obra de arte. Quando trouxe o olhar de volta para seu rosto, seu leve sorriso se transformou em um sorriso malicioso. Mais emoções envolveram meu subconsciente enquanto seu cheiro—uma rica mistura de especiarias, almíscar e açúcar queimado—enchia o ambiente.

“Já sentindo minha falta, Kitten?”

Eu não sabia como ele conseguia fazer a pergunta soar indecente, mas ele fazia. Eu diria que o sotaque Inglês ajudava, mas seus melhores amigos eram Ingleses e suas vozes nunca transformavam meu interior em geleia.

“Sim,” eu respondi, me levantando e indo até ele.

Ele me observou, não se movendo enquanto eu deslizava lentamente minhas mãos para enlaçá-lo atrás do pescoço. Eu tinha que ficar na ponta dos pés para fazer isso, mas estava tudo bem. Isso nos deixou mais perto e sentir seu corpo firme era quase tão intoxicante quanto os redemoinhos de desejo que circulavam minhas emoções. Eu amava poder sentir suas emoções como se fossem minhas. Se eu soubesse que essa era uma das vantagens em ele me transformar em uma vampira completa, eu teria atualizado meu estado de mestiça anos atrás. Então ele baixou a cabeça, mas antes que seus lábios roçassem os meus, eu me virei.

“Não até você dizer que sentiu minha falta também,” eu provoquei.

Em resposta, ele me pegou, seu aperto facilmente subjugando minha luta falsa. Couro macio encontrou minhas costas quando ele me colocou no sofá, seu corpo era uma barricada que eu não queria expulsar. Ele colocou as mãos ao redor do meu rosto, me segurando possessivamente enquanto o



verde preenchia suas íris e as presas deslizavam de seus dentes.

Minhas próprias presas cresceram em resposta, pressionando contra lábios que estavam entreabertos em antecipação. Ele inclinou a cabeça, mas ele apenas roçou sua boca sobre a minha com uma rápida carícia antes de rir.

“Dois podem brincar de provocar, amor.”

Comecei a lutar a sério, o que o fez rir ainda mais. Meu alto número de mortes tinha me feito merecer o apelido de Red Reaper no mundo morto-vivo, mas mesmo antes dos novos e impressionantes poderes de Bones, eu não era capaz de vencê-lo. Tudo que meus movimentos fizeram foi esfregá-lo contra mim de forma mais erótica—que era o porquê de eu continuava fazendo.

O zíper do meu blusão de moletom desceu todinho sem ele tirar as mãos da minha cabeça. Minhas roupas foram mais resultados da prática com sua nova telecinese. Em seguida, o fecho frontal do meu sutiã se abriu, desnudando a maior parte dos meus seios. Sua risada mudou para um rosnado que enviou um delicioso formigamento através de mim, endurecendo meus mamilos. Mas quando os botões de sua camisa azul se abriram, a cor me lembrou dos olhos de Tate—e a notícia que eu precisava contar à ele.

“Tem algo acontecendo,” eu disse com um suspiro.

Dentes brancos brilharam antes de Bones baixar a boca para meu peito. “Que clichê, mas, no entanto, verdade.”

A parte mais baixa de mim sussurrou que eu podia adiar essa conversa por uma hora ou mais, mas a preocupação com meus amigos afastou isso. Eu me dei uma sacudida mental e enchi a mão com os cachos castanhos escuros de Bones, puxando sua cabeça para cima.

“Estou falando sério. Don apareceu e transmitiu uma informação potencialmente perturbadora.”

Pareceu levar um segundo para as palavras penetrarem, mas então ele ergueu as sobrancelhas. “Depois desse tempo todo, ele finalmente lhe disse o que ele está escondendo sobre Madigan?”

“Não, ele não disse,” eu falei, balançando minha cabeça de verdade dessa vez. “Ele queria que eu soubesse que Tate e os outros não estiveram em casa por três semanas. Tentei ligar para seus celulares e só consegui caixa postal. Na verdade, isso me distraiu quanto a pressionar Don sobre o passado dele com Madigan.”

Bones bufou, o breve sopro de ar pousando no vale sensível entre meus seios. “Cara esperto, sabia que iria te distrair. Duvido que foi acidente o fato de ele lhe dar essa informação enquanto eu estava fora.”



Agora que a preocupação com meus amigos não era prioridade em minha mente, eu duvidava que isso fosse um acidente também. Don esteve em minha casa o suficiente para saber que Bones saía por algumas horas de vez em quando para se alimentar. Eu não ia com ele já que minhas necessidades nutricionais estavam em outro lugar. Interiormente eu xinguei. Descobrir se meus amigos estavam bem ainda era de extrema importância, assim como era descobrir o que Don sabia sobre Madigan. Devia ser monumental para meu tio manter em segredo mesmo quando não nos falamos por meses em resultado disso. Afinal de contas, eu não era apenas a única família que tinha restado para Don—como uma vampira, eu também era uma das poucas pessoas que podia vê-lo em seu novo estado de fantasma.

“Vamos lidar com meu tio mais tarde,” eu disse, afastando Bones com um suspiro de arrependimento. “Agora, precisamos encontrar um jeito de entrar no meu antigo complexo que não envolva nós dois terminando em uma cela para vampiros.”

UP FROM THE GRAVE SERÁ LANÇADO EM JANEIRO DE 2014!





**ATENÇÃO, ESTA TRADUÇÃO É FEITA ENTRE FÃS, SEM FINS
LUCRATIVOS! É PROIBÍDA A DISTRIBUIÇÃO DE FORMA COMERCIAL.
PRESTIGIE A AUTORA, COMPRE OS LIVROS DA SÉRIE!**

**PARA LER OS LIVROS DA SÉRIE NIGHT HUNTRESS,
NIGHT HUNTRESS WORLD, NIGHT PRINCE, CONTOS E
CENAS DELETADAS, PARTICIPE DO NOSSO GRUPO!**

<https://www.facebook.com/groups/nighhuntress/>

